

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**

TIBERIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA

**O LUGAR DA *SIGNIFICAÇÃO* NA EPISTEMOLOGIA PROGRAMÁTICA DE
FERDINAND DE SAUSSURE**

**Maceió-AL
2025**

TIBERIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA

**O LUGAR DA *SIGNIFICAÇÃO* NA EPISTEMOLOGIA PROGRAMÁTICA DE
FERDINAND DE SAUSSURE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientadora: Débora Raquel Hettwer Massmann

**Maceió-AL
2025**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Lívia Silva dos Santos - CRB 1670

C824l Correia, Tiberio Teylon dos Santos .

O lugar da significação na epistemologia programática de Ferdinand de Saussure /
Tiberio Teylon dos Santos Correia. –2025.
209 f.:il.

Orientadora: Débora Raquel Hettwer Massmann.

Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió,
2025.

Bibliografia: f. 205-209

1. Estudos Saussurianos. 2. Semântica. 3. Linguística - Significação. 4. Linguística -
Positividade. I. Título.

CDU: 81



TERMO DE APROVAÇÃO

TIBÉRIO TEYLON DOS SANTOS CORREIA

Título do trabalho: **“O LUGAR DA SIGNIFICAÇÃO NA EPISTEMOLOGIA PROGRAMÁTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE”**

TESE aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Documento assinado digitalmente



DEBORA RAQUEL HETTWER MASSMANN
Data: 30/05/2025 11:01:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Documento assinado digitalmente



EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARAES
Data: 04/06/2025 10:39:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Guimarães (Unicamp)

Documento assinado digitalmente



JOMSON TEIXEIRA DA SILVA VALOZ
Data: 04/06/2025 11:43:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jomson Teixeira da Silva Filho (UPE)

Documento assinado digitalmente



ALDIR SANTOS DE PAULA
Data: 04/06/2025 17:30:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

Documento assinado digitalmente



ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 05/06/2025 20:03:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sadrins (PPGLL/UFAL)

Maceió, 29 de maio de 2025.

Dedico esta tese a minha amada esposa Walleska e ao meu amado filho Wáltiber que foram meu esteio durante toda essa longa jornada acadêmica. Tudo é pela nossa família!

AGRADECIMENTOS

À Santíssima e Augusta Trindade da qual tudo provém e para quem deve convergir todas as coisas, pelas luzes com que me iluminou para que eu chegasse à conclusão dessa tese. Sem Ti, nada poderia fazer.

À bem-aventurada Virgem Maria, ao glorioso São José, a São Cícero do Juazeiro, a São Carlos do Brasil, ao apóstolo Paulo e a todos os santos que intercederam por mim para que eu completasse minha jornada acadêmica.

À Igreja Católica Apostólica Brasileira que me acolheu entre o número de seus filhos e que foi a primeira a me incentivar às ciências, postulando que a religião deve andar lado a lado com a ciência.

A minha esposa Walleska e a meu filho Wáltiber por todo o apoio ao longo de minha jornada acadêmica.

A minha madrinha Sebastiana, aos meus sogros Dom Rommel e Madalena, às minhas tias, aos meus primos e demais familiares e amigos pelo apoio e orações que tanto me ajudaram na conclusão desta tese.

A minha orientadora Débora Massmann, por acreditar na minha capacidade e decidir caminhar comigo na elaboração desta tese, tendo exercido um papel essencial para sua conclusão.

Aos professores Eduardo Guimarães, Amanda Scherer, Aldir Santos de Paula e Adeilson Sedrins, pela leitura atenta ao meu trabalho e pelas observações que apresentaram em minha banca de qualificação, que tanto contribuíram para o aprimoramento desta tese.

Aos professores Eduardo Guimarães, Jomson Teixeira, Aldir Santos de Paula e Adeilson Sedrins, por aceitarem participar da minha banca de defesa e por toda atenção dispensada ao meu trabalho.

À professora Núbia Faria, que iniciou comigo este trabalho, por abrir para mim as portas para os estudos saussurianos e pela importância que teve em minha formação acadêmica.

À Universidade Federal de Alagoas e à Faculdade de Letras que me propiciaram um ensino de qualidade que foi valioso para o meu progresso acadêmico e para a construção de minha tese.

A Saussure, por mais uma linda e intensa partida de xadrez.

A ciência sem a religião é parálitica, a religião sem a ciência é cega.

(Albert Einstein)

Nosso catecismo é a revelação no sentido científico, isto é, todo contato da alma humana com o pensamento íntimo que existe na criação.

(São Carlos do Brasil)

RESUMO

Esta tese se propõe a reflexões metodológicas, teóricas e epistemológicas na área da linguística, com foco nos estudos saussurianos voltados à semântica. A pesquisa, que tem como ponto de partida nossa dissertação de mestrado, que tratava do *Sentido* na obra de Ferdinand de Saussure, objetiva agora analisar no escopo saussuriano o conceito de *Significação*. Nosso *corpus* é constituído de três partes: Os escritos do próprios Saussure, presentes no livro *Escritos de Linguística Geral*, editados por Bouquet e Engler (2012), com destaque para o manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, juntamente com uma das cartas que Saussure enviou ao seu amigo Antoine Meillet, publicada, juntamente com outras cartas, por Émile Benveniste; Os três cursos ministrados por Saussure em Genebra, a partir dos cadernos de Riedlinger (primeiro curso), Riedlinger e Patois (segundo curso) e Emile Constantin (terceiro curso) editados por Eisuke Komatsu; completa o nosso *corpus* o *Curso de Linguística Geral*, publicado em 1916 por meio de Charles Bally e August Sechehayé, discípulos e amigos de Saussure. Objetivamos compreender esse conceito tão presente na linguística, que é a *Significação*, distinguindo-a do termo *Sentido*, compreendido como a parte mais material do Significado em consonância com o que foi postulado posteriormente por Hjelmslev (1953), herdeiro teórico de Saussure. Do mesmo modo, queremos distingui-la de outros termos que são frequentes no que denominamos de órbita semântica saussuriana, a saber, *Ideia*, *Conceito*, *Significado* e *Valor*. Assumindo com Bouquet (2004) que a teoria saussuriana tem como âmago a questão semântica, para qual se encaminham seus mais famosos conceitos, como o *Valor*, exploramos o desenvolvimento teórico de Saussure quanto à *Significação* em sua Epistemologia Programática de uma Semântica sincrônica, tomando por hipótese que esta seria o fato positivo da língua pela junção entre *Significante* e *Significado* no *Signo*, mas, sobretudo, pela *interpretação* do falante quanto a eles, evidenciando o papel central desse sujeito na teoria saussuriana. Mesmo ratificando que o essencial da língua é puramente negativo e diferencial, Saussure admite que, se na língua tudo fosse negativo, o sujeito falante não daria conta do ato comunicativo. A partir de nossa hipótese, analisamos cronologicamente o *corpus*, auxiliados pelos grandes comentaristas saussurianos como De Mauro (1967), Godel (1967), Normand (2009), Bouquet (1999, 2000, 2004), além de herdeiros teóricos como Louis Hjelmslev (1943, 1953). Nossa tese aponta para a *Significação* como uma ilusão positiva, necessária ao ato comunicativo, sendo constituído por elementos da língua e da *Fala*, situando-se entre os elementos internos e externos da língua, de modo a não ser analisável sem recorrer ao plano do discursivo.

Palavras-chave: Significação; Sentido; positividade; sujeito falante; Saussure.

RÉSUMÉ

Cette thèse propose des réflexions méthodologiques, théoriques et épistémologiques dans le domaine de la linguistique, avec un accent sur les études saussuriennes de la sémantique. La recherche, qui a pour point de départ notre mémoire de master qui traitait de le *Sens* dans l'œuvre de Ferdinand de Saussure, vise maintenant à analyser le concept de *Signification* dans le cadre saussurien. Notre *corpus* se compose de trois parties : les écrits de Saussure, qui se trouvent dans le livre *Écrits de Linguistique Générale*, édité par Engler et Bouquet (2012), en mettant l'accent sur le manuscrit *Double Essence du Langage*, ainsi que sur l'une des lettres que Saussure a adressées à son ami Antoine Meillet, publiée, avec d'autres lettres, par Émile Benveniste; Les trois cours donnés par Saussure à Genève, d'après les cahiers de Riedlinger (premier cours), Riedlinger et le Patois (deuxième cours) et Emile Constantin (troisième cours) édités par Eisuke Komatsu ; notre corpus est complété par le *Cours de Linguistique Générale*, publié en 1916 par Charles Bally et August Sechehayé, disciples et amis de Saussure. Notre objectif est de comprendre ce concept si présent en linguistique qu'est la *Signification*, en le distinguant du terme *Sens*, entendu comme la partie la plus matérielle du *Signifié*, conformément à ce qui a été postulé plus tard par Hjelmslev (1953), héritier théorique de Saussure. De même, nous voulons le distinguer d'autres termes fréquents dans ce que nous appelons l'orbite sémantique saussurienne, à savoir *Idée*, *Concept*, *Signifié* et *Valeur*. Partant du principe, avec Bouquet (2004), que le cœur de la théorie saussurienne est la question sémantique, à laquelle s'adressent ses concepts les plus célèbres, comme celui de *Valeur*, nous explorons le développement théorique de Saussure sur la *Signification* dans son programme épistémologique de sémantique synchronique, en faisant l'hypothèse qu'il s'agirait du fait positif de la langue à travers la jonction entre *Signifiant* et *Signifié* dans le *Signe*, mais surtout à travers l'interprétation qu'en fait le sujet, en soulignant le rôle central de ce sujet dans la théorie saussurienne. Même si Saussure reconnaît que l'essence de la langue est purement négative et différentielle, il admet que si tout dans la langue était négatif, le sujet parlant ne pourrait pas communiquer. Sur la base de notre hypothèse, nous avons analysé chronologiquement le *corpus*, aidés par les grands commentateurs saussuriens tels que De Mauro (1967), Godel (1967), Normand (2009), Bouquet (1999, 2000, 2004), ainsi que des héritiers théoriques tels que Louis Hjelmslev (1943, 1953). Notre thèse montre que la *Signification* est une illusion positive, nécessaire à l'acte communicatif, composée d'éléments de langage et de parole, située entre les éléments internes et externes de la langue, de sorte qu'elle ne peut être analysée sans recourir au plan discursif.

Mots-clés: Signification; Sens; positivité; sujet parlant; Saussure.

LISTA DE SIGLAS

CLG	Curso de Linguística Geral
EDL	Manuscrito Essência Dupla da Linguagem
ELG	Escritos de Linguística Geral
PCLG	Primeiro Curso de Linguística Geral
SCLG	Segundo Curso de Linguística Geral
TCLG	Terceiro Curso de Linguística Geral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Uma Epistemologia Programática	11
1.2 O içar das velas.....	14
1.3 A metodologia e a constituição do <i>corpus</i>	16
1.4 A divisão desta tese.....	18
1.5 Algumas questões referenciais.....	19
2 O SAUSSURE QUE NÃO CONHECEMOS E A <i>SIGNIFICAÇÃO</i> QUE EMERGE.....	21
2.1 Saussure e o problema da terminologia.....	23
2.1.1 A flutuação dos termos em Saussure	27
2.2 O que não é <i>Significação</i> ?	30
2.3 A <i>Significação</i> nos <i>Escritos de Linguística Geral</i>	35
2.3.1 Preparando o terreno.....	35
2.3.2 Estabelecendo os domínios.....	39
2.3.3 Conceituando a <i>Significação</i> nos ELG.....	43
2.3.4 A álgebra da <i>Significação</i>	46
2.3.5 O sujeito falante e a <i>Significação</i>	47
2.3.6 A <i>Fala</i> e a <i>Significação</i>	48
2.3.7 <i>Significação</i> : um terreno sincrônico.....	49
2.3.8 <i>Significado</i> e <i>Significação</i>	50
3 O PROFESSOR SAUSSURE E A <i>SIGNIFICAÇÃO</i> EM DISCURSO DIDÁTICO	56
3.1 O Primeiro Curso de Linguística Geral e as primeiras considerações quanto à <i>Significação</i>	58
3.1.1 A ordem própria da língua é uma necessidade.....	60
3.1.2 O consciente, o inconsciente e a <i>Significação</i>	61
3.1.3 A base das <i>Significações</i>	62
3.1.4 A <i>Significação</i> e os estados de língua.....	65
3.1.5 A <i>Significação</i> é força propulsora de mudanças.....	68
3.1.6 <i>Significação</i> e arbitrariedade	69
3.2 O Segundo Curso de Linguística geral: nas unidades, identidades e valores, a <i>Significação</i>	70
3.2.1 A <i>Significação</i> e o passado: ainda sobre a atuação do sujeito falante	72
3.2.2 A distribuição das <i>Significações</i> entre os <i>Signos</i> da língua.....	73
3.2.3 A folha de papel.....	75
3.2.4 A <i>Significação</i> e o caminho para as unidades	76
3.2.5 A constituição da <i>Significação</i>	85
3.2.6 A <i>Significação</i> entre sincronia e diacronia	86
3.2.7 <i>Significação</i> e diferenças	89

3.2.8 <i>Significação</i> e Palavra	93
3.2.9 A história e a língua	94
3.3 O Terceiro Curso de Linguística Geral: as últimas palavras sobre a <i>Significação</i>	96
3.3.1 O concreto e o abstrato na teorização saussuriana	97
3.3.2 Tipos de deslocamento e o papel da <i>Significação</i>	102
3.3.3 Sincronia e <i>Significação</i>	105
3.3.4 <i>Valor</i> e <i>Significação</i> : diferenças e semelhanças	106
3.3.5 <i>Valor</i> e o conjunto de <i>Significações</i>	112
3.3.6 Do <i>Valor</i> à <i>Significação</i> e vice-versa	113
3.3.7 O último soar do sino	116
4 O BOM E VELHO SAUSSURE E O PROBLEMA DA <i>SIGNIFICAÇÃO</i>	118
4.1 O ponto de vista cria o objeto: uma questão metodológica	125
4.1.1 A necessidade de oposição entre os eixos	129
4.1.2 O sujeito falante e a metodologia saussuriana	132
4.1.3 Mudanças no sistema e mudanças no elemento	135
4.1.4 O ponto de vista	138
4.1.5 Mais que sincronia: o ponto de vista	140
4.2 Uma Linguística da língua e uma Linguística da fala	146
4.2.1 Uma relação de subordinação?	147
4.2.2 O estudo da <i>Fala</i>	149
4.2.3 Língua e <i>Fala</i> : uma visão hjelmsleviana	152
4.3 Elementos internos e externos à língua (linguística).....	156
4.3.1 Os elementos para uma linguística externa	158
4.3.2 Por que externo?	160
4.3.3 A ordem própria da língua.....	162
4.3.4 E interno e externo são... ..	165
4.3.5 <i>Significação</i> e língua: entre o externo e o interno	170
4.4 A <i>Significação</i> no CLG	171
4.4.1 A língua é um sistema de valores	175
4.4.2 Uma gramática do sentido	183
4.4.3 A <i>Significação</i> em André Burger	188
4.4.4 A <i>Significação</i> em André-Jean Pétroff	190
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS.....	205

1 INTRODUÇÃO

O *Curso de Linguística Geral* completou o seu primeiro centenário de publicação no ano de 2016, o que suscitou uma série de novos trabalhos para celebrar tão nobre data. Fiorin, Flores e Barbisan (2013, p. 7) afirmam que essas comemorações servem, sobretudo, para:

[...] revisitar autores, obras, acontecimentos históricos, para vê-los sob nova luz, para ressaltar sua importância para o presente, para desfazer equívocos a respeito deles, para dizer aos mais jovens que papel tiveram, para fazer ver sua atualidade.

Como bem enfatizam os autores, essas comemorações contribuem para um avanço científico em certos pontos que se consideravam resolvidos, superados ou mesmo esquecidos. Seguindo este raciocínio, podemos concluir que a celebração dos cem anos do CLG despertou a curiosidade de muitos pesquisadores quanto às problemáticas levantadas por Saussure e que não estão superadas ou resolvidas por completo. Conforme nos explica Salum (2008), o CLG não é um bíblia, isto é, não é algo infalível, no qual devemos acreditar por um ato de fé, o qual tem “a última palavra”, contudo “**é ainda o ponto de partida** de uma problemática que continua na ordem do dia.” (Salum, 2008, p. XV – destaques nossos). A contribuição de Saussure para o desenvolvimento da linguística moderna é inegável, no entanto essa contribuição não ficou restrita a um momento do século passado que já podemos deixar para trás. Na realidade, Saussure é o ponto de partida tanto para quem quer se aprofundar na sua epistemologia programática, como para quem procura demarcar um afastamento ou rompimento com seu pensamento. O fato é que a problemática levantada por Saussure no CLG está no âmago das questões linguísticas que ainda são o “problema a ser resolvido” pelos diversos ramos dos estudos linguísticos.

Robins (1979), percorrendo a história da linguística, coloca Saussure como o ponto de mudança entre a linguística do século XIX e a do século XX, sendo o responsável, através do de sua obra póstuma, de influenciar toda uma geração de linguistas que chega até os nossos dias. Robins (1979, p. 162) faz questão de enfatizar que a influência de Saussure “ainda não foi superada”. O autor ainda destaca três contribuições do mestre genebrino, as quais ele considera inovadoras e fundamentais para a linguística, sendo elas: i) os métodos de abordagem da língua, ou seja, a dimensão sincrônica e diacrônica; ii) a diferença entre língua e fala; e iii) a noção de sistema. Robins (1979, p. 163) afirma que sobre esses fundamentos saussurianos, que ele chama de estruturalismo, “[...] praticamente se arrima toda a linguística moderna [...]” e diz ainda: “Qualquer que seja a interpretação dada ao termo ‘estruturalismo’, hoje em dia poucos linguistas admitiriam não terem as suas obras um embasamento estruturalista”. Embora esta

obra de Robins já tenha mais de três décadas, podemos ouvir ecoar sua afirmação nos dias atuais, no sentido de que a essência da epistemologia saussuriana se faz presente de um modo ou de outro, pouco ou muito, de forma consciente ou inconsciente, pela filiação ou pela ruptura, nos trabalhos da linguística de nossos tempos.

Considerando, portanto, essa importância do nome de Ferdinand de Saussure que traz a égide de fundador, e sobre o qual se reúnem não apenas uma obra, mas um conjunto de escritos que sustentam e fomentam o movimento de ir e vir a Saussure, é que empreendemos esta tese que passamos a apresentar.

1.1 Uma Epistemologia Programática

Este termo que aparece no título de nossa tese, nós o tomamos por empréstimo das obras de Simon Bouquet, e merece algumas considerações. Essa ideia de epistemologia perpassa toda a linha de raciocínio de Bouquet, em sua mais densa e mais conhecida obra *Introdução à Leitura de Saussure*. Analisando os manuscritos e os cadernos dos alunos presentes aos cursos ministrados por Saussure em Genebra, Bouquet (2004) deixa de lado a obra publicada por Bally e Sechehaye como marginal ao pensamento original do genebrino e apresenta sua visão de como Saussure organiza seu pensamento, sua teorização. Segundo ele, é possível captar no conjunto de escritos de Saussure três intentos que guiavam sua reflexão: Estabelecer uma Filosofia da linguagem ou epistemologia geral, uma epistemologia da Gramática Comparada e uma Epistemologia Programática, que ele traduz por uma Semântica sincrônica.

O primeiro intento, destacado por Bouquet, de uma epistemologia geral, é, de acordo com o mesmo autor, fruto de uma ciência que já se estabelecia na última década do século XIX e que teve forte influência sobre Saussure. Deixando as ciências humanas de ter a biologia por modelo, como foi o caso da Gramática Comparada, vinha agora da Física o modelo mor de cientificidade. Bouquet (2004, p. 205) afirma que era, sobretudo, a mecânica “[...] o modelo por excelência, tanto em razão da matematização do empírico da qual pode se orgulhar quanto em razão da estabilidade das teorias que enuncia.” É sobre essa base empírica que as ciências positivistas se firmarão, buscando essa “matematização” de resultados, definindo objetos que possam ser analisados nesse mesmo espírito positivista. Bouquet (2004), pretendendo demonstrar essa influência da epistemologia que se firmava em outras ciências sobre Saussure, ressalta um ponto clássico da mecânica que é bem conhecido dos que estudam a obra do genebrino:

[...] classicamente, a mecânica se deixa subdividir em *estática* e *dinâmica* – sendo que a primeira estuda o conjunto dos sistemas de pontos materiais submetidos à ação de forças quando estas não criam movimento algum, e a segunda estuda o movimento considerado nas relações com as forças que o causam. Essa subdivisão, que outras ciências tomam emprestada da física [...] foi estendida por Auguste Comte, nos anos 1820, a uma ‘física social’, que se refere ao ‘conjunto das leis positivas dos fenômenos sociais’.” (Bouquet, 2004, p. 205-206 – destaques do autor)

Essa transposição que Comte faz dos preceitos da Mecânica para o estudo do social acaba também sendo um gesto fundante, pois nela se estabelece o pensamento positivista francês de uma ciência de modelo empírico, que é capaz de replicar paradigmas de ciências “naturalmente” positivistas. Bouquet (2004) faz a ressalva de que mesmo não sendo o trabalho de Comte jamais identificado por ele nas fileiras de uma epistemologia, suas reflexões inspiraram a tradição epistemológica da França. Essa tradição teria inspirado o próprio Ferdinand de Saussure não só pelo seu contato com a França, mas também pelas tradições de sua família, que o levaram a estudar mais a fundo disciplinas como Física e Química. Além do ambiente científico da época, Bouquet ainda recorre, para provar sua tese, a uma lista de livros organizada por Saussure quando era responsável pela Biblioteca de Genebra. Os volumes que encabeçavam a lista, dos que deviam ser adquiridos, eram de cunho positivista. Por fim, Bouquet afirma que é como filósofo dessa epistemologia geral que Saussure “[...] usa os termos estático e dinâmico para qualificar uma divisão importante de sua linguística, concorrentemente aos termos sincrônico e diacrônico” (Bouquet, 2004, p. 206 – destaques do autor).

A argumentação de Bouquet tem por finalidade, além de defender sua tese de que um dos objetivos de Saussure era elaborar uma Epistemologia geral das ciências da linguagem, era também sustentar a visão de que o linguista genebrino tinha em mente, para a linguística, um modelo de ciência positivista, ou seja, que sua Linguística era eminentemente positivista, com um objeto real de análise. Essa é uma leitura já feita dentro do estruturalismo, que perceberam no *Cours* o caminho para sustentar as ciências da linguagem no modelo positivista Comtiano. Aliás, esse é um tema recorrente na obra já citada de Bouquet, o modelo de ciência positivista estabelecido na epistemologia geral das ciências da linguagem por Saussure.

O segundo intento que Bouquet depreende da obra de Saussure é o de uma Epistemologia da Gramática Comparada. Longe de querer abandonar os estudos diacrônicos, Saussure parece querer colocá-lo em seu verdadeiro eixo e isso se dá pela própria definição de língua que, como veremos, Saussure promulgará, a definição de língua como um sistema de valores puros. Essa epistemologia, explica Bouquet, tematiza:

[...] a igualdade funcional das línguas, o caráter psicológico, diferencial e sem valor positivo do significante, assim como o fato de que a variação regular das entidades fonológicas, que respeitam a organização interna de uma língua, pressupõe que essas

entidades façam parte de um conjunto finito que forma um sistema – constrói uma concepção sincrônica da língua. (Bouquet, 2004, p. 208)

Essa epistemologia da Gramática Comparada se sustenta pela ideia de um estado estático de uma língua. Bouquet está afirmando que a Gramática Comparada só encontra seu rumo científico correto ao conceber a ideia de uma sincronia da língua, sendo esta sincronia, em muitas ocasiões, ignorada pelos que faziam diacronia. O autor acrescenta ainda que os trabalhos de Saussure, que eram diacrônicos; eles foram contribuições para colocar a Linguística de sua época em seu correto eixo. Assim se deu, portanto, com seu *mémoire* e sua tese, que, conforme nos explica Bouquet, se destacavam pelo rigor teórico quanto ao ponto de vista estático. Esse redirecionamento da Gramática Comparada por Saussure pode ser visto em outros autores, além de Bouquet. Em trabalho recente, Henriques (2023), trabalhando com os manuscritos sobre as lendas germânicas, afirma que esse estabelecimento da língua como objeto tem também como meta de alcance a Gramática comparada, uma vez que “[...] era comum que os estudos comparatistas considerassem a língua mais como algo complementar às outras ciências, do que, digna de ser estudada por si mesma.” (Henriques, 2023, p. 156-157). Pela afirmação da autora, podemos compreender, um pouco mais, a necessidade de que uma linguística diacrônica precisa pressupor uma linguística sincrônica.

O terceiro e último intento, esse o mais importante, diz respeito a uma Epistemologia Programática de uma Linguística sincrônica, que tem por âmbito ou por finalidade última uma Semântica sincrônica. Tomando como base a teoria do *Signo*, Bouquet (2004) afirma que Saussure projetava o futuro da Linguística nessas bases, nas quais a investigação semântica não era um assunto secundário, mas o centro dos fenômenos da linguagem. Alia, portanto, Bouquet, a teoria do *Signo* à teoria do *Valor*. De acordo como Bouquet:

[...] os conceitos de ‘forma’, ‘substância’, ‘sistema’ e ‘valor’, estabelecidos pela epistemologia da gramática comparada em referência ao plano fonológico, são subjacentes à metafísica semiológica saussuriana e serão desenvolvidos como conceitos cruciais de uma semântica. (Bouquet, 2004, p. 209 – destaques do autor entre aspas simples)

Bouquet sugere um percurso lógico do desenvolvimento da teoria saussuriana em que cada parte contribui para o estabelecimento da outra: uma epistemologia geral, que estabelece bases para a epistemologia da Gramática Comparada, como a ideia de *Signo*. Já a epistemologia da Gramática Comparada oferece as bases para a Semântica sincrônica da Epistemologia Programática.

O adjetivo “programática” vem da ideia de que se tratava do projeto de uma linguística futura, eram as bases que Saussure estava lançando para os linguistas que o sucederiam. O estudo linguístico o inquietava, de modo que, ainda que não fosse o tipo de trabalho que fazia,

precisava mostrar ao linguista o que realmente é seu trabalho. Em uma entrevista a Riedlinger, um dos alunos de seus cursos de Linguística Geral, Saussure confessa que não tem interesse em desenvolver pesquisas na área sincrônica, chamando atenção para o fato de que é algo muito difícil (Bouquet, 2004). Essa Epistemologia Programática tem seu ponto central numa Gramática do sentido. Bouquet busca demonstrar que, para Saussure, gramática evoca sentido e é nesse terreno semântico que o trabalho do linguista se instaura.

Embora essa divisão dos objetivos de Saussure seja uma leitura que Bouquet faz do conjunto de escritos saussurianos, com exceção da obra póstuma, a ideia dessas epistemologias não parece distanciar-se da reflexão do genebrino, pois, em muitas ocasiões, demonstra sua insatisfação com a linguística de sua época, ressaltando a necessidade de alterações no percurso da investigação linguística.

Essas bases preparadas pela Epistemologia Programática de Ferdinand de Saussure marcam também uma ruptura com certas ideias correntes na linguística de sua época, sobretudo quanto ao papel secundário da *Significação* e, por isso, Bouquet (2004) afirma, baseado num comentário de Riedlinger, que seria preciso desconstruir ou refutar muito do que fora dito para se estabelecer a Linguística Estática ou Sincrônica. Para o comentarista saussuriano, esse tempo da Semântica Sincrônica de Saussure ainda não está estabelecido ou não totalmente estabelecido, pois muito do que foi dito sobre o próprio Saussure concorre para a desarticulação dessa epistemologia.

Ao trazermos ao título de nosso trabalho esta expressão tão intrínseca à obra de Bouquet, estamos nos comprometendo, pelo menos a título de hipótese, de que realmente haja essa Epistemologia Programática na obra de Saussure, cujo epicentro seria uma Gramática do sentido, uma Semântica sincrônica. É neste terreno arenoso que pretendemos transitar, constituindo-se aí, portanto, o objetivo principal desta tese, que é averiguar qual o lugar que a *Significação* ocupa nesta Epistemologia Programática de Ferdinand de Saussure.

1.2 O içar das velas

Esta expressão é utilizada por Bruno Turra na abertura de sua tese, que trata da escrita em Saussure. Foi conveniente para nós utilizá-la para demarcar o ponto inicial de nossa pesquisa, ou seja, o içar das velas veio bem antes, em nossa dissertação, que também se dedicou à obra do genebrino. Já navegávamos neste mar que é o edifício teórico saussuriano, mas agora içávamos novamente as velas para adentrar a águas ainda mais profundas.

Tomando o *Curso de Linguística Geral* como ponto de partida da reflexão, e desembocando no manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, nossa dissertação focou-se numa questão ainda nebulosa no terreno saussuriano. Buscávamos compreender o lugar que o *Sentido* ocupava na teorização de Saussure e, mais, de que modo esta noção podia ser apreendida a partir de seus escritos. A leitura do *Cours* nos forneceu indícios de que o *Sentido* pode ser compreendido como a parte material do *Significado*. Esses indícios nos levaram ao manuscrito, fazendo-nos encontrar o *Sentido* tanto na noção de essência dupla, formulado por Saussure desde as primeiras páginas, como no paralelo que conseguimos traçar entre esse termo e a *Figura Vocal*, cunhada pelo mestre genebrino para designar a parte material do *Significante* no que ele chama de terceiro domínio, isto é, o domínio do som.

Nossa dissertação apontou para o *Sentido* que não está na língua, embora esteja sobre sua dependência. Para chegarmos às nossas conclusões, fez-se mister que desembaralhássemos alguns termos que rodeavam ao que denominamos de órbita semântica saussuriana. Entre estes termos estavam: *Ideia*, *Conceito*, *Significado*, *Significação* e *Valor*. Estes termos, com exceção do *Valor*, por muitas vezes se alternavam na exposição de Saussure, tanto no *Cours* quanto no manuscrito. Nessa separação de termos, com a finalidade de compreender a acepção de cada um para Saussure, pudemos entender aquilo que se coloca como interno à língua e como externo à língua. Este foi o caso do termo *Sentido* que não se apresentava no segundo domínio, ou seja, o domínio linguístico, mas sim no primeiro domínio, chamado pelo mestre genebrino de domínio do pensamento puro.

Dessas reflexões, colocaram-se diante de nós novos questionamentos ligados ao termo *Significação*. Já em nossa dissertação pudemos apreender três características importantes quanto ao termo: i) ele é produto da junção entre *Significado* e *Significante*; ii) tem por essência a positividade; iii) possui uma relação estreita com a *Fala*. É a partir dessas três características que articulamos esta pesquisa, buscando ratificá-las ou retificá-las no contexto de um trabalho mais abrangente e voltado, especificamente para a *Significação*.

Nossa investigação parte do postulado de que *Sentido* e *Significação* são termos diferentes, que designam fatos diferentes de linguagem. Diferentemente do que fizemos em nosso trabalho anterior, analisaremos a *Significação* na relação com o conjunto de termos da semântica saussuriana e é desse movimento de pesquisa que se derivam nossos objetivos específicos: retomar, sempre que for oportuno, a relação entre *Sentido* e *Significação*; distinguir *Significação* e *Valor*; situar os estudos sincrônicos e diacrônicos no que concerne à *Significação*; identificar os possíveis efeitos do tempo e da linearidade sobre a *Significação*; desenvolver as concepções de língua e *Fala*, bem como sua relação com *Significação*; além de

relatar a relação entre a linguística da língua e a linguística da fala, em especial, no que diz respeito à *Significação*.

1.3 A metodologia e a constituição do *corpus*

Esta pesquisa, de base qualitativa interpretativista, se enquadra no âmbito das pesquisas voltadas para as reflexões sobre teorias, métodos e epistemologia da Linguística, sobretudo, no que diz respeito a herança teórica de Ferdinand de Saussure, focando-se especificamente no que é pertinente a um modelo de análise semântica, reconhecida nessa herança.

Nosso *corpus* de análise, está dividido em três partes que apresentaremos não na ordem que serão analisadas, mas na ordem de relevância histórica dentro dos estudos linguísticos. A primeira parte de nosso *corpus* é o *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma saussuriana, publicada pela primeira vez em 1916. Utilizamos, nesta pesquisa, a edição brasileira, mais especificamente a trigésima edição, publicada em 2008, sendo uma tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Escolhemos a edição brasileira pela praticidade da leitura a fim de dar celeridade aos trabalhos de pesquisa, contudo, recorreremos, sempre que necessário, à edição crítica de Tulio De Mauro, versão francesa de 1982, que contém suas valiosas notas quanto ao conteúdo e elaboração da obra póstuma. Desde já, assumimos, juntamente com comentadores importantes da obra de Saussure, como Claudine Normand, que este é um texto legitimamente saussuriano e uma obra fundadora da linguística moderna.

A segunda parte de nosso *corpus* é composta pelos cadernos dos alunos que estiveram presentes aos cursos ministrados por Saussure em Genebra, entre os anos de 1907 a 1911, sendo o primeiro curso dos cadernos de Riedlinger, o segundo curso dos cadernos de Riedlinger e Patois, e o terceiro curso dos cadernos de Constantin. Esses cadernos foram editados por Eisuke Komatsu e publicados na seguinte ordem: o terceiro curso foi publicado em 1993 e transliterado para o inglês por Roy Harris; o primeiro curso em 1996 e o segundo curso em 1997, tendo ambos sido transliterado para o inglês por George Wolf. Com essas publicações, o acesso tornou-se mais fácil aos pesquisadores, que ainda possuem a facilidade de, em uma única edição, poder lê-los em duas línguas.

A última parte do nosso *corpus* pode ser subdividida. A primeira é o conjunto de escritos do próprio Saussure, com destaque para o manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, descoberto em 1996. Esses escritos foram editados e publicados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, 2002, reunidos sob o título de *Escritos de Linguística Geral*. Utilizamos para nossa pesquisa a versão brasileira, décima segunda edição, publicada em 2012, traduzida por Carlos

Augusto Leuba Salum e e Ana Lucia Franco. Há outra edição dos manuscritos, mas, pela questão da acessibilidade, optamos por tomar a edição de Bouquet e Engler, além do fato de que um dos editores será um autor muito utilizado ao longo do nosso trabalho. A edição de Bouquet e Engler busca ser fiel aos manuscritos originais e, para assinalar isso, eles, no prefácio à obra, explicitam o processo de edição:

o texto organizado respeita, ao máximo, o texto do manuscrito, que continua sendo o de um rascunho e não o de um livro acabado. **As lacunas do manuscrito são transcritas por colchetes. As leituras incertas são incluídas entre colchetes.** [...] As mudanças de linhas reproduzem, o mais fielmente possível, a lógica gráfica do manuscrito. As passagens riscadas no manuscrito não foram reproduzidas. (Bouquet e Engler, 2012, p. 17 – destaques nossos).

Os editores não acrescentam nada aos manuscritos nem tampouco colocam suas interpretações nos escritos. Eles fazem questão de frisar que, em nota de rodapé, fizeram alguns poucos comentários. Deste modo, sua organização corresponde às expectativas desta pesquisa, contudo é necessário frisar que, diferentemente da outra edição, Bouquet e Engler não trazem as partes que foram rasuradas por Saussure, o que, para Silveira (2022) conta como um ponto negativo.

A segunda parte desse conjunto de nosso *corpus* é também um texto de próprio punho de Saussure, uma carta enviada a seu amigo Antoine Meillet e publicada por Émile Benveniste.

É pela análise desse *corpus*, iluminada pela leitura de herdeiros teóricos saussurianos, como Louis Hjelmslev, e de comentaristas já consagrados, como Normand, De Mauro, Arrivé, Bouquet, que tencionamos estabelecer nossa própria leitura de sua Epistemologia Programática, no que toca à *Significação* especialmente.

Dentre os autores que citamos como pontos de apoio para nossa tese, um deles, Louis Hjelmslev, será de grande importância e se faz necessário justificar sua presença no andamento da pesquisa. As teorias de Hjelmslev, embora focadas em seu próprio projeto de análise linguística, a glossemática, possui ligações fortes com a obra saussuriana, notadamente, o *Curso de Linguística Geral*. Segundo Fiorin (2003, p. 21-22) “Hjelmslev nega radicalmente a tradição linguística anterior. Para ele, o único teórico que merece ser tratado como pioneiro é Ferdinand de Saussure.” Ainda segundo Fiorin (2003) Hjelmslev buscava estabelecer uma teoria da linguagem que não tomasse a língua apenas como um meio de compreender fenômenos externos, mas que tivesse um fim em si mesma, ideia essa que está bem alinhada a famosa frase final do *Cours*. As teorias de Hjelmslev, que partem de Saussure, mas, ao mesmo tempo, vão além dele, nos permitem um olhar diferenciado para compreender a obra saussuriana no tocante à *Significação*, considerando obras que não chegaram ao conhecimento do linguista dinamarquês, como o importantíssimo *Essência Dupla da Linguagem*, o que pode aproximar

um pouco mais a reflexão desses dois teóricos, como pudemos constatar em nossa dissertação, sem deixar escapar as diferenças essenciais de um a outro linguista. Portanto, Há dois momentos, em nossa tese, em que o olhar hjelmsleviano guiará nossas análises da obra de Saussure e que ecoará por toda a pesquisa.

1.4 A divisão desta tese

Optamos por fazer o caminho inverso que fizemos em nossa dissertação, ao invés de partir do *Curso de Linguística Geral*, entendemos que o melhor movimento de reflexão seria seguir uma análise cronológica dos textos que constituem o nosso *corpus*, de modo a visualizar o progresso, o desenvolvimento da teorização saussuriana, além de poder observar os abandonos, as retomadas, as inovações de um momento a outro da reflexão do genebrino que não estão dissociadas das fases de sua vida e do amadurecimento de seu trabalho.

Começamos, pois, nossa análise da parte do *corpus* que corresponde aos escritos de próprio punho de Ferdinand de Saussure, como já dissemos, pertencentes ao grupo de manuscritos editados e publicados sob o título *Escritos de Linguística Geral*. Estes escritos demarcam um movimento inicial de Saussure em direção, podemos dizer, dos três objetivos destacados por Bouquet, a saber, a epistemologia geral da linguagem, a epistemologia da Gramática Comparada e a Epistemologia Programática, que pode ser traduzida por uma Semântica sincrônica. O texto mais importante desse conjunto, o *Essência Dupla da Linguagem* tem sido datado do ano de 1891, sendo, portanto, quase dezesseis anos anterior aos cursos de Genebra. A carta de Saussure, que também utilizaremos, é próxima do manuscrito mencionado, sendo datada de 1894. Para além da busca de um conceito, esta parte da análise tem também por finalidade apresentar o Saussure que antecede o epíteto de pai da Linguística moderna, acompanhando como surgem, nesse ainda pouco conhecido Saussure, as reflexões sobre a *Significação*.

Dos escritos de próprio punho, avançaremos mais de uma década no tempo para analisar o Saussure professor por meio dos cadernos de alguns alunos que estiveram presentes aos seus três cursos ministrados na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 a 1911. Sendo o prelúdio da obra que modificaria para sempre a história da Linguística, bem como a fonte pela qual os editores chegaram ao produto final. Essa segunda seção nos oferecerá um panorama de um Saussure mais maduro, contando com quase duas dezenas de anos de experiência na Universidade, além do que já tinha adquirido na França, onde quase assumiu o lugar do famoso linguista parisiense Michel Bréal. Nossa análise se debruça, então, sobre uma reflexão guiada

por um senso pedagógico que terá implicações na teoria de um modo geral, bem como nas particularidades do conceito de *Significação*.

A quarta seção do nosso trabalho dedica-se ao *Curso de Linguística Geral* e, diferenciando-se das anteriores, não será marcada por um mapeamento da *Significação*, mas pela discussão de pontos que se articulam com esse conceito, tais como: sincronia/diacronia, língua/*Fala*, interno/externo. Nela haverá a culminância do que discutimos nas seções que a precederam, utilizando-nos de partes dos outros dois conjuntos do *corpus* para chegar o mais próximo do pensamento saussuriano que se funda sobre este tripé. Também será nessa seção que discutiremos mais a fundo as teorias de Bouquet e de outros autores quanto à *Significação*.

Por fim, nossa última seção apresenta as considerações finais com o compacto de tudo o que pudemos apreender neste empreendimento de averiguar o lugar da *Significação* na epistemologia programática de Saussure.

1.5 Algumas questões referenciais

Trabalhar com textos antigos requer alguns cuidados específicos para evitar enganos referentes a sua publicação. Embora pareça algo secundário, estabelecer a datação correta dos textos pode ser um ponto crucial para se chegar a estas ou àquelas conclusões, portanto, queremos esclarecer ao leitor algumas decisões tomadas quanto à referência dos textos mais antigos em nossa pesquisa.

O texto original do *Curso de Linguística Geral* é de 1916, três anos após a morte de Saussure. Como utilizamos a edição brasileira de 2008, todas as referências dessa obra serão acompanhadas desse ano e não de 1916. Do mesmo modo ocorrerá com os *Escritos de Linguística Geral* que foram publicados em 2002, mas nossa edição brasileira é de 2012, sendo esse ano que acompanhará a referência da obra. É mister dizer ainda quanto a essa obra que, apesar de ter sido publicada em 2002, ela é muito mais antiga, como já apontamos, de modo que o *Essência Dupla da Linguagem* é de 1891. A carta de Saussure a Meillet também terá como referência o seu ano de publicação por Benveniste, ou seja, 1964.

Este mesmo procedimento será replicado em outros textos antigos, como, por exemplo, de Louis Hjelmslev, mas faremos sempre, em nota de rodapé, a datação original do texto a fim de poder situar o leitor no tempo em que foram produzidos, pois este panorama do contexto de produção da obra é passível de ser definidor para sua própria leitura de Saussure, ao final deste tese.

Tomando uma metáfora, como veremos, bastante recorrente na teorização de Ferdinand de Saussure, esperamos que este trabalho propicie ao leitor uma excelente partida de xadrez com o velho genebrino, enxadrista da língua e da Linguística.

2 O SAUSSURE QUE NÃO CONHECEMOS E A *SIGNIFICAÇÃO* QUE EMERGE

O Saussure que não conhecemos, ou que pouco conhecemos, é aquele representado por um conjunto de escritos de próprio punho; manuscritos elaborados em vida e pouco divulgados ou nem sequer publicados.

Esse Saussure de próprio punho era (é?) tão desconhecido que Isaac Nicolau Salum, no prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*, chega a compará-lo com Sócrates e Jesus:

[...] Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido ‘de segunda mão’. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filósofo para entendê-lo, e o segundo, filósofo demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram os seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares.

Dá-se o mesmo com o *Cours* de Saussure. (Salum, 2008, p. XVI – destaques do autor)

Embora, diferentemente de Sócrates e Jesus, Saussure tivesse obras publicadas em vida, como o seu *mémoire*, sua tese e alguns artigos, além de cartas em que tratava sobre assuntos referentes à língua, tudo isso fora apagado pela ascensão da obra póstuma que estabeleceu um Saussure fundador, o Saussure Pai da Linguística moderna. Esse apagamento do Saussure que precede o *Cours* não foi algo intencional, mas o caminho natural de recepção de uma obra que se tornou um marco entre os linguistas e que ainda é um marco tanto de filiação quanto de ruptura. Contudo, Salum levanta uma questão importante sobre a obra: Sendo ela de “segunda mão” o quanto há ali do pensamento de Saussure e o quanto há de articulação e do pensamento dos editores? Ao trazer a comparação com os discípulos de Sócrates, Salum expõe uma problemática que diz respeito aos editores. Seriam Bally e Sechehaye como Platão, tendo ido além daquilo que Saussure disse, ou como Xenofonte, não tendo compreendido em sua totalidade e essência a questão central da Linguística saussuriana? De todo o modo, Salum alerta os leitores a compreenderem que o *Cours* é já uma leitura de Saussure e não o próprio falando.

Bouquet (2009) enquadra os editores, a uma só vez, nos perfis de Xenofonte e Platão – para usar os termos de Salum. Ele tanto postula que os editores foram além, resolvendo por si sós questões que foram deixadas em aberto por Saussure, apresentando como um problema findado na obra póstuma; como também postula que eles, em pontos essenciais, não entenderam a Linguística proposta por Saussure, de modo a apresentar um pensamento distorcido ou mesmo que vai de encontro ao do genebrino. Portanto, a grande crítica de Bouquet é de que os editores impediram que “o verdadeiro Saussure” se revelasse aos leitores. Sendo um pouco menos

ostensivos, podemos dizer que o *Cours*, de modo intencional ou não, apagou o Saussure que lhe antecedeu à medida que entronizava o Saussure fundador da Linguística moderna.

Esta seção, pois, se dedica aos escritos do Saussure que não conhecemos, não de um verdadeiro Saussure, mas de um Saussure que antecede não só a obra póstuma, mas também aos cursos de Linguística Geral que foram ministrados em Genebra entre 1907 e 1911. Esse conjunto de escritos de próprio punho é extenso e não é a nossa intenção abarcar a todos, mas apenas dois grupos: os que foram compilados e editados por Bouquet e Engler sob o título de *Escritos de Linguística Geral*, publicados pela primeira vez na França em 2002. Essa publicação reúne uma série de manuscritos, entre os quais se destaca o nomeado *Essência Dupla da Linguagem*. Este foi descoberto em 1996, na estada do castelo da família de Saussure e doado à Biblioteca de Genebra (Silveira, 2022). A pesquisadora Eliane Silveira (2022) afirma que esta descoberta foi de enorme importância para os pesquisadores da “fortuna saussuriana”, pois traz, em projeto como de um livro a ser publicado, os vários conceitos presentes no *Cours* ainda em estágio inicial, o que possibilita averiguar o desenvolvimento do pensamento de Saussure em textos posteriores. Ela diz ainda que este achado, o qual denomina como surpreendente e impactante, apresenta novos elementos de análise que são capazes até de modificar resultados de pesquisas anteriores. Para a autora, estes escritos representam novos horizontes para a pesquisa da obra saussuriana.

Outro nome que destaca a importância dos manuscritos é Loïc Depecker, que dedicou um livro inteiro aos manuscritos, empreendendo a proposta de compreender Saussure a partir dos manuscritos. Segundo ele:

A leitura dos manuscritos de Saussure abala inúmeras perspectivas. Várias questões que pareciam evidentes se tornam de repente problemáticas, como as do arbitrário, do significante e do significado, da diacronia e da sincronia, da fala e da língua: é preciso retomar tudo no detalhe para situar exatamente a abordagem de Saussure. (Depecker, 2012, p. 169 – destaques nossos)

Este abalo de que trata Depecker e que, de certo modo, também é destacado por Silveira (2022) tem a ver com a imagem do Saussure que se estabilizou através do *Cours* e da leitura estruturalista que se fez posteriormente à publicação. Ainda que Depecker (2012) fale sobre usar os manuscritos para descobrir o que é realmente de Saussure, apontando assim um caminho para encontrar o “verdadeiro Saussure”, que não é o intuito de nosso trabalho, sua colocação nos situa na exata perspectiva do exame dos manuscritos que é ver onde as estruturas já consagradas se abalam, mas não para derrubá-las e sim para, entendendo sua real composição, fortalecê-las. O estudo do manuscrito deve ser sempre pro e não contra Saussure (Depecker, 2012). É por este prisma que examinaremos os manuscritos saussurianos que compõe os

Escritos de Linguística Geral, esclarecendo que não estamos contemplando, por exemplo, os manuscritos sobre os anagramas ou as lendas germânicas, ou mesmo sobre as publicações em vida, como artigos, o *mémoire* ou outros. A escolha de conjunto de manuscritos se dá, primeiramente, por uma continuidade, pois já utilizávamos esses escritos em trabalho anterior, mas também por sua relação com os cursos que Saussure ministrará em Genebra posteriormente. É preciso mencionar também a relevância dos manuscritos escolhidos pelo desenvolvimento inicial, como enfatiza Silveira (2022), dos termos que serão aprimorados no terceiro curso e se consolidarão na obra póstuma.

O outro manuscrito que utilizaremos é uma das cartas que Saussure escreveu a seu amigo Antoine Meillet e que foi publicada junto com outras cartas de mesmo destinatário por Émile Benveniste em 1964. Escolhemos juntá-la ao conjunto do *corpus* que constitui os manuscritos autógrafos de Saussure, e não apenas como apoio, por nos oferecer um material importante para discutir a terminologia saussuriana, assunto que precederá as análises dos outros manuscritos. Além disso, é nessa carta que Saussure confessa a Meillet que está trabalhando em um livro sobre linguística, livro esse que alguns defendem ser o manuscrito *Essência Dupla da Linguagem*, do qual partirá a maior parte de nossa análise, nesta primeira parte, pela relevância de seu conteúdo.

Antes de iniciarmos a análise da *Significação* nos *Escritos de Linguística Geral*, dedicaremos uma subseção ao problema da terminologia, utilizando-nos, para a discussão, da carta de Saussure a Meillet. Também, em outra subseção, faremos um aparte para abordar o *Sentido* dentro do que já vimos trabalhando desde a dissertação de mestrado. Por último, passaremos às análises da *Significação* em relação com os demais elementos da Semântica sincrônica de Saussure.

2.1 Saussure e o problema da terminologia

O problema terminológico na obra de Ferdinand de Saussure desde sua publicação foi uma questão, questão essa que aumentou com a publicação de trabalhos de próprio punho como os *Escritos de Linguística Geral*.

O filósofo Michel Lahud, em seu artigo *Alguns mistérios da Linguística*, ao escrever sobre Saussure, afirma que não se pode abordar sua obra sem levar em consideração seu movimento de reflexão, isto é, sem acompanhar as constantes flutuações, hesitações, correções e certezas de um pensamento que está emergindo. O filósofo afirma ainda que:

O pensamento de Saussure, como o de todo precursor, é **um pensamento em constante busca, permanentemente oscilando entre a força da tradição e a criação original. O devido reconhecimento dessa tensão [...] torna-se assim indispensável para a reconstituição adequada de vários aspectos desse pensamento**, muitas vezes dificultada pela própria forma encontrada por Bally e Sechehaye para registrar um trabalho praticado ao longo de vários anos e no contexto de três diferentes cursos de linguística geral. (Lahud, 1977, p. 32 – destaques nossos)

Para Lahud, por Saussure estar introduzindo uma novidade, inaugurando um novo modo de pensar a linguística, seu pensamento é muitas vezes oscilante, não é algo completamente acabado, um “produto” pronto para consumir ou usar. Saussure deixa transparecer a flutuação de seu pensamento em muitos termos empregados por ele. Note-se o que grifamos na citação acima quanto à tensão entre a tradição e o original. É interessante observar que a maior parte dos termos empregados por Saussure para tratar da linguagem não foram criações suas, já eram correntes nos estudos linguísticos, contudo, muitas vezes, o genebrino usá-los-á em acepções diferentes da tradicional, isto é, reinscreverá certos elementos da Linguística sobre a perspectiva da língua como um sistema de valores puros.

Essa tensão, mencionada por Lahud, é colocada pelo próprio Saussure em uma carta endereçada a seu amigo Antoine Meillet em janeiro de 1894¹. Respondendo a uma carta de Meillet, Saussure se mostra insatisfeito com os rumos da linguística de seu tempo e não se trata de uma simples crítica pontual, ele chega a dizer que é impossível escrever dez linhas sem se deparar com dificuldades relacionadas à metalinguagem: “Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et **de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage**”² (Saussure, 1964, p. 95 – destaques nossos). Na mente de Saussure, parecia já ferver as grandes novidades que se estabeleceram na obra fundadora *Curso de Linguística Geral*, mas a imprecisão dos termos incomodava-o e punha-o a pensar na dificuldade de um trabalho que encaminhasse o linguista para o seu real trabalho a partir de sua perspectiva:

Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue³ [...]. (Saussure, 1964, p. 95 – destaques nossos)

¹ Como já dissemos em nossa introdução, essa carta faz parte de um conjunto de outras cartas endereçadas a Antoine Meillet e que foram publicadas nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* por Emille Benveniste em 1964 com a autorização da Senhora Meillet, esposa do querido amigo de Saussure.

² “Mas eu estou bem desgostoso de tudo isso e da dificuldade que há, no geral, em escrever pelo menos duas linhas que tenham sentido em matéria dos fatos linguísticos.” (Tradução nossa)

³ “Preocupado desde longo tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vistas sobre os quais nós tratamos, eu vejo, cada vez mais, a imensidão do trabalho que seria preciso para mostrar ao linguista o que ele faz, reduzindo cada operação a sua categoria prévia.” (Tradução nossa)

Saussure enxerga em seu tempo a necessidade de uma precisão epistemológica e, talvez mais do que isso, a necessidade de que os linguistas percebessem o que fazem, podemos ser catafóricos e adiantar, qual é, de fato, o objeto da linguística. Contudo, Saussure se mostra hesitante diante da dificuldade de pôr em prática um trabalho como esse.

O mestre genebrino tocará no exato problema da terminologia e indiretamente na sua recusa em se ocupar da linguística que, futuramente, ele classificará como sincrônica:

Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la necessite de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général⁴. (Saussure, 1964, p. 95 – destaques nossos)

Como podemos observar, para Saussure a terminologia corrente possuía uma inércia, ou seja, sem ação, não cumpria com o papel tão necessário, em todas as ciências, da linguagem científica, neste caso de uma metalinguagem, para descrever os fenômenos observados. Ele fala inclusive sobre a necessidade de uma reforma nas terminologias. É de ressaltar, no entanto, que essa inércia da terminologia está ligada ao próprio conceito de língua desenvolvido por Saussure, ou seja, a terminologia passou a ser ineficaz diante de um objeto definido para linguística. Isto nos oferece um panorama interessante para refletir que o “corte epistemológico⁵” já era uma ideia bem definida em Saussure desde muito cedo, uma vez que desta carta para o primeiro curso ministrado em Genebra decorrem 13 anos. Outro ponto importante a se destacar desta citação da carta é o posicionamento de Saussure nos fatos diacrônicos, pois para ele não havia desejo maior (se tratando dos estudos linguísticos) do que não se ocupar da linguística sincrônica. Este posicionamento, ou seja, o reconhecimento de que ele faz linguística diacrônica e não sincrônica se repetirá em outras obras. Ainda que Saussure não pretendesse fazer linguística sincrônica, o problema da terminologia permanecia uma questão tão forte que, segundo ele mesmo, tirava-lhe todo o prazer que tinha nas pesquisas históricas.

Apesar desse desinteresse de Saussure por esta linguística tão necessária, ele não consegue seguir adiante em suas pesquisas negligenciando os problemas dos estudos da linguagem de então e de sua terminologia:

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un

4 “A todo momento, a absoluta inépcia da terminologia corrente, a necessidade da reforma e de mostrar que tipo de objeto é a língua em geral, vem gastar o meu prazer histórico, apesar de não ter desejo mais caro para mim do que não me ocupar da língua em geral.” (Tradução nossa)

⁵ Referimo-nos a um corte epistemológico relativo à Linguística de seu tempo, notadamente, a Gramática Comparada. Abordaremos os elementos desse corte ao longo do trabalho.

sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé⁶. (Saussure, 1964, p. 95 – destaques nossos)

Nessa passagem da carta, Saussure revela um interesse (se assim podemos dizer) em escrever um livro que aborde essa questão terminológica demonstrando que o emprego dos termos usados até então em linguística não possuíam qualquer sentido em sua perspectiva. Não podemos deixar de chamar a atenção para a escolha de palavras que o mestre genebrino faz para descrever essa obra: “sem entusiasmo nem paixão”. Há uma insistência em Saussure na negação deste campo linguístico, de ser um de seus atores, de se debruçar sobre ele, mas, ao mesmo tempo, ele traz em si uma inquietação desconcertante, incômoda, chama inapagável que o perturba de tal modo que é para ele impossível dar continuidade ao que realmente gosta, ao que faz com “entusiasmo e paixão”.

Ao fim da carta, Saussure mais uma vez fala em reforma, mas desta vez acrescentando o adjetivo radical:

Voilà une disposition, peut-être stupide, qui expliquerait à Duvau⁷ pourquoi par exemple j'ai fait traîner plus d'un an la publication d'un article qui n'offrait, matériellement, aucune difficulté **sans arriver d'ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu'il faudrait pour cela une réforme décidément radicale**⁸. (Saussure, 1964, pp. 95-96 – destaques nossos)

Com esta colocação, Saussure explica como essa problemática contribui negativamente para o andamento de seus trabalhos, pois um artigo que, para ele, não teria nenhum problema prático em sua elaboração, atrasava em quase um ano, pois ele não conseguia fazer a colocação dos termos de modo que precisasse o fenômeno que ele tentava explicar, que satisfizesse suas necessidades de cientista da língua ou, para ser ainda mais assertivo, que estivesse de acordo com a sua visão de língua e com o que entendia como objeto da linguística. Ele chega a chamar os termos de “odiosos” – talvez no decorrer desta tese, o uso dessa expressão por Saussure fique mais claro – e fala da dificuldade de evitá-los, concluindo, assim, que era necessária uma reforma “decididamente radical” para essa terminologia linguística.

Diante do que expomos através do próprio Saussure, precisamos ainda frisar – pois talvez o leitor seja levado a uma conclusão contrária – que o mestre genebrino não possuía um

6 “Apesar disso, terminarei com um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei porque não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. E só depois disso, eu admito, poderei retomar meu trabalho do ponto onde eu o havia deixado”. (Tradução nossa)

7 Benveniste apresenta uma nota explicando que Louis Duvau era administrador da Sociedade de Linguística da qual Saussure fazia parte.

8 “Eis uma disposição, talvez estúpida, que explicaria a Duvau por que, por exemplo, eu adiei por mais de um ano a publicação de um artigo que não oferecia materialmente nenhuma dificuldade sem chegar a evitar as expressões logicamente odiosas, porque seria preciso para isso uma reforma decididamente radical”. (Tradução nossa)

esquema pronto para substituir a terminologia da época, pelo contrário – e era essa exatamente sua inquietação – ele não sabia ainda como adequar termos e teoria. Isso vai se construindo ao longo de seus trabalhos subsequentes até o seu refinamento pelos editores do *Curso de Linguística Geral* em 1916. Na realidade, até nesta obra podemos acompanhar a oscilação dos termos e a tentativa de Saussure de, de alguma forma, fixar certos termos para melhor expressarem os fatos linguísticos.

Essas confissões que Saussure faz, sem reservas, a Meillet podem corroborar a tese de Bouquet quanto a finalidade de seu legado, isto é, o estabelecimento de três territórios epistemológicos, sendo os dois primeiros diretamente ligados ao que fazia o genebrino, e o terceiro correspondendo a futura Semântica sincrônica. Vimos que Saussure chega a usar o termo “reforma radical”, o que sugere que uma epistemologia precisava se estabelecer. Também podemos destacar que a insistência de Saussure em reafirmar seu interesse de pesquisa, isto é, a Linguística Histórica, pode fortalecer a tese de Bouquet sobre a relação entre linguística sincrônica e diacrônica, pois, não tendo uma relação dicotômica, mas complementar, o estabelecimento de uma seria também decisivo para a outra. Por ora, é importante termos em mente essa tensão, que nos fala Lahud, entre a tradição e a originalidade, ambas presentes e enraizadas no pensamento saussuriano.

2.1.1 A flutuação dos termos em Saussure

Para que se possa fazer qualquer análise de termos específicos em Saussure, como, em nosso caso, nos propomos a fazer com *Significação*, faz-se necessário compreender o caminho de reflexão que ele faz de suas obras até os cursos ministrados em Genebra. Quando em nosso primeiro trabalho buscamos compreender o lugar do *Sentido* na obra saussuriana (CORREIA, 2020), nos deparamos com um emaranhado de termos que ora designavam a mesma coisa, ora designavam coisas completamente diferentes. Entre passagens que se contradiziam, precisávamos apreender o movimento reflexivo de Saussure. Chegamos então à conclusão que a leitura do texto saussuriano precisava ser diferenciada. Era imprescindível que nossa leitura da obra não fosse como se contemplássemos algo pronto, acabado, um edifício moderno, superorganizado, com andares meticulosamente planejados. Não, a leitura de Saussure deve pressupor uma obra inacabada, um projeto em construção, um pensamento em evolução, na busca por ajustes, por recortes, por definições mais exatas.

Através deste prisma é que chegamos a uma resposta em nossa pesquisa anterior. Descartamos, muitas vezes, as passagens em que os termos designavam uma mesma coisa e

nos concentramos naquelas em que eles apareciam de modo diferenciado. Por exemplo, o termo *Signo* já era corrente nos estudos linguístico e também na filosofia. Ele designava a parte material da palavra, o som ou mesmo as letras que formavam a palavra. Em várias passagens dos *Escritos de Linguística Geral* ou mesmo do *Curso de Linguística Geral* Saussure utilizará esse termo na mesma acepção de parte material até o ponto em que proporá designar a entidade total com este termo:

Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*. Estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (Saussure, 2008, p. 81 – destaques do autor)

Anteriormente, ele havia proposto o par *Conceito* e *Imagem Acústica* sem, contudo, estabelecer o *Signo* como sendo a entidade em sua totalidade. De Mauro (1967), explica que durante o terceiro curso, na aula do dia 02 de maio, Saussure tratou do capítulo intitulado *A natureza do Signo Linguístico*, utilizando os pares já citados. Posteriormente, na aula do dia 19 de maio, ele propõe uma mudança: que os termos antes dados por ele, sejam agora identificados por *Signo*, *Significado* e *Significante*. Ele propôs também um novo título para o capítulo: *La langue comme système de signes*⁹. A flutuação desse termo no *Curso de Linguística Geral*, pode-se dar pelo que nos fala De Mauro quando afirma que:

Les éditeurs ont mélangé [...] la vieille et la nouvelle terminologie. On y perd quelque chose, en fait: le sens du contraste possible entre les deux terminologies, le line entre la nouvelle terminologie et le sens le plus profond du principe de l'arbitraire¹⁰. (De Mauro, 1967, p. 439).

Nos *Escritos de Linguística Geral* esse termo, *Signo*, aparece, na maior parte das vezes como a parte material, correspondendo à acepção da época, contudo em alguns momentos, ele ensaia a terminologia que, mais tarde fica consagrada.

No terceiro curso, Saussure assevera algo muito interessante para esta parte de nossa reflexão, ao falar sobre a mudança terminológica proposta: “**Une amélioration peut être apportée** à la formule de ces deux vérités em employant les termes de *signifiant* et de *signifié*”¹¹ (Saussure, 1993, p. 92 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito). Esta afirmação de Saussure torna mais clara a ideia de que seu pensamento estava em desenvolvimento. Já havia

9 “A língua como sistema de signos.” (Tradução nossa)

10 “Os editores misturaram [...] a velha e a nova terminologia. Com efeito, algo se perdeu: O sentido do contraste possível entre as duas terminologias, a linha entre a nova terminologia e o sentido mais profundo do princípio da arbitrariedade.” (Tradução nossa)

11 “Um aprimoramento pode ser dado à formulação dessas duas verdades empregando os termos *significante* e *significado*.” (Tradução nossa)

escolhido os pares *Conceito* e *Imagem Acústica*, mas enxergou em seu neologismo¹² uma forma de expressar melhor a teoria do signo.

Tanto De Mauro (1967) quanto Paul Bouissac (2012) afirmam que Saussure tentava evitar os neologismos técnicos. Bouissac (2012, p. 154) inclusive comenta que “No desenvolvimento de uma nova ciência, se muitas palavras comuns são redefinidas ou se muitas palavras novas são criadas, a mensagem se torna ainda mais obscura.” Contudo, o mestre genebrino necessitou de novos termos que melhor expressassem sua ideia de *Signo*, ou melhor, da língua enquanto sistema de signos. O fato de as palavras escolhidas pelo genebrino possuírem o mesmo radical demarca a unidade desses termos ao mesmo tempo em que, como ele mesmo afirma, também assinala sua oposição.

Não tomamos o termo *Signo* como um exemplo ao acaso. É dele que parte a nossa reflexão sobre a *Significação*. Como veremos mais adiante, apesar desse aprimoramento terminológico, quando aborda o *Valor Linguístico* ele toma, muitas vezes *Significação* e *Sentido* por *Significado*. A relação entre esses termos é tão complicada que os consagrados comentaristas da obra de Saussure divergem radicalmente sobre o tema. Albert Sechehaye (*apud* Pétroff, 2007) afirma que *Sentido* e *Significação* são sinônimos. Charles Bally (*apud* Pétroff, 2007) diz que Saussure jamais definiu a *Significação*. Loïc Depecker (2012) segue o mesmo pensamento de Sechehaye e, em seu glossário apresenta *Significação* e *Sentido* como sinônimos. Normand (2009) diz que tanto nos manuscritos quanto no *Curso de Linguística Geral* os termos *Sentido* e *Significação* se alternam e fica difícil fazer uma diferenciação entre um e outro.

Para organizar nossa proposta de trabalho, propomos ao leitor que tenha em mente que nossa leitura da obra Saussuriana segue tomando por base os seguintes pressupostos: i) O pensamento de Saussure está em evolução, se aprimorando e aprimorando os termos usados para expor a teoria; ii) A língua como sistema de signos e a língua como sistema de valores puros; e iii) Considerando que *Sentido* não é o mesmo que *Significado*.

Na próxima subseção retomaremos os nossos achados quanto ao *Sentido* e por que o diferenciamos da *Significação* para, só então, encaminharmos a análise dos *Escritos de Linguística Geral*.

¹² *Signifié* e *Signifiant* são formados, segundo Bouissac (2012), do verbo francês *Signifier*. De Mauro (1967) explica que, apesar dessas palavras já existirem na língua francesa, Saussure faz um novo uso delas substantivando-as.

2.2 O que não é *Significação*¹³?

“Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (Saussure, 2008, p. 136). Esta célebre frase de Saussure ao descrever o *Signo* linguístico em relação ao *Valor*, nos fez prosseguir uma pesquisa que iniciamos em 2018, em nosso trabalho de mestrado. Buscando o lugar do *Sentido* na obra saussuriana, inevitavelmente, nos deparamos com o termo *Significação* e fomos instigados a compreender também o que esse termo designava na teorização do mestre genebrino. Sendo assim, convidamos o leitor a acompanhar este trabalho, considerando a dinâmica do pensamento de Saussure.

Como definir *Significação*? Entendemos que deveríamos começar dizendo o que os outros termos não são, ou não podem ser. Além disso, a frase, de Saussure, supracitada, nos compromete com o todo, com uma visão holística, pois se uma coisa é o que as outras não são, eu preciso saber o que as outras não são, ou seja, eu preciso olhar para o conjunto, para o sistema. Queremos, pois, olhar para a *Significação* neste conjunto da obra de Saussure.

Entre todos os termos que podemos confundir com *Significação* está o *Sentido*, por isso queremos retomar alguns achados de nosso trabalho anterior para diferenciar esses dois termos, entendendo que *Sentido* é aquilo que *Significação* e outros termos da órbita semântica saussuriana não são.

Sabemos que alguns autores, apesar de não se dedicarem a fazer uma diferenciação entre *Significação* e *Sentido*, esforçaram-se por definir um conceito do primeiro termo no conjunto da obra saussuriana; outros, como já dissemos, veem os dois termos como sinônimos; há ainda autores como Simon Bouquet que apontam a questão semântica como essencial para Saussure, mas não chegam a esmiuçar esses termos.

Em nossa dissertação, apresentamos uma proposta de conceituação do *Sentido* na obra de Saussure que vai de encontro ao que autores tão consagrados já haviam postulado. Para nós, *Sentido* e *Significação* são termos que, embora muitas vezes apareçam de forma indistinta, sendo tomados um pelo outro, são usados por Saussure em momentos-chaves para designar fatos de linguagem diferentes.

O *Sentido* não foi um conceito fácil de se apreender, mas o manuscrito *Essência Dupla da Linguagem* foi essencial para estabelecer essa diferenciação, manuscrito esse que não estava acessível quando esses autores elaboraram seus comentários quanto aos termos.

13 Esta subseção faz um breve resumo dos achados de nossa dissertação. Para conhecer mais a fundo os argumentos do *Sentido* como *substância* do *Significado* ver Correia (2020), *O lugar do Sentido em Saussure*.

Nossa pesquisa nos levou, então, à conclusão de que o *Sentido* é a parte material do *Significado*. Assim como o *Significante*¹⁴ tem sua parte material, o *Significado* também teria uma. Como chegamos a essa conclusão? Essa hipótese surgiu de um pequeno trecho do *Curso de Linguística Geral* em que Saussure aborda os motivos que levam uma língua a transformar-se:

Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente **de transformações fonéticas sofridas pelo significante ou então transformações do sentido que afetam o conceito significado**. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante. (Saussure, 2008, p. 89 – destaques nossos).

Podemos observar que Saussure afirma que transformações fonéticas, isto é, mudanças na *substância*, afetam o *Significante*; em paralelo, ele afirma também que transformações do *Sentido* afetam o *Significado*. A partir deste pequeno trecho, buscamos por outras pistas, no próprio Saussure que pudessem corroborar com essa ideia. Chegamos então ao manuscrito *Essência Dupla da Linguagem* que nos apresenta um termo muito interessante pelo qual traçamos um paralelo com *Sentido*. Saussure usa o termo *Figura Vocal* para designar a *substância* do *Significante*. Ao falar sobre *Signo* – na acepção comum à época –, Saussure apresenta a *Figura Vocal* da seguinte forma: “as figuras vocais que servem de signos não existem mais na língua instantânea. Elas existem, então, para o físico, para o fisiologista, não para o linguista e nem para o sujeito falante” (Saussure, 2012, p. 67). Saussure está dizendo que, na língua real, a *substância* não tem mais importância, pois o que é, de fato, percebido pelo sujeito falante, é o *Significante* e não mais a simples *substância* de que se vale para cumprir seu papel no *Signo Linguístico*.

Neste manuscrito, Saussure se esmera por fazer com que fique claro que *substância* e matéria não são a mesma coisa. Quando pensamos no *Significante*, percebemos que o termo em si designa algo psíquico, de modo que conseguimos usar a língua sem carecer de uma matéria fônica, como, por exemplo, quando falamos sozinhos, quando pensamos. A *substância* é a parte material selecionada, recortada pela língua para servir ao *Significante*. No manuscrito, Saussure nomeia essa substância fônica de *Figura Vocal*; já a matéria seria o som. Resumindo de modo um tanto grosseiro, *substância* seria toda matéria a que a língua atribui significado.

Assim pudemos estabelecer um paralelo com o que encontramos no *Curso de Linguística Geral*. O termo *Sentido* parecia estar se encaminhando na reflexão de Saussure para designar a *substância* do *Significado*.

¹⁴ Vale lembrar que *Significado* e *Significante* são, para Saussure, psíquicos, portanto, essas duas faces, ambas psíquicas, possuem um lado material.

Encontramos um apoio para nossa visão nos trabalhos do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, que foi um dos fundadores do Círculo Linguístico de Copenhague e herdeiro da obra saussuriana. Retomando o trabalho de Saussure quanto ao *Signo*, Hjelmslev vai fazer uma espécie de rearranjo, mudando a terminologia. Ao que Saussure chama de *Significado* ele chama de *Conteúdo* e ao que Saussure chama de *Significante* ele chamará de *Expressão*. Ainda que o projeto hjelmsleviano se direcione a outros horizontes, sua reflexão parte de um conceito de língua eminentemente saussuriano. A mudança de termos que propõe, isto é, trocar *Significante* e *Significado* por *Expressão* e *Conteúdo*, respectivamente, tem a ver com a precisão de sua análise, a glossemática. A precisão dos termos ainda eram um problema até para os herdeiros de Saussure, mas é importante ressaltar, que Hjelmslev apresenta duas visões opostas do que seria o *Signo* linguístico: uma é a visão tradicional e a outra é a proposta por Saussure, de modo que faz questão de se inscrever nessa segunda. O próprio Hjelmslev faz uma ligação entre seus termos e os de Saussure, o que nos leva a uma importante reflexão: Se há uma mudança de termos por parte de Hjelmslev, esta corresponde ao seu projeto de uma análise da função semiótica, abandonando o *Signo* por não conseguir defini-lo (Hjelmslev, 2006). De fato, os projetos se afastam, mas o fato de Hjelmslev não hesitar em identificar sua visão de língua e de *Signo* com a de Saussure, indica que não há uma ruptura, de modo que as reflexões do linguista dinamarquês podem contribuir para a compreensão de Saussure, considerando é claro, o conjunto de textos reunidos sob seu nome. Algumas críticas que Hjelmslev dirige ao genebrino podem e são suprimidas pela leitura conjunta de manuscritos como o *Essência Dupla da Linguagem*.

O que é importante ressaltar, neste momento, é que Hjelmslev, em sua obra *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, afirma que tanto o *Conteúdo*, quanto a *Expressão* possuem *Forma e Substância*, sendo a segunda determinada e selecionada pela primeira. Ao tratar dessas *substâncias*, o linguista dinamarquês explica que:

Se se pensa sem falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é o funtivo¹⁵ de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo séries de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso será um abracadabra e não uma expressão linguística. (Hjelmslev, 2006¹⁶, p. 54)

O pensamento aparece então como a matéria do *Conteúdo*, matéria essa não analisável linguisticamente, assim como também não é analisável linguisticamente uma série de sons

¹⁵ Na teoria Hjelmsleviana, funtivo é “um objeto que tem uma função em relação a outros objetos” (HJELMSLEV, 2006, p. 39). A substância de uma língua, seja ela fônica ou de sentido, é um funtivo, pois em relação aos outros componentes da língua, ela possui uma função que é servir de base para uma expressão ou um conteúdo.

¹⁶ O texto original data de 1943. Utilizamos a edição brasileira publicada em 2006 e traduzida por J. Teixeira Coelho Netto.

aleatórios, ou seja, uma matéria fônica qualquer. Mais adiante, Hjelmslev vai precisar ainda mais o que entende por *substância* do *Conteúdo*:

Uma experiência que, contrariamente, parece justificada, consiste em comparar diferentes línguas e daí extrair, a seguir, **aquilo que há de comum em todas elas**, seja qual for o número de línguas que se esteja considerando. Se se procede a uma abstração do princípio de estrutura propriamente dito, que comporta a função semiótica e todas as funções que dela se pode deduzir – **princípio que, enquanto tal, é naturalmente comum a todas as línguas**, mas cuja execução é diferente em cada uma delas – descobre-se que **esse fator comum é uma grandeza que só se define pela função que a une ao princípio de estrutura da língua** e a todos os fatores que fazem com que as línguas se distingam umas das outras. **A este fator comum chamaremos *sentido***. (Hjelmslev, 2006, pp. 55-56 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

Nesse parágrafo que extraímos dos *Prolegômenos*, Hjelmslev define a *substância* do *Conteúdo* como o fator comum entre as línguas, localizado na zona do pensamento e recortado pela língua de acordo com a necessidade da *Forma* do *Conteúdo*. O linguista dinamarquês diz ainda que essa *substância* ele chamará *Sentido*.

Exemplificando de maneira prática, Hjelmslev dá, como exemplo, a sentença “eu não sei” em cinco línguas diferentes, demonstrando que ambas partilham um *Sentido* comum que se expressa em diferentes formas a partir da estrutura de cada língua. Essas línguas partilham uma *substância* comum quanto ao *conteúdo*, mas se diferenciam justamente na forma, isto é, na língua.

Esse esquema pode ser visto de uma forma bem mais discreta em Saussure, na forma de um Projeto Epistemológico em construção que Hjelmslev tomou, aperfeiçoou e levou a cabo. De fato, Hjelmslev não atribui a Saussure sua esquematização, embora tome seus postulados como ponto de partida; Ele também não cita o trecho do *Curso de Linguística Geral* que nos levou a pensar no *Sentido* como a parte mais material do *Significado*; até onde sabemos, ele nunca comentou este trecho. Contudo, levemos em consideração que Hjelmslev não teve acesso a um importante manuscrito saussuriano e a tantos outros descobertos apenas em 1996.

Postulamos que, diante dos achados de nossa pesquisa, o esquema proposto por Hjelmslev já havia sido pensado por Saussure, ainda que de forma inacabada. O linguista dinamarquês faz o que o genebrino não conseguiu, ele fixa os termos para descrever este imenso complexo que é a língua, tomando o *Sentido* como parte material, afirmando, ainda mais, que o *Sentido* é o fator comum entre as diversas línguas.

O fato de o *Significado*, assim como o *Significante*, possuir uma *substância*, uma parte material, é corroborada por autores como Simon Bouquet e Maria Francisca Lier-DeVitto, ainda que estes não apontem o termo *Sentido* para identificar essa parte material. Cabe aqui esclarecer que esse conceito *Matéria* é muito amplo e pode ser confuso quando o aplicamos à língua, pois

podemos imaginar como matéria aquilo que é sensível aos sentidos humanos, ou seja, palpável, ou visível, ou audível, ou palatável, ou olfativo, contudo, podemos ter um conceito mais amplo do que é matéria. Lier-DeVitto (2018, p. 805), comentando sobre a diferença entre abstrato e concreto, apoiada nas ideias de Hegel, diz que concreto é o universal “[...] que pode realizar-se concretamente e de modos muito diversos.” Esta definição parece casar-se bem com a visão de Hjelmslev quanto ao *Sentido* como o fator comum (universal) entre as línguas, mas que se manifesta (torna-se concreto) de modos diversos (nas línguas diversas). Ainda na filosofia, encontramos outras definições que podem oferecer um outro prisma quanto à matéria. Huberto Rohden, filósofo e teólogo, exímio conhecedor da obra de Albert Einstein, afirma que:

O que nós, por via de regra, chamamos **matéria é o estado mais baixo de vibração, que se tornou perceptível aos sentidos da visão, da audição, do tato, etc. Quando a chamada matéria adquire um grau superior de vibração, é chamada energia, ou, na expressão de Einstein, ‘matéria descongelada’**. Quando a energia aumenta de vibração, pode aparecer como luz, que Einstein chama de ‘energia descondensada’. (Rohden, 2009, p. 36, - destaques do autor entre aspas e nossos em negrito).

Podemos, portanto, pensar em matéria, no sentido restrito de algo perceptível aos sentidos humanos, mas também podemos ir além e pensar nela em outro grau, ou numa vibração superior, como diz Rohden, e entender como energia propulsora que, em dado momento, torna-se sensível aos sentidos humanos.

Estamos trazendo esses autores para elucidar melhor o papel do *Sentido* em Saussure. Assim como o som é a matéria do *Significante* que seleciona, recorta o som para tornar-se sua *substância*, isto é, matéria significativa, a qual Saussure deu o nome de *Figura Vocal*; temos o pensamento como matéria do *Significado*, que seleciona, faz os recortes do que necessita para ser sua *substância*, a qual propomos ser o *Sentido* na obra saussuriana, ou seja, matéria significante do pensamento. Nos *Escritos de Linguística Geral*, em uma seção intitulada *Substância Linguística*, Saussure afirma que “Nós tendemos **a converter, pelo pensamento, em substância**, as ações diversas que a linguagem necessita”. (Saussure, 2012, p. 75 – destaques nossos).

Esta subseção é de grande importância para o decorrer deste trabalho, pois, como bem afirmou Saussure “[...] é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 2008, p. 15), então, alertamos que partimos para nossa pesquisa tomando o *Sentido* como um fato linguístico diferente da *Significação* e nossa leitura é afetada por este primeiro achado. É certo que, do mesmo modo que ao buscar compreender o lugar do *Sentido* em Saussure nos deparamos com a *Significação*, também, inevitavelmente, nos depararemos com o *Sentido* ao tentar compreender a *Significação*, então iremos, ao longo desta tese, tratar um pouco mais dessa

relação. Contudo, nossa hipótese inicial é de que *Sentido* e *Significação* são fatos linguísticos distintos.

Queremos ainda trazer um alerta quanto à terminologia: Conquanto o termo *Sentido* tenha uma flutuação, assim como outros, o mais importante é compreender que há uma *substância* do *Significado* e que possui uma função na língua, ou melhor nas línguas.

Passemos agora a análise da primeira parte de nosso *corpus* para tentar compreender a *Significação* no edifício teórico em construção de Saussure.

2.3 A *Significação* nos *Escritos de Linguística Geral*

Os *Escritos de Linguística Geral*, ou simplesmente ELG, como já dissemos, é um conjunto de escritos do próprio Saussure com datações distintas, mas todas anteriores aos cursos ministrados em Genebra. Dentre eles, o de 1891, o *Essência Dupla da Linguagem*, é o mais importante e, como poderá ser notado, ocupará a maior parte de nossa análise. É importante destacar que Bouquet e Engler publicaram os manuscritos sem acréscimos ao pensamento de Saussure, deixando lacunas onde havia rasgos ou mesmo nos lugares em que as palavras eram ininteligíveis; além de eliminar as rasuras. Isto nos permite compreender que nos manuscritos encontramos o pensamento em ebulição de Ferdinand de Saussure. Segundo Silveira (2022), essa característica de eliminar as rasuras dos manuscritos pode ser comprometedora para a compreensão desse pensamento em ebulição, mas, de todo modo, torna, para o pesquisador da área, muito mais acessível os escritos, que antes eram restritos a poucos.

Analisaremos agora as ocorrências do termo *Significação* e de outros pontos que nos permitem compreender melhor a visão de Saussure quanto a esse termo, contudo, deixaremos de lado os trechos em que aparece como sinônimo de *Significado*, pois já tratamos dessa questão em trabalho anterior.

2.3.1 Preparando o terreno

Logo nos primeiros parágrafos do *Essência Dupla da Linguagem* (EDL), Saussure busca estabelecer que os elementos do *Signo* são de natureza psíquica, como demonstrará futuramente em seus cursos. Usando de outros termos, que não os consagrados no *Curso de Linguística Geral*, ele afirma que “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (Saussure, 2012, p. 21 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito). Essa afirmação não abre o manuscrito

à toa. Saussure quer, desde o início, esclarecer em que consiste a dupla essência da linguagem. Vale lembrar, que este manuscrito aparenta ser o livro que Saussure estava desenvolvendo para “mostrar ao linguista o que ele faz”, conforme a carta que escreve a Meillet.

Examinemos minuciosamente a afirmação de Saussure quanto aos elementos do *Signo*. Primeiro, ele trata da composição *Forma* e *Sentido*, em que o primeiro termo equivaleria ao *Significante* e o segundo ao *Significado*. Saussure diz que não se pode opor estes elementos, pois eles são de uma mesma ordem, eles são psíquicos, eles estão na língua, no sistema, são na realidade partes de uma unidade. Em seguida, afirma que o correto é opor a *Figura Vocal* à *Forma-Sentido*. A *Figura Vocal*, como já falamos anteriormente, foi um termo cunhado por Saussure, muito presente no EDL, mas que não aparecerá em sua obra póstuma e nem nos cadernos dos alunos. Ela designa a *substância* do *Significante* não sendo apenas um som, mas uma matéria modificada pela língua, selecionada pelo *Significante* para lhe servir de “invólucro material”, usando uma expressão do próprio Saussure. Este termo tem uma importância na teoria em evolução nos manuscritos, no qual Saussure fará uma distinção entre matéria e *substância*, uma vez que não é qualquer som que serve, mas apenas aquele que é recortado e se torna matéria significativa. Saussure traz como exemplo um pano jogado no fundo de um navio que, ao ser içado, torna-se um *Signo*. Sabemos, contudo, que não é qualquer pano que serve para uma bandeira. Não estamos falando do tipo de tecido, mas de características especiais selecionadas pelo sistema semiológico. Se queremos içar uma bandeira de paz, tanto faz que ela seja uma toalha de mesa, um lençol, um pedaço de pano qualquer, mas precisa ser branco e não vermelho, ou amarelo, ou preto. Assim, enquanto esses panos não são içados, possuem em si a potencialidade de tornar-se um *Signo*. A *Figura Vocal*, então, seria esses sons que possuem a qualidade de tornar-se significáveis. Essa qualidade não natural a este ou àquele som, mas é algo cedido pela própria língua. Ela escolhe sua matéria e a molda conforme suas necessidades (Hjelmslev, 2006).

Podemos, com isso, perceber um percurso de um determinado lado que é: i) som, que torna-se ii) *Figura Vocal* por meio da seleção feita pelo iii) *Significante* do qual torna-se *substância*.

Do outro lado, podemos enxergar um percurso semelhante. O termo que Saussure opõe à *Figura Vocal* é *Forma-Sentido*. Note-se que, aqui, Saussure não está opondo o lado material ao lado psíquico, pois ele não diz que a *Figura Vocal* se opõe à *Forma* e ao *Sentido*, mas ele cria um substantivo composto fazendo a junção dos dois termos anteriores *Forma-Sentido*. Neste ponto, precisamos, inevitavelmente, voltar a Hjelmslev. O linguista dinamarquês, ao formular a ideia de que toda *Expressão* e *Conteúdo* possuem *forma* e *substância*, explica que

tanto a *substância* fônica, a que Saussure chama *Figura Vocal*, quanto a *substância* do pensamento, que chamará *Sentido*, não possuem existência que seja anterior à língua “[...] nada autoriza que se faça preceder a língua pela ‘substância do conteúdo’ (pensamento) ou pela ‘substância da expressão’ (cadeia fônica) [...]” (Hjelmslev, 2006, p. 55). Em seguida, prossegue afirmando que “[...] a substância depende exclusivamente da forma e que **não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente**” (Hjelmslev, 2006, p. 55 – destaques nossos). Esse comentário de Hjelmslev aparece como uma crítica de um trecho do *Curso de Linguística Geral* em que Saussure parece estar admitindo uma existência das *substâncias*, que seja anterior à língua. Por isso, mesmo admitindo e necessitando de um *Sentido* como *substância* do *Conteúdo* para sua teorização, ele continua frisando que essa *substância* é totalmente dependente:

O sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e **não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer**. Portanto, constatamos no *conteúdo* linguístico, em seu processo, uma *forma* específica, a *forma do conteúdo*, **que é independente do sentido com o qual ela se mantém numa relação arbitrária e que ela transforma em substância do conteúdo**. (Hjelmslev, 2006, p. 57 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

A existência do *Sentido* é totalmente condicionada à existência da forma do *Conteúdo*, isto é, o *Sentido* depende da necessidade do *Significado*, passando de matéria a *substância* pelas especificidades do *Significado*. Para Hjelmslev, o *Sentido* “nasce” pelo chamado do *Significado*.

Não há como não fazer aqui uma comparação com a própria história da existência para os cristãos. Lê-se no capítulo primeiro do livro de *Gênesis* que a terra era “[...] vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus agitava a superfície das águas” (Gn. 1, 2). Para os cristãos, Deus chamou tudo à existência. Como não era raro os linguistas tomarem histórias como essas para exemplificarem seus postulados, podemos pensar nesse processo expresso no livro sagrado dos cristãos em que algo que é vazio e vago em si mesmo torna-se alguma coisa pelo chamado, pela seleção de outrem. Além disso, tem outro termo no livro de *Gênesis* que parece significativo nessa comparação com a teoria hjelmsleviana, que é o termo *Abismo*.

Jordan B. Peterson, psicólogo e professor canadense, afirma que, no relato de *Genesis* existe um potencial que é simbolicamente associado ao *Abismo*. Para Peterson, o *Abismo* representa a potencialidade da existência, ou seja, o caos, que é a desordem do *Abismo*, é a matéria prima de toda criação e isto é uma metáfora aplicável a vida cotidiana do ser humano. Por fim, Peterson assegura que histórias como as de *Gênesis* são “[...] uma tentativa por parte da poesia e da metáfora de dar forma conceitual, inicial e ordenada ao **amorfo**” (Peterson, 2021, p. 261 -destaque nosso). Essa descrição de Peterson torna-se muito interessante para o nosso

trabalho, pois parece enquadrar a tentativa de linguistas como Saussure e Hjelmslev de achar a ordem no *Abismo*, ou seja, nos dois abismos do qual a língua convoca seus elementos à existência: o som e o pensamento. De fato, Saussure, no *Curso de Linguística Geral* dirá que o pensamento é uma massa amorfa. O mesmo pode se dizer dos sons.

É mister lembrar ao leitor que Hjelmslev não teve acesso ao manuscrito EDL e nem a muitos outros, portanto, essa crítica do linguista dinamarquês deve ser entendida como voltada ao *Curso de Linguística Geral* sem consideração às outras obras saussurianas. Isto fica mais claro ao compararmos a proposição de Hjelmslev com a citação de Saussure no início do EDL. Quando o genebrino traz o termo *Forma-Sentido* como uma oposição da *Figura Vocal*, compreendemos que aí há uma aproximação com o que Hjelmslevalaria posteriormente. Atente-se para o fato de que o termo *Forma-Sentido* parece indicar duas coisas: A primeira é a precedência da *Forma* quanto ao *Sentido*; o fato de ela vir antes parece indicar que ela seleciona o *Sentido* conforme disse Hjelmslev. A segunda observação é que a escolha de Saussure em unir esses dois termos por meio do hífen deixa transparecer a ideia de dependência. O *Sentido* só existe porque o *Significado* o seleciona, ou ainda, a *Forma do Conteúdo*, segundo Hjelmslev, é o que torna possível a existência do *Sentido*. Portanto, se observarmos o conjunto dos escritos saussurianos, podemos compreender que quando Fiorin (2003) comenta sobre uma reforma radical proposta pelo linguista dinamarquês para os termos *forma* e *substância*, a radicalidade pode ser relativizada na leitura de outros escritos como o EDL, de modo que as concepções de *forma* e *substância* entre esses linguistas tornam-se mais estreitas, apesar de seus diferentes projetos.

Como dissemos anteriormente, será inevitável e até mesmo imprescindível retomar o termo *Sentido* em nossa tese, mas, especificamente, neste momento, trazemos esse conceito para ilustrar o posicionamento que já assumimos desde nossa dissertação, isto é, do *Sentido*, em Saussure, como a parte mais material do *Significado*; e também ilustrar a essência dupla da linguagem, que dá nome ao manuscrito, abordada por Saussure. A língua é de dupla essência, pois se constitui na junção de matérias distintas entre si, mas que, selecionadas pela própria língua, servem-lhe aos propósitos comunicativos.

2.3.2 Estabelecendo os domínios

Em certa parte do manuscrito EDL, denominada pelos editores de *Semiologia*¹⁷, Saussure apresenta ao leitor três domínios em que parece se dividir a linguagem humana. São eles: i) o domínio não linguístico do pensamento puro; ii) o domínio linguístico do *Signo* vocal e iii) o domínio linguístico do som puro.

Essa divisão, engendrada por Saussure, nos chama atenção por dois motivos: o primeiro é que se aproxima do que ele havia falado para Meillet sobre escrever um livro para mostrar o linguista o que este faz. Com essa divisão didática, Saussure vai apontar qual seria o lugar do linguista em suas diferentes pesquisas: sincrônica ou diacrônica, o que, aliás, ele procurará fazer durante todo o manuscrito. O segundo motivo que nos chama a atenção é que o estabelecimento desses domínios também torna mais evidente a questão da dupla essência da língua, que existe entre dois domínios.

O primeiro domínio, que Saussure chama de o *Domínio não linguístico do pensamento puro*, é o lugar de uma das essências da língua. No pensamento, matéria prima do *Significado*, de onde este toma a sua *substância*, seria, como propomos, o lugar do *Sentido* para Saussure, o que o aproxima de Hjelmslev em seu desenvolvimento posterior. É mister refletir quanto às características desse domínio.

A primeira informação importante é que Saussure caracteriza esse domínio como não linguístico. Embora seja uma das essências da linguagem, não se encontram lá os fenômenos pertinentes ao linguista. Saussure reconhece que ali há algo importante de ser observado e estudado, mas não chega a dizer qual ciência deve observar esses fenômenos, apenas deixa claro que não é a ciência linguística. Em seguida, ele explica que a esse domínio pertencem as categorias absolutas e exemplifica: “a categoria SOL, ou a categoria do FUTURO ou a do SUBSTANTIVO *contanto que sejam dadas como realmente absolutas e independentes dos signos vocais* de uma língua, ou das infinitas variedades de quaisquer signos” (Saussure, 2012, p. 43 – destaques do autor). Neste trecho, Saussure aborda uma existência independente dos *Signos Vocais*, isto é, daquilo que se torna um *Signo* da língua e daquilo que se realiza na fala.

Talvez esta afirmação de Saussure dê margem para a crítica de Hjelmslev quanto à possibilidade da existência de termos independentes da língua, contudo, parece-nos que, na realidade, se trata muito mais da compreensão do *Sentido* como fator comum entre as línguas, de modo análogo à teoria hjelmsleviana. Notemos os exemplos trazidos por Saussure: *sol*,

¹⁷ Bouquet e Engler (2012) explicam que os títulos que aparecem entre colchetes foram dados pelos editores e não por Saussure.

futuro e substantivo. Tomemos a categoria do *futuro*. Sabemos que todas as línguas articularão o sentido de *futuro* de diferentes modos, contudo, todas compartilham desse fator comum, de uma ideia de algo que ainda acontecerá, de algo que não é o agora. Da mesma forma, podemos pensar na categoria *sol*. Existe um sentido compartilhado do que é *sol*, podemos pensar, inclusive, numa questão sensorial¹⁸, daquilo que o ser humano sente. Não foi à toa que Saussure escolheu esse termo para exemplificar o que queria dizer. O sol é constitutivo da vida humana, sem ele não haveria vida na terra, então é de se esperar que todas as línguas expressem a seu modo o *Sentido* de *Sol* que é compartilhado entre as diferentes línguas, entre as diferentes sociedades. Seria então uma categoria absoluta aquilo que é *Sentido* pelo ser humano, pelo ser social? Saussure prossegue, então sua preleção:

Não cabe ao linguista examinar onde pode começar, realmente, essa libertação do signo vocal, **se certas categorias preexistem e se outras pós-existem ao signo vocal**; se por conseguinte, algumas são absolutas e necessárias para o espírito e outras relativas e contingentes; **se algumas podem continuar a existir fora do signo [...]**. (Saussure, 2012, p. 43 – destaques nossos).

Depois de reafirmar que não é papel do linguista examinar essas categorias absolutas, Saussure deixa como possibilidade a preexistência e a pós-existência delas. Quando pensamos em matéria-prima da língua, nos encontramos diante de dois grandes abismos nebulosos por si sós. Tanto o pensamento quanto o som nada significam fora dos domínios da língua, mas a partir dela e por meio dela tornam-se *substância*, o caos do abismo torna-se luz. A preexistência, que Saussure admite que possa existir, não é de um *Significado*, de um *Signo*, de uma *Significação*, ou de qualquer coisa que em si mesmo seja algo; o que, na realidade, a colocação de Saussure parece indicar é que há um *Sentido* que é anterior ao *Signo* e à sua realização na fala. Este *Sentido* é aquilo que é uma percepção comum entre os homens, mas que só existe, de fato, para o falante pela ação da própria língua. Só é uma *substância* aquilo que a língua seleciona e recorta. Este lugar da *substância*, Hjelmslev (2006) chamou de zonas de sentido.

Agora, como podemos pensar na pós-existência do *Sentido*? A nosso ver, é um pouco mais complicado de articular o pensamento de Saussure neste ponto. Hjelmslev (2006, p. 59 – destaque nosso) afirma que a relação entre forma e *substância* “[...] do ponto de vista do sentido, é **arbitrária**, e explicável apenas pela função semiótica de que ela é manifestamente solidária.” Se seguirmos o pensamento de Hjelmslev, concordaremos que há alterações nessa relação *Sentido/Significado*, justamente por ser uma relação arbitrária. O próprio Saussure, no trecho que nos levou a pensar no *Sentido* como *substância* do *Significado* nos diz isso ao comentar sobre alterações fonética que podem afetar o *Significante* e de alterações de *Sentido* que podem

¹⁸ Esta é, aliás, o mais próximo do que é *Sentido* para Hjelmslev: uma questão sensorial.

afetar o *Significado*. Sendo assim, estar na zona de sentido, ou seja, ser uma *substância* da língua é estar sujeita a mudanças. Como pode então uma categoria pós-existir ao *Signo Vocal* entendendo, é claro, que essa pós-existência estaria implicando uma mudança ocorrida nele? Aqui precisamos entender o que Saussure quer dizer com pós-existir e se ainda está falando de *Sentido*. Não cabe a este trabalho focar-se na mudança linguística, mas tomemos rapidamente um exemplo para tentarmos apreender a reflexão de Saussure: Na linguística histórica, é possível retomar um determinado termo, uma forma que tenha sido *Significante*. Embora desprovida de *Significado*, esta forma pode ser estudada pela fonética, pois, nas sucessões temporais, é isto que é recuperável, a *Figura Vocal*. No caso das formas que pós-existem, tratamos de um conjunto (*Significante/Significado*) que teve sua relação alterada, ou seja, que mudou, então algumas vezes certas formas sobrevivem, podendo ser rastreadas no tempo. Nós podemos tomar como exemplo algumas línguas antigas como o latim, que já não é mais falado, ou mesmo o grego antigo, ou hebraico antigo, das quais podemos tomar determinada palavra e ter acesso a um determinado *Significado*. Talvez seja nesse sentido que Saussure afirma que “[...] só se pode dominar a mudança de significação vagamente com relação ao conjunto” (Saussure, 2012, p. 41). Ainda que mudem as *Significações*, de um modo vago e parcial, podemos ter acesso a isso em alguns casos, esse acesso é pela forma material do *Significado*, sobre o qual repousam as *Significações*. Há, certamente, uma *substância* que fica e que nós podemos recuperar, talvez pela própria noção que estamos explorando quanto ao *Sentido*, ou seja, temos acesso parcialmente a um determinado *Significado* do passado através do que sobrevive de sua *substância* que é, muitas vezes sensorial, um fator comum compartilhado e que nos dá, em parte, acesso ao seu conteúdo. De todo o modo, Saussure explica que a existência dessas chamadas categorias absolutas, exterior ao domínio linguístico, “[...] é uma questão muito duvidosa, a ser examinada, em todo caso, por outro que não o linguista” (Saussure, 2012, p. 67), delineando, mais uma vez, o campo de atuação do linguista.

As categorias absolutas ou uma possível pós-existência de uma *substância* do *Significado* não devem levar o leitor a acreditar que o pensamento é o que define a língua, ou mesmo que lhe é anterior. Saussure esclarece que **“não é o pensamento que cria o signo¹⁹, mas o signo que determina, primordialmente, o pensamento** (por conseguinte, o cria, na realidade, e o leva, por sua vez, a criar signos, sempre um pouco diferentes daqueles que recebeu” (Saussure, 2012, p. 45 – destaques nossos). Essa afirmação de Saussure causa uma

¹⁹ Vale notar que aqui o termo *Signo* parece abarcar a entidade global, isto é, *Significante* e *Significado*, pois não faz sentido, diante de tudo o que já fora expresso por Saussure, que o *Significante* molde o pensamento e sim a língua, ou nesse caso, o *Signo* em sua totalidade.

certa estranheza, mas explica bem essa relação pensamento/língua. O pensamento só existe pela língua, e Saussure exporá isso de modo claro no *Curso de Linguística Geral*, pois sem a língua o pensamento é uma “massa amorfa”. A língua cria o pensamento, mas, ao mesmo tempo, leva o pensamento a criar também signos diferentes. A língua seleciona e transforma a matéria do pensamento em *substância*, em *Sentido*. Ela o cria, mas também concede, se podemos assim dizer, uma autonomia, pois a *substância* se modifica, o que causa mudanças de *Significado*. Este primeiro domínio é o que reconhecemos como o lugar do *Sentido* em Saussure.

O segundo domínio é o domínio linguístico do *Signo Vocal*. Este é o lugar em que Saussure colocou o linguista. Segundo ele, esse domínio é ao mesmo tempo “[...] do *pensamento relativo*, da *figura vocal relativa* e da relação entre os dois” (Saussure, p. 43 – destaques do autor). Em relação a esse segundo domínio, Saussure será mais sucinto, abordando apenas a questão da relação pensamento/som. O que o genebrino enfatiza desse domínio é a dupla essência, o lugar onde essas *substâncias* se encontram e aonde os linguistas vão voltar os olhares, pois é o lugar dos fenômenos linguísticos. Embora haja pouca informação na seção que começamos a tratar, Saussure pontua duas características importantes desse domínio: a primeira é que é o domínio do *pensamento relativo*; a segunda é que é o domínio da *Figura Vocal relativa*. Essa afirmação sugere que o segundo domínio é muito mais amplo do que podemos imaginar pela leitura do *Curso de Linguística Geral*. Em seu livro, *Introdução à leitura de Saussure*, Simon Bouquet faz uma crítica ao pensamento conclusivo que foi colocado na obra póstuma por Bally e Sechehaye, afirmando que a relação língua e *Fala* é muito complexa e que essa tão famosa dicotomia saussuriana não estava tão clara em sua teorização, fazendo crer que há uma linguística da língua e uma linguística da fala. Bouquet afirma ainda que isso se dá devido a uma “[...] ambiguidade terminológica que o *Cours* torna inextricável ao fixar os termos de um pensamento inconclusivo e, sobretudo, ao ocultar a confissão dessa inconclusão” (Bouquet, 2004, p. 274 – destaque do autor). Esse tema será abordado em seção posterior, mas torna-se importante, desde já, chamar a atenção para essa característica desse domínio, pois parece ser o lugar da *Significação* em Saussure, esse domínio onde língua e fala se fazem presentes.

Por último, temos o domínio linguístico do som puro. Esse é o terreno das *Figuras Vocais* consideradas sem relação com o *Sentido* ou com sua *Forma*, ou seja, trata-se unicamente do invólucro material. Assim como no segundo domínio, não há muitas informações. Na realidade, na sequência da seção que trata dos domínios, ele nem sequer é explorado. Como estamos falando de um manuscrito e não de uma obra acabada, talvez Saussure fosse retornar à escrita mais à frente. O caso é que não há essa menção direta como houve com os outros dois domínios, pelo menos, não na seção *Semiologia*. O que podemos tomar daquilo que Saussure

apresenta na seção em questão é que esse é um domínio linguístico. Isso não poderia ser diferente uma vez que era, justamente nesse domínio que atuava Saussure. A linguística histórica trata exatamente das sucessões de som no tempo, ou seja, ela se ocupa da *Figura Vocal*, esse campo de estudo seria a fonética. Aqui se situa Saussure e ele declara ser um domínio perfeitamente linguístico, pelo menos no que tange a *Figura Vocal* na sucessão temporal.

Esses três domínios parecem englobar estudos que vão além da linguística, mas que estão no campo da linguagem. A sua delimitação pareceu importante para Saussure identificar um campo de atuação primordial do linguista e, para nós, é importante por nos situar em relação a dois termos da semântica saussuriana, a saber, *Sentido* e *Significação*. Pudemos apreender em nossa leitura que esses termos pertencem a domínios diferentes e, portanto, possuem um funcionamento diferente, mas que ao mesmo tempo estão ligados, ao que parece, por um outro termo: *Significado*. Pudemos também compreender que, pela descrição de Saussure, o segundo domínio, o do *Signo Vocal*, parece ser extenso e abarcar muitos fenômenos, tendo ramificações com os outros dois domínios.

2.3.3 Conceituando a *Significação* nos ELG

Como já explicamos anteriormente, os termos usados por Saussure para designar algum fenômeno da língua, muitas vezes, se misturam, se alternam, causando certa confusão. Portanto, não é um trabalho fácil discernir entre os diferentes usos que o genebrino faz de um mesmo termo. Em um determinado ponto do manuscrito EDL, Saussure ajuntará todos esses termos para tentar definir o que é a essência da língua. Ele declara então:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor*, *sentido*, *significação*, *função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a *ideia* como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, **é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal**. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. (Saussure, 2012, p. 30 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

Nós sabemos que a teoria do *Valor* foi o grande salto linguístico da obra fundadora *Curso de Linguística Geral*. Aqui, Saussure está delineando essa teoria e, dentre esses termos da órbita semântica, ele elege o termo *Valor* para expressar a essência da língua, que, vale frisar, é negativa e diferencial. Essa afirmação de Saussure parece-nos uma reflexão inicial da teoria que se consolidaria na obra publicada por Bally e Sechehaye e parte da constatação de que são sinônimos, o que, de fato, se manterá em teorias posteriores, ou seja, o ato de usar indistintamente *Sentido* e *Significação*, por exemplo, tomando-os como sinônimos. Neste

mesmo manuscrito, teremos inúmeros exemplos em que o pai da linguística moderna os tomará como termos bem distintos uns dos outros.

A partir do que Saussure expõe sobre o *Valor*, ou seja, que é a essência da língua negativa e diferencial, podemos partir para uma aproximação do que seria *Significação* para ele. Como podemos ver na citação, o linguista afirma que “uma forma não significa, mas vale”. É preciso compreender que o mestre genebrino está, aqui, tentando descrever o sistema da língua, ou seja, aquilo que a sustenta, aquilo que permite a individualidade tão característica da fala, bem como as inovações que são possíveis a partir dessas idiossincrasias linguísticas. Sendo assim, dentro da língua enquanto sistema, o termo que entra em vigor como o descritor de sua essência é o *Valor*. Esse termo vai alinhar bem a solidariedade necessária aos *Signos*, isto é, eles não funcionam isoladamente, mas são definidos pelo que está fora deles, pelos *Signos* que o ladeiam, bem como pela concorrência de outros que, mesmo não sendo verbalizados no momento da *Fala*, sabe-se de sua existência. Apesar dessa importância do *Valor* na teoria saussuriana, o próprio linguista esclarecerá que essa relação expressa pelos valores é bem complexa e não consiste de um único elemento. Para ele os valores de uma língua:

[...] não consistem nem nas formas nem nos **sentidos**, nem nos signos, nem nas **significações**. Eles consistem na solução particular de uma certa **relação geral entre os signos e as significações**, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferença geral das significações *mais a atribuição anterior de certas significações a certos signos reciprocamente*. (Saussure, 2012, p. 31 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

Nota-se a complexidade do que é a essência da língua para Saussure, sobretudo, quando observamos a última parte da citação em que ele menciona atribuições anteriores de algumas *Significações*. Embora o sistema deva ser analisado de forma sincrônica, o próprio Saussure afirma que a língua sempre pressupõe um estado anterior e ainda que o falante faça tábula rasa do passado, esse passado atua nas próprias relações de valores, ou seja, na essência da língua.²⁰

Outro fato importante a se destacar dessa citação é que, mesmo tendo assegurado, um pouco antes, que os termos *Sentido*, *Significação* e *Valor* eram sinônimos, agora ele traz esses termos como se fossem claramente diferentes, contudo, parece-nos que, no trecho em questão, *Significação* é o mesmo que *Significado*, aliás, toda vez que temos o termo *Significação* relacionado ao *Signo*, sendo este entendido como contraparte e não como a entidade global, haverá uma sinonímia com *Significado*.

²⁰ Esse ponto de intersecção entre sincronia e diacronia será discutido ao longo da terceira seção, mas sobretudo na quarta, em que trataremos mais a fundo dessa aparente dicotomia.

A *Significação* começa a tomar uma forma mais consistente, para nós leitores de Saussure, quando ele discorre sobre a *Figura Vocal*; enquanto tenta definir esse termo, acaba explicando-nos um pouco sobre sua visão do termo:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um *pedaço de pano*, jogado no fundo do navio, se torna um sinal no instante em que é içado **1º entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para uma significação; 2º entre cem outros que *poderiam* ser içados, e cuja lembranças não contribui menos para a []**²¹. (Saussure, 2012, p. 38 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

A *Figura Vocal*, como já dissemos, é a designação dada por Saussure para a *substância* do *Significante*. Ainda que seja uma matéria selecionada pela língua, só se torna significativa quando entra em jogo na própria língua, isto é, no momento da *Fala*, da enunciação. Observa-se que os *Signos* içados contribuem para “uma significação”. Aqui está em evidência o *Valor*, mas, ao mesmo tempo, destaca uma relação que será retomada no *Curso de Linguística Geral*, que é a do *Valor* com a *Significação*. As relações estabelecidas no sistema pelas diferenças do termo e sua negatividade contribuem para a *Significação*. Destaca-se também, neste trecho, que a lembrança dos outros *Signos* que poderiam ter sido içados, ou seja, usados no momento da enunciação, contribuem igualmente para a *Significação*. Embora haja uma lacuna no manuscrito, este termo poderia se encaixar perfeitamente e, parece-nos a sequência lógica dada a primeira formulação.

A proposição de Saussure, como a entendemos, de que a *Significação* recebe contribuição não apenas do que é formulado no sistema, mas também pela lembrança do que comporta esse sistema, ainda que não seja articulado no momento da *Fala*. Isso nos remete a formulações posteriores ao mestre genebrino, como a da Análise do discurso, por exemplo, com a ideia do “não-dito”. Em análises como essas, o que não é dito contribui tanto quanto o que é dito para a formação dos sentidos²².

Partindo dessa concepção de que o não-dito também contribui para a *Significação* nós somos levados à atividade do próprio falante. Vejamos o que explica Saussure ao falar sobre os termos que compõem a língua:

Nós somos sempre reconduzidos aos quatro termos irreduzíveis e às três relações irreduzíveis entre eles, **que formam um todo único para o espírito**: (um signo / sua significação) = (um signo / e um outro signo) e, além disso = (uma significação / uma outra significação). (Saussure, 2012, p. 39 – destaques nossos).

²¹ Os colchetes vazios indicam uma lacuna no manuscrito.

²² Uso o termo mais recorrente na área da AD, mas dentro do que estamos propondo em nossa tese, seria mais conveniente, partindo de uma visão saussuriana, chamar *Significação*.

Trazendo novamente ante o seu leitor a complexidade do sistema linguístico, ao apontar as relações muitas vezes inapreensíveis, o mestre genebrino enfatiza o papel do falante na *Significação*. Apesar das relações dentro do sistema envolverem processos diferenciais e negativos de alta complexidade, o que chega ao espírito do falante é um todo único, isto é a *Significação*. Esta proposição torna-se necessária para justificar o próprio processo comunicativo. Arrivé (2010) afirma que se na língua só existissem termos negativos, sem nada de positivo, a comunicação seria impossível. Saussure também admitirá isso em seus escritos: “[...] **sem essa ficção o espírito seria literalmente incapaz de dominar uma tal quantidade de diferenças**, em que não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme” (Saussure, 2012, p. 61, destaques nossos). Essa percepção do espírito, isto é, do falante, de um todo único, de um fato positivo, é necessário para que a língua cumpra seu papel comunicativo. A massa falante, o sujeito falante, a comunidade linguística estabelecida não dariam conta no ato de comunicação de apreender todos esses processos. Eles são automáticos no sistema linguístico.

2.3.4 A álgebra da *Significação*

Saussure tenta expressar em uma fórmula matemática essa relação percebida no espírito do sujeito falante: “A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (**ou seja, o sujeito falante**) não percebe nem a ideia a nem a forma A , mas apenas a relação $\frac{a}{A}$ ” (Saussure, 2012, p. 39 – destaques nossos). Esta citação é, sem dúvida, de grande valia para o nosso trabalho por dois motivos: i) Saussure coloca o falante no centro do processo e não marginalizado como se supõe habitualmente. Ele não está excluindo o sujeito²³, mas dando-lhe evidência. ii) A fórmula apresentada por ele seria a própria *Significação*, aquilo que é apreendido pelo espírito do falante. Ele ainda apresenta as fórmulas $\frac{a}{AHZ}$ e $\frac{abc}{A}$ como tendo uma representação mais aproximada daquilo que é percebido pelo falante no sistema linguístico.

Em outra parte do manuscrito EDL, o mestre genebrino retoma essa ideia para reforçar — o que ele tenta fazer constantemente quando está abordando a essência da língua — que o sistema linguístico é puramente negativo e diferencial, não possuindo nenhum valor fixo, mas, à medida que faz isso, retoma também a ideia do que é *Significação*:

[...] A união do que tem uma significação para a língua é

²³ É comum dizer que o corte saussuriano exclui o sujeito. Pretendemos discutir esse ponto em sessão posterior pela importância que terá para a *Significação* em Saussure.

- a) a diferença ou a identidade da ideia SEGUNDO OS SIGNOS
- b) a diferença ou a identidade dos signos conforme a ideia; as duas coisas estando, além disso, **indissolivelmente unidas**. (Saussure, 2012, p. 68 – destaques nossos).

Tudo o que possui *Significação* em uma língua depende da união das relações que se fazem no sistema da língua. Embora Saussure não use aqui a fórmula que ele apresenta anteriormente, conseguimos visualizá-la na apresentação que faz. Podemos, então, ver, mais uma vez, a *Significação* como a união entre os termos que, posteriormente, seriam conhecidos como *Significante* e *Significado*. Outro ponto importante a se destacar dessa citação é que ele fala que esses dois elementos estão indissolivelmente unidos. Como sabemos, Saussure diz que o *Signo* linguístico é arbitrário, isto é, não possui nem laço natural entre seus elementos, nem tampouco com o que representa do mundo. Sendo assim, como os elementos do *Signo* podem estar indissolivelmente unidos? Mais uma vez entra em jogo o sujeito falante para que aconteça a *Significação*. Essa indissolubilidade existe apenas para o falante, na apreensão que seu espírito faz da língua. Essa impressão que o falante tem é a *Significação*.

2.3.5 O sujeito falante e a *Significação*

Essas proposições a que somos levados pela conjuntura do texto saussuriano, obrigam-nos a refletir, desde já, a *Significação* em toda sua complexidade, tendo-a como um fenômeno que transita entre a língua e a *Fala* e no qual o sujeito falante tem um papel preponderante, pois não se trata apenas de relações que acontecem na ordem própria do sistema. Um pouco mais à frente, ainda no manuscrito EDL, Saussure evidenciará ainda mais o papel do falante ou da massa falante no fenômeno da *Significação*, afirmando que “a palavra, assim como seu **sentido**, não existe fora da consciência que temos dela, **ou que nos dispomos a adotar a cada momento**” (Saussure, 2012, p. 76 – destaques nossos). Algumas explicações são necessárias: o termo *Sentido*, dentro desse contexto, parece-nos ter o mesmo valor que *Significação* e não o que adotamos desde o início, a saber, a *substância* do *Significado*²⁴. A partir daí, podemos concluir que a *Significação* não existe fora da consciência do falante, ou seja, da apreensão positiva que o espírito faz das relações do sistema. E para além das relações do sistema, Saussure apresenta-nos um elemento essencial para a *Significação*: o contexto comunicativo. Note-se que ele diz que a *Significação* não existe fora da consciência que temos de determinada palavra e da disposição que temos de empregá-la a cada momento. Duas palavras chamam a

²⁴ Não nos deteremos mais em explicar a oscilação de termos nos textos saussurianos, faremos apenas apontamentos quando o termo estiver sendo usado de modo equivalente aos termos-chave desta pesquisa para elucidar alguma questão.

atenção: emprego e momento. O termo *Emprego* evoca inevitavelmente a *Fala* e um gesto ativo do falante. Já a palavra momento evoca o contexto. Saussure aponta esses elementos também como base da *Significação*, ao que podemos ajuntar: a *Significação* não existe fora do contexto em que é empregada pelo falante. Esse papel da massa falante e do contexto é retomado por Saussure um pouco mais adiante:

Uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, daqueles que a empregam. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta de uma mesma sucessão de sons. (Saussure, 2012, p. 76 – destaques nossos)

Uma palavra só existe quando tem *Significação*, e isso vai acontecer pela sanção do falante, pelo emprego que faz dela no momento do ato comunicativo. É importante ressaltar como, neste momento, essas palavras retornam (emprego, momento) quando se trata da *Significação*. Saussure faz questão de frisar que a diferenciação, sobretudo de palavras que possuem a mesma sequência de sons, ou o mesmo *Significante*, vem da *Significação*.

O mestre genebrino não para por aí, afirma ainda que, de fato, uma palavra só adquire uma realidade no espírito do falante e que este “[...] é o único lugar em que ela teria seu sentido” (Saussure, 2012, p. 76). Só pode ser real aquilo que possui *Significação* e esta depende de elementos diversos, internos e externos.

2.3.6 A *Fala* e a *Significação*

Diante do exposto, podemos supor que olhar para a *Fala* seria capital para o estudo da *Significação*. Nos manuscritos *Notas preparatórias para os Cursos de Linguística Geral*, Saussure apresenta-nos um escrito que, para nós, é um tanto enigmático, mas que se refere à relação *Significação/Fala*: “Base, *entre outras coisas*, de qualquer estudo, a *expressão*. **Compreende o estudo das significações. Base, *entre outras*, da expressão: **significação****” (Saussure, 2012, p. 282 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito). Usando um termo que, posteriormente seria tomado por Hjelmslev para tratar do *Significante*, Saussure indica uma ligação com o momento da *Fala*, ou seja, com a língua em uso.

Dissemos que o texto é enigmático, pois ele não deixa claro que está se referindo à *Fala*, mas é o que conseguimos apreender pelo contexto. Ele assegura que a *expressão* é a base de qualquer estudo, o que nos aproxima da língua, pois é por meio da fala que chegamos a ela. Em seguida, afirma que a *expressão* compreende o estudo das *Significações*. Se estivermos certos quanto ao termo fazer referência à *Fala*, vai se tornando mais claro a acepção do mestre

genebrino quanto à *Significação* deslocando-a do terreno da língua para a *Fala*, ou mesmo estabelecendo-a entre dois terrenos²⁵. Na última assertiva, Saussure declara que a *Significação* é uma das bases da expressão, ao que concluímos: a *Fala*. Isso ele já havia mencionado na citação anterior, ao afirmar que a *Significação* é o que diferencia duas sequências de sons iguais, ou mesmo uma sequência de sons qualquer daquilo que tem *Valor* em uma língua.

2.3.7 *Significação*: um terreno sincrônico

Outro detalhe importante sobre a *Significação* que conseguimos apreender de Saussure e que se relaciona diretamente com a atividade do falante, pode ser captada no momento em que ele está fazendo a distinção entre sincrônico e diacrônico:

Todo fato estático é, por oposição aos fatos diacrônicos, **acompanhado de significação** (e, por isso, de uma outra característica fundamental). **Tudo o que concorre para a significação, de qualquer maneira, é reciprocamente estático.** (Saussure, 2012, p. 199 – destaques nossos).

Com isso, o mestre genebrino situa a *Significação* entre os fatos sincrônicos, o que parece ser uma consequência lógica de sua acepção do termo, uma vez que evoca o falante, o momento e o sistema. Na diacronia não temos concorrendo esses fatos, pois, na visão saussuriana, fazer diacronia é fazer fonética, isto é, som desprovido de qualquer *Significação*. É ainda salutar observar que Saussure afirma que os elementos da *Significação*, aquilo que concorre para que ela aconteça, são igualmente estáticos, pertencem à sincronia.

A inserção do sujeito, ao localizar a *Significação* na sincronia, não se encerra por aí, pois Saussure atrela aquele termo a *Emprego*, como já vimos sutilmente antes, mas agora de maneira mais assertiva. Ao tratar de *Signos* diversos que correspondem a *Significações* diversas, aponta que este termo é o mesmo que *Emprego*, além disso, afirma que:

[...] **pode-se substituir, se assim preferir, significação (ou emprego) por ideia ou outra coisa, sem inconveniente grave** porque, sendo tudo uma diversidade, por conseguinte relativo, **não se é tentado a dar uma existência positiva** e finita a um dos dois termos independentemente do outro, ou a partir de um dos dois termos de preferência ao outro, **seja quais forem as palavras usadas.** (Saussure, 2012, p. 50–51 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

A princípio, é mister destacar a preocupação de Saussure em que não se entendesse que a língua é composta de elementos com existência independente e que possuíam *Significação* de antemão. Ele se esforça para realçar esse caráter negativo e diferencial do sistema linguístico. Nesse contexto, ou seja, em que falamos de *Signos* diferentes que correspondem a *Significações*

²⁵ Simon Bouquet (1997) questiona a separação língua e fala tão marcante no *Curso de Linguística Geral* de Bally e Sechehaye. Discutiremos mais profundamente essa relação língua/fala em seção posterior.

diferentes, sendo esta o mesmo que *Emprego*, podemos flutuar na terminologia, pois aí não estamos arriscando falsear a essência da língua, pois tudo trata-se de diversidade, de diferenças, daí procede o fato de poder usar, nas palavras de Saussure, qualquer outra coisa. Contudo, quando fala sobre a diversidade do *Signo* na *Significação* una, demonstra que essa flexibilidade de termos não é conveniente:

[...] é muito crítico começar a falar da diversidade do *signo* na **IDEIA una** em vez de falar de sua diversidade no *emprego uno* ou *significação una* []: porque isso é cair no erro de acreditar que haja, anteriormente estabelecidas, quaisquer categorias ideais em que aconteçam depois, secundariamente, os acidentes do signo. **A unidade da “ideia” que preside, aqui, à diferença do signo, só tem como sanção o fato de estar em outro lugar e por sua vez na mesma língua encarnada numa unidade de signo por oposição a uma diferença de ideias** [...]. (Saussure, 2012, p. 51 – destaques do autor em itálico, caixa alta e aspas; destaques nossos em negrito).

Trouxemos um parágrafo quase inteiro de Saussure e que merece algumas explicações. Quando ele afirma que a diversidade do *Signo* na *Ideia* una é uma relação crítica, compreendemos que esse termo pode ser tomado pelo tradicional *Significado*²⁶, que é a contraparte do *Significante* e é, sem dúvida fruto do sistema, sendo, portanto, negativo, diferencial, arbitrário. Se, por conseguinte, falamos de diversidade de *Signos* em uma *Significação* una, isto é, de *Significantes* diferentes para uma mesma *Significação*, torna-se problemático usar o termo *Significado*. Perceba-se que, ainda que usemos palavras diferentes, podemos produzir uma mesma *Significação* em determinado contexto, assim é possível falar de diversidade de *Signos* em *Significação* una, lembrando que o arcabouço teórico saussuriano nos conduz a compreendê-la como fato positivo da língua, podendo ser tomada como algo que é, mesmo que seja essa uma relação ilusória que se passa no falante. Se substituirmos o termo *Significação* por *Significado* teremos um problema do ponto de vista teórico, já que este último não pode ser apreendido como fato positivo, nem tampouco como algo que é, incorrendo logo em um erro, pois arriscaria pensar que a língua é composta por elementos pré-estabelecidos em seu *Valor* e sabemos que, na teoria saussuriana, não é assim que o sistema se comporta.

2.3.8 *Significado e Significação*

Saussure fará diferenciação entre *Significação* e *Significado* em mais de uma ocasião, tornando-se essa diferença mais perceptível para seu leitor quando ele aborda a essência negativa da língua. Nesse caso, esses dois termos parecem ser chaves para que se compreenda a visão de língua do mestre genebrino. Ele afirma que a essência negativa da língua pode ser

²⁶ Esse é o termo que precede as explicações de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, sendo posteriormente substituído por *Conceito* e, por fim, por *Significado*.

avaliada pelo uso figurado das palavras embora frise que não haja muita diferença entre sentido próprio ou figurado, pois são apenas *Empregos*. Saussure traz então o exemplo da palavra *Suplício*: “[...] **se a ideia positiva de suplício fosse a verdadeira base da ideia de suplício, seria totalmente impossível falar por exemplo ‘do suplício de usar luvas muito apertadas’,** que não tem a menor relação com os horrores da grelha e da roda.” (Saussure, 2012, p. 73 – destaques do autor entre aspas e nossos em negrito). Ele toma a palavra *suplício*, ligada ao martírio dos santos cristãos que sofriam o suplício da grelha, onde eram assados vivos ou da roda em que seus membros eram esticados até se desgrudarem de seus corpos causando sofrimento até suas mortes. Agora, notemos a diferença crucial que Saussure faz entre esses dois termos a partir da palavra *Suplício*. É possível, e nós fazemos isso com certa frequência, usar a palavra *Suplício* para falar de situações do nosso cotidiano que envolve sofrimento, ou até coisas mais brandas como um leve desconforto ou constrangimento físico ou mental. Saussure menciona o “suplício de usar luvas apertadas”, mas podemos pensar no *suplício de falar com um amigo chato ao telefone*, ou no *suplício de acordar cedo*, ou ainda no *suplício de ser uma pessoa bonita*. Em nenhum dos casos há um castigo físico imposto que remetesse aos horrores vividos pelos cristãos, contudo em todos os exemplos ela está sendo perfeita e validamente usada em seu sentido figurado.

Quando retomamos a citação de Saussure, percebemos que ele traz a expressão “ideia positiva de suplício” e “base da ideia de suplício” o que equivaleria à *Significação* e *Significado* respectivamente. Já vimos que *Significação* é a positividade da língua percebida pelo falante, ao mesmo tem que também é *Emprego*, portanto, ideia positiva remete à *Significação*. Contudo, o linguista afirma e reafirma que a língua é puramente negativa e diferencial, logo, a *Significação*, que é algo positivo, não poderia ser a base, ou seja, não é ela o elemento interno que compõe o sistema de valores da língua. A base, chamará ele de *Significado* termo que pode tomar as características primordiais do sistema, ou seja, a negatividade. Saussure conclui então que: “[...] **não é a ideia POSITIVA contida em suplício e martírio, mas o fato NEGATIVO de sua oposição, que estabelece toda a série de seus empregos, permitindo qualquer emprego,** contanto que não invada o domínio vizinho.” (Saussure, 2012, p. 73 – destaques do autor em caixa alta e nossos em negrito). A *Significação*, por ser um fato positivo da língua, possui usos concretos, se assim podemos chamar, quer dizer, *Significação* é *Emprego*, então o falante parece não se importar com as diversas *Significações* de determinada palavra, mas só com aquela que usa em determinada situação. O fato da positividade da língua, seguindo os postulados de Saussure, parece tão ilusório que o falante tem a impressão de que a *Significação*

não pode ser outra além da que está usando em determinado contexto²⁷. Já o *Significado* é a base da palavra, a base de sentido, que por sua natureza negativa permite *Empregos* diversos, isto é, possibilita que haja *Significações* diferentes.

Significado está intimamente ligado a *Valor*, que por sua vez diz respeito ao sistema de uma língua. O *Significado* é base significativa do *Signo*, que tem seus valores definidos a cada momento pelas relações negativas e diferenciais do sistema de uma língua dada. Saussure usa como exemplo a palavra *Rei*, afirmando que esta não é mais a mesma se há um *Imperador*, ou um *Papa*. As relações feitas a cada momento no sistema são essenciais para estabelecer valores para o *Significado*, que por sua vez possibilita as diversas *Significações*.

Na página seguinte do manuscrito EDL, Saussure continua tratando da relação *Significado/Significação*, permitindo que vislumbremos o lugar de um e outro termo em sua teorização, a saber, que o primeiro termo está ligado ao sistema e o segundo ao ato comunicativo em si: **“Toda espécie de emprego que não caia no raio de ação de uma outra palavra não é apenas parte integrante, mas é também parte constitutiva do sentido dessa palavra, e essa palavra não tem, na realidade, outro sentido além da soma dos sentidos não reclamados”** (Saussure, 2012, p. 74 – destaques nossos em negrito). Embora na citação apareça o termo *Sentido*, compreendemos pelo contexto que este tem o mesmo valor de *Significado*. Sendo assim, temos que a *Significação* não só recebe o aval do *Significado*, isto é, tem-no como elemento constitutivo, mas também é elemento constitutivo do *Significado*, uma vez que cada novo emprego “alarga”, por assim dizer, o campo de sentido. É também interessante notar que o mestre genebrino afirma que o *Significado* de uma palavra é “a soma dos sentidos não reclamados”, por conseguinte, uma nova *Significação* amplia o *Significado*, transforma a base, o que demonstra uma relação de dependência mútua, relação essa que será tratada por Saussure no *Curso de Linguística Geral*.

Esta noção de base e uso vai aparecer também quando Saussure fala sobre novas *Significações*. Segundo o autor, uma nova ideia — entenda-se uma nova *Significação*, um novo *Emprego* — repousa sobre *Signos* opostos, pois há uma barreira negativa entre um e outro, repousando, portanto, uma nova *Significação* em um dos dois, ou nos dois, mas se opondo a um terceiro *Signo*. Trazemos isso para chegar à afirmação de Saussure de que as *Significações* não se esgotam, pois tem por base não um elemento positivo, mas negativo, não é algo que *é*, mas algo que *pode vir a ser*:

²⁷ Discutiremos essa hipótese em seções posteriores, isto é, da ilusão que o sujeito falante tem a propósito da *Significação*.

[...] **querer esgotar as ideias contidas numa palavra é uma empreitada totalmente quimérica**, a menos, talvez, que se fique limitado aos nomes de objetos materiais e de objetos totalmente raros, por exemplo o *alumínio*, o *eucalipto*, etc. Já, quando se toma o *ferro* e o *carvalho*, **não se chegará ao fim do total de significações (ou de empregos, o que é a mesma coisa)** que damos a essas palavras [...]. (Saussure, 2012, p. 71 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito).

As *Significações* contidas em uma palavra são inesgotáveis, pois a base da palavra, ou seja, o *Significado* é a soma de todas as outras *Significações* possíveis²⁸ e isso é algo realmente inesgotável à medida que se compreende o movimento dinâmico da língua.

O *Significado* parece ser uma espécie de célula da *Significação*, com seus vários compartimentos, com funções diversas. Estabelecendo essa metáfora com a biologia, que é tão cara aos estudos linguísticos²⁹, podemos pensar na descrição da função da célula feita pelo bioquímico Michael J. Behe. Ele explica que a “célula é um sistema dinâmico: ela fabrica continuamente novas estruturas e se desfaz de material velho” (Behe, 2019, p. 153). O *Significado* apresenta-se de modo semelhante a essa célula no corpo da *Significação*. Portanto, a *Significação* é aquilo que o falante percebe, capta, é a positividade da língua, pois ele não daria conta do negativo, já o *Significado* é aquilo que é percebido pelo falante que tem um microscópio e vontade de ir mais a fundo, ou seja, o linguista.

Ainda sobre essa relação entre *Significado* e *Significação*, Saussure nos oferece outra diferença entre os termos para compreendermos como se encaixam em seu arcabouço teórico:

[...] **o sentido pode variar numa medida infinita** sem que o sentimento de unidade do signo seja, nem mesmo vagamente, atingido por essas variações. [...] se bem que, de um momento para o outro, pode muito bem acontecer, com efeito, **que a unidade seja rompida em favor dessas variações**. (Saussure, 2012, p. 48 – destaques nossos em negrito).

Compreendendo que na citação acima *Sentido* é o mesmo que *Significação*, percebemos que Saussure insiste na multiplicidade de *Empregos* de um *Significado*, contudo, aqui há o acréscimo de que essas variações não afetam, de um modo geral, a unidade do *Signo*³⁰, embora admita que isto possa acontecer.

Pensemos em exemplos corriqueiros. Quando formulamos um enunciado como *João é de lua*, para indicar comportamentos divergentes numa única pessoa, não há uma quebra da unidade do *Signo Lua*. Embora ele não esteja sendo usado para se referir ao satélite natural da terra, a *Significação* está dentro dos limites de um mesmo *Significado*, uma vez que faz referência as fases desse satélite natural. Outro exemplo interessante está em uma música gospel

²⁸ Por soma, estamos falando de todas as *Significações* que repousam sobre uma mesma base e não todas as *Significações* da língua.

²⁹ Até hoje usamos, no ensino da gramática e mesmo na linguística, termos advindos da biologia como, por exemplo, morfologia, o conceito de famílias linguísticas, língua mãe, línguas filhas, etc.

³⁰ Eis outro ponto em que o termo *Signo*, a nosso ver, está indicando a entidade global: *Significado/Significante*.

que diz: *Ele (Jesus) apaga o seu passado e não desiste de você*. Nesse enunciado, a palavra *Passado* poderia ser substituída sem prejuízo semântico — e provavelmente é isso o que fazem os devotos que não possuem uma boa memória para gravar a letra corretamente — por *Pecado*. Sabemos que *Passado* e *Pecado* não possuem o mesmo *Significado*, mas abarcam uma mesma *Significação*. Nesse contexto religioso em que o perdão está em foco, em que temos também no jogo linguístico a palavra *Jesus* que por sua vez liga-se à ideia de remissão dos pecados, compreendemos que *Passado* tem uma *Significação* de *Pecado*, ou uma história de pecado que precisa ser apagada, limpa. Apesar dessa *Significação*, não há uma quebra da unidade do *Signo*, pois o seu *Significado* comporta esse *Emprego* ainda que seja tão diverso. Podemos, então, retomar o que Saussure disse anteriormente, que o *Significado* é o total de *Significações* e, sendo estas inúmeras, é inadequado defini-lo pelo que ele é, ou seja, positivamente, mas apenas negativamente, dentro do sistema de valores de uma língua.

Mas quando uma *Significação* pode romper a unidade do *Signo*? Podemos tomar uma palavra com uso muito particular no português brasileiro. A palavra *Rapariga* é o feminino de *Rapaz*, mas para essa finalidade usamos *Moça*, que designa mulher jovem, virgem, menina que entrou na adolescência. Embora se saiba que o masculino de *Moça* é *Moço* e não *Rapaz*, continua-se fazendo uma ligação entre essas palavras como masculino e feminino. Contudo, o feminino de *Rapaz* seria *Rapariga*, mas essa palavra, comum no português europeu, tomou *Significação* de *mulher fácil, amante, ou mesmo prostituta*, sobretudo na região Nordeste do Brasil. Esse parece-nos um caso de quebra da unidade do *Signo*. Um *Significado*, que continha a ideia de mulher jovem, virgem, em algum momento também começou a abarcar a *Significação* uma *Significação* pejorativa. Essa variação foi tão forte que desarticulou a relação *Significado/Significante*, estabelecendo um novo *Significado* que se consagrou no português brasileiro. Ainda que a ideia de que *Rapariga* designa moça, adolescente, esteja presente nos dicionários, ela parece ser apagada na língua real. Isso pode nos ajudar a compreender ainda mais a *Significação* como fato positivo da língua. O falante não usa essa palavra pensando nas diversas possibilidades, ou seja, no seu *Significado* em si, mas naquilo que seu espírito percebe como necessário e único. Essa ilusão, como afirma Saussure, às vezes, é tão forte que pode romper com a unidade do *Signo*.

Mesmo diante da flutuação de termos de Saussure, nos *Escritos de Linguística Geral*, conseguimos apreender, através de pequenos fragmentos, a concepção do mestre genebrino quanto à *Significação*. Todavia, nos ELG o pensamento de Saussure estava em ebulição, ele estava construindo esse edifício teórico. A grande questão é se seu pensamento se aprimorou,

transformou-se, se abandonou algo de sua teoria. Prossigamos agora para os seus Cursos ministrados em Genebra.

3 O PROFESSOR SAUSSURE E A *SIGNIFICAÇÃO* EM DISCURSO DIDÁTICO

Nos deteremos agora à análise dos manuscritos referentes aos três cursos ministrados por Saussure em Genebra entre os anos de 1907 e 1911. A importância desses manuscritos advém do marco significativo na carreira do genebrino. Bally e Sechehaye (2008, p. 1) afirmam que, apesar da notoriedade adquirida por Saussure em Leipzig e Paris “[...] foi somente em 1906 que, sucedendo a Joseph Wertheimer na Universidade de Genebra, pode ele dar a conhecer as ideias pessoais que amadurecera durante tantos anos.” Tendo retornado a Genebra, foi nomeado professor extraordinário em 1891, mas o ensino estava voltado para história e comparação de línguas europeias. Quando assume o lugar de Wertheimer é que consegue se dedicar mais fortemente às questões linguísticas que ele vinha maturando desde Leipzig. Esta liberdade intelectual parece ter sido decisiva para os desdobramentos do pensamento em ebulição de Saussure, como evidencia Lima (2021), sobretudo porque a figura de professor, para a autora, tem influência nas formulações sobre a linguagem, ou seja, Saussure formula suas reflexões dentro de um contexto de ensino, ou seja, num discurso didático.

Além desse período se destacar por ter sido ponto culminante para as formulações que se consagraram com a posterior publicação do *Curso de Linguística Geral*, destacamos também o fato de que os editores, isto é, Bally e Sechehaye, utilizaram alguns cadernos de alunos presentes aos cursos. Na época, eles não tiveram acesso a todos, como explicam no prefácio da obra:

Cadernos bastante completos nos foram enviados pelos Srs. Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger, no que respeita aos dois primeiros cursos; quanto ao terceiro, **o mais importante**, pela Sra. Albert Sechehaye e pelos Srs. George Dégallier e Francis Joseph. (Bally e Sechehaye, 2008, p. 2 - destaques nossos)

Arrivé (2010) nos dá o número de alunos presentes em cada um dos cursos. No primeiro havia entre cinco e seis ouvintes, no segundo onze ouvintes e no terceiro, considerado o mais importante da tríade segundo os próprios editores, doze ouvintes. Se analisarmos a construção da obra póstuma, entre os dezessete (ou dezesseis) cadernos referentes ao primeiro e a segundo curso, Bally e Sechehaye só tiveram acesso a quatro. No tocante ao terceiro curso, dos doze cadernos, eles tiveram acesso apenas a três. Vale salientar que os editores não estiveram presentes aos cursos, embora a esposa de Sechehaye tenha estado presente ao terceiro curso, o que daria uma possibilidade de discussão e resolução de dúvidas. Contudo, o material que os discípulos de Saussure tinham em mãos não era muito extenso, uma vez que, do punho do próprio Saussure nada encontraram, como explicam decepcionados:

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi nossa decepção; **não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos.** (Bally e Sechehaye, 2008, p. 1 - destaques nossos)

O que de fato tinham para compor sua obra eram os cadernos de alguns alunos e o que estes compreenderam das elucubrações do mestre. Entretanto, não nos deteremos por agora nesses detalhes. O que queremos destacar é a importância que os cadernos dos alunos tiveram na concretização da obra que marcou a linguística.

Dos cadernos utilizados pelos editores, só temos acesso na íntegra ao de Albert Riedlinger, referentes ao primeiro e segundo curso. Os cadernos de Riedlinger tiveram uma importância tão grande na elaboração do *Curso de Linguística Geral* que, segundo John E. Joseph (2023), Bally e Sechehaye fizeram questão de enfatizar seu papel incluindo o seu nome como colaborador do empreendimento. Os outros cadernos utilizados pelos editores aparecem na obra crítica *Curso de Linguística Geral* de Rudolf Engler, que dispõe em colunas os manuscritos dos alunos e a obra de 1916.

Como já afirmamos anteriormente, os cadernos que vamos utilizar são os que foram editados por Eisuke Komatso. Referentes ao primeiro e ao segundo curso, utilizaremos o caderno de Albert Riedlinger, o qual foi utilizado também pelos editores. Além deste, para o segundo curso temos também o caderno de Charles Patois, que foi publicado na mesma edição que os de Albert Riedlinger. Quanto ao terceiro curso, usaremos o caderno de Émile Constantin. Este merece algumas considerações. O caderno de Constantin reaparece ao cenário linguístico em 1958, ou seja, quarenta e dois anos depois da publicação da primeira edição do Curso. O valor do ressurgimento dessas notas de Constantin está no fato de seu caderno ser considerado o mais completo em relação ao terceiro curso como afirma Bouissac (2012), usando, inclusive, esse argumento para apontar alguns problemas relacionados a autoria da obra póstuma que leva o nome de Saussure. Decerto, os editores, na época, nem sequer sabiam de sua existência. Sabendo-se que o terceiro curso foi exatamente aquele em que Saussure trabalhou as ideias consideradas mais revolucionárias para o cenário linguístico de então, será de grande valia analisar o caderno considerado o mais completo, mormente no que tange à questão da *Significação*, uma vez que é no terceiro curso que Saussure fará as predileções mais incisivas para as questões semânticas.

Antes de passarmos aos cursos, faz-se ainda necessário esclarecer um pouco mais sobre o título desta seção. Passamos do Saussure desconhecido ou pouco conhecido para um Saussure

cuja figura está marcada na história da linguística europeia e, através de sua obra póstuma, na Linguística de um modo geral. A figura do professor é importante para entendermos a conjunção do material de seus alunos. O discurso de Saussure é agora o de um professor, amadurecido pelo tempo e por seus estudos, que precisa esquematizar suas ideias em formato de aulas. Ele não estava falando apenas para pares, pois muitos de seus alunos não eram linguistas. É nesse esquema, de um discurso didático, que analisaremos a *Significação*. Em uma conversa com Léopold Gautier, um dos alunos que participaram de seus cursos de Linguística Geral, Saussure profere uma fala que nos parece pertinente para compreender o contexto do material que analisaremos:

Encontro-me diante de um dilema: ou apresentar o assunto em toda sua complexidade e admitir minhas dúvidas, que não cabem em um curso em que os alunos devem ser examinados. Ou então fazer algo simplificado, mais adaptado a um público de alunos que não são linguistas. Mas, a cada passo, me encontro parado por escrúpulos. Para chegar ao fim, precisaria de meses de meditação obstinada. (Gautier, 1911 *apud* Joseph, 2023, p. 765³¹)

Joseph (2023) afirma que esse é o comentário mais longo³² de Saussure sobre seu curso de Linguística Geral. Nele o professor confessa as barreiras que encontra para falar de uma linguística que o inquietava, a qual sentia a grande necessidade de mudança, de aprimoramento, mas que traziam questões que fugiriam da realidade de uma sala de aula em que os alunos teriam que ser examinados quanto aos conhecimentos adquiridos. Esse é o contexto de seus cursos, é nessa tensão entre o ir além e manter-se na linha de um discurso didático, que conduziria os alunos a um exame final, que Saussure elaborará suas mais brilhantes ideias que, posteriormente, revolucionariam a Linguística.

3.1 O Primeiro Curso de Linguística Geral e as primeiras considerações quanto à *Significação*

O Primeiro Curso de Linguística Geral, doravante PCLG, teve início em janeiro de 1907. O assunto desse primeiro curso foi basicamente a linguística histórica e evolutiva conforme nos atestam Salum (2008), no prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*, e Joseph (2023) em sua biografia de Saussure. Passemos, pois, a análise desse material quanto à *Significação*.

A primeira aparição relevante da palavra *Significação* está logo nas primeiras páginas do manuscrito. Saussure está falando sobre os erros linguísticos como o de achar que mudança

³¹ Joseph (2023) tem acesso a essas notas por meio de Godel (1957), texto esse que não acessamos.

³² Não o reproduzimos na íntegra.

é o mesmo que corrupção da língua, ou que a língua escrita tem precedência sobre a língua falada. O mestre explica que essa falsa precedência da escrita se deve ao fato de que há uma concepção de que a língua é um código, sendo, portanto, uma regra escrita como as gramáticas de determinada língua. Essa concepção é tão forte que faz com que o falante esqueça que aprendeu a falar antes de escrever e que ao chegar à escola já tem domínio sobre essa língua³³.

Ao exemplificar um pouco mais, Saussure deixa escapar, sutilmente, uma partícula de seu pensamento sobre *Significação*: “Le meilleur indice de cette conception erronée **c'est la signification que inconsciemment nous attribuons au mot**: prononciation (= exécution par la voix d'un signe écrit comme <en musique> d'une note par un instrument)³⁴” (Saussure, 1996, p. 4 – destaques nossos). Deste pequeno trecho podemos fazer algumas considerações importantes. A primeira delas é que Saussure parece destacar o papel do falante em relação à *Significação*. Assim como nos *Escritos de Linguística Geral*, o falante parece se destacar. Note-se que ele diz “nós atribuímos” e o contexto deixa claro que, para Saussure, a palavra pronúnciação não correspondia à *Significação* dada. Lembremos que, durante a análise dos ELG, o termo *Significação*, quando aparecia na acepção focada aqui, estava sempre relacionada a uma ação do falante. A segunda consideração tem a ver com a *Positividade*. Saussure não destaca, nesse trecho, relações negativas e diferenciais, não se trata do que a palavra “pronúnciação” não é, mas sim do que ela é, daquilo que os falantes percebem em seu espírito. A terceira e última consideração do trecho é o aparecimento da palavra *inconsciente* junto à *Significação*. Na realidade, o que temos é o advérbio *inconscientemente*, contudo, inevitavelmente, ele aponta para o substantivo *inconsciente*. Essa articulação do genebrino nos faz refletir sobre o processo que se dá na *Significação*; seria ela, exclusivamente, um processo inconsciente? A *Significação* não seria uma intenção manifesta, mas uma vontade latente do falante? Esta terceira consideração pretendemos responder mais à frente, contudo, desde já, podemos pensar que essa inserção, nesse pequeno trecho, pode ser um ponto chave para a questão.

Um pouco antes de falar sobre os erros linguísticos, Saussure explica brevemente a relação entre linguística e sociologia, chamando a atenção para o fato de a segunda ser a intermediária entre a primeira e a psicologia. Portanto, temos a sociedade como o campo no qual se realizam os fenômenos linguísticos, a própria língua, segundo Saussure, é um produto

³³ É interessante notar que as reflexões que Saussure faz sobre o ensino de língua materna no século XX, na Europa, ainda é atual no século XXI no Brasil.

³⁴ “O melhor índice dessa concepção errônea é a significação que inconscientemente atribuímos à palavra: Pronúnciação (= execução pela voz de um signo escrito como <em música> de uma nota por um instrumento.” (Tradução nossa)

social, logo, a sociologia, que se volta para o homem na sociedade, tem por objetivo, quando associada à linguística, auxiliar no terreno das realizações da língua, no campo em que já podemos entrever, até aqui, que o mestre genebrino coloca a *Significação*. Nesse campo, isto é, do homem em sociedade, a psicologia também será uma auxiliar da linguística e, podemos supor, o *inconsciente* deve estar presente.

3.1.1 A ordem própria da língua é uma necessidade

Ao avançar no manuscrito, Saussure abordará a classificação interior dos fenômenos linguísticos. Neste ponto, afirma que uma ordem, ou, como conhecemos posteriormente, a ordem própria da língua é uma necessidade sem a qual não seria possível conceber a *Fala* ou mesmo a linguagem. Embora a língua seja uma parte da linguagem, é a sua atuação que permite que a linguagem seja manifesta e assimilável em uma comunidade linguística, ou melhor, nas comunidades linguísticas. Essa ordem se reflete em um conjunto de associações que se estabelece no interior da língua. Saussure explica essas relações da seguinte maneira:

Comme premier élément de cet ordre nous devons poser: **l' association primordiale entre forme et idée et groupe d'idées**; puis une autre association sans laquelle la première ne pourrait <pas> exister: l' association de forme à forme, des formes entre elles³⁵. (Saussure, 1996, p. 66 – destaques nossos em negrito)

O genebrino coloca como o principal elemento dessa ordem interior a relação entre forma e ideia, ou, em outras palavras, a relação entre *Significante* e *Significado*. Indispensável se faz notar que ele coloca essa relação como primordial. Contudo, essa preeminência é compartilhada com a relação que essa entidade global, isto é, o signo, estabelece com o que ele chama de grupos de ideias. Saussure parece, já aqui, neste primeiro curso, estar apontando para um *Valor Linguístico*, ou seja, quando ele submete a relação *forma/ideia* a uma relação de grupos de ideias, estaria indicando as relações diferenciais e negativas características de um sistema de valores puros, conforme já havia dito e como ficará cristalizado posteriormente em na obra de 1916. O *Valor* também parece estar presente no que se segue, nas relações estabelecidas entre *Forma* e *Forma*. O esquema que Saussure usa para ilustrar suas colocações também evoca essa ideia de valor.

³⁵ “Como primeiro elemento dessa ordem nós devemos colocar: a associação primordial entre forma e ideia e grupos de ideias; depois, outra associação sem a qual a primeira não poderia existir: a associação de forma a forma, das formas entre elas.” (Tradução nossa).

Figura 1 – Esquema da língua

$$\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \quad \text{forme - forme - forme} \\ = \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right) \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right) \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right)$$

Fonte: Saussure, 1996, p. 66.

Saussure também afirma que sem essa segunda associação, ou seja, das *Formas*, a primeira não existiria. As *Formas* apesar de serem tão psíquicas quanto as ideias, tem uma ligação mais estreita com a *Fala*, pois sua *substância* e, conseqüentemente, sua matéria estão no plano dos sons, o que se torna mais evidente na comunicação. Toda essa esquematização nos leva a uma reflexão ainda maior sobre a relação língua/*Fala*. Colocando a relação entre *Significante* e *Significado* (forma/ideia) em consonância com um sistema de valores (relação entre grupos de ideias), ele estabelece uma ordem interna da língua que permite o estabelecimento da *Fala* e de outros fenômenos da linguagem, contudo, traça uma relação de dependência com a *Fala*, uma vez que é nela que os fenômenos linguísticos acontecem, é nela que novas *Formas* são testadas, é nela também que novas *Formas* podem se consagrar, sendo, por último, por ela que essas novas *Formas* entram na língua.

Quando afirmamos que Saussure estabelece uma relação de dependência entre língua e *Fala*, podemos nos apoiar no que ele mesmo afirma em relação às *Formas*, de que a associação entre elas se faz considerando que estão revestidas de uma *Ideia*. Isso ele explica com os exemplos chapéu/chapeleiro e hotel/hoteleiro³⁶. É fácil reconhecer a relação que existe entre cada um dos pares: chapéu e chapeleiro pertencem a um grupo semântico, ou um grupo de ideias; o mesmo podemos falar do outro par, mas podemos estabelecer uma relação entre chapeleiro e hoteleiro? Segundo Saussure sim, mas uma relação diferente. Nesse par, podemos estabelecer uma relação entre as *Formas* que o compõe, pois, no português, o sufixo *eiro* pode indicar uma profissão, ou o agente de alguma coisa. Sendo assim, podemos traçar uma relação entre *Forma* e *Forma*, mas compreendendo que esta estará sempre revestida de um *Significado*.

3.1.2 O consciente, o inconsciente e a *Significação*

Cheguemos, pois, ao ponto em que estas considerações nos aproximam do nosso objetivo que é compreender a *Significação* em Saussure. Pelo que vimos até agora, a

³⁶ No francês chapeau/chapelier e hôtel/hôtelier.

Significação, ainda que não dependa exclusivamente de elementos internos, tem por base o *Significado*, que por sua vez não pode ser considerado sem sua contraparte, o *Significante*, e mais, essa entidade deve ser considerada em suas relações negativas e diferenciais estabelecidas pelo sistema de valores que é a língua. Nesse contexto, diferente do que acontecia na gramática comparada, o falante fica em evidência, ou mais precisamente, ele é essencial para uma linguística sincrônica, para um estudo da *Significação*. Saussure deixa transparecer a importância do sujeito falante quando assevera que:

On arrivera à dire que la somme des associations <- conscientes ou non -> bien étudiées <équivaldra aux> classements conscients, méthodiques que pourra faire un grammairien, sauf sur un <seul> point: le grammairien fera intervenir l'histoire³⁷.
(Saussure, 1996, p. 66-67 – destaques do autor)

Esse trecho, deveras interessante, nos ajuda a compreender o papel do falante em todo esse aparato linguístico. Saussure assegura que as associações feitas naturalmente pelo falante, note-se, de modo consciente ou não, são equivalentes àquelas feitas de modo consciente e metódico por um gramático, ou podemos também dizer, um linguista. Contudo, essas associações vão divergir em um único ponto, enfatiza o genebrino, o gramático faz intervir a história em sua classificação, bem como em sua análise. Este único ponto é também um ponto de divisão, pois Saussure declara que este elemento inserido pelo linguista é completamente ignorado pelo sujeito falante, isto é, o sujeito falante não reflete sobre o passado da língua para as associações que estabelece em seu espírito. Ao mesmo tempo, o genebrino deixa uma porta entreaberta quando afirma que essas associações podem ser conscientes ou não. Isso nos leva a pensar que, nessas associações não conscientes, ou seja, quando o inconsciente entra no processo de *Significação*, talvez possa a história intervir.

Se considerarmos que o falante é quem estabelece essa positividade da língua, a qual é a *Significação*, compreenderemos que, para Saussure, a história da língua, ou a memória do passado da língua não é um elemento tão essencial para a *Significação*, uma vez que o falante ignora o passado da língua. Retomaremos mais à frente essa discussão.

3.1.3 A base das *Significações*

Nas explicações que se seguem no manuscrito, podemos destacar o momento em que o linguista tocará na questão do sentido das palavras. Abordando a língua pela morfologia,

37 “Podemos dizer que a soma das associações <-conscientes ou não -> bem estudadas <equivalerá às> classificações conscientes, metódicas que pode fazer um gramático, salvo sobre um único ponto: O gramático fará intervir a história.” (Tradução nossa)

Saussure tenta esclarecer como é fixado o sentido de uma palavra, afirmando que ela sempre tem um elemento constante e um elemento variável. Para exemplificar, ele traz a palavra latina *cupiditatem*, comparando-a com outras como *veritatem* e *vanitatem*³⁸, em que todas trazem o elemento *tatem* como elemento variável, sendo ele mesmo também formado por um elemento constante e um variável, de modo a se poder isolar *tat* como um elemento constante desse sufixo latino. Saussure afirma então que “Le sens du mot est fixé parce qu'il est entouré d'analogues qui font voir le sens partiel en fournissant une série de nouvelles unités inférieures au mot³⁹.” (Saussure, 1996, p. 68). Primeiramente, é necessário ressaltar que, nessa citação, o termo *Sentido* (*sans*) é equivalente a *Significado*. Feito isso, podemos observar que o *Significado* goza de uma certa estabilidade que lhe vem por meio do *Valor*. O *Significado* de uma palavra se estabiliza pelas palavras análogas que a rodeiam. Nesse trecho destaca-se também as relações associativas, por isso Saussure menciona “uma série de unidades inferiores”. Também aqui vemos outro aspecto importante para pensar a *Significação*. Saussure, ao tratar do *Significado* fixado, ele não está o isolando como uma contraparte do *Significante*, mas está pensando-o como uma unidade, a *Palavra*. A *Significação* só pode ser pensada a partir da unidade, ou seja, a partir da entidade global *Significante* e *Significado*. Deduzimos que, neste ponto, Saussure, inevitavelmente, toca a *Significação*, pois, além de se referir à *Palavra*, pouco antes ele alerta que era arbitrariamente que estava começando pela unidade *Palavra*, mas que poderia facilmente iniciar pela unidade *frase*. Se não estamos no terreno da *Fala*, ao menos estamos num nível de deslocamento entre *Língua* e *Fala*⁴⁰.

Segue-se então uma afirmação de Saussure, acompanhada de um simples desenho que situa a *Significação* em relação ao *Significado*. Ele diz que “Tout mot se trouva au point d'intersection de plusieurs séries<d>analogues⁴¹” (Saussure, 1996, p. 68). O desenho reproduzido por Riedlinger é ainda mais interessante:

Figura 2 – O Significado no conjunto



Fonte: Saussure, 1996, p. 68.

³⁸ Respectivamente desejo, verdade e vaidade.

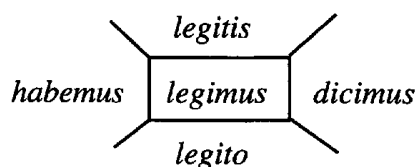
³⁹ “O sentido da palavra é fixado porque é rodeado de análogas que fazem ver o sentido parcial, fornecendo uma série de novas unidades inferiores à palavra”. (Tradução nossa)

⁴⁰ Estamos assumindo, desde já, com Simon Bouquet que, na essência do arcabouço teórico saussuriano, não há uma relação dicotômica entre *Língua* e *Fala*, mas que estas se complementam.

⁴¹ “Toda palavra se encontrará num ponto de intersecção de muitas séries análogas.” (Tradução nossa)

Nesse simples desenho, um asterisco, conseguimos compreender a colocação de Saussure. Imaginemos uma palavra, ou seja, uma coisa positiva, seu *Significado* seria o centro do asterisco que liga todos os traços. O *Significado* é esse ponto de intersecção que Saussure anuncia. Retomando uma citação anterior: Saussure afirma que o *Significado* fixado toma seu valor a partir dos *Significados* parciais que o rodeiam, ou melhor, que rodeiam a *Palavra*, pois não podemos esquecer que o genebrino não está tratando de contrapartes, mas do produto, do todo. Podemos então entrever que, sendo o *Significado* o centro do asterisco, a *Significação* é os diversos traços que o perpassam. Essa relação é tão tênue que não se pode dizer se a *Significação* atravessa o *Significado* ou se parte dele. Ao mesmo tempo também podemos refletir que, ainda que o *Significado* seja a base, ele é modificado pelas diversas *Significações* que o tangem. Riedlinger reproduzirá outro desenho do mestre que esboçará ainda mais sua reflexão:

Figura 3 – Relações de Significado



Fonte: Saussure, 1996, p. 68.

Nesse segundo desenho, ainda um asterisco, Saussure demonstra como seria a análise da *Palavra*. No exemplo, ele usa uma palavra latina, *legimus*. Na linha horizontal, nós temos palavras de terminações semelhantes *habemus*, *dicimus*⁴²; na linha vertical, temos o radical, ou a parte constante da palavra, seguido de diferentes terminações. Nessas linhas, horizontal e vertical, temos em conta questões morfológicas, lógico que providas de *Significado*; contudo ainda sobram as linhas que atravessam a palavra de modo diagonal. Essas, podemos deduzir, estariam marcando o atravessamento de *Significações* na *Palavra*, o que afetaria o seu *Significado* tanto quanto este marca certos limites para aquela.

Antes de prosseguir nossa análise, vale ressaltar que, apesar de usar uma palavra latina, Saussure, já nesse primeiro curso, vai demarcando a linguística sincrônica. No exemplo, ele não está olhando para a evolução da língua latina, mas para as relações que se estabeleciam em seu sistema, tanto quanto seria possível observar sincronicamente uma língua cujos falantes não mais existiam. O caso é que temos uma análise da *Palavra* que evoca a sincronia e esta, para Saussure, é o único lugar em que, plausivelmente, se poderia estudar as *Significações*.

⁴² Respectivamente, as três palavras latinas são: lemos, temos e dizemos.

3.1.4 A *Significação* e os estados de língua

Vai-se tecendo uma rede para a *Significação*. Percebemos que a *Sincronia* é o método para abordá-la e, justamente por isso, o sujeito falante tem um papel crucial para compreendê-la. Esse papel do falante na linguística sincrônica parece estar bem acentuado na observação que Saussure faz após abordar a criação analógica:

On ne peut pas se demander <en linguistique> si le suffixe existe en lui-même - cette question n'a pas de sens -mais seulement s'il existe <dans> la conscience <du sujet parlant> Exister <pour> un element linguistique c'est etre delimite <d'avant en arriere ou inversement> avec une valeur <le sens net> que lui <attribue le> sujet parlant⁴³. (Saussure, 1996, p. 71 – destaques nossos em negrito)

Um elemento linguístico tem sua existência pela delimitação que recebe na consciência do sujeito falante. Para um elemento linguístico existir, ele precisa, necessariamente ser percebido pela consciência do falante. Não podemos deixar escapar que Saussure está sempre se voltando para uma questão semântica, questão essa que também está apontando para o discurso, para a fala, para atividade em si do falante. Nesse trecho, ele chega a mencionar um “sentido nítido”. A palavra *net* como adjetivo pode indicar “nítido” ou mesmo “claro”, então, o falante faz delimitações que atribuem um “sentido claro” a determinado elemento linguístico. Essa afirmação causa um certo estranhamento a nós, pois um sistema que tem por essência ser puramente negativo e diferencial pode possuir elementos assim tão claros em sentido? São pequenas chaves que Saussure nos concede para compreender sua reflexão. Perceba-se que o mestre está demarcando um terreno diferente, ele está situando a atividade direta do sujeito falante. Embora o sistema seja negativo e diferencial, a percepção do falante não é essa e Saussure está, justamente, enfatizando a língua a partir da percepção desse sujeito. Aqui volta a questão da positividade, pois esse mesmo sujeito só percebe unidades positivas e, aí, retornamos à *Significação*.

Na continuação da reflexão de Saussure sobre a criação analógica, ele faz mais uma observação pertinente à *Significação*, essa de modo bem direto:

L'existence dans le passé d'un élément n'a pas de signification non plus. <Il ne faut pas s'inquiéter de l'histoire.> Les sujets parlants en effet n'ont aucune connaissance de ce qui a précédé leur état de langue⁴⁴ [...] (Saussure, 1996, p. 71 – destaques nossos em negrito).

⁴³ “Não podemos questionar <em linguística> se o sufixo existe em si mesmo – essa questão não tem sentido – mas somente se ele existe <na> consciência <do sujeito falante> Existir <para> um elemento linguístico é ser delimitado <antes e depois ou inversamente> com um valor <o sentido nítido> que o <atribui o> sujeito falante”. (Tradução nossa)

⁴⁴ “A existência, no passado, de um elemento não tem mais significação. Não é preciso se preocupar com a história. Os sujeitos falantes, com efeito, não têm nenhum conhecimento do que precedeu seu estado de língua”. (Tradução nossa)

Esse trecho do PCLG apresenta três pontos importantíssimos sobre a *Significação*. O primeiro deles é que elementos do passado não possuem *Significação*. Observe-se o que vimos assinalando nos escritos saussurianos, tudo parece apontar a *Significação* como fenômeno sincrônico e, ao que indica, que se compõe de elementos do sistema, mas não só dele. Uma vez passado um estado de língua, perde-se a *Significação*, o que levou Saussure a comentar sobre a implausibilidade de um estudo histórico das *Significações*, tal qual feito por Michel Bréal. Contudo, faz-se necessário esclarecer as distinções que propomos de termos saussurianos. Para nós, *Significação* e *Significado* não são o mesmo fenômeno linguístico. O *Significado* é a base da *Significação*, o ponto de intersecção e, muitas vezes, aquilo que fica cristalizado na *Palavra*. É inegável que em línguas que tenham sido bem documentadas e que já não existem mais, podemos encontrar mais do que uma *Forma*, podemos encontrar alguma informação semântica, advinda do *Significado* que de algum modo se cristalizou e pode ser preservado por meio de seu lado material, o *Sentido*. No ELG, Saussure falará que a mudança de *Significação*⁴⁵ só pode ser dominada vagamente em relação ao conjunto, ou seja, ao sistema. Na mesma obra ele também rechaça uma história da *Significação*, mas aponta para a história da língua “em seu duplo aspecto da forma e do sentido” (Saussure, 2012, p. 41). Portanto, o próprio Saussure parece entender que há uma informação semântica recuperável em estados de língua anteriores, contudo, essa informação não pode ser a *Significação*, pois esta depende de um estado de língua estático.

O segundo ponto a se destacar da citação do PCLG é a consequência do primeiro que acabamos de discutir. Ao mesmo tempo em que não há *Significação* no passado, Saussure reafirma que a história, isto é, o passado da língua não é um elemento da *Significação* ou, pelo menos, não é um elemento direto dela. Ele diz que não se deve preocupar, o linguista, com a história e o motivo disso é que o sujeito falante não tem conhecimento dos estados anteriores de sua língua, quer dizer, ele ignora completamente as relações anteriores do sistema.

Certa feita, um padre nos explicava que moeda em latim era *moneta* e daí viria o adjetivo “monetário”, observando por fim que esse era o motivo de não falarmos em “sistema moedário” e sim “sistema monetário”. Essa relação é completamente ignorada pela maioria dos falantes, contudo, conseguimos construir a relação moeda/monetário⁴⁶ sem recorrer ao passado da língua.

⁴⁵ Entendemos que, nesse caso, *Significação* equivaleria à *Significado*, uma vez que várias *Significações* existem simultaneamente ao redor de um mesmo *Significado*. Sendo assim, a mudança de *Significado* causaria mudanças na *Significação* ou nas relações que estabelece com essas.

⁴⁶ Não ignoramos o fato de que, para muitos falantes, essa relação talvez não seja muito clara por ser uma palavra voltada para assuntos econômicos dos quais a maioria não está inteirado.

O último ponto a se destacar da colocação de Saussure é, mais uma vez, é a centralização do sujeito falante. A defesa de uma exclusão do falante na análise linguística por parte do genebrino será algo temerário se não for considerado todo o conjunto de seus escritos. Nesse arcabouço teórico saussuriano o falante se destaca, pois as explicações dos fenômenos linguísticos sincrônicos recorrem, constantemente, a ele, mormente, os que estão ligados à *Significação*.

A ideia de que a história não afeta a *Significação* diretamente é retomada por Saussure quando este explica um pouco mais sobre os processos aglutinativos como o tempo futuro da língua francesa em que em um estado anterior de língua havia *je choisir ai*, tornando-se, posteriormente, por meio da aglutinação, *je choisirai*. Essa mecânica é entendida pelo genebrino da seguinte forma:

<Il faut noter> un fait de signification [...]: la tendance mécanique de la langue, si un concept composé lui est donné dans un signe déterminé, de le rendre simple, indécomposable, la tendance de prendre le chemin de traverse, la simplification de l'idée: de deux ou trois données on finit par ne plus apercevoir que celle **<qui est> entendue**⁴⁷. (Saussure, 1996, p. 91 – destaques nossos em negrito)

Observe-se que Saussure inicia sua explicação chamando a atenção do leitor para um “fato de *Significação*”, isto é, de algo que pertence a esfera deste fenômeno linguístico. Embora esteja dissertando sobre a aglutinação, processo ao qual Saussure atribui a mudança linguística, a *Significação* aparece aqui como um elemento desse processo, pois a língua teria uma tendência a simplificações, a tomar vias mais “fáceis”, de modo a transformar um conceito composto como *choisir ai* em *choisirai*. O fato interessante é que essa característica da língua de simplificar é atribuída à *Significação*. A parte final da citação afirma que, de dois ou três conceitos dados, não ficaria mais do que aquilo que é percebido, entendido pelo falante. Essa característica atribuída à *Significação* torna-se ainda mais interessante quando retomamos uma afirmação que antecede essas explicações: “La combinaison primordiale relève de la frase⁴⁸” (Saussure, 1996, p. 92). O ponto de ebulição das mudanças linguísticas é colocado no terreno da *Fala*, onde também parece estar situada a *Significação* para o genebrino.

A característica de simplificação da língua, tornado por Saussure um fato de *Significação*, contribui para o processo de mudança linguística, mas, segundo ele, não há influência de estados anteriores de língua na *Significação*, ou seja, não é uma via de mão dupla.

⁴⁷ “<É preciso notar> um fato de significação [...]: a tendência mecânica da língua, se um conceito composto é dado em um signo determinado, de o tornar mais simples, indecomponível, a tendência de tomar o caminho mais fácil, a simplificação da ideia: de dois ou três dados acaba-se por não perceber mais que essa <que é> entendida”. (Tradução nossa)

⁴⁸ “A combinação primordial é a frase” (Tradução nossa).

Ele afirma, por exemplo, que a perda de um acento nada tem a ver com a *Significação* de uma *Palavra*.

Cita ele também o caso do francês de *tous jours*⁴⁹ conceito composto que posteriormente, por um processo aglutinativo, gerou a *Palavra tousjours*⁵⁰. Isso aconteceu, segundo Saussure, porque provavelmente “[...] on a aperçu une idée dans *tous jours* qu'on en a fait un seul mot et non pas l'inverse⁵¹” (Saussure, 1996, p. 93). Para Saussure esse estado anterior de duas palavras independentes que se tornaram uma só, embora na língua francesa ainda existam as duas separadamente, não interfere na *Significação*. Nesses dois exemplos trazidos pelo genebrino, a saber, de uma acentuação que desaparece e de palavras que se aglutinam, como é o caso de *tousjours*, Saussure destaca o papel superior da *Significação*, afirmando coisas tais como: “Il ne faut donc pas postérioriser la signification, en faire quelque chose de secondaire⁵²”. Esta colocação de Saussure relaciona-se aos processos de mudança linguística. O raciocínio do genebrino parece indicar que, longe de ser fruto de um processo mecânico de mudança linguística, a *Significação* é um dos elementos que possibilitam, ou mesmo propiciam essa mudança.

3.1.5 A *Significação* é força propulsora de mudanças

Em outro ponto de suas aulas do PCLG, Saussure insiste na ideia da *Significação* como uma força motriz e não como produto da mudança⁵³. Trazendo um exemplo da língua latina, o linguista enfatiza que as junções que ocorrem na língua devem ser interpretadas do ponto de vista do sujeito falante; e mais, ele afirma que, do ponto de vista fonético, certas mudanças, como no caso de *tousjours*, nada representam, pois não houve modificações. A precedência da *Significação* vai transparecendo ainda mais:

L'analyse a changé par ce simple principe qui se retrouve toujours dans l'histoire de la signification: la langue tend toujours à remplacer le concept complexe et indirect par un concept simple et direct (donc cause étrangère à la phonétique!⁵⁴). (Saussure, 1996, p. 87).

⁴⁹ A tradução seria respectivamente “todos” e “dias”.

⁵⁰ Sempre.

⁵¹ “[...] percebeu-se uma ideia em *tous jours* que se fez uma só palavra e não o inverso”. (Tradução nossa)

⁵² “Não é preciso, portanto, tornar a significação posterior, fazer dela alguma coisa secundária”. (Tradução nossa)

⁵³ Para compreender melhor o conceito de mudança linguística em Saussure, recomendamos o trabalho que elaboramos, tomando, justamente o PCLG como *corpus*. Cf. Correia (2023) *A vontade humana na mudança linguística: os limites do sujeito quanto à língua explorados por Saussure*.

⁵⁴ “A análise mudou pelo simples princípio que se encontra sempre na história da significação: a língua tende sempre a substituir o conceito complexo e indireto por um conceito simples e direto (portanto, causa estranha à fonética!).” (Tradução nossa).

Note-se a exclamação com que Riedlinger marca a última parte da fala do mestre. Ela bem frisa que a *Significação* não é algo secundário, mas elementar no processo de mudança, sendo, em alguns casos, até mesmo desconhecida pela fonética a essencialidade dessas mudanças. À medida que Saussure defende que um estado de língua anterior não influi diretamente na *Significação*, deixa escapar uma característica peculiar desta, a saber, a de que ela não é fruto, mas uma causa para mudança.

3.1.6 *Significação* e arbitrariedade

O último trecho que queremos destacar do PCLG trata da arbitrariedade e nos parece um tanto quanto complexo o seu entendimento. Saussure, ainda explanando sobre mudança linguística, que é um dos principais temas das aulas de 1907, assevera o seguinte: “Ce caractère des modifications phonétiques d'être incalculables et illimitées vient de la qualité arbitraire du symbole phonétique qui n'a aucun lien avec la signification du mot⁵⁵” (Saussure, 1996, p. 42). Para o genebrino, as modificações incalculáveis e ilimitadas que permeiam a língua vêm do caráter arbitrário do *Signo*. Micaela Pafume Coêlho (2013), em um artigo, pesquisou os três cursos de linguística geral ministrados por Saussure, e fez a análise dessa mesma citação. Para a autora, *Significação* seria, nesse trecho, o mesmo que *Significado*, enfatizando que Saussure estaria, simplesmente, estabelecendo essa relação arbitrária entre as partes do *Signo*, como se consagrou na obra póstuma. Contudo, ainda que admitamos que essa seja uma interpretação plausível, a forma em que aparece o termo *Significação*, seguida por *Palavra (mot)* nos permite compreender que pode se tratar de outro tipo de relação. Parece-nos que, quando Saussure fala em *Significação da Palavra*, ele está considerando o resultado da união *Significante/Significado* de modo a enfatizar outro ponto que já ressaltamos: de que as modificações fonéticas não afetam a *Significação*, de modo que essa arbitrariedade não possui laços direto com ela, a tal ponto que a mudança na *substância* fônica pode não alterar em nada a *Significação* de uma *Palavra*.

Coêlho (2013) analisa outras partes do PCLG tais quais nós analisamos, chegando, porém a conclusões diferentes. Para a autora *Significação* e *Conceito* seriam termos equivalentes tanto no primeiro quanto no segundo *Curso de Linguística Geral*. Conquanto cheguemos a conclusões diferentes, a autora destaca algo muito importante: “[...] percebemos que em todas as passagens que mencionamos, retiradas do PCLG, o termo ‘**significação**’ está

⁵⁵ “Essa característica das modificações fonéticas, de serem incalculáveis e ilimitadas, vem da qualidade arbitrária do símbolo fonético que não tem ligação alguma com a significação da palavra.” (Tradução nossa)

direta ou indiretamente relacionado ao termo ou à caracterização de ‘conceito’” (Coêlho, 2013, p. 7 – destaques da autora entre aspas e nossos em negrito). A autora muito acertadamente percebe essa relação entre *Significação* e *Conceito*, que se tornará, posteriormente, *Significado*. De fato, essa relação é profunda e a flutuação dos termos atordoa o leitor. O que compreendemos no PCLG é algo que já havia sido apontado por Saussure nos ELG, que o *Significado* é a base da *Significação*, mas, sendo esta dinâmica e própria do discurso, é tomada, muitas vezes, pelo genebrino para explicar os conceitos internos, isto é, os elementos da língua que fazem o sistema e que são tomados a cada momento pelo sujeito falante.

3.2 O Segundo Curso de Linguística geral: nas unidades, identidades e valores, a *Significação*

O Segundo Curso de Linguística Geral, doravante SCLG, teve início, de acordo com Joseph (2023), numa quinta-feira, doze de novembro de 1908. Ainda segundo o autor, o aluno de Saussure, Léopold Gautier, registrou dezesseis nomes matriculados, entre eles Riedlinger, de quem os editores tomaram os escritos para a elaboração da obra póstuma. Charles Patois também esteve presente nesse segundo curso. Foram esses cadernos, isto é, de Riedlinger e Patois, que Komatsu editou e publicou em 1997.

O SCLG apresenta alguns paradoxos da linguagem, tenta especificar e relacionar alguns termos como língua, linguagem e *Fala*, assevera com mais ímpeto a ideia de método de análise linguística, a saber, a ideia de diacronia e sincronia. Além disso, ainda se prolonga numa discussão sobre identidade, entidade, unidade e *Valor*. É entre esses temas que analisaremos os trechos em que o mestre genebrino trará o termo *Significação*, deixando que possamos entrever algumas particularidades desta dentro de seu edifício teórico e permitindo que nos aprofundemos um pouco mais nessa busca.

Antes de passarmos às análises, é mister trazer uma observação de Joseph (2023) quanto à mudança de “tom” do primeiro para o segundo curso. O autor afirma que Saussure se esmerou em definir língua, linguagem e *Fala*, chegando a seguinte formulação:

[...] *langage* é a faculdade universal da linguagem humana; uma *langue* é um sistema *socialmente* compartilhado de signos como o português; e a *parole* é o que você ou eu falamos ou compreendemos como *indivíduos*. (Joseph, 2023, p. 710 – destaques do autor)

Uma vez delimitadas, embora relacionadas umas com as outras, sobretudo, língua e fala, sendo esta última a parte mais individual da linguagem, Saussure, afirma Joseph (2023), vai diminuindo seu interesse pelo psicológico e pela teorização mentalista. Embora sendo a

psicologia um tema recorrente no PCLG, como tivemos a oportunidade de ver, no SCLG esse campo vai se tornando mais escasso. A explicação dada pelo autor, biógrafo de Saussure, é de que no ano de 1907, no qual se realizou o primeiro curso, o tema da psicologia estava em alta, coincidindo com a publicação de livros importantes, sendo um deles publicado por Sechehaye, amigo de Saussure e futuro editor de seu mais eminente trabalho. O livro fora dedicado ao genebrino e este trouxe elementos dele para o seu primeiro curso. Apesar desses acontecimentos, o SCLG praticamente abandona essa temática em suas explicações, pois, conforme Joseph (2023), Meillet criticou duramente o livro de Sechehaye, tendo isso se refletido nas aulas posteriores do mestre genebrino. A crítica de Meillet está no cerne dos fenômenos linguísticos que devem ser abordados pela sua essência social. Joseph apresenta parte da crítica do linguista:

A linguagem é, portanto, eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim: uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, embora não tenha nenhuma realidade fora da soma de indivíduos que a falam, ela é, no entanto, além de sua generalidade, exterior a cada um deles. [...] todo o desvio de uso provoca uma reação; essa reação tem como sanção mais frequente o ridículo a que ela expõe o homem que não fala como todo mundo; mas nos Estados civilizados modernos, ela vai até excluir dos empregos públicos, por exames, aqueles que não sabem se conformar ao bom uso admitido pelo grupo social dado. Assim, os traços de exterioridade ao indivíduo e de coerção, pelos quais Durkheim define o social, revelam-se na linguagem até o último detalhe. (Meillet, 1904-1905 *apud* Joseph, 2023, p. 711-712)

Note-se o quanto Meillet destaca a linguagem como fato social a partir da visão de Émile Durkheim, considerado um dos pais da sociologia. Apesar do fato de Durkheim ter realmente influenciado na teorização de Saussure, Joseph (2023) assegura que este jamais tomara completamente a perspectiva daquele.

Por mais que a crítica de Meillet tenha sido um fator para Saussure não se deter mais nas questões de psicologia da linguagem, o que certamente muda o percurso dos desenvolvimentos do SCLG é o foco no sincrônico, como diz Joseph (2023), explicando que, para o genebrino, a psicologia havia ficado para trás por conta da “agenda sociológica sincrônica”. Na sincronia o falante é o campo privilegiado de análise, mas não em sua individualidade e sim na comunidade de fala.

A questão psicológica não desaparece completamente, mas não estará mais em foco. Joseph apresenta em seu livro uma nota que resume alguns achados de Godel (1957) sobre as observações de Saussure ao livro de Sechehaye. Podemos apreender, pois, que Saussure tinha plena ciência dos problemas do livro de Sechehaye apontados por Meillet, contudo o genebrino esclarece que, no final das contas, a linguística e as ciências sociais podem ser, “em última

análise, redutíveis à psicologia” (Godel, 1957 *apud* Joseph, 2023, p. 740). Mesmo afirmando que entre a linguística, as ciências sociais e a psicologia há uma notável demarcação, a psicologia, como já afirmara no PCLG, é uma ponte entre essas ciências, de modo que ora ou outra, o genebrino deixa suas explicações ultrapassarem os “marcos legais”.

Antes de prosseguirmos, para que o leitor acompanhe de modo mais prático nossas análises, uma última informação se faz necessária. O SCLG foi editado por Komatsu dos cadernos de Riedlinger e Patois. Quase todas as citações foram retiradas dos cadernos referentes ao primeiro por ter sido ele o mais eminente colaborador dos editores da obra póstuma e por ter o maior número de citações referentes à *Significação*, mas complementaremos, quando for necessário, com citações dos cadernos de Patois.

3.2.1 A *Significação* e o passado: ainda sobre a atuação do sujeito falante

Saussure inicia suas aulas abordando uma ciência futura, a qual ele denominará semiologia, o estudo dos *Signos*. Esta ciência se prestaria a observar os *Signos* em seus diversos sistemas, assim, ela abarcaria ritos, gestos, códigos marítimos e também a língua. O professor destaca que este último é o mais importante de todos eles. Enquanto tenta mostrar a similaridade do estudo do *Signo* em seus sistemas, Saussure aborda um pouco mais a *Significação*. O genebrino, então, explica que:

Dans le cas possible où le sens d'une coutume s'est perdu totalement, nous sommes dans le meme cas que celui où des mots de la langue sont devenus intelligibles <pour les sujets parlants (c'est-à-dire n'ont plus de signification reconnue, ou une signification totalement différente de la primitive).>⁵⁶ (Saussure, 1997, p. 10 – destaques nossos em negrito)

Como a semiologia abarca os ritos, Saussure traz um exemplo de que o sentido inicial de algum rito pode se perder totalmente. Podemos pensar num gesto que, há alguns anos, era muito comum nos rituais fúnebres no Nordeste. Após a esquife ser colocada no buraco a ela destinado, era comum que os familiares e amigos atirassem sobre o caixão os primeiros punhados de terra. Esse rito era “religiosamente” cumprido em todos os enterros. A origem de tal gesto não era conhecida daqueles que o praticavam. O gesto parece, primordialmente, remeter a uma das obras de misericórdia corporais, ensinada e partilhada pelas igrejas de tradição católica. A obra em questão seria *enterrar os mortos*. Disso viria o gesto de jogar um pouco de terra. Mesmo não tendo em mente a origem do rito, ele ganha uma *Significação* na

⁵⁶ “Nos casos em que o sentido de um costume está totalmente perdido, nós estamos no mesmo caso em que palavras da língua tornam-se ininteligíveis <para os sujeitos falantes (isto é, não tem mais significação reconhecida, ou uma significação totalmente diferente da primitiva)”. (Tradução nossa)

prática dos que o repetem, passa a expressar a dor e o luto. Há de se salientar que este rito vai desaparecendo diante das novas modalidades de se enterrar os mortos, substituindo a terra pelo concreto e o gesto de jogar a terra por jogar flores. Apesar disso, podemos tomar esse exemplo para compreender um pouco mais a reflexão de Saussure. Os signos só são utilizados, em qualquer sistema, enquanto produtores de *Significação*. Do mesmo modo estaria a *Palavra* no sistema da língua, pois ela se torna ininteligível ao sujeito falante quando não possui mais *Significação* ou quando sua *Significação* atual é totalmente diferente da primitiva. As palavras da língua latina, que em sua maioria deram origem às palavras da língua portuguesa, nada significam para os falantes de nosso estado atual de língua. Sendo assim, palavras como *civitas* ou *albus* nada significam para os falantes do português. É preciso reconhecer que Saussure, mais uma vez, coloca o sujeito falante como centro do processo. Qualquer dicionário de latim trará o *Significado* das palavras citadas e de muitas outras, mas o falante não as reconhece, não há *Significação* reconhecida pelo falante. E mesmo em caso de palavras que são, até em relação ao som, mais parecidas, como é o caso da palavra *amica*, que deu no português amiga, o arranjo do sistema limitou essa palavra de modo que em latim ela possuía certa elasticidade significativa, podendo valer para amiga ou para namorada; já no português temos a palavra *namorada* que a limita.

Outra questão importante é o uso do termo *Significação* na citação. Note-se que não aparenta ter a mesma acepção de *Significado*, pois este nós podemos retomá-lo de algum modo, não está totalmente perdido no tempo. Os dicionários se ocupam de registrar uma base, essa base é o que reconhecemos em Saussure como o *Significado*. A *Significação* é dinâmica e sempre atrelada ao reconhecimento do sujeito falante.

Essa citação nos faz retomar algumas das conclusões a que chegamos ao abordar o PCLG, que são confirmadas aqui. Saussure rejeita a ideia de uma *Significação* do passado, isto é, de que seja possível traçar uma história da *Significação* pelo fato de que o sujeito falante é o ponto essencial para a estudar. Uma vez que o falante faz tábula rasa do passado, esse mesmo passado, entendido como estados de língua precedentes, nada contribui para estudar as *Significações*.

3.2.2 A distribuição das *Significações* entre os *Signos* da língua

Um pouco mais à frente, Saussure retoma a ideia de língua como contrato social. Ele rejeita a ideia da busca pela origem da língua ou mesmo do contrato primitivo. O linguista afirma que o contrato inicial “[...] se confond avec ce qui <se> passe tous les jours dans la

langue, <avec les conditions permanentes de la langue [...] ⁵⁷>” (Saussure, 1997, p. 12). Portanto, esse contrato, subentendido pela massa falante, tem sempre a possibilidade de mudança, de alteração, nas mesmas condições do contrato primitivo. Dentro desse contexto, Saussure, então, faz uma proposição, a de que se aumentamos um signo na língua, consequentemente diminuiremos a *Significação* de outros.

Podemos pensar num caso muito propício: em português (assim como no francês) nós possuímos as palavras língua e linguagem, já a língua inglesa possui apenas a palavra *language*. No caso do português, em que temos dois *Signos*, é correto considerar que a *Significação* de língua foi limitada pela de linguagem e vice-versa. Por outro lado, na língua inglesa, a palavra *language* assume as *Significações* distribuídas entre língua e linguagem no português. Saussure expressa essa ideia em um exemplo extremo, que ilustra bem seu entendimento:

[...] si, par impossible, on n'avait choisi au début que deux signes toutes les significations se seraient réparties sur ces deux signes. L'un aurait désigné une moitié des objets et l'autre, l'autre moitié.⁵⁸ (Saussure, 1997, p.12)

Se acaso houvesse apenas dois *Signos*, eles abarcariam todas as *Significações*. Esse exemplo de Saussure também nos ajuda a contemplar sua proposição de que o contrato inicial é semelhante ao cotidiano da língua. Na língua inglesa, com a palavra *language*, percebemos que, não havendo outra palavra que concorra com ela, sobre esta recai as *Significações* repartidas em outras línguas. No português, podemos destacar também a palavra *saudade* que não tem correspondente em outras línguas. Enquanto em nosso sistema, sobre essa palavra recai determinada *Significação*, em outras línguas, essa mesma *Significação* se reparte em outros *Signos*.

Essa discussão nos remete novamente à distinção *Significado/Significação* que buscamos fazer nesta tese. Note-se que a palavra *saudade*, que só existe em nossa língua, é percebida pelo falante como um fato positivo que expressa a nostalgia, a lembrança agradável de algo ou alguém, ou de um momento da vida. O fato de não existir essa palavra em outras línguas não significa que outros povos não sintam saudade, isto é, que não possuam esse sentimento, que ele seja exclusivo dos falantes do português. Esse sentimento é expresso através de outros *Signos*, de palavras que abarcam essa e outras *Significações*. Isso nos leva a um ponto importante: Em outras línguas, que repartem a *Significação* de *saudade* por outros *Signos*, estes são compostos de *Significados* diferentes, mas pertencem a um mesmo campo semântico de

⁵⁷ “[...] se confunde com o que <se> passa todos os dias na língua, <com as condições permanentes da língua [...]”.

(Tradução nossa)

⁵⁸ “[...] se, por impossibilidade, no início, não tivessem sido escolhidos mais que dois signos, todas as significações seriam repartidas sobre esses dois signos. Um teria designado uma parte dos objetos e o outro a outra parte.>”.

(Tradução nossa)

modo a partilharem uma mesma *Significação*. Se retomarmos as proposições de Hjelmslev, também podemos compreender que, além da *Significação* da qual partilham esses *Signos*, há também a partilha de uma *substância* material, de uma mesma zona de *Sentido*. Esse *Sentido* que entendemos como *substância* é também um elemento que permite aproximações linguísticas. Assim é que Hjelmslev, por exemplo, compreende o fato de se poder traduzir algo de uma língua para a outra, pelo *Sentido* compartilhado entre as diversas línguas.

3.2.3 A folha de papel

Prosseguindo nas aulas do SCLG, podemos ver o momento em que Saussure introduz o conceito de *Signo*, não que este termo não tivesse aparecido antes, mas, agora, ele assume a característica que se solidifica na obra póstuma, ou seja, o *Signo* aparece como um ser duplo: “[...] <non pas la suite des syllabes mais> être double constitué par une suite de syllabes dans la mesure où on y attache une signification déterminée⁵⁹” (Saussure, 1997, p. 12). Após essa afirmação, Saussure ilustrará o *Signo* pela seguinte fórmula: $\frac{\text{Signification}}{\text{Syllabes}}$ (Saussure, 1997, p. 13).

Na fórmula elaborada pelo genebrino para definir o *Signo*, o termo *Significação* aparece como sinônimo de *Significado*. Saussure ainda está na busca dos termos que melhor possam delimitar as unidades do sistema. Contudo, na continuidade da explicação sobre o *Signo*, Saussure usará a metáfora da folha de papel e, nessa metáfora, conseguimos apreender a ideia de *Significação* relacionada à entidade global, ou seja, o *Signo*: “On pourrait représenter cette correspondance par la comparaison que voici: on ne peut découper le recto d'une feuille sans le verso. On ne peut prendre l'un des deux que par abstraction⁶⁰” (Saussure, 1997, p. 13). Essa metáfora da folha de papel nos oferece um panorama do *Signo*. Ao insistir nesse “ser” duplo, Saussure também nos mostra que essa união dos elementos que o compõem forma algo a mais, além do *Signo*, o que compreendemos como sendo a *Significação* na obra do genebrino. No caderno de Patois, essa mesma passagem não traz o termo *Significação* como contraparte, mas sim *Sentido*:

[...] Le signe n'est pas simplement une suite de syllabes, **mais l'être double constitué par un groupe de syllabes quand on y attache un sens**; on se trouve [dans] la dualité, **et on ne peut distinguer le signe de sa signification** pas plus qu'on ne peut

⁵⁹ “[...] <não é sequência de sílabas, mas> ser duplo, constituído por uma sequência de sílabas na medida em que se une a uma significação determinada”. (Tradução nossa)

⁶⁰ “Podemos representar essa correspondência pela comparação seguinte: não podemos cortar a frente de uma folha sem o verso. Não podemos tomar um dos dois a não ser por abstração”. (Tradução nossa)

couper le recto d'une feuille sans en couper aussi le verso⁶¹. (Saussure, 1997, p. 116 – destaques nossos em negrito)

O trecho acima é muito esclarecedor. Além de não trazer a fórmula do *Signo* apresentado por Riedlinger, o termo que aparece como contraparte das sílabas é *Sentido*; e quando chegamos à metáfora da folha de papel, Patois oferece uma explicação mais profunda do genebrino. Note-se que Saussure afirma que não se pode distinguir o *Signo* de sua *Significação*. Considerando que o genebrino já havia dito que o *Signo* é um ser dual e em seguida fala de diferenciação entre este e a *Significação*, podemos compreender que a *Significação* seria o produto, ela está atrelada sempre a um *Signo* de modo que cortar a folha de papel, isto é, tocar no *Significante* ou no *Significado*, seria, conseqüentemente, modificar aquilo que é percebido pelo falante, a *Significação*.

As partes do *Signo* são pura abstração, dirá Saussure. Quando se situa no campo sincrônico em que o sujeito falante é o ponto essencial, o que vai interessar para o linguista é o que esse falante percebe. Essa percepção do falante é o fato positivo que produz a união das contrapartes do *Signo*, ao que entendemos denominar Saussure, apesar das oscilações, de *Significação*. Ao comentar essa parte do curso, Joseph (2023, p. 715) afirma que “A existência da ‘frente’ e do ‘verso’ de uma folha de papel é puramente conceitual, portanto, abstrata. O ato de cortar mostra que, fisicamente, tudo o que existe é a folha”. Essa existência citada pelo autor não se refere ao som, à matéria, a qual somos levados a pensar quando se usa um advérbio como “fisicamente”, pois sabemos, pelo que já vimos até aqui e pelo que ainda haveremos de ver, que a língua não pode ser resumida à parte material. Essa existência tem a ver com o que o sujeito falante percebe como real. O próprio Joseph (2023, p. 715 – destaques do autor) declara que para Saussure “[...] a realidade concreta é o signo como conjunção do que ele chama aqui de ‘significação’ e ‘sílabas’”. Portanto, não se trata daquilo que é material, mas da percepção do sujeito falante a partir da entidade global que é o *Signo*.

3.2.4 A *Significação* e o caminho para as unidades

O papel do sujeito falante continua em evidência no momento em que Saussure começará a falar sobre um tema bem complexo para a linguística e para sua teorização que é a questão das *unidades*. Ao iniciar suas explicações, o genebrino afirma que reconhecer como

⁶¹ “[...] O signo não é simplesmente uma sequência de sílabas, mas ser duplo, constituído por um grupo de sílabas quando se une a um sentido; encontra-se [na] dualidade, e não podemos distinguir o signo de sua significação mais do que podemos cortar a frente de uma folha sem cortar também o verso. (Tradução nossa)

unidades diferentes palavras como *moi* e *mois*, ou o singular de *mois* de seu plural, ou ainda a palavra *cheval* de seu plural *chevaux* requer que:

[...] nous faisons une abstraction, nous prenons comme unité quelque chose qui n'est plus donné directement, **qui est déjà le résultat de l'opération de l'esprit**. Mais <il y a une autre ressource.> Si je prends une autre base: la continuité du discours, **je vais prendre le mot comme formant une section <dans la chaîne du> discours et non dans l'ensemble de sa signification** (cesont en effet les deux manières de considérer le mot)⁶². (Saussure, 1997, p. 19 – destaques nossos em negrito)

Saussure oferece-nos, portanto, duas formas de se chegar à unidade linguística: uma das formas é pela palavra, que, por sua vez, é já o produto da operação do espírito, quer dizer, já é aquilo que o falante percebe da junção *Significante/Significado*. Em outras palavras, a primeira forma de se chegar à unidade é por meio da *Significação*. A segunda é no canal do discurso, em que se haveria de considerar a *Palavra* inserida nessa seção. Vale destacar que, tomando essa segunda forma de se chegar à unidade, Saussure não considera a *Palavra* no conjunto de sua *Significação*. Aos poucos podemos ir costurando os retalhos que o mestre genebrino nos oferece para chegar a uma visão aproximada do que *Significação* representa em seu arcabouço teórico. Já pudemos ver que o *Signo* abarca sempre, ou quase sempre, um conjunto de *Significações*, e Saussure retoma, nesse ponto, essa característica.

Para compreender melhor as duas formas de se chegar à unidade, Saussure oferece alguns exemplos. No caso da primeira forma, ele toma a palavra *moi* e *mois*, tendo as duas a mesma matéria fônica, ou seja, sendo pronunciadas da mesma forma, nós fazemos a distinção pela *Significação*. Portanto, o sujeito falante consegue distinguir em orações como “*le cadeau est pour moi*” e “*le mois a commencé*”⁶³ pelo conjunto de *Significações* que atravessa essas *Palavras*, de modo que, em uma e outra, há conjuntos diferentes. Saussure também propõe a distinção entre a palavra *mois* no singular e *mois* no plural, que possuem a mesma sequência fônica, sendo distinguidas apenas pelo determinante que as acompanha. O genebrino dirá que entre as formas singular e plural a consideração da entidade global, ou seja, a associação entre *Significante* e *Significado*, é o que permite fazer a distinção, o que nos leva a refletir que a *Significação* oferece à unidade a ideia de plural e de singular nesse caso.

Quando se busca chegar à unidade pelo discurso, isso nos oportuniza outras delimitações de unidade. Ainda com o exemplo da palavra *mois*, na língua francesa, quando seguida de vogal,

⁶² “[...] nós fazemos uma abstração, nós tomamos como unidade alguma coisa que não é mais dada diretamente, que já é o resultado da operação do espírito. Mas <há um outro recurso>. Se eu tomo uma outra base: a continuidade do discurso, eu vou tomar a palavra como formando uma seção <no canal do> discurso e não no conjunto de sua significação (estas sendo, com efeito, as duas maneiras de se considerar a palavra). (Tradução nossa)

⁶³ Essas frases foram elaboradas por nós e podem ser traduzidas respectivamente por: “o presente é para mim” e “o mês começou”.

o fonema /s/ torna-se /z/⁶⁴, como no caso da frase “*un mois et demi*”⁶⁵, em que temos /mwaz/ e não mais /mwa/. Desse modo, a busca da unidade por via do discurso, da frase, nos leva a outras unidades, se, realmente é outra unidade.

Joseph (2023) argumenta que a questão de como se chegar à unidade é respondida por Saussure com o argumento do ponto de vista, ou seja, o meio para se chegar à unidade dependerá do propósito da análise. A frase, a princípio, pelo exemplo que Saussure oferece, parece estar muito mais focada em questões ligadas ao *Significante*, enquanto a palavra ao *Significado*.

3.2.4.1 *Significação* e identidade

Adentremos, agora, um pouco mais profundamente na questão das identidades, entidades e unidades linguísticas relacionando sua delimitação com a *Significação*. Inicialmente, Saussure afirma que a questão da identidade e da unidade podem se confundir e que, na realidade, há muito mais confusão do que resultados na busca dessas identidades. Após apresentar os pares de palavras latinas e francesas *calidus/chaud* e *despectus/dépit*, o genebrino faz uma afirmação de difícil apreensão: “La chaîne phonique <dans ces deux derniers mots> est différente, la signification est loin d’être identique”⁶⁶ (Saussure, 1997, p. 22). Diante das oscilações terminológicas de Saussure, muitas vezes nos encontramos diante de alguns impasses. O que podemos afirmar com segurança é que Saussure liga identidade com *Significação*, contudo se esse termo está na mesma acepção que investigamos nesta tese ou como sinônimo de *Significado* é um pouco obscuro, pela exemplificação, pois entre a palavra *calidus* e *chaud* podemos pensar em *Significações* que se estabelecem em cada língua e que pela sua via material, o *Sentido*, podem ser traduzíveis de uma língua à outra. O que estaria longe de ser o mesmo seria o *Significado*.

Esse impasse pode ser esclarecido com os exemplos e as metáforas que Saussure trará ao jogo, como é o caso da palavra *Messieurs* e *Messieurs!* O professor questiona a seus alunos se essa palavra repetida, com alguma ênfase entre uma e outra, como demonstra o ponto de exclamação, teria a mesma identidade. Junto a esse questionamento, ele também trará duas metáforas: a primeira é a do trem das 12h50 e o das 5h que partem para Nápoles. Quem se

⁶⁴ No português também há vários casos de junção com a vogal que se segue, inclusive com a palavra mês.

⁶⁵ Exemplo tirado do próprio Saussure (1997, p. 19). Traduzimos por: “um mês e meio”.

⁶⁶ “O canal fônico <nestas duas últimas palavras> é diferente, a significação está longe de ser idêntica”. (Tradução nossa)

dirige a estação, vai para pegar o trem das 12h50, os que saem muito cedo vão pegar o trem das 5h, mas a verdade é que dificilmente pegam o mesmo trem, embora haja uma identidade ali, que se estabelece pelo horário, o trem das 5h, por exemplo. Do mesmo modo, podemos pensar numa pessoa que espera no ponto de ônibus o Circular. Ela não espera um ônibus específico em sentido material, o que tem uma janela no fundo que não abre, ou que traz um cartaz de propaganda mais agradável em seu interior, o que ela espera é a identidade daquele ônibus.

O segundo exemplo de Saussure é o da rua que foi recapeada, embora não seja mais como antes, ainda é possível reconhecer que se trata da mesma rua. A identidade linguística, esclarece Saussure, comporta-se de modo análogo. Quanto ao exemplo de *Messieurs* e *Messieurs!*, Saussure (1997, p. 22) afirma que “[...] dans Messieurs prononcé deux fois c'est la même chose: <j'ai dû renouveler la matière!> Donc ce n'est pas une identité quelconque qui est sous la main⁶⁷”.

Essa questão da identidade será importante para compreendermos a *Significação* pelo fato de Saussure, de certo modo, atrelar esses termos, como também o fará com a unidade. O genebrino assevera que:

Cette question - sur quoi repose l'identité – est la plus grave parce qu'elle revient tout à fait à la question de l'unité. Il n'y a pas identité si certaines conditions tacites ne sont pas acquises d'avance. **Le lien de l'identité <linguistique [...]> affecte <done> l'idée même de l'unité⁶⁸**. (Saussure, 1997, p. 22 – destaques nossos em negrito)

Sendo assim, há uma tênue linha de ligação entre identidade, unidade e *Significação*. Acreditamos que no decorrer desta tese isso deverá ficar mais claro para o leitor.

Robert Godel, um dos grandes comentaristas da obra de Saussure, em um artigo de 1948 para o *Cahiers Ferdinand de Saussure*, aborda a questão da identidade e da unidade na obra do genebrino. Logo no início de seu artigo, ele afirma que “[...] le signifié comme le signifiant peut varier dans une certaine mesure sans que soit compromise l'identité du signe⁶⁹” (Godel, 1948, p. 6). Comparando a afirmação de Godel com as metáforas do trem e da rua, trazidas por Saussure, é possível que variações pequenas (como um motor no trem, ou um calçamento novo de uma rua, ou mesmo a janela do final do ônibus que não abre) não são passíveis de comprometer a identidade, assim como pequenas variações no *Significado* ou no *Significante* não comprometem a identidade do *Signo*. Tomemos o exemplo da palavra *Messieurs* ou

⁶⁷ “[...] em *Senhores* pronunciado duas vezes é a mesma coisa: <eu tive que renovar a matéria!> Portanto, não é uma identidade qualquer que está em mãos”. (Tradução nossa)

⁶⁸ “Esta questão – sobre o que repousa a identidade – é a mais grave, porque retorna tudo para a questão da unidade. Não há identidade se certas condições tácitas não são adquiridas de antemão. A ligação da identidade <linguística [...]> afeta, portanto, a própria ideia de unidade”. (Tradução nossa).

⁶⁹ “[...] o significado, assim como o significante, pode variar em uma certa medida sem que seja comprometida a identidade do signo”. (Tradução nossa).

Senhores no português; quando Saussure propõe a repetição desta palavra, em uma reunião por exemplo⁷⁰, há uma variação fônica entre um *senhores* inicialmente dito para chamar a atenção dos presentes para quem se vai falar e um *Senhores!*, expresso para acalmar os ânimos. Essa variação não compromete a identidade do *Signo*. Além de não comprometer a identidade, parece estar prevista essa margem de variação fônica, que permite *Significações* diferentes, uma vez que não é o mesmo dizer calmamente uma palavra, como um simples vocativo e a esbravejar como que pedindo silêncio.

3.2.4.2 *Significação* e unidade: o marco das palavras

O mestre genebrino chega, então, à questão das *unidades* e de como encontrá-las. Ele afirma, a partir do conceito de *Palavra*, que não existem, como muitos são levados a crer, palavras que sejam unidades por si sós, as quais depois se pode ajuntar uma *Significação*, pelo contrário, ele afirma que é “[...] la signification qui délimite les mots dans la pensée⁷¹” (Saussure, 1997, p. 24). Note-se que Saussure está tomando a *Significação* como fator que delimita a unidade significativa em uma língua. Convém lembrar que, quando examinamos os manuscritos saussurianos, haviam sempre uma insistência de que não existiam categorias dadas de antemão, palavras que só precisavam de um canal para serem proferidas. Embora admitisse algum tipo de categoria absoluta, como já explicamos, esse terreno não linguístico do pensamento seria o lugar do *Sentido*, da *substância* do *Significado*, que tem por *matéria* o pensamento. Fica, portanto, claro que Saussure está colocando a unidade linguística tanto no domínio do signo linguístico, quanto na sincronia à medida que está ligada à *Significação*.

O lugar em que a unidade linguística é definida também entra em evidência no momento em que Saussure aborda um critério para se definir essas unidades. Para ele, o critério seria a consciência do sujeito falante. Explica, pois:

Ce qui est dans le sentiment des sujets parlants, ce qui est ressenti à un degré quelconque c'est la signification et on pourra dire alors que le concret réel, pas du tout si facile à saisir dans la langue = ce qui est ressenti, ce qui à son tour = ce qui est significatif à un degré quelconque. **Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d'unité, c'est la signification qui la crée, elle n'existe pas avant:** <ce ne sont pas les unités qui sont la pour recevoir une signification.>⁷². (Saussure, 1997, p. 24 – destaques nossos em negrito)

⁷⁰ No *Curso de Linguística Geral*, os editores desenvolveram esse exemplo enquadrando-o numa reunião.

⁷¹ “[...] a significação que delimita as palavras no pensamento”. (Tradução nossa)

⁷² “O que está no sentimento dos sujeitos falantes, o que é sentido em um grau qualquer é a significação e podemos dizer, então, que o concreto real, de modo algum fácil de se saber na língua = o que é sentido, que por sua vez = o que é significativo em um grau qualquer. O que é significativo se traduz por uma delimitação da unidade, é a

O sujeito falante está sempre sendo trazido por Saussure para o centro das discussões linguísticas, de modo que a delimitação da unidade toma por critério o sentimento do falante, isto é, a percepção do falante, o seu reconhecimento da unidade. Só será, de fato, uma unidade linguística aquilo que o sujeito falante reconhece como tal. Nessa operação do espírito que Saussure atribui ao falante, temos outra menção à *Significação*, pois é ela que é sentida pelo falante. A *Significação* é o que o falante reconhece, sente e, nesse sentir, são delimitadas as unidades. É por isso que o linguista genebrino insiste que as unidades não são dadas de antemão, elas não estão prontas para receber a *Significação*, mas é esta que cria as unidades linguísticas. Essa proposição tem paralelo nos cadernos de Patois, quando se explica, acentuando a importância da afirmação por meio de um sublinhado, que “On ne peut séparer les unités autrement que par la signification ou réciproquement⁷³” (Saussure, 1997, p. 142). No trecho de Patois, a tese de que a *Significação* delimita as unidades linguísticas torna-se ainda mais peremptória. Portanto, para Saussure, o que é significativo em uma língua tem sua delimitação e essa delimitação vem por meio da *Significação*.

3.2.4.3 O real da língua

Outro ponto importante de se destacar nesta discussão e que aparece na citação acima, do caderno de Riedlinger, é a conceituação de *Significação* como o concreto, o real da língua. Ao mesmo tempo em que, nos seus manuscritos, Saussure afirma que o essencial da língua é puramente negativo e diferencial, não possuindo fatos positivos, ele admite que isto é uma constatação do sistema, tem a ver com um funcionamento interno, não é, pois, a percepção do falante. Este não daria conta de *falar* se não sentisse fatos positivos, aliás, são puramente fatos positivos que são percebidos pelo sujeito falante. Quando o genebrino discorre sobre concreto ou real da língua, ele refere-se ao que é concreto e real para o sujeito falante e não em algo que tenha uma realidade concreta fora da massa falante.

Nos cadernos de Patois, ele traz a mesma reflexão, mas, com um esquema mais enxuto, consegue ilustrar um certo conceito de *Significação*, classificando-a como: “concret/réel = ce qui est ressenti = ce qui est significatif⁷⁴” (Saussure, 1997, p. 122).

significação que a cria, ela não existe antes: <não são as unidades que estão aqui para receber uma significação.>”. (Tradução nossa)

⁷³ “Não podemos separar as unidades senão pela significação ou reciprocamente”. (Tradução nossa)

⁷⁴ “Concreto/real = o que é sentido = o que significativo”. (Tradução nossa).

3.2.4.4 Unidade, identidade e *Valor*

Na continuação da discussão, em ambos os cadernos, Riedlinger e Patois, Saussure afirmará que não faz distinção profunda entre os conceitos de identidade e unidade, além de *Valor*, realidade e elemento concreto. Esses conceitos parecem ser bem semelhantes e, em última instância, estariam todos resumidos no conceito de *Valor Linguístico*. Torna-se um pouco obscuro o pensamento do genebrino em muitos trechos, pois ele parece caminhar para determinada direção e em seguida suas afirmações podem bagunçar todo um esquema que seu leitor vinha traçando. Até aqui, Saussure estava apresentando a *Significação* como o elemento concreto e real da língua e como seu delimitador, mas agora toma o *Valor* como elemento principal, que reclama para si essas acepções.

Em certo momento, no manuscrito EDL, Saussure faz uma afirmação que tem essa mesma sistemática, isto é, que não reconhece diferença fundamental entre determinados elementos, no caso em questão tratava-se do *Valor* em relação a outros termos semânticos como *Significação*, *Ideia*, *Sentido*, etc. Saussure dizia não haver diferença profunda entre esses elementos. Desta vez, faz afirmação semelhante, ainda envolvendo o *Valor*, mas com outras acepções. Como compreender isso? Para ajudar, o professor toma como exemplo uma peça do jogo de xadrez, o cavalo. Ele afirma que, para o jogo, é irrelevante a composição material da peça, importando tão somente o valor que essa peça possui no tabuleiro. Saussure ainda vai mais longe, diz que até mesmo uma peça que seja desprovida de uma aparência de cavalo poderia ocupar aquele lugar, desde que ficasse estabelecido que teria o mesmo valor da referida peça, isto é, poderíamos substituir o cavalo por uma tampinha de garrafa, um botão ou mesmo uma pedrinha. O genebrino está se colocando no sistema linguístico, e é importante distinguirmos do que ele está falando. Quando adentramos ao sistema de uma língua, temos um elemento mor, aquilo que faz a engrenagem funcionar. Repetidas vezes o linguista afirmou em seus manuscritos e nos cursos que o essencial da língua é negativo e diferencial e que, portanto, o que melhor descreveria o sistema linguístico era a ideia de *Valor*. É pelo *Valor* que as peças da língua, isto é, os *Signos* entram em funcionamento, pois isolados do sistema não tem função significativa; é pelo sistema e no sistema que os *Signos* se tornam significativos para os sujeitos falantes, e a base desse sistema é o *Valor*. É nesse contexto que a metáfora do xadrez se aplica ao sistema de uma língua.

Quando pensamos na peça cavalo, a questão do material de que é feito e até mesma da dessemelhança de outros objetos que pudessem ocupar esse lugar, podemos perceber que Saussure está tocando não só na questão da *identidade* e da *unidade*, mas também do

Significado e do *Significante*. As mudanças que venham a ocorrer em determinado *Signo* pelo deslocamento da relação *Significado/Significante*, ou pela alteração do lado material de uma das partes, pode afetar a identidade, mas seria o mesmo que afetar o *Valor*? Se o cavalo é substituído por uma tampinha de garrafa, podemos imaginar que a identidade está comprometida, mas o *Valor* que essa tampinha adquire no jogo seria o mesmo da peça extraviada.

Destarte, pelas dificuldades que alguns termos trazem, Saussure prefere *Valor* pelos motivos já expostos, relacionados ao sistema, mas também por evitar alguns impasses trazidos por eles. Saussure não nega que haja identidades e unidades, mas entre elas escolhe o *Valor* como método de análise, de modo que a língua não pode ser estudada a partir da *unidade*, mas em seu conjunto.

Nessa mesma perspectiva do sistema linguístico, Godel (1948) aponta que a *unidade* na reflexão saussuriana era definida pelo *Valor Linguístico*. Segundo ele “**Dans le syntagme**, les unités ne se distinguent pas seulement par leur forme et leur sens, mais aussi par leurs caracteres grammaticaux (**classe, fonction**)⁷⁵” (Godel, 1948, p. 10 – destaques nossos). O autor enfatiza a *unidade* no sistema, no sintagma; desse modo, considerando-se o sistema como um todo, não é definida a *unidade* pelas contrapartes que ele denomina com os termos “não canônicos” *Forma* e *Sentido*.

A função e/ou a classe contribuirão para o “recorte” da *unidade*. Ele toma como exemplo alguns verbos da língua francesa que estão semanticamente próximos, são eles: *terminer*, *finir* e *achever*. Embora nos dicionários apareçam como sinônimos por seu *Significado*⁷⁶, o uso desses verbos não é o mesmo. Segundo o autor, na língua francesa, o verbo *terminer* só comporta um substantivo como complemento; já o verbo *finir* pode ser intransitivo, característica não compartilhada pelos outros dois. Godel (1948) toca, dessa forma, num ponto importante: Essas palavras contêm matéria fônica diversa, mas partilham de um *Significado* comum. Se fossem os *Significados* e os *Significantes* que definissem a *unidade* poderíamos encontrar uma única *unidade* ou uma mesma *identidade* nesses três verbos, contudo são limitadas, no sistema, também pelo *Valor*.

As explicações desse comentarista saussuriano esclarecem ainda mais a metáfora do jogo de xadrez. A matéria da peça pode variar, até mesmo a semelhança de uma peça em forma

⁷⁵ “No sintagma, as unidades não se distinguem somente pela sua forma e seu sentido, mas também por suas características gramaticais (classe, função)”. (Tradução nossa)

⁷⁶ Essas palavras traduzem-se por terminar, acabar, concluir, completar, podendo na maior parte dos casos serem tomadas umas pelas outras. São sinônimos.

de cavalo pode mudar, mas a verdadeira questão é: no jogo, ela pode fazer o que a peça cavalo faz? Essa é a definição da unidade em última instância. Os verbos, apresentados pelo autor, embora pareçam entre si (tenham semelhança da mesma peça, embora de materiais diferentes) não serão, de fato, a mesma peça, pois os movimentos que podem fazer no jogo são diferentes.

Dentro dessa mesma proposição do *Valor* se sobrepondo a *identidades e unidades*, é que Saussure fará uma distinção entre *Valor* e *Significação*:

La valeur ce n'est pas la signification. La valeur est donnée par d'autres données; <elle est donnée - en plus de la signification - par le rapport entre un tout et une certaine idée,>**par la situation réciproque des pièces dans la langue**⁷⁷ [...]. (Saussure, 1997, p. 29 – destaques nossos em negrito)

Saussure é categórico em dizer que *Valor* e *Significação* não são a mesma coisa. Após falar sobre as diferenças mínimas que há entre *unidade*, *identidade* e *Valor*, dirá agora que entre o último e a *Significação* há diferenças mais profundas. Ele mesmo explica essas diferenças na citação acima. Trata-se da constituição do *Valor*. Este se dá pela relação de uma ideia com um todo. O sistema está em jogo. Ao analisar a língua como sistema não se olha apenas a parte, mas a parte relacionada com o todo. Também o *Valor* tem a ver com a situação de cada peça nesse conjunto, deste modo, não só se constitui pela relação da ideia com o todo, mas também da situação desse todo que são os outros *Signos*. Por conseguinte, quando se fala do sistema, está se falando de *Valor Linguístico*, pois envolve a arrumação das peças em uma língua particular.

É mister também notar que, na citação acima, podem ser vistas três acepções distintas da órbita semântica saussuriana. Temos o *Valor*, que rege o sistema linguístico, o qual ele está descrevendo, temos a *Ideia* que, neste caso, é equivalente a *Significado*, estando, portanto, relacionada à contraparte do *Significante*; também aparece o termo *Significação* se diferenciando de *Valor*. Três termos, cada um com sua acepção. Embora esses termos apareçam aqui delimitados ou mais ou menos diferenciados, muitas outras vezes aparecem como sinônimos. É o pensamento em ebulição de um professor e de um espírito inquieto quanto à linguística da época.

Continuando nossa análise, na distinção, feita por Saussure, entre *Valor* e *Significação*, ele deixa escapar outro fator importante quanto à segunda; afirma que esta é, também, um elemento constitutivo do *Valor*. Note-se que ao falar dos elementos pelo qual o *Valor* se estabelece, o genebrino esclarece que este é constituído “além da *Significação*” por outros elementos, ou seja, a *Significação*, apesar de ser constitutiva do *Valor*, não é a única, pois as

⁷⁷ “O valor não é a significação. O valor é dado por outros dados; <ele é dado – além da significação – pela relação entre um todo e uma certa ideia> pela situação recíproca das peças na língua [...]”. (Tradução nossa)

peças do sistema, o todo com as partes, também o definem. Essa discussão retornará quando chegarmos à obra de 1916 e no entendimento de Bally e Sechehaye sobre essa questão, a saber, se a *Significação* é constitutiva do *Valor*, nesse caso, ficando este dependente dela, ou se o *Valor* é constitutivo da *Significação*, sendo, agora, esta dependente daquele.

3.2.5 A constituição da *Significação*

Na continuação das aulas do segundo curso, Saussure também expõe a constituição da *Significação*, assim como fez com o *Valor*, mas, como característico do mestre, sempre de forma gotejada, pois parece estar refinando seu pensamento ali mesmo, em suas aulas em Genebra.

Após tratar de diferenças entre palavras que tenham uma relação semântica no sistema, ele afirma que:

Il y a um phénomène déjà par le fait que cette différence <entre mots qui ont des relations> **est une des choses qui contribuent à la signification. <Toute signification est une opposition qui se fonde sur une différence, et une différence qui devient plus ou moins régulière.>**⁷⁸. (Saussure, 1997, p. 38 – destaques nossos em negrito)

Da mesma forma que o *Valor* é composto de vários fatores, assim também parece ser com a *Significação*. Saussure afirma que as diferenças estabelecidas no sistema são constitutivas da *Significação*, de modo que ela está fundada sobre diferenças que se tornam, em certa medida, regulares. Ao fazer esta colocação, o genebrino parece estabelecer o contrário do que havia proposto antes, isto é, de que a *Significação* é um dos elementos do *Valor*, pois quando falamos em diferença, é dele que estamos falando.

Saussure prossegue sua explanação afirmando que a diferença é a essência dos fenômenos sincrônicos, daquilo que é significativo, chamando, assim, a atenção para o fato de que é na sincronia que encontramos todos esses fenômenos e de que a *Significação* é “propriedade” exclusiva pela sua estreita ligação com o *Valor* e com o sentimento do sujeito falante.

Para explicar melhor essa base da *Significação*, o professor usa de um termo novo *Significativité*, que traduzimos por *Significatividade*⁷⁹. Segundo ele, as diferenças existentes no sistema estão acompanhadas por uma *Significatividade*, ou seja, são diferenças que marcam

⁷⁸ “Há um fenômeno já pelo fato de que esta diferença <entre palavras que tem relações> ser uma das coisas que contribuem com a significação. <Toda significação é uma oposição que se funda sobre uma diferença e uma diferença que se torna, mais ou menos, regular>”. (Tradução nossa)

⁷⁹ Na tradução dos cadernos de Riedlinger para o inglês, feita por George Wolf, essa palavra foi traduzida por *meaningfulness*, que em português seria equivalente a significativo ou relevante.

oposição e, portanto, são significativas. Ele dá então como exemplos as flexões verbais em uma língua particular, pois são diferenças regulares que se atribui *Sentido*. Aprofundemo-nos mais neste ponto: primeiro, a introdução do termo *Significatividade* nos induz a pensar que a busca de Saussure pelos termos que melhor descrevessem os fenômenos continuava ávida, de modo que tateava termos que pudessem precisar com mais clareza os funcionamentos do sistema linguístico; segundo, esse termo, que não aparece na obra de 1916, aparenta querer especificar em que tipo de diferença está fundamentada o sistema de uma língua particular, pois ao tempo em que dá como exemplos as desinências verbais, que transmitem ideia de tempo, modo, pessoa e número, sendo, portanto, significativas, ele descarta diferenças fonéticas, como no caso do português de palavras como *tia* e *dia* que possuem variações fonéticas /t/ /d/ e /tʃ/ /dʒ/, que não provocam alterações de *Sentido*, o que nos leva a concluir que são diferenças que envolvem a semântica que são a base do sistema linguístico.

Por último, não podemos deixar escapar o aparecimento do termo *Sentido* nesse momento. Se tomamos esse termo, como propusemos em trabalho anterior, como *substância* do *Significado*, sendo ele, conforme Hjelmslev (2006), ligado a uma questão sensorial, de percepção do mundo pelo sujeito falante, é justificável, quando tomamos como exemplo as desinências verbais, pensar no *Sentido*, uma vez que elas transmitem informações semânticas ligadas à percepção do sujeito falante em relação ao mundo, ou seja, sempre existe um *eu* e um *tu*, do mesmo modo podemos pensar sobre a percepção do tempo entre os diversos povos. O *Sentido* como matéria do *Significado* se encontra, portanto, presente aí, contudo, assim como a *Figura Vocal*, *substância* do *Significante*, não terá *Valor* sem este, assim também o próprio *Sentido* só tem *Valor* por meio do *Significado*, este sim tomado pelo sistema linguístico.

3.2.6 A *Significação* entre sincronia e diacronia

A separação que Saussure faz entre os fenômenos de ordem diacrônica e sincrônica também nos ajudam a compreender melhor a *Significação* em sua epistemologia. Tomando a língua latina como exemplo, o genebrino apresenta o par *cipio/percipio*, termos simultâneos que se opunham, podendo ser tomados em acepções semelhantes como apanhar com as mãos ou compreender algo. Contudo, ele afirma que essa oposição só foi possível porque em algum momento houve outro fenômeno linguístico, sendo este diacrônico, que transformou a palavra *percapio* em *percipio*. Quanto ao primeiro fenômeno, explica que:

[...] le phénomène **qui fait que l'esprit <tout seul> attachera une signification a l'alternance**, <à cette différence qu'on lui offre,> n'a rien a faire avec la

transformation diachronique *percapio* > *percipio*.>⁸⁰ (Saussure, 1997, p. 39 – destaques nossos em negrito).

Saussure relaciona *Significação* a alternância, e esse fenômeno é típico da sincronia, não possuindo nenhuma relação com o fenômeno diacrônico que transformou *percapio* em *percipio*. Este segundo fenômeno, prossegue Saussure, tem como agente o tempo e se dá sempre entre termos sucessivos, ou seja, em algum momento no tempo *percapio* foi substituído por *percipio*. Acrescenta ainda que “ces deux termes successifs sont identiques **suivant um certain sens <qu'on pourra appeler diachronique;>**”⁸¹ (Saussure, 1997, p. 39 – destaques nossos). Por conseguinte, o tempo torna-se esse agente principal que ratifica as mudanças, consagra as substituições que ocorrem na língua. Note-se, mais uma vez, o surgimento do termo *Sentido*, dessa vez, envolvendo os processos diacrônicos. Em sentenças como essa torna-se mais difícil encontrar a acepção do termo, uma vez que ele pode, tão somente, querer dizer *linha*, *modelo*, *ideia*, contudo, por tratarmos de sucessão no tempo, em que a matéria e a *substância* estão em evidência, podemos inferir que este termo se refere a parte material do *Significado*.

Se, diacronicamente, observamos o que se transmitiu do *Significante*, sua *substância*, a *Figura Vocal*, também parece seguir uma certa lógica que, diacronicamente, possamos, do mesmo modo, encontrar o que se transmitiu da *substância* do *Significado*, seu *Sentido*, que, aliás, Saussure parece colocar como a ponte de ligação entre termos sucessivos, o que permitiria, por exemplo, estudos do tipo etimológicos.

Na sincronia, o fenômeno é de outra ordem; frisa Saussure que são de essências muito diferentes. Nela, temos termos simultâneos que se opõem e, diferentemente do que acontece na diacronia, eles são marcados pela diferença, o que envolve, pois, o *Valor*.

Ainda que, mais uma vez, o professor tenha colocado o sujeito falante como o centro dos acontecimentos sincrônicos, Joseph (2023) faz uma observação importante sobre a questão. Segundo ele, “[...] Saussure não relaciona mais a consciência dos falantes ao tempo; ao colocar o foco no ‘sentimento’, ele desloca a concretude da ação, o domínio da fala, para uma dimensão psicológica que ele admite, ‘não é tão fácil de apreender’” (Joseph, 2023, p. 719 – destaques do autor). A primeira parte da colocação de Joseph parece estar bem respaldada pela própria divisão que o genebrino faz entre os fatos sincrônicos e diacrônicos, em que, no caso deste último, o tempo é o agente e não a consciência do falante. É nessa perspectiva que Saussure rejeita a vontade do falante como causa da mudança linguística, uma vez que esta, sendo uma

⁸⁰ “o fenômeno que faz com que o espírito <sozinho> atrele uma significação à alternância, <a esta diferença que ele oferece,> não tem nada a ver com a transformação diacrônica *percapio*> *percipio*.>”. (Tradução nossa)

⁸¹ “Esses dois termos sucessivos são idênticos, seguindo um certo sentido <que pode ser chamado diacrônico;>”. (Tradução nossa)

substituição no tempo, não tem ligação direta com a ação do falante. Quando é possível identificar uma mudança linguística, já se passou a geração que usava o termo anterior. Essa visão é repetida constantemente por Saussure quando afirma que o sujeito falante faz “tábula rasa” do passado de sua língua.

Quanto ao deslocamento da concretude da ação, entendemos que Saussure compreende duas instâncias referentes ao domínio do *Signo Vocal*, que é o domínio linguístico por excelência. A primeira instância seria a o sistema, no qual o *Valor* é o concreto da língua, uma vez que esse sistema é negativo e de essência diferencial. A segunda instância seria a da *Fala*, na qual a língua toma forma real para o sujeito falante, seja pela materialidade óbvia, expressa pela cadeia acústica, seja pela materialidade de *Sentido* que é partilhada pela comunidade linguística por meio de questões sensoriais inerentes à vida e à percepção humanas. Essa segunda tem por concreto, por real, não elementos isolados, mas a junção de elementos que produzem fatos positivos, sendo, portanto, a *Significação* o real.

Essa apreensão, como evidencia Saussure, não é fácil, contudo, é possível observar que a *Significação* traz o sentimento do falante e, como já dissemos antes, esse sentimento cede ao inconsciente, por meio do qual podem entrar fatores outros, como a história, por exemplo. No caderno de Patois, nas anotações correspondentes às diferenciações de fenômenos sincrônicos e diacrônicos, há uma adição importante e pertinente a essa questão:

Il y a un phénomène par le fait que cette difference entre mots qui ont des relations est une des choses qui contribue à leur signification. Toute signification repose sur des différences, et ces différences sont significatives a um certain degré; c'est le phénomène synchronique [...]⁸². (Saussure, 1997, p. 133 – destaques nossos)

A diferença é a base da *Significação*, diz Saussure agora, subordinando-a ao *Valor*; contudo, o que queremos enfatizar, por ora, é que mesmo estabelecendo esse jogo de diferenças como a essência do sistema linguístico de qualquer língua, o genebrino não deixa totalmente de lado a contribuição do passado da língua, pois analisando as palavras latinas *capio* e *percipio* que são simultâneas e se opõem, bem como as palavras *percapio* e *percipio* que se sucederam no tempo, explica que: “Il y a donc deux phénomènes; **et le second est conditionne par le premier: capio / percipio** qui n'existerait pas si un phénomène diachronique n'avait change *percapio* en *percipio*⁸³” (Saussure, 1997, p. 134 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito). Essa afirmação de Saussure é deveras interessante, pois, ao mesmo tempo em que

⁸² “Há um fenômeno pelo fato de que essa diferença entre palavras que possuem relações é uma das coisas que contribui para a significação. Toda significação repousa sobre diferenças, e essas diferenças são significativas em um certo grau; é o fenômeno sincrônico [...]”. (Tradução nossa)

⁸³ “Há, portanto, dois fenômenos; e o segundo é condicionado pelo primeiro: *capio / percipio* não existiriam se um fenômeno diacrônico não tivesse mudado *percapio* em *percipio*”. (Tradução nossa)

coloca a diferença como essência do sistema linguístico em relação à sincronia, estabelecendo conjuntamente essa diferença, apesar das oscilações, como base de uma *Significação*, ele admite que os fenômenos sincrônicos estão submetidos aos fenômenos diacrônicos, que, por óbvio, os precedem. De certo modo, com esta afirmação, há de se apreender que os processos históricos contribuem para a *Significação*, ainda que esta esteja sujeita à percepção do sujeito falante, que desconhece o passado. Com o sentimento do falante, entra em jogo também o inconsciente e, talvez, seja essa a porta por onde vem a contribuição do passado para a *Significação*.

Conquanto iremos analisar ainda a obra marco de Saussure, convém lembrar uma das passagens que ficou consagrada nela: “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (Saussure, 2008, p. 16). O fato de não podermos perder de vista o passado da língua, nos demonstra que, de algum modo, esse passado colabora com os processos sincrônicos; desconhecê-los torna-se prejudicial, ao menos para os que se debruçam sobre o estudo da língua. Como expressou Joseph (2023, p. 722-723 – destaques do autor), “A ‘estreita dependência’ entre o sincrônico e o diacrônico desmente qualquer afirmação de que Saussure pedia que a investigação diacrônica fosse abandonada ou marginalizada”. Contudo, essa dependência não deve ser considerada ao extremo, pois Saussure nega veementemente isso ao asseverar que o fenômeno sincrônico “[...] est irréductible et tout à fait indépendant de l'autre⁸⁴” (Saussure, 1997, p. 134).

Diante disso, vemos o quanto a questão é complexa, de difícil apreensão. Não nos esqueçamos que no manuscrito EDL, Saussure enfatiza o domínio do *Signo* Vocal, este não é o domínio do *Signo*; o adjetivo que se pospõe ao substantivo nos oferece um panorama do campo de trabalho do linguista que parece ir além de uma isolada linguística da língua. Retomaremos essas questões ao abordar a obra editada por Bally e Sechehaye.

3.2.7 *Significação* e diferenças

Prosseguindo com seus ensinamentos sobre o sistema sincrônico, Saussure apresenta a oposição entre as palavras alemãs *nacht* e *nächte*⁸⁵, apontando que a diferença marcada entre uma e outra está na ideia de plural, definindo este como “[...] avant tout une idée de signification

⁸⁴ “[...] é irredutível e completamente independente do outro”. (Tradução nossa)

⁸⁵ Respectivamente: noite e noites.

qui prévaut, qui flotte devant l'esprit⁸⁶” (Saussure, 1997, p. 40). Destacamos essa passagem do segundo curso para chamar a atenção do leitor para como a palavra *Significação* está sempre atrelada a ação do sujeito falante. Note-se que Saussure está apelando, mais uma vez, para o sentimento do falante, mais que isso, para sua percepção. Esta oposição apresentada por Saussure torna-se ainda mais interessante pelo fato desta não ser de *Signos* que dividem *Significações* entre si, mas sim na ideia de quantidade. Nesse caso, pode-se invocar a materialidade do *Significado*, ou seja, o *Sentido*, pois é uma questão sensorial, de modo que temos uma noite (*nacht*) e várias noites (*nächte*), assim, na transposição da materialidade fônica (a – ä), bem como no acréscimo de um sufixo, nós temos uma nova *Significação*, pois é percebida uma nova unidade pelo sujeito falante, embora o *Significado* seja o mesmo, isto é, as duas palavras possuem a mesma base significativa. Assim como o som, ou melhor, a *Figura Vocal*, estará em evidência em algumas questões de oposição, como no caso de palavras homófonas (*pelo* do verbo pelar e *pelo* do animal, ou ainda a contração *pelo*), também é possível que o *Sentido* entendido como *substância* do *Significado* contribua com as diferenças do sistema, pois o próprio Saussure afirma, quanto à oposição das palavras alemãs, que “[...] <l'opposition> se trouve être porteur (**contribue principalement**) d'une différence de sens” (Saussure, 1997, p. 40 destaques nossos em negrito). Se as diferenças contribuem para a *Significação*, então o *Sentido* também tem sua parcela de contribuição, uma vez que, em muitos casos, será um fator de diferença. Novamente somos levados a observar o sistema linguístico de forma holística.

O mestre genebrino prossegue suas aulas explicando que o que é significativo em uma língua é, por conseguinte, sincrônico. Ele está sempre retomando essa assertiva de que o método sincrônico é o terreno semântico por excelência, entretanto, alerta para que não se pense que significativo é uma criação de gramáticos. Não se trata do que é criado ou estabelecido em gramáticas normativas, mas, e aqui ele mais uma vez traz o sujeito falante para o centro da discussão, o que o espírito consegue discernir como significativo em uma língua. Por isso, afirma quanto aos fatos sincrônicos, notadamente os de oposição, que “C'est <la différence qui rend significatif et c'est> **la signification qui crée les différences aussi**”⁸⁷ (Saussure, 1997, p. 50 – destaques nossos em negrito). Essa citação tem uma importância capital para a nossa tese. Compreendendo-se que o campo sincrônico é, de fato, o lugar da *Significação* e que este mesmo campo tem por essencial as diferenças estabelecidas no sistema, temos agora a afirmação de que é a *Significação* que cria as diferenças. Perceba-se como vai ficando cada vez mais tênue a

⁸⁶ “[...] antes de tudo uma ideia de significação que prevalece, que flutua diante do espírito”. (Tradução nossa)

⁸⁷ “É <a diferença que o torna significativo e é> a significação que cria as diferenças também”. (Tradução nossa)

linha entre *unidade*, *identidade*, *Valor* e *Significação*, além, é claro, da *diferença* que é característica primordial do sistema.

Anteriormente, Saussure também outorgou à *Significação* a delimitação da *unidade*, do mesmo modo, legou essa função ao *Valor*, sem confundi-los, mas antes, exaltando suas características diferenciais. Agora, à *Significação* é atribuída a função de *criar as diferenças*. Podemos pensar, por exemplo, na palavra *cria*. Essa palavra, além das acepções existentes como verbo, como filhote de algum animal, ninhada, ultimamente vem sendo usada, particularmente pelos adolescentes e jovens, como uma gíria. Segundo o Dicionário Popular⁸⁸, esta gíria foi popularizada por gêneros musicais do tipo *rap* e *funk* e, em São Paulo, designa, geralmente, o lugar de onde se veio, mas especificamente para falar de pessoa que nasceu e se criou na favela. Já no Rio de Janeiro, designa parceiro, alguém que cresceu junto contigo. Essa segunda acepção pode ser notada na linguagem dos jovens da capital Alagoana. Esse é um caso em que podemos reconhecer a *Significação* atuando como fator de diferença, contribuindo com as diferenças do sistema.

As diferentes acepções da palavra, inegavelmente tem uma base comum, o *Significado*, porém ele já possui essa “elasticidade” semântica, que permite o fluir das *Significações*. Também é preciso destacar o caráter dinâmico e renovador da *Significação*, que toma *matéria* antiga e a transforma sem modificar a língua no sentido saussuriano, mas ao mesmo tempo traz novas oposições ao sistema.

Diante desse quadro, podemos pensar numa contradição do genebrino ou até pensar numa mudança em seu entendimento, uma vez que já havia dito que era a noção de *Valor* que melhor traduzia a essência do sistema linguístico e que era esse mesmo termo que estabelecia as diferenças. O trecho que se segue parece elucidar essa aparente contradição: “on ne peut établir autrement les unités **que par la signification <et réciproquement>**” (Saussure, 1997, p. 50 – destaques nossos em negrito). Portanto, as *unidades* são estabelecidas pela *Significação*, mas não sozinha, a reciprocidade evoca o *Valor* e o sistema linguístico.

Também no caderno de Patois temos uma passagem que nos leva a entender que as diferenças do sistema não são apenas frutos do *Valor*. Saussure afirma: “On considère le signe dans sa valeur et son **existence sociale**”⁹⁰ (Saussure, 1997, p. 115 – destaques nossos). O *Signo* tem a ver com a *unidade* e, portanto, com as diferenças que a regem, pois é isso que o linguista

⁸⁸ Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/significado-giria-cria/>>.

⁸⁹ “não podemos estabelecer de outro modo as unidades a não ser pela significação <e reciprocamente>”. (Tradução nossa)

⁹⁰ “Consideramos o signo em seu valor e em sua existência social”. (Tradução nossa)

analisa no sistema, as diferenças. Elas vêm tanto do *Valor*, em relação ao sistema em si, quanto de sua *existência social*, que ligamos à *Significação*. Perante essas reflexões, podemos depreender que, se a *Significação* trouxe uma nova oposição em *cria*, essa oposição só existe quando se considera todo o sistema em seu *Valor* linguístico. Por conseguinte, este trecho do segundo curso estreita os laços entre *Significação* e *Valor*.

A *diferença*, ao que já vimos, é a palavra de ordem quando tratamos do sistema linguístico sincrônico. Sua relação com a *Significação* mostrou-se ainda maior a partir do SCLG. Necessário se faz, destarte, que tenhamos um olhar mais acurado para essa característica essencial da língua. No artigo de Pereira de Castro (2020), sobre identidades linguísticas, ela chega na questão da *diferença* e demonstra que esse conceito já era distinto na filosofia escolástica, apresentado um trecho da obra de Edmond Globot:

O próprio é uma característica que pertence a uma espécie ou indivíduo, e não se encontra em nenhuma outra espécie ou indivíduo do mesmo gênero. O próprio é, portanto, suficiente para caracterizar a espécie. Entretanto, o distinguimos da diferença. **A diferença é uma característica ao mesmo tempo própria e essencial. Uma característica essencial é permanente, ao passo que o próprio pode ser acidental ou passageiro.** (Globot, 1901 *apud* Pereira de Castro, 2020, p. 9 – destaques nossos)

A distinção feita na escolástica lança uma luz sobre o foco que Saussure dá nos estudos sincrônicos para a *diferença*. Essa característica do próprio, ainda nos manuscritos, o genebrino relega a um segundo plano, sempre demonstrando que o essencial na língua são as *diferenças*. Note-se que a filosofia escolástica afirma que é a *diferença* que marca uma característica essencial e que o que é essencial é também permanente. Desse modo, Saussure não viu no *próprio* o foco do linguista, mas sim na *diferença*, que é o essencial. Pereira de Castro (2020) assume, pois, com Milner (2002) que o sistema linguístico deve reter apenas as características que são ao mesmo tempo próprias e diferenciais. Ela conclui, em seguida, que as *unidades*, *identidades* ou *entidades* só existem pelas diferenças e que, ainda seguindo Milner (2002), as *unidades* são atravessadas por “determinações múltiplas”. Conclui então usando um exemplo saussuriano já discutido aqui, o da palavra *senhores* repetida em uma reunião:

[...] uma entidade pode permanecer idêntica mesmo se sua substância material mudou (como o caso das variações da palavra Senhores) e, inversamente, é possível ver mudar a identidade de uma entidade cuja substância material permanece a mesma (como os casos de homofonia, com valores diferentes). (Pereira de Castro, 2020, p. 10)

Nossa pesquisa consegue se alinhar à visão da autora, mas acrescentamos que essas determinações múltiplas que atravessam as *unidades* não se fazem apenas pelo *Valor*, pela reciprocidade de outras *unidades*, mas também pela *Significação*. A conclusão da autora parece

deixar entreaberta a porta para a *Significação* nesse processo, porque citar o caso das homofonias, como o exemplo que citamos da palavra *cria*, nos conduz direta ou indiretamente à *Significação*. Essa questão das homofonias, no avançar do nosso trabalho, se faz um fenômeno pertencente à *Significação*.

3.2.8 *Significação* e Palavra

Passando um pouco para o campo diacrônico, Saussure vai tocar novamente na *Significação*. Tratando do objeto diacrônico, a saber, a fonética, o professor explica que para fazer fonética é preciso despojar a palavra de sua *Significação*. Aqui, assim como em outros pontos, há sempre uma certa neblina sobre os termos, que nos fazem hesitar em dizer prontamente se possui a acepção que vimos apreendendo até aqui pelos próprios escritos saussurianos ou se se trata de uma contraparte, equivalente a *Significado*.

Para elucidar essas questões, ao menos em parte, buscamos sempre analisar os termos que aparecem junto ao que buscamos. O termo *Palavra* está constantemente aparecendo junto com *Significação* e não conseguimos concebê-lo apenas como designando o *Significante*. *Palavra* nos induz a pensar na entidade completa e não em uma contraparte, não um lado da folha, mas a folha. Se pensarmos assim, poderíamos entender que despojar a *Palavra* de sua *Significação* seria tomá-la de modo isolado, desprovida do *Valor*. As *diferenças* são a essencialidade do sistema linguístico, logo, despojar a *Palavra* de sua *Significação* é fazer uma abstração, tomá-la ignorando o sistema. Em seguida, Saussure argumenta que: “On peut faire les tranches autrement que par la signification: je puis abstraire des mots <sans considérer un «mot», voir ce que devient> un groupe **-acta-qui ne correspond à aucune signification**⁹¹” (Saussure, 1997, p. 66 – destaques nossos em negrito). Perceba-se que, ao desmembrar a *Palavra*, já não se fala em *Significação*, ela não é mais um fator de delimitação de *unidade*. O mestre genebrino utiliza como exemplo a raiz latina *acta*, mas podemos tomar, no português, radicais como *fest* que origina festa, festança, festeiro, ou *terr*⁹² de terra, terráqueo, extraterrestre, etc. Essas abstrações, isto é, recortes da *Palavra*, não possuem *Significação*, mas, assim como no caso das desinências, elas possuem *Significatividade*, ou seja, tem função

⁹¹ “Podemos fazer recortes de outro modo que não pela significação: eu posso fazer abstração de palavras <sem considerar uma <<palavra>>, ver o que se torna> um grupo **-acta-** não corresponde a significação alguma. (Tradução nossa)

⁹² Esses dois radicais aqui citados abrem o capítulo sobre formação de palavras do livro *Nossa Gramática Completa*, de Luiz Antonio Sacconi (2020).

significativa, embora sozinhas nada sejam. Quando se juntam a outro elemento, tornam-se uma *unidade* pela *Significação*.

Essa “repartição” da *Palavra* em que se observa os grupos formados por determinado radical, pode ser uma abordagem diacrônica, mas sabendo-se que, nesse caso, o foco está no elemento fonético. Saussure dá como exemplo duas palavras alemãs e explica:

[...] si l'on prend allemand *Springbrunnen*, *Reitschule* (en tout cas une idée verbale dans ce premier mot du composé: **est un fait grammatical, le pur produit d'une interprétation!**) Mais historiquement, pour fixer l'origine de ces composés il n'y a qu'à constater le fait phonétique⁹³. (Saussure, 1997, p. 67 – destaques nossos em negrito)

As palavras alemãs que podem ser traduzidas, respectivamente, por *fonte* e *escola de equitação*, se recortadas, podem ser analisadas independente de sua *Significação*. *Spring* quer dizer pular, *Reits* seria algo como cavalgar, essas primeiras partes das composições possuem uma ideia verbal, mas o que se observaria diacronicamente é a junção dessas partes no tempo, o que implicaria um fato fonético e não sincrônico. Saussure lembra que, mesmo tendo essas primeiras partes algo de gramatical e, portanto, sincrônico, o interesse na questão evolutiva seriam os grupos formados a partir desse elemento, observando não fatos de sentido, mas de fonética. Não podemos deixar de mencionar que, ao falar do que é gramatical, Saussure não hesita trazer o sujeito falante. Note-se que ele atrela o que é gramatical a “um puro fato de interpretação”. Ora, é o sujeito falante que interpreta. Ele está sempre no centro do fenômeno no arcabouço saussuriano.

3.2.9 A história e a língua

O último trecho que vamos analisar do SCLG retoma a relação história e língua. Saussure aborda como a língua é tomada como testemunha da história de um povo, é usada para conhecer o comportamento e as ideias de determinado grupo. A partir daí, ele levanta alguns problemas, nesse processo, relativos à língua. Um deles é as aproximações arbitrárias que se pode fazer entre palavras, como no caso de *servus* e *servare*, em que se busca encontrar uma *Significação* primitiva para concluir que escravo seria um guardião da casa. Ante essa conclusão, Saussure questiona se o *Significado* original de *servare* seria guardar. Essas colocações do genebrino têm por finalidade demonstrar a complexidade de se pensar elementos semânticos no tempo. Recuperar uma *Significação* parece tarefa impossível, achar um

⁹³ “[...] se tomamos o alemão *Springbrunnen*, *Reitschule* (em todo caso uma ideia verbal na primeira palavra da composição: é um fato gramatical, o puro produto de uma interpretação!). Mas, historicamente, para fixar a origem dessa composição não há de se constatar mais que o fato fonético”. (Tradução nossa)

Significado base parece uma tarefa executável, mas, sendo a língua um conjunto, um todo, e não pedaços isolados, ter uma ideia exata de uma *unidade* do passado é, na visão saussuriana, praticamente inalcançável. A precisão é característica da sincronia, do sistema de um estado de língua e não de uma evolução.

Outro ponto apresentado por Saussure como problemático para conhecer povos antigos por sua língua está num fenômeno que ele chama de “migração de *Significações*”. O genebrino explica, então, da seguinte maneira:

[...] il peut y avoir des **mots qui changent de sens à mesure que le lieu de résidence, <l'habitar> des peuples change**. Ainsi un mot qui dans deux ou trois langues désigne la panthère, <c'est-à-dire> un animal qui a l'allure chat; ou bien c'est la panthère qui a reçu le nom du chat ou inversement. **<Il y a des migrations de significations>**⁹⁴. (Saussure, 1997, p. 90 – destaques nossos em negrito)

Essa migração de que fala Saussure pode ser percebida nos estados atuais das línguas. Se tomarmos, por exemplo, do grupo de línguas românicas, o português e o espanhol, há diversas palavras que poderiam causar certas confusões. Nos estudos de línguas estrangeiras são chamados de falsos cognatos (borracha/ bêbada; salada/salgada; saco/paletó). Embora saídas de um mesmo tronco linguístico, a migração fez também mudar a *Significação*. Essas questões levantadas por Saussure, seriam pesos a se considerar ao estudar os povos a partir de sua língua.

Da citação acima, queremos ainda destacar o uso do termo *Sentido* no contexto das mudanças dos povos. Nessa passagem é possível captar melhor a essência material do *Sentido* como uma questão sensorial. Os povos mudam percepções influenciados também pelo ambiente em que vivem, ou seja, a migração pode alterar a zona de *Sentido* que determinado povo partilhava com outros povos. A mudança da *substância* pode acarretar a mudança na relação *Significado/Significante*, que, conseqüentemente, pode afetar a *Significação*.

Saussure conclui então o segundo curso de linguística, deixando seus alunos a espera de que o terceiro curso viesse concretizar expectativas criadas nos dois primeiros, que já traziam novidades para os estudos linguísticos.

⁹⁴ “[...] pode haver palavras que mudam de sentido à medida que a residência, <o hábita> dos povos muda. Assim, uma palavra que em duas ou três línguas designa a pantera, <isto é> um animal que tem a aparência de gato; ou bem foi a pantera que recebeu o nome do gato ou inversamente. <Há migrações de significações>”. (Tradução nossa)

3.3 O Terceiro Curso de Linguística Geral: as últimas palavras sobre a *Significação*

Em 28 de outubro de 1910 se iniciava o terceiro e último curso de linguística geral – TCLG – ministrado por Saussure em Genebra. Desta vez, catorze alunos haviam se matriculado. Riedlinger, o principal colaborador de Bally e Sechehaye posteriormente, não estava entre os alunos matriculados. Como já havíamos dito anteriormente, entre os nomes proeminentes estavam o da esposa de Sechehaye, Marguerite, o de Georges Dégallier e o de Francis Joseph, sendo destes os cadernos utilizados para captar o material do TCLG.

Além destes, havia mais um nome importante entre os alunos matriculados, Emile Constantin. Seu caderno foi considerado o mais completo, mas, como explica Joseph (2023), ele acabou se extraviando, de modo que os editores não conseguiram utilizá-lo na elaboração da obra póstuma. Os cadernos de Constantin só reaparecem em 1958, ou seja, quarenta e dois anos depois da publicação da primeira edição do *Curso de Linguística Geral*. O reaparecimento desses manuscritos efervesceu as discussões relacionadas a Saussure e se tornaram mais um instrumento para se chegar ao cerne do pensamento saussuriano no equilíbrio entre a obra que marca a linguística e o Saussure que a “inspirou”. Os cadernos de Constantin foram editados por Eisuke Komatsu em 1993, traduzido para o inglês por Roy Harris. É essa obra que iremos analisar agora.

Antes de iniciarmos nossas análises, é preciso ressaltar alguns pontos importantes sobre o termo *Significação*. No índice remissivo, esta palavra está registrada dez vezes, apenas uma a mais que no PCLG e muito menos que no SCLG. Dessas vezes em que o termo aparece, uma das vezes está claramente como sinônimo de *Significado* e, algumas vezes traz informações tímidas, que não possuem tanta relevância. O *Valor* é o que está em maior evidência, bem como o próprio *Signo*, pois nesse terceiro curso, conforme Joseph (2023), Saussure faz algumas revisões de matérias dadas anteriormente; é justamente em uma dessas aulas, a 19 de maio, que ele fará a clássica nomenclatura *Significado/Significante* em lugar de *Conceito* e *Imagem Acústica*. Ainda segundo Joseph (2023) a doença de Saussure, arteriosclerose⁹⁵, começou a afetá-lo de modo mais efetivo, o que o impedia de dar passos mais largos em sua teorização que parecia vibrante nos primeiros cursos. Segundo ele, Saussure:

[...] já havia começado a repetir pontos anteriores, às vezes pela segunda ou pela terceira vez. Dado o seu estado físico geral, sem dúvida se sentia exausto à medida

⁹⁵ Na própria obra de Joseph (2023) há uma nota explicando que essa doença atingia ou as artérias que fornecem sangue ao coração, ou as que fornecem sangue ao cérebro. Como os poucos sintomas que são conhecidos em Saussure se relacionam a problemas de fala, as duas opções são viáveis.

que o ano letivo se aproximava do fim. Suas aulas estavam perdendo força. (Joseph, 2023, p. 780-781)

Portanto, as aulas de Saussure, sobretudo as últimas, quando a doença começava a se aguar, acabaram se voltando para um refinamento do que já havia sido dito em vez de se lançar a novas ideias.

Essas considerações são importantes para entendermos o contexto dessas últimas aulas e de que modo a *Significação*, mais explorada no SCLG, aparece nesse terceiro curso.

3.3.1 O concreto e o abstrato na teorização saussuriana

São as aulas dos três últimos meses de 1911 que interessarão para a nossa análise. Em uma das aulas de maio daquele ano, surge uma discussão que, embora não traga o termo *Significação*, implica no seu entendimento. Joseph (2023) chama a atenção de seus leitores para o par dicotômico que Saussure lhes apresenta: abstrato x concreto.

A princípio o genebrino trata das entidades concretas relacionando-as às identidades linguísticas. Como esses conceitos de *entidade*, *unidade* e *identidade*, estão relacionados, quando ele começa a falar sobre um, os outros, consequentemente, aparecem. Ele então afirma que para se chegar à *unidade* é preciso “[...] observe toujours **l’association du sens et de la sensation auditive**, en outre délimiter l’image – mais cette même **opération pourrait s’appeler la fixation d’identité pour un signe quelconque**”⁹⁶ (Saussure, 1993, p. 82 – destaques nossos). A *unidade* aqui é o *Signo* linguístico, pois se trata da associação das contrapartes formando uma *entidade* global. Interessante é que Saussure fala em observar esta associação, contudo, ele bem sabe que não é um fenômeno observável a não ser pela operação que faz o sujeito falante⁹⁷. A própria escolha da palavra *operação* já se faz reveladora do pensamento saussuriano, pois, quando no PCLG ele toca nas questões de mudança linguística, toma todo o cuidado com o uso da palavra *procedimento*, aplicando-a unicamente no momento em que vai abordar a analogia, uma vez que esta implica uma ação direta do falante, ele é quem faz a operação. Quando fala sobre as mudanças fonéticas, usa a palavra *processo*, para especificar que o sujeito falante registra passivamente essa mudança. Queremos, pois, evidenciar que o produto dessa associação, ou seja, a *unidade*, resulta de uma operação do sujeito falante, que por sua vez toma essa associação como positiva e não em sua essência, isto

⁹⁶ “[...] observar sempre a associação íntima do sentido e da sensação auditiva, como também delimitar a imagem, - mas esta mesma operação poderia se chamar a fixação da identidade por um signo qualquer”. (Tradução nossa)

⁹⁷ Retomaremos mais profundamente essa questão da observação dos fenômenos linguísticos quando analisarmos o *Curso de Linguística Geral*.

é, puramente negativa e diferencial. Relembremos que Saussure já havia dito que era a *Significação* que delimitava, definia as *unidades*, de um modo conjunto, nos parece, com o *Valor*. Assim, a *entidade concreta* de uma língua seria essa associação, o *Signo* linguístico; entretanto, Saussure faz um alerta ao dizer que essa mesma operação que leva às *unidades* pode ser a fixação de uma *identidade* em um *Signo*. A questão não fácil e sugere que a questão da materialidade ou substancialidade se faz presente para sua elucidação. Saussure apresenta o *Signo*, na citação acima, com uma dupla, *Sentido/Sensação Auditiva*. O segundo elemento é inegavelmente substancial, não na ideia de som puro, mas a *substância* que já é algo modificado pela língua, algo que recebe uma significatividade de modo a atingir a parte sensorial do sujeito falante, que por sua vez põe em uso o “tesouro” linguístico de que é depositário. Não podemos deixar de fazer esse paralelo entre o substancial da *Sensação Auditiva* e o *Sentido* como *substância* do *Significado* que, do mesmo modo, teria essa “função” sensorial no sujeito falante. Esses termos aparecendo em par no momento em que Saussure retoma o problema das *unidades* e *identidades* não parece ter sido uma simples flutuação dos termos, mas, ao contrário, indica uma questão material que se faz necessária para a discussão que se segue.

Para ilustrar a questão da *identidade* e *unidade*, Saussure retoma o exemplo do trem, desta vez de um que parte às 05h25 para Cornavain todos os dias. Ali há, segundo o linguista, uma *identidade*, pois, ainda que não seja o mesmo trem, há o sentimento de uma *unidade* percebida pelos passageiros. Cita ainda o exemplo de um orador que tem por tema de sua palestra a *guerra*, repetindo, então, por diversas vezes essa palavra. Do mesmo modo, os ouvintes da palestra reconhecem uma *identidade*, ainda que a matéria fônica seja diferente, isto é, que as modulações vocais, que entonações e as ênfases sejam diferentes a cada repetição. Há uma *unidade* e uma *identidade* pela percepção dos ouvintes da palestra. O mesmo não acontece na frase da língua francesa: *son violon a le même son*⁹⁸. Nesse caso, a palavra *son* emitida a primeira vez não tem a mesma *identidade* que a segunda, pois na primeira é um pronome possessivo e na segunda um substantivo, *som*. Note-se que é a mesma matéria sonora, mas são *unidades* com diferentes *identidades*. A isso responde Saussure que “Elle comporte, cette identité, **un élément subjectif, indéfinissable**. Le point exact <où il y a identité> est toujours délicat à fixer⁹⁹” (Saussure, 1993, p. 82 – destaques nossos em negrito).

⁹⁸ “Seu violão tem o mesmo som”. (Tradução nossa). Podemos tomar como exemplo, no português brasileiro, algo como: *Para* atravessar, você *para* e pensa antes.

⁹⁹ “Ela comporta, essa identidade, um elemento subjetivo, indefinível. O ponto exato <onde há identidade> é sempre delicado de fixar”. (Tradução nossa).

Quando analisamos o SCLG, nós vimos como a *Significação* era um fator na diferenciação e consequentemente na *identidade*. Na pequena citação acima, Saussure reafirma essa importância ao sustentar que há um elemento subjetivo na *identidade*, esta subjetividade remete ao sujeito falante, às suas operações, que tem a ver com a positividade, com a *Significação*.

Saussure traz ainda outro exemplo que deixa o papel da *Significação* ainda mais evidente em relação às identidades: a palavra francesa *lentille* pode ser aplicada tanto ao legume quanto à lente. Conforme explica Joseph (2023), quando descoberto o cristalino do olho, deram-lhe o nome de *lentille* por sua forma lembrar o vegetal, com o avanço das ciências, foi dado o mesmo nome para as lentes de vidro. Entre essas duas aplicações, Saussure questiona aos alunos se se trata da mesma *identidade*. A resposta é negativa, pois, para o professor, ter a mesma *identidade* significa ter uma “[...] correspondance parfaite dans la tranche auditive avec la correspondance appréciablement parfaite dans l’idée évoquée¹⁰⁰” (Saussure, 1993, p. 83). Para que haja essa *identidade* é preciso que correspondam as contrapartes (note-se mais uma vez o apelo para a questão material, pelo menos do lado do *Significante*), tendo a percepção do sujeito falante como norma, pois o termo *apreciavelmente* nos remete à operação do sujeito falante, da associação que ele faz em seu espírito. O genebrino fecha sua explicação afirmando que “<Tout le mécanisme de langue roule autour d’identité et différence>¹⁰¹” (Saussure, 1993, p. 83). Embora não tenha deixado totalmente claro o que seriam as entidades concretas no primeiro momento, ele já dá a entender que concreto se relaciona a perfeita combinação de *identidade* com uma *unidade* particular.

A *entidade* abstrata não parece estar tão clara ainda na teorização que Saussure apresenta a seus alunos. Joseph (2023, p. 767 – destaque do autor) afirma que se pode “[...] inferir de sua discussão que não está nem um pouco convencido de que ‘abstrato’ seja a palavra que deseja utilizar”. O genebrino está sempre inquieto com as terminologias, mas, ao mesmo tempo, uma onda de neologismos tornaria o estudo ainda mais obscuro e incompreensível, então é preciso se utilizar do que tem em mãos.

A princípio, alerta os alunos de que, para compreender as *entidades* abstratas, se faz necessário conhecer as *entidades* concretas. Isso nos mostra que a ideia de oposição, presente no sistema linguístico, guia toda a reflexão saussuriana. Seguindo sua reflexão, ele apresenta alguns exemplos da língua francesa como a expressão *je dois* e *dois je?*, respectivamente *eu*

¹⁰⁰ “[...] correspondência perfeita na fração auditiva com a correspondência apreciavelmente perfeita na ideia evocada”. (Tradução nossa)

¹⁰¹ “<Todo o mecanismo da língua atua em torno da identidade e da diferença>”. (Tradução nossa)

devo e *eu devo*? Na língua francesa, para as perguntas, na língua formal e, sobretudo na escrita, deve-se inverter a ordem, colocando o verbo à frente do sujeito. Outro exemplo é o da palavra *désireux*, palavra que pode ser traduzida por desejoso; ela é derivada da palavra *desir*, desejo. Nesses dois exemplos, Saussure vai enfatizar como a questão da ordem é determinante para se chegar à *identidade* ou mesmo à *unidade*. No primeiro caso, a inversão do verbo vai definir toda a função comunicativa da sentença, distinguindo-a de uma afirmação; no segundo caso, temos a definição de uma *identidade* mediante a ordem da língua, pois, frisa Saussure, não é possível encontrar a palavra *eux-desir*.

Podemos, seguindo esse raciocínio, encontrar diversos casos em português que também são estabelecidos pela ordem, como toda a cadeia de palavras que podemos acrescentar o sufixo *oso* – amoroso, preguiçoso, cobiçoso, etc. Além da ordem própria da língua, Saussure está apelando também para a questão da linearidade do *Significante*, que, conseqüentemente, influencia a língua, pois a fala é linear, ou seja, só podemos falar uma coisa por vez, tendo, portanto, que obedecer a uma ordem no falar, e esta ordem é a da língua. Esses exemplos, trazidos pelo genebrino, tem por objetivo demonstrar o que seria uma entidade abstrata. Embora sejam um tanto obscuros, conseguimos apreender que, diferentemente das entidades concretas que estão fundamentadas na relação *Significado/Significante* e no elemento subjetivo que é a ação do próprio sujeito falante, as entidades abstratas são estabelecidas por critérios a mais, como a ordem própria da língua e a linearidade do *Significante*. Saussure está certo de que, considerando os exemplos trazidos, “<Il ne semble pas qu’on puisse l’appeler entité concrète.>¹⁰².” (Saussure, 1993, p. 83). Mesmo a *entidade* abstrata sendo um terreno difícil de se caminhar, Saussure pode afirmar o que não é uma *entidade* concreta.

O professor prossegue com mais um exemplo, desta vez tomado da língua latina. As palavras *domini*, *regis* e *regum*¹⁰³ estão relacionadas em suas terminações *i*, *is* e *um*, pois estas terminações marcam o caso genitivo do latim¹⁰⁴. Embora tenham matérias diferentes, essas terminações compartilham uma certa *identidade*, como explica o genebrino:

[...] il y a ici, avec ce support matériel divers, quelque chose qui est la conscience d’une certaine valeur, qui est la même <et dicte un emploi identique>. <Ici nous quittons tout à fait contact avec support matériel.> **Il y a une abstraction positive**

¹⁰² “<Não parece que podemos a chamar entidade concreta.>”. (Tradução nossa).

¹⁰³ Respecitivamente *do senhor*, *do rei* e *dos reis*.

¹⁰⁴ O caso genitivo do latim corresponde ao adjunto adnominal restritivo em português. Para compreender melhor essa relação conferir: ALMEIDA, N. M. **Gramática Latina**: curso completo. São Paulo: Saraiva, 2011.

opérée sans doute par tous les sujets parlants¹⁰⁵. (Saussure, 1993, p. 84 – destaques nossos em negrito)

Na explicação acima, fica clara outra diferença entre *entidade* concreta e abstrata. A primeira está amparada fortemente por uma questão material, a nosso ver em relação as duas matérias da língua; já a segunda, a questão material não será tão fundamental, ao menos não em relação à *identidade*. As matérias diversas *i*, *is* e *um* formam a mesma *identidade*, contudo só se chega a elas por ato do sujeito falante. Note-se que Saussure afirma, nesse caso, que se deixa o material e passa-se a uma abstração feita pelo sujeito falante.

A *Significação* entra em jogo quando vimos Saussure trazer mais uma vez a questão da positividade, ligando-a ao sujeito falante; podemos deduzir que no campo das *entidades* abstratas a *Significação* é ainda mais importante para delimitar a *unidade* e, por conseguinte, a *identidade*. Talvez aqui tenhamos achado um ponto de separação entre *Valor* e *Significação*, pois se anteriormente Saussure pareceu ambíguo ao dizer que esta definia a *unidade*, outorgando em seguida esse papel ao *Valor*, é possível que estes termos trabalhem juntos para definir as *unidades*, mas em esferas diferentes. Se as *entidades* abstratas são definidas também pela questão da linearidade, que está ligada à *Fala* e, de um modo particular, ao uso que o falante faz da língua, a *Significação* pode ser o principal fator de delimitação nesse campo, enquanto o *Valor* pode estar ligado as *entidades* concretas que são definíveis pelas relações negativas e diferenciais do sistema.

Essa definição do que é abstrato na língua, ou melhor, daquilo que Saussure considera abstrato, é tão complicada que mereceu algumas ressalvas a mais de sua parte. Ele havia dito que não se podia separar a entidade global, isto é, o *Signo*, pois se corria o risco de fazer uma abstração e com isso sair do terreno da linguística para a psicologia pura ou para a fonética pura, sendo, portanto, ruim para o linguista buscar essas abstrações. Em seguida afirma que, de certo modo, é possível concluir que não há nada abstrato na língua, explicando que:

[...] **dans la langue est concret tout ce qui est présent à la conscience des sujets parlants**, en considérant comme abstraite telle ou telle distinction n'appartenant que'aux grammairiens, mais non ratifiée par la conscience des sujets parlants¹⁰⁶. (Saussure, 1993, p. 85 – destaque nosso em negrito)

Essa primeira distinção do que é concreto e abstrato não está ligada à *unidade*, mas ao sistema como um todo. Concreto é tudo o que o sujeito falante percebe em sua língua como

¹⁰⁵ “[...] há, aqui, com este suporte material diverso, alguma coisa que é a consciência de um certo valor, que é o mesmo <e dita um emprego idêntico>. <Aqui nós deixamos todo o contato com o suporte material.> Há uma abstração positiva operada, sem dúvida, por todos os sujeitos falantes”. (Tradução nossa)

¹⁰⁶ “[...] na língua, é concreto tudo o que está presente na consciência dos sujeitos falantes; considerando como abstrato tal e tal distinção que não pertence senão aos gramáticos, não sendo ratificada na consciência dos sujeitos falantes”. (Tradução nossa)

existente. Nessa acepção, o concreto seria a própria *Significação*, aquilo de positivo que o falante capta das relações interiores da língua. O abstrato, por sua vez, seriam as distinções que são feitas pelos gramáticos, por aqueles que estudam a língua, mas são desconhecidas dos falantes.

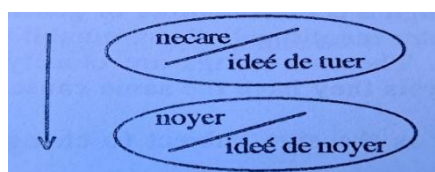
Contudo, não é esta acepção que Saussure está usando ao tratar das *unidades*. Para tentar dissipar confusões entre seus alunos, o genebrino expõe, nesse momento, o que quer dizer com concreto e abstrato: “Nous avons réservé le terme de concret: le cas où l’idée a directement son appui dans une unité sonore. Abstrait: ayant indirectement son appui par une opération des sujets parlants¹⁰⁷” (Saussure, 1993, p. 85). Portanto, *entidade* concreta é aquela que tem sua ideia, isto é, sua *identidade*, apoiada diretamente em uma *unidade* sonora; já a abstrata teria sua *identidade* definida por uma ação do sujeito falante, ao que nos parece, apoiada também em fatores ligados diretamente ao campo da *Fala*, à língua posta em uso pelo falante.

A discussão empreendida por Saussure quanto a essas duas acepções do par concreto/abstrato nos proporcionou a confirmação de alguns traços da *Significação* que já vimos assinalando, contudo, Joseph (2023, p. 767) garante que essa dupla acepção apresentada pelo genebrino em relação a esses pares, mesmo sendo diferentes, “deixou como legado décadas de mal-entendidos”. Se a percepção dessa dupla acepção esclarece um pouco a *Significação* em Saussure, a sua mistura pode, com certeza, causar enormes confusões quanto ao seu pensamento.

3.3.2 Tipos de deslocamento e o papel da *Significação*

Prosseguindo com suas aulas, em 30 de maio, o genebrino explana questões de mudança linguística e de como isso funciona no sistema de uma língua particular. A princípio traz, como exemplo, a palavra *necare* do latim, que em francês deu origem a palavra *noyer*¹⁰⁸, apresentando o seguinte esquema:

Figura 3 – Evolução de *necare*



Fonte: Saussure, 1993, p. 98

¹⁰⁷ “Nós temos reservado o termo concreto: para o caso em que a ideia tem diretamente seu apoio em uma unidade sonora. Abstrato: tendo indiretamente seu apoio por uma operação dos sujeitos falantes”. (Tradução nossa)

¹⁰⁸ Esse par *necare/noyer* pode ser traduzido, respectivamente, por matar e afogar.

A flecha vertical indica a ação do tempo, que, como já vimos, é o agente no plano diacrônico. Contudo, chama-nos atenção o modo como Saussure falará do deslocamento necessário à mudança, a flutuação de termos, que aparenta ser mais do que uma flutuação, mas a busca pelo ponto principal de um fenômeno. Ele, então, afirma que, ainda que consideremos os diversos fatores de alteração de uma determinada língua, “[...] tous agissant de concert aboutissent à l’altération du **rapport entre idée et signe**, ou du rapport entre **signifiant et signifié**. **Il vaut peut-être mieux dire**: au déplacement du rapport entre **idée et signe**¹⁰⁹” (Saussure, 1993, p. 98 – destaques nossos). Primeiro Saussure aponta o deslocamento da relação ideia/signo como o propulsor de mudanças linguísticas, em seguida aponta a relação *Significante/Significado*. A princípio parece se tratar de uma mesma coisa, ele apenas deixava a primeira nomenclatura pela segunda que ele havia apresentado a seus alunos como um refinamento técnico da teoria do *Signo*, contudo, logo depois já retoma o primeiro par como sendo melhor para descrever a mudança ocorrida com a palavra latina *necare*. Essa colocação do genebrino nos faz questionar se realmente estava havendo uma flutuação de termos ou se esses pares designam coisas diferentes. O termo *Ideia* é muito amplo, sendo talvez esse o motivo de Saussure o abandonar na designação da contraparte do *Significante*. Essa mudança a que o genebrino se refere, em que a palavra *necare* possuía o sentido de matar, torando-se em algum momento no tempo a palavra francesa *noyer* que possui o sentido de afogar, deve-se, ao que indica a colocação de Saussure, a muito mais do que o deslocamento da relação *Significante/Significado*, não teria sido apenas uma acomodação sonora.

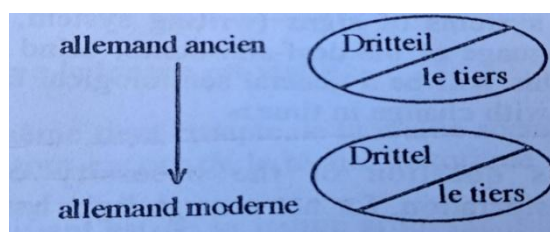
Em outra sessão discutimos como a *Significação* pode ser tão forte que force, no tempo, uma mudança na relação das contrapartes, pois o *Significado* é uma base perpassada por diversas *Significações*, às vezes uma se sobrepõe causando o deslocamento. A palavra *necare* por designar o ato de matar, em algum momento tomou essa *Significação* de afogar alguém, isto é, matar alguém de modo específico; e essa *Significação* foi sobrepujando as demais, dando em certo momento a palavra *noyer*. É claro que Saussure não ignora que há outros fatores que concorrem nesse deslocamento e, por que não, fatores históricos, geográficos (sobretudo se pensarmos no tipo de assassinato que se evidenciava no momento em que essa *Significação* começou a emergir), etc. O problema desses fatores para Saussure, talvez seja a especulação que se infiltra muitas vezes. Portanto, deixando de lado fatores secundários, ele concentra sua teorização para o cerne da mudança que é o deslocamento ideia/*Signo* ou *Significante/Significado*. Considerando o primeiro par, o *Signo* designa a entidade global e não

¹⁰⁹ “[...] tudo se trata da união resultante da alteração da relação entre ideia e signo, ou da relação entre significante e significado. Talvez seja melhor dizer: do deslocamento da relação entre ideia e signo”. (Tradução nossa).

uma contraparte. Também é necessário esclarecer que o deslocamento *Significante/Significado* pode ocorrer sem, necessariamente ser causado pela *Significação*; é por isso que Saussure apresenta as duas relações e os dois tipos de deslocamento.

No segundo exemplo de Saussure, podemos apreender melhor a discussão, quando ele evidencia outro deslocamento que causou uma mudança na língua alemã, desta vez toma a palavra *Dritteil/Drittel*.

Figura 5 – Evolução de *Dritteil*



Fonte: Saussure, 1993, p. 99

A palavra alemã que significa *terço* sofreu alteração no tempo, desta vez tendo uma causa mais interna à *unidade*, pois houve uma mudança fonética, o *Significante* mudou, mas, frisa Saussure, apesar da mudança estar centrada no *Significante*, é inegável que houve também uma mudança de *Significado* uma vez que no alemão antigo existia uma motivação, uma referência à palavra *teil* que significa *parte*, então a palavra no alemão antigo continha em si essa junção “clara” de “terceira parte”, um “terço”. Com a passagem do tempo, o alemão moderno, segundo Saussure, perdeu, nessa palavra, a motivação, tornando-se mais arbitrária.

A perda do *Sentido* direto de *parte*, conseqüentemente altera o *Significado*. É possível reparar na diferença estrutural dos dois esquemas apresentados por Saussure. No primeiro, temos, dentro das figuras, as palavras *necare* e *noyer* ao lado do termo *Ideia*; no segundo, temos, dentro das figuras as palavras *Dritteil* e *Drittel* ao lado de sua tradução francesa *tiers*. Na primeira, temos a entidade global *necare* e a entidade global *noyer* e, nesse caso, Saussure escolhe falar do deslocamento ideia/signo, em que reconhecemos ideia como *Significação*. Não nos causa estranhamento que esteja dentro da figura, uma vez que o *Signo* é perpassado não só por uma, mas por várias *Significações* que repousam sobre uma mesma base significativa. Já o segundo enfatiza a relação das contrapartes, em que a tradução francesa está apenas demonstrando a não alteração total do *Signo*, mas uma mudança, um deslocamento que causou uma mudança.

Diante desses dois exemplos, Saussure dirá que um deles “[...] Touche de très près à la signification¹¹⁰” (Saussure, 1993, p. 99). Portanto, o primeiro exemplo, aparentemente, toca muito mais na questão da *Significação* do que o segundo. Essa informação é deveras importante para compreender a ação da *Significação* no sistema. Vamos seguindo um percurso no pensamento do genebrino e já conseguimos vislumbrar que ele percebia que a própria constituição do sistema tinha contribuições dela.

3.3.3 Sincronia e *Significação*

Ao abordar o sistema sincrônico, isto é, o estado atual de uma língua particular, Saussure toca em dois pontos importantes quanto à *Significação* e sua relação com o sistema linguístico. O primeiro deles é que há uma falsa sensação de que a língua teria sido criada como um mecanismo para exprimir conceitos anteriores. Assim, a língua seria apenas um meio de expressar o que já estava pronto de antemão. O genebrino, por óbvio, não comungava de tal conceituação de língua, então diz a seus alunos que nem mesmo para exprimir as *Significações* foi criado o sistema. Saussure assevera que “Um état fortuit est donné et on s’en empare¹¹¹” (Saussure, 1993, p. 111). O sujeito falante já nasce em um estado de língua, ele se apodera desse estado ao mesmo tempo que também é capturado por ele. Em certo momento da aula, Saussure diz aos seus alunos que um estado de língua está impregnado de *Significações*, mas ainda assim, não foi para elas, ou tende em vista elas que se formou. A preocupação do genebrino é que não se pense num sistema como mecanismo de exprimir pensamentos que já estão prontos, antes é a própria língua que organiza o pensamento em algo real para o falante. Convém lembrar que, para Saussure, o pensamento sem a língua é uma massa amorfa. As *Significações*, portanto, não são anteriores ao sistema, mas frutos dele e, ao mesmo tempo, contribui para sua continuidade alimentando-o com mais oposições, diferenças.

O segundo ponto tratado por Saussure vem ratificar o lugar por excelência da *Significação*; para tal, ele retoma os fatos diacrônicos nos quais temos termos que se sucedem no tempo. O professor explica que não há dependência entre esses termos que se substituíram. Tomemos o exemplo, já dado, da palavra latina *necare* e da palavra francesa *noyer*; embora possamos estabelecer essa mudança no tempo e até concluir que a *Significação* foi um motor propulsor dessa mudança, entre uma e outra não há qualquer relação de dependência quanto ao *Significado* ou à *Significação*, pois o sujeito falante não tem, em sua mente, essas palavras como

¹¹⁰ “[...] toca de muito perto a significação”. (Tradução nossa)

¹¹¹ “Um estado fortuito é dado e nos apoderamos dele”. (Tradução nossa)

uma oposição; a primeira não existe para ele, portanto, na diacronia, a *Significação* não tem espaço significativo, uma vez que é com o sujeito falante que chegamos a ela. Já nos fatos sincrônicos, nós mudamos para o terreno em que as *Significações* estão impregnadas. Com efeito, Saussure argumenta que: “Le fait de synchronie est <toujours> um fait significatif, **qui intéresse la signification**. Il a pour condition qu’il y ait au moins deux termes em présence¹¹²” (Saussure, 1993, p. 112 – destaque nosso em negrito). Quando ele define um fato sincrônico como um fato significativo, está apontando que é significativo para o sujeito falante. Também a *Significação* como um fato positivo percebido pelo falante, encontra-se entrelaçada com um estado de língua, de modo que é um estado de língua que interessa para quem busca estudar a *Significação*.

Se tudo o que é significativo pertence à sincronia, a *Significação* não poderia não pertencer aos fatos sincrônicos e Saussure procura ratificar isso justamente quando trata das relações de cada estado de língua, isto é, de um estado atual e de estados que se sucedem.

3.3.4 *Valor e Significação*: diferenças e semelhanças

Vamos caminhando para as últimas aulas de Saussure. Chegamos à aula do dia 30 de junho, na qual ele abordará mais profundamente sua famosa teoria do valor com suas questões que tanto chamaram a atenção de uma geração de linguistas pós-saussurianos.

Começemos nossa análise pelo título que encabeça o capítulo quinto do TCLG: “Valeur des termes et sens des mots. En quoi les deux choses se confondent et se distinguent¹¹³” (Saussure, 1993, p. 134). A forma como os termos técnicos se opõe nesse título merece uma consideração. Um pouco antes de chegar nesse famoso capítulo, Saussure discutia as relações associativas e sintagmáticas, explicando que são relações diferentes que se estabelecem entre os termos em cada eixo, mas que, independentemente do tipo de relação, é preciso se considerar que a palavra nunca pode ser tomada isoladamente, é preciso ter em mente que ela pertence a um sistema solidário e que é a partir desse sistema que ela recebe um *Valor*. Em seguida, esclarece que prefere, ao tratar do eixo associativo usar *termo*: “Dès que nous disons *terme* <au lieu de *mot*> c’est que nous envisageons ses rapports avec d’autres (l’idée de solidarité avec

¹¹² “O fato de sincronia é <sempre> um fato significativo, que interessa à significação. Tem por condição que haja, ao menos, dois termos em presença”. (Tradução nossa)

¹¹³ “Valor dos termos e sentido das palavras. Em que as duas coisas se confundem e se distinguem”. (Tradução nossa)

d'autres mots est évoquée)¹¹⁴” (Saussure, 1993, p. 134). Para Saussure *termo* era uma terminologia mais adequada a evocar as relações internas, os outros valores do sistema, enquanto *palavra* seria mais bem aplicada em relação ao eixo sintagmático. O linguista diz ainda que “<Le mot de *mot* reste ici vague pour nous. Le mot *terme* nous suffit; le mot *mot* n’a du reste pas le même sens dans les deux séries>¹¹⁵” (Saussure, 1993, p. 134). Para Saussure, *Palavra* é algo vago para se pensar na solidariedade do sistema, contudo, quantas outras complicações poderiam vir da amplitude de *termo*? Saussure está sempre às voltas com a questão terminológica, a precisão parece ser seu foco, pois o sistema que se estuda é preciso. *Palavra* ficaria para o eixo sintagmático. Essa separação, essa tentativa de tomar *termo* para nomear as *unidades* do sistema nos conduzem a outra reflexão importante quanto à *Significação*: Quando Saussure rejeita *palavra* para chegar aos valores do sistema, uma das causas prováveis pode ser, justamente, a sua ligação com a *Significação*, pois *palavra* se apresenta como uma unidade completa e positiva ao falante, sobre a qual repousam e agem as *Significações*, portanto, tomá-la para descrever as *unidades* do sistema, considerando-se o *Valor*, poderia conduzir a erros teóricos graves, como o de se pensar em unidades que existem por si sós, ou mesmo de conceber a língua como um sistema de fatos positivos, o que fugiria do entendimento de Saussure sobre a essência de toda língua, que é o negativo e diferencial. Essa essência, sempre marcada por Saussure, não é um mero detalhe, mas sim a característica que permite a subsistência das línguas, sua transmissibilidade no tempo.

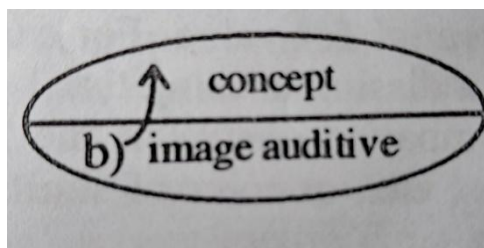
Feitas essas considerações entre *termo* e *palavra*, voltamos ao título do capítulo quinto, no qual podemos contemplar de modo mais elucidativo como o primeiro termo se liga ao *Valor* e o segundo ao *Sentido*, embora acreditamos que este apareça, nesse título, como sinônimo de *Significação*, conforme veremos no decorrer da análise.

Valor e *Significação* se confundem muitas vezes; Saussure chega a dizer que é uma das operações mais difíceis da linguística compreender como a *Significação* depende do *Valor* e é distinta deste. O linguista, então retoma alguns esquemas que já havia apresentado aos seus alunos, para, a partir deles, explicar o que entende por *Significação*.

¹¹⁴ “Se nós dizemos *termo* <em lugar de *palavra*> é por que nós consideramos suas relações com outros (a ideia de solidariedade com outras palavras é evocada)”. (Tradução nossa)

¹¹⁵ “<A palavra *palavra* fica aqui vaga para nós. A palavra *termo* nos é suficiente; a palavra *palavra* não tem o mesmo sentido nas duas séries>”. (Tradução nossa).

Figura 6 – Esquema da *Significação*



Fonte: Saussure, 1993, p. 135

A partir da figura, há uma grande nebulosidade nas elocubrações do professor, o que poderia ser explicado pelo alerta que ele mesmo havia dado de quão difícil é para o linguista o distinguir *Valor* e *Significação*. Esse esquema, quase em tudo semelhante aos que aparecem na obra póstuma, com exceção da flecha, que lá é dupla, seria a *Significação*. Na legenda que acompanha o esquema, vemos a informação de que a flecha marca a *Significação* como contraparte da imagem auditiva, o que em outras partes ele vai chamar de *Significado*. Logo abaixo da imagem, contudo, ele toma a *palavra* para integrar sua argumentação: “Le mot apparaît ou est pris comme un ensemble isolé et absolu; intérieurement, il contient l’image auditive ayant pour contrepartie un concept¹¹⁶” (Saussure, 1993, p. 135). Os termos usados são o que nos dão uma possibilidade de distingui-los e de apreender o pensamento do genebrino sobre essas questões.

Reparemos que Saussure externaliza o que afirmamos acima quanto à rejeição dele por *palavra* para tratar do *Valor*; ele declara que a *palavra* é tomada por um conjunto isolado; tomada por quem, senão pelo sujeito falante? A *palavra* contém uma relação interior entre *Significado* e *Significante*, embora no esquema temos ainda as velhas nomenclaturas. Como podemos compreender que a *Significação* seja uma contraparte? Ao usar *palavra*, Saussure se coloca no terreno da *Significação*, talvez seja mais essa oposição, a de territórios, que cause a confusão anunciada por ele. Não podemos deixar escapar também o fato de que a flecha da figura marca uma relação que se dá no interior do *Signo*; a flecha não está fora, como na obra póstuma, mas dentro da figura.

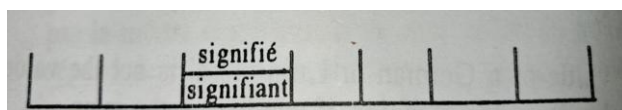
Ao prosseguir com sua argumentação sobre as diferenças entre *Valor* e *Significação*, Saussure lança mais uma sombra enigmática sobre o tema: “[...] la signification qui nous apparaît comme la contrepartie de l’image auditive est tout autant la contrepartie des termes coexistants dans la langue¹¹⁷” (Saussure, 1993, p. 135). Essa descrição da *Significação*

¹¹⁶ “A palavra aparece ou é tomada como um conjunto isolado e absoluto; interiormente, contém a imagem auditiva, tendo por contraparte um conceito”. (Tradução nossa)

¹¹⁷ “[...] a significação que nos aparece como a contraparte da imagem auditiva é, do mesmo modo, a contraparte dos termos coexistentes na língua”. (Tradução nossa)

obscurece tudo o que já vimos discutindo quanto a esse termo, sobretudo, porque se assemelha muito mais ao *Valor*. Mesmo diante dessa definição de *Significação* ele dirá, um pouco mais adiante, que o *Valor* “[...] est la contrepartie des termes coexistentes. Comment cela se confond-il avec ce qui est contrepartie de l’image auditive[?]”¹¹⁸ (Saussure, 1993, p. 135). Saussure dá a mesma descrição para *Valor* que havia antes dado para *Significação*, mas desta vez acrescenta uma pergunta: Como podem esses termos se confundir se são completamente diferentes? O linguista parece ironizar um pouco, brincar com os alunos, pois antes de adentrar no tema já havia dito que era uma das operações mais difíceis em linguística; e como poderia ele agora fazer tal pergunta depois de descrever do mesmo modo *Valor* e *Significação*? Outro esquema do genebrino pretende explicar essa diferença de termos tão semelhantes.

Figura 7 – Esquema do *Valor* e da *Significação*



Fonte: Saussure, 1993, p. 135

O professor explica então que “<La rapport à l’intérieur d’une case et entre les cases est bien difficile à distinguer>”¹¹⁹ (Saussure, 1993, p. 135). Para nós, esse esquema de Saussure é muito interessante para irmos juntando as peças da *Significação*. A figura, em sua totalidade pode ser tomada como o sistema das línguas. A relação de cada uma das casas entre si seria o *Valor*. Observe-se que as casas em branco não foram uma mera economia de tempo para o preenchimento, mas indicam que no sistema nada “é”, mas recebe um *Valor* pela relação entre essas casas, entre os *termos*. Entretanto, cada casa também possui uma relação interior e, vamos um pouco mais longe, não apenas uma, mas relações diversas estabelecidas pela *Significação*.

Abaixo da figura Saussure faz esta declaração sobre a *Significação*: “La signification comme contrepartie de l’image e la signification comme contrepartie des termes coexistants se confondent”¹²⁰ (Saussure, 1993, p. 135). Tentamos compreender essa afirmação à luz não só da figura oferecida por Saussure, mas também do que vimos juntando e desenhando da *Significação* no arcabouço teórico do genebrino. Ao mesmo tempo em que temos um sistema de oposição, no qual um *termo* recebe um *Valor*, que não é fixo, a partir da relação com outros *termos*, em cada uma das casinhas da figura nós temos uma relação semelhante ao que acontece

¹¹⁸ “[...] é a contraparte dos termos coexistentes. Como este se confunde com o que é contraparte da imagem auditiva[?]”. (Tradução nossa).

¹¹⁹ “<A relação no interior de uma casa e entre as casas é bem difícil de distinguir>”. (Tradução nossa)

¹²⁰ “A signification como contraparte da imagem e a signification como contraparte de termos coexistentes se confundem”. (Tradução nossa)

no todo do sistema, estando essa relação muito mais ligada às operações do sujeito falante, ao que ele apreende da língua como positivo, como existente. Por isso, entendemos que, longe de dizer que *Significação* é o *Valor*, Saussure está apontando para uma relação semelhante à do sistema que acontece no interior do *signo*, sendo nele a *Significação* responsável pelas relações entre *termos*. Cada *Signo* é um campo de *Significação*, de modo que o *Significado* é base das *Significações* e, visto no conjunto, também uma *Significação* que se sobressai tornando-se o rio do qual as outras *Significações* são braços.

Há, portanto, em um único *Signo* tanto uma relação de contraparte *Significado/Significante* como uma relação de oposição entre *Significações* em que uma é contraparte da outra. Lembremos do exemplo da palavra *cria*, como substantivo, além da relação *Significado/Significante*, temos as *Significações* que se opõem e que vão surgindo e sendo abarcadas nesse campo. Essa relação está mais ligada, como dissemos ao sujeito falante, mas não está com isso emancipada das relações do sistema, pois o *Signo* que contém essas relações não está dissociado de um sistema que tem outras relações do qual este é totalmente dependente. Saussure nunca deixa de lembrar: o essencial da língua é negativo e diferencial!

Saussure apresenta ainda mais um esquema, desta vez, para explicar o *Valor*, mas pode nos ajudar a captar mais sobre a *Significação*.

Figura 8 – Esquema do *Valor*



Fonte: Saussure, 1993, p. 135

Segundo Saussure, esse desenho representa o *Valor* que é definido por coisas dessemelhantes, que ele pode trocar, marcado pela flecha vertical; e por coisas similares que se pode comparar, marcado pelas flechas horizontais. Então, o genebrino afirma que se pode trocar 20 francos por pão, ou comparar com outros valores da mesma moeda, ou ainda com moedas de um outro país. Assim, o *Valor* de um termo é definido nessas duas relações, porém, enxergamos nesse esquema também a relação entre *Significação* e *Valor*. Além da semelhança desse esquema com o das casas, as flechas demarcam como a relação interna também compõe o *Valor* na medida, provavelmente desproporcional, em que é dependente dele. Tal é a relação *Significação* e *Valor*, expressa pelas flechas, que Saussure explica:

Jamais on ne pourra trouver la signification d'un mot en ne considérant que chose échangeable, mais on est obligé de comparer la série <similaire> de mots comparables. **On ne peut prendre les mots isolément**. C'est ainsi que le système <d'où procede le terme> est une des sources de la valeur. **C'est la somme des termes**

comparables par opposition à l'idée échangée¹²¹. (Saussure, 1993, p. 136 – destaques nossos em negrito)

Mais uma vez vemos como Saussure liga *palavra* à *Significação*, ele fala em encontrar a *Significação* de uma *palavra* e, para isso, afirma que somos obrigados a comparar a série similar de *palavras*. Aqui relembramos que não é possível se tomar a *palavra* isoladamente, conseqüentemente a *Significação* também não está isolada nem das relações de sua própria casa, nem das relações do sistema. Na mesma citação acima, Saussure aborda também o *Valor*, mas agora usa *termo* em lugar de *palavra*. Esse par *termo/palavra* se mostra como uma chave de diferenciação entre *Valor* e *Significação*. Todavia, a informação mais importante que contém essa colocação de Saussure é sobre a constituição do *Valor* em relação ao esquema apresentado acima. O genebrino diz que a fonte do *Valor* de um *termo* é o sistema, ou seja, as relações diferenciais que se estabelecem entre os *termos* que podem ser expressas pelas flechas horizontais, contudo ele afirma também que o *Valor* não depende só das relações dessas casas, mas também da oposição de ideias alternáveis, que compreendemos ser representada pela flecha vertical. Aqui se frisa uma dependência do *Valor* quanto à *Significação*.

Ainda seguindo seu raciocínio de diferenciação entre *Valor* e *Significação*, Saussure faz uma afirmação que deixa transparecer mais um pouco o conceito que ele tenta formar a partir de seus esquemas: “Il faut aborder <le mot> du dehors en partant du système et des termes coexistente”¹²², (Saussure, 1993, p. 136). Quando ele fala em abordar a *palavra* de fora, a partir de seus esquemas, podemos apreender que se trata, novamente, de não a tomar de modo isolado como *unidade* de análise; este isolamento também está englobado não olhar apenas para sua órbita de *Significações*, é preciso olhar para o sistema solidário.

Essa argumentação é ilustrada pelo exemplo do plural em sânscrito em comparação ao plural de línguas como o latim ou o alemão. Joseph (2023) explica que em sânscrito há número dual, isto é, uma marcação para quando há dois elementos, sendo o seu plural uma marcação para três ou mais elementos, diferentemente de línguas como o latim, o alemão ou o português em que o plural é a marca de dois ou mais elementos. Saussure quer enfatizar, com este exemplo, o fato de que o plural é fruto do sistema, pois onde há um número dual, o plural será diferente; nas línguas em que aquele não existe, o plural acumula a função de marcar também o que marca o dual, ou seja, a existência de dois elementos. Quando nos centramos na *palavra*

¹²¹ “Nunca se encontrará a significação de uma palavra considerando algo permutável, mas somos obrigados a comparar a série <similar> de palavras comparáveis. Não podemos tomar as palavras isoladamente. É assim que o sistema <de onde procede o termo> é uma fonte do valor. É a soma dos termos comparáveis pela oposição de ideias intercambiáveis”. (Tradução nossa)

¹²² “É preciso abordar <a palavra> de fora, partindo do sistema e dos termos coexistentes”. (Tradução nossa)

isolada, ou nas relações de dentro da *palavra* não é possível capitar essa relação que é dependente do sistema. Embora os valores não sejam os mesmos, Saussure diz que a *Significação* pode ser a mesma, ao que compreendemos que, no nível da *palavra*, é possível uma equiparação pela ideia. Também é possível, a partir daí, distanciar *Sentido* e *Significação*, pois a *substância* foi recortada de modos diferentes; onde há dual, há também uma questão sensorial importante que se diferencia do plural, o que gera relações significativas diferentes.

Na *Significação* a *substância* não é limitante, pelo contrário está submetida às necessidades da língua. Saussure conclui dizendo que o *Valor* de um *termo* dependerá do que está fora dele, assim também a *palavra*, do mesmo modo, dependerá do que está fora dela.

Outro exemplo, apresentado pelo genebrino, é o da palavra francesa *mouton* (carneiro) que tem seu equivalente em inglês *sheep*, contudo, na língua inglesa há também a palavra *mutton* que tem relação de oposição com *sheep*, de modo que a segunda serve para designar o animal vivo, que está no campo; e a primeira designa a carne desse animal. Essa oposição não existe na língua francesa, do mesmo modo que não existe na língua portuguesa. Saussure coloca para os seus alunos, com esse exemplo, o fato de que quando temos uma palavra que concorre com outra, como o caso de *sheep* e *mutton* na língua inglesa, o *Valor* do *termo* é diferente, consequentemente o *Valor* da *palavra* também será diferente. Isso é a relação que se estabelece pelo sistema. No caso do português, em que não temos essa oposição a palavra carneiro é atravessada por mais *Significações*.

3.3.5 *Valor* e o conjunto de *Significações*

Chegamos a última aula do TCLG, ministrada a 04 de julho de 1911. Joseph (2023, p. 785) afirma que não encontramos nela ideias novas, mas “[...] a concretização daquelas já apresentadas, às vezes com ilustrações que perdurarão”.

Nas primeiras lições dessa aula, Saussure retoma a relação *Significante/Significado* mediante sua clássica representação do *Signo* linguístico, afirmando que as contrapartes nada são, consideradas em si mesmas, isto é, a abstração de uma contraparte não significa, pois o *Significado*, e mesmo o *Significante*, é um produto secundário do *Valor*. Até aqui, nada que ele não já tenha dito. Só reafirma seu pensamento de que não há termos preexistentes na língua. Apresenta, pois, para fortalecer sua argumentação, como exemplo, as palavras francesas *juger* e *estimer* em comparação com o par alemão *urteilen/erachten*; os dois pares teriam por tradução *julgar* e *estimar*. Com esses exemplos, Saussure objetiva demonstrar que não há ideias preexistentes. Se assim não fosse, explica o genebrino, os termos de uma língua a outra teriam

uma correspondência exata, que não é o caso dos pares que ele apresenta, pois, embora tenham uma tradução próxima para o português, no par alemão existe “<[...] un ensemble de significations qui ne coïncident que'en partie avec français *juger, estimer*>¹²³” (Saussure, 1993, p. 139 – destaques do autor). As relações do sistema da língua alemã propiciam às *palavras urteilen/erachten* outros tipos de *Significações* que não são as mesmas do par francês.

Esses conjuntos de *Significações* está ligado a um sistema de língua particular e, ainda mais, ao sujeito falante dessa língua particular. Como a *Significação* está intrinsecamente ligada a ação do sujeito falante, o conjunto de *Significações* que atravessam uma *palavra* pode não ser a mesma e esta característica é derivada do *Valor*, pois é este que estabelece as relações do sistema que chegam ao sujeito falante mediante às unidades que ele capta como positivas. Podemos então perceber que, enquanto o *Valor* tem a ver com o sistema em si, a *Significação* está mais assentada no sentimento do sujeito falante.

3.3.6 Do Valor à Significação e vice-versa

Ainda abordando a relação *Significante/Significado*, Saussure oferta mais um exemplo, agora o da palavra francesa *cher* (cadeira) para explicar como ela recebe o seu *Valor*. Assim, afirma que: “La valeur *cher* est déterminée des deux côtés. Les contours de l’idée <ele-même>, voilà ce que nous donne la distribution des idées dans les mots d’une langue¹²⁴” (Saussure, 1993, p. 140). Essa colocação de Saussure nos encaminha para a *Significação*, pois ele fala da delimitação de uma ideia, ou seja, a delimitação de uma *unidade* linguística. Que o *Valor* atua nessa delimitação pelas diferenças para se chegar aos *termos*, ele já repetiu por diversas vezes, mas reafirma aqui que o *Valor* não depende exclusivamente dessas relações, apesar de ser sua essência. A *Significação* se apresenta como o outro lado do *Valor*. Perceba-se que ele está usando *palavra* e não *termo*, o que encaminha a reflexão para outro terreno.

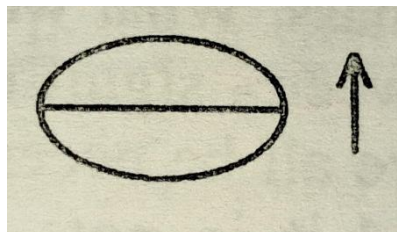
A formulação do genebrino na citação acima é deveras interessante; ele usa a expressão *contorno da ideia*, usa a expressão *em si mesma*, tudo isso nos coloca, mais uma vez, nas relações internas do *Signo*, da *palavra*, que contribui para a noção de *Valor*. A partir da delimitação de uma ideia se tem a noção da distribuição das ideias nas palavras de uma língua, ou seja, o genebrino ratifica a contribuição das relações internas do *Signo* com a constituição

¹²³ “<[...] un conjunto de significações que não coincidem senão em parte com o francês julgar, estimar>”. (Tradução nossa)

¹²⁴ “O valor de cadeira é determinado de dois lados. Os contornos da ideia <em si mesma>, eis o que nos dá a distribuição das ideias nas palavras de uma língua”. (Tradução nossa)

do *Valor*. Após fazer essa consideração, ele apresenta novamente o esquema do *Signo*, mas, desta vez, com uma pequena modificação.

Figura 9 – Outro esquema para o *Signo*



Fonte: Saussure, 1993, p. 140

É o mesmo esquema em que ele apresentou o *Signo* anteriormente, entretanto, agora, está vazio; os motivos para isso, nossa reflexão nos leva a deduzir, são: mostrar-se como um esquema universal para as palavras de qualquer língua particular; o segundo motivo, para nós o mais importante, é que, apagando do esquema o *Significante* e o *Significado*, Saussure parece querer enfatizar outro aspecto nele, a saber, a *Significação*. Quando tomamos a fala do professor sobre o *contorno*, sobre a delimitação da ideia e, principalmente, da contribuição para o *Valor* de uma palavra, não podemos deixar de compreender, pelo caminhar desta tese, que está se referindo à *Significação*.

Saussure afirma, quanto ao esquema, que “<Une fois que nous avons les contours, ce schéma peut entrer en jeu>¹²⁵” (Saussure, 1993, p. 140). O percurso traçado pelo genebrino é sempre do sistema para as *unidades*, portanto, só se chega aos contornos pela relação de oposição dos termos que compõem o sistema, só por essas relações podemos chegar ao contorno, que representa o território semântico que abrange um determinado *Significado*, pois não é qualquer *Significação* que o pode atravessar. Esse esquema é, pois, esse território das *Significações* que uma *palavra* abrange, porém, mais do que isso, o esquema parece representar a própria *Significação*, a *unidade* que é percebida pelo sujeito falante, haja vista a flecha externa que coincide com os outros esquemas em que Saussure apresenta a constituição do *Valor*. Pétroff (2007) afirma que o esquema de Saussure, com apenas uma flecha, diferente do que aparece na obra de 1916, representa o que o genebrino compreende por *Significação*, contudo faz questão de frisar que “[...] Saussure insiste sur ce point: ce schéma n’est que’un produit secondaire de la valeur¹²⁶” (Pétroff, 2007, p. 211). Na próxima seção, retomaremos esse assunto

¹²⁵ “<Uma vez que nós temos os contornos, este esquema pode entrar em jogo>.” (Tradução nossa)

¹²⁶ “[...] Saussure insiste sobre este ponto: este esquema não é mais que um produto secundário do valor.” (Tradução nossa)

dos esquemas de Saussure em relação à *Significação*, e Pétroff (2007) será importante para essa discussão.

A insistência de Saussure, frisada por Pétroff (2007), vem da preocupação de que se chegasse a esse esquema que ele apresenta e se tomasse essa relação como primitiva, como o essencial da língua, quando, na realidade, ele compreende que a noção de *Valor* tem a ver com “a indeterminação dos conceitos”, o que abre uma porta gigantesca para outra teoria saussuriana de base, a arbitrariedade do *Signo*. Assim sendo, esse esquema não é primitivo, mas derivado das relações do sistema, de modo que ele resume essa relação da seguinte forma:

[...] le mot n'existe pas sans un signifié aussi bien qu'un signifiant. **Mais le signifié n'est que le résumé de la valeur linguistique** supposant le jeu des termes entre eux, dans chaque système de langue¹²⁷. (Saussure, 1993, p. 141)

Além de reafirmar que as relações internas da *palavra* dependem do *Valor*, Saussure também define o *Significado* como um resumo do *Valor* linguístico. Essa definição estreita mais os laços entre *Valor* e *Significação*, esclarecendo um pouco mais o papel de cada um. Quando o *Significado* é retratado como um resumo do *Valor*, supõe-se que ele é capaz de transmitir na relação interior as relações do exterior, ou seja, do sistema; deste modo, ele, ao mesmo tempo em que é transpassado por *Significações*, também as transpassa, talvez até mais fortemente, com as informações do sistema. Portanto, a *Significação* depende do *Valor*, pois sua base, o *Significado*, lhe atinge com toda negatividade e oposição que constitui o sistema.

Podemos, contudo, pensar também no movimento inverso. Como já vimos, a *Significação* também afeta o *Significado*, alarga seu campo e, às vezes, o atinge tão forte que é capaz se sobressair a outras *Significações* que o atravessam; assim, o *Significado* também oferece ao sistema aquilo que recebe por meio das *Significações* e, sendo ele mesmo um resumo do *Valor*, contribui para sua constituição. Essa colocação do professor, já na última aula de seu curso, nos permite apreender de que modo a *Significação* não só é dependente do *Valor*, mas também colabora com sua constituição à medida que também estabelece diferenças no sistema linguístico.

Para concluir nossa análise do TCLG, trazemos mais uma citação da última aula de Saussure, em que ele fala sobre a essência da língua, o *Valor* e, enquanto descreve-o, apresenta claramente *Significação*, *Significado* e *Significante* como termos distintos:

[...] il n'y a dans la langue (c'est-à-dire dans un état de langue) que des différences. **Différence implique pour notre esprit deux termes positifs entre lesquels s'établit la différence.** <Mais le paradoxe est que:> Dans la langue, il n'y a que des différences sans termes positifs. Là est la vérité paradoxale. Il n'y a du moins de différences **que**

¹²⁷ “[...] a palavra não existe sem um significado bem como um significante, mas o significado não é mais que um resumo do valor linguístico, supondo o jogo de termos entre eles, em cada sistema de língua.” (Tradução nossa)

si l'on parle soit des significations, soit des signifiés ou des signifiants¹²⁸.
(Saussure, 1993, p. 141 – destaques nossos em negrito)

Para Saussure, não há termos positivos no sistema, só diferenças, mas admite, e isto é um fato paradoxal, que o nosso espírito necessita de termos positivos para estabelecer a diferença. Temos, portanto, um sistema que se constitui pelas diferenças, sem *termos* positivos. É esse sistema, que captura o sujeito falante, é esse o tesouro que lhe é posto. Por outro lado, o sujeito falante não dá conta desses *termos* negativos, o que ele pode capitar da língua é uma positividade ilusória; o que existe na língua para ele é um termo positivo, esse termo é a *palavra* em sua base, mas na *Fala* é a *Significação*. O genebrino, inclusive, apresenta estes quatro termos, afirmando que todos eles são estabelecidos pelas diferenças, de modo que podemos perceber, na citação acima, que Saussure apresenta a *unidade* que chega ao falante. Note-se que ele usa *Significações* no plural para demarcar esse território significativo da *Palavra* que se estabelece, além do *Valor*, pela relação entre as contrapartes e as *Significações* que as atravessam; não uma, mas várias *Significações* que repousam sobre uma mesma base.

3.3.7 O último soar do sino

Chega ao fim o terceiro e último curso que o professor Saussure daria em Genebra. Joseph (2023) chama a atenção para as últimas palavras do mestre “antes de soar o sino”:

Dans ce cours nous n'avons d'à peu près complet que la partie externe. Dans la partie interne, **la linguistique évolutive est laissée de côté <pour la linguistique synchronique>** e nous avons pris seulement quelques> principes généraux dans la linguistique¹²⁹. (Saussure, 1993, p. 143 – destaques nossos em negrito)

Essa noção de interno e externo, pretendemos explorar também na próxima seção, mas, desde já, podemos vislumbrar um externo que são as relações do sistema e um interno que são as relações no interior da *Palavra*. É mister também destacar como Saussure reserva de modo especial a linguística sincrônica para essa relação interior, deixando de lado, nesse ponto, a linguística diacrônica. O terreno da *Significação* vai ficando mais demarcado e sua relação com a sincronia muito mais evidente.

¹²⁸ “[...] não há na língua (isto é, em um estado de língua) mais que diferenças. Diferença implica para nosso espírito dois termos positivos entre os quais se estabelece a diferença. <Mais o paradoxo é que:> Na língua, não há mais que diferenças sem termos positivos. Aqui está a verdade paradoxal. Não há menos diferenças do que quando falamos de significações, de significados ou de significantes.” (Tradução nossa)

¹²⁹ “Neste curso não completamos mais que a parte externa. Na parte interna, a linguística evolutiva é deixada de lado <para a linguística sincrônica e nós tomamos somente alguns> princípios gerais na linguística.” (Tradução nossa).

Conquanto houvesse uma promessa de abordar essa parte interna, o estimado professor não a pôde cumprir pelo agravamento de sua doença e, conseqüentemente, sua morte precoce aos 55 anos; segundo Joseph (2023) um dos mais jovens a morrer na linhagem de Saussure.

Suas reflexões sempre com um toque inovador, o turbilhão de pensamentos, as hesitações, as explorações em novas ideias e o tempo breve e impiedoso formaram um arcabouço teórico que marcou uma geração de linguistas que conheceram tão genial mestre e que não podiam deixar que seus ensinamentos desaparecessem com sua morte. Desse sentimento é que surgiu o pontapé inicial para uma obra que marcaria não só a linguística, mas também outras ciências humanas, o *Curso de Linguística Geral*, que nós analisaremos na próxima seção.

4 O BOM E VELHO SAUSSURE E O PROBLEMA DA SIGNIFICAÇÃO

Para iniciar nossa discussão, é importante voltarmos o olhar para o modo como foi constituído o *Curso de Linguística Geral* – doravante CLG. Deixando de lado a questão dos manuscritos dos alunos dos cursos ministrados em Genebra, que já mencionamos na seção anterior, queremos trazer algumas questões editoriais do CLG, de sua recepção e de como isso contribuirá, posteriormente, para o levantamento de interrogações quanto à verdadeira autoria da obra de 1916.

Com a morte de Saussure em 22 de fevereiro de 1913, logo se falou em uma publicação que contemplasse as matérias abordadas pelo linguista nos três cursos que ministrou. Conforme Joseph (2023), oito dias após a morte do genebrino, saiu uma publicação de Charles Bally sobre o estimado professor, em que se perguntava se um livro derivado de suas obras não chegaria a ver a luz do dia. Esse desejo, também segundo Joseph (2023), era compartilhado com os alunos que estiveram presentes nos cursos. Léopold Gautier e os demais alunos que se juntaram a ele perguntavam o que deveriam fazer com as notas que tomaram das aulas. Este grupo chegou a consultar a viúva do professor para saber o que poderiam fazer com aquele material. Embora a viúva de Saussure, Marie, não se opusesse a qualquer publicação, temia que o produto final fugisse da reflexão tão maturada de seu falecido marido. Joseph (2023) afirma que ela procurou o amigo de longa data de Saussure, Meillet, para lhe pedir conselhos e, arrisca a dizer, esperava que ele liderasse toda essa parte editorial.

O que parecia ser o destino de Antoine Meillet muda com a ascensão de Bally à cátedra de Linguística Geral que pertencera a Saussure. Em abril, como nos conta Joseph (2023), os alunos do genebrino enviaram um cartão a Marie e, se propositalmente ou não, o nome de Bally encabeçava as assinaturas, o que sugeria que ele estava na liderança dos demais, que tinha uma importância maior. A partir daí houve, ainda que indiretamente, uma disputa sobre o legado de Saussure, que só poderia ser resolvido por sua viúva. Turra (2020, p. 2) explica que “Enquanto Meillet desejava publicar os manuscritos tais como se apresentavam, em notas, Bally vislumbrava uma obra única, um “todo orgânico”, como definiria seu projeto posteriormente”. O projeto de Meillet seria mais próximo do que fizeram Bouquet e Engler com os *Escritos de Linguística Geral*. Meillet seria ajudado por um ex-aluno de Saussure, que teria publicado sua tese a partir do ensinamento deste sobre a linguística sincrônica, Paul Regard (Bouquet, 2009). Bouquet (2009) afirma que ele era, provavelmente, o único linguista a participar dos cursos de linguística geral. Marie preferiu o projeto de Bally, e Meillet saiu da disputa, pois, apesar das críticas que tinha ao projeto de Bally, estava submisso à “autoridade editorial dele” (Bouquet,

2009). Essa submissão, apontada por Bouquet, talvez se dê pela posição que naquele momento ocupava Bally, era o sucessor de Saussure na Universidade e essa parecia ser a visão geral, de modo que Meillet não quis se indispor com o legítimo sucessor do mestre, ainda mais com o aval de Marie de Saussure.

Começa então o árduo trabalho de Bally juntamente com Sechehaye de reconstruir o pensamento do mestre a partir dos cadernos dos alunos que chegaram em suas mãos. Sechehaye ficou responsável por organizar as notas dos alunos em texto mais orgânico (Turra, 2020), mas foi Bally o responsável por alterações mais substanciais. Conforme Turra (2020, p. 2), a Bally coube “[...] diversas alterações [...], tanto na ordem dos capítulos quando na padronização de termos utilizados pelo mestre em seus três anos de curso quanto da inserção de fragmentos deixados de fora pelo colega”. Assim, em 1916, três anos após a morte de Saussure, Bally e Sechehaye publicaram o CLG, creditando-se como editores e creditando Albert Riedlinger como colaborador e, por óbvio, dando ao mestre todo o crédito intelectual sobre a obra final.

Bruno Turra, o qual já vimos citando, escreveu um artigo sobre a edição e transmissão do CLG e, seguindo Colombat, Fournier e Puech (2017), separa quatro momentos de recepção da obra atribuída a Saussure. Seguiremos esses autores. Num primeiro momento, o que se percebe à época da publicação do CLG é uma crítica um tanto ferrenha à obra, uma delas vinda de alguém que teria bastante autoridade para fazê-lo, seu amigo íntimo, Meillet:

Não há razão para aqui apresentar a crítica a pormenores de um livro que é apenas a adaptação de um ensino fugidio que se dá pela oralidade, e no qual não se pode dizer se os detalhes passivos de crítica vêm do autor ou dos seus editores. (Meillet, 1916 *apud* Bouquet, 2009, p. 164)

Embora tenha se submetido à vontade de Bally, Meillet não teve nenhuma participação na elaboração do CLG e, no momento de sua publicação, não poupou palavras para dizer que não reconhecia aquela obra como de autoria de Saussure, chegando a dizer que era um livro que seu amigo “jamais teria escrito”. Além disso, salienta os problemas óbvios da transmissão oral das aulas e de como aquele material era fugidio, podendo estar deixando escapar pontos essenciais para a articulação de sua teorização. Turra (2020) afirma que a crítica de Meillet exerceu grande influência na comunidade linguística contribuindo para o não alavancamento da obra, opinião essa corroborada por Colombat, Fournier e Puech (2017), que afirmam ter essa comunidade visto a obra como uma perversão do verdadeiro Saussure ou mesmo uma abstração que não levava em conta a “empiricidade social”.

Segundos esses autores, a segunda recepção do CLG situa-se temporalmente nos anos vinte. Suscitado pelo congresso de Haia, sede não oficial dos Países Baixos. Nesse congresso, segundo Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 33), o CLG aparece como “ponto de apoio,

alavanca de inovação linguística”. Movimentos intelectuais importantes passam a girar em torno do CLG, são os famosos Círculos Linguísticos, como o de Praga e o de Paris. Temos, nessa fase, nomes importantes como Roman Jakobson, Nikolaj Trubetzkoy, Vilém Mathesius, entre outros. É interessante a observação que faz Joseph (2023) sobre Jakobson, que pode ser estendido aos demais linguistas e ajudar a entender como o CLG se torna importante para esses círculos. Segundo Joseph (2023, p. 845 – destaques nossos) Jakobson, desde o princípio, recebeu o CLG com críticas e hesitações a pontos cardeais da obra, mas que, ainda assim:

[...] ao logo de sua longa vida, Jakobson deixaria claro que, mesmo sendo um saussuriano ambivalente e heterodoxo, **foi de Saussure que adquiriu a visão básica da linguagem e a estrutura para analisá-la** que fundamentaria seu trabalho a partir de então”.

Assim como Jakobson, poderemos inferir que outros linguistas dos círculos tiveram as mesmas hesitações e discordâncias, mas o CLG oferecia a eles um método de análise científica para a língua, de modo que, embora esses círculos fossem deveras diferentes entre si, puderam, segundo Joseph (2023) ser caracterizados como um grupo com o epíteto de estruturalismo, pois compartilhavam os mesmos aspectos da teoria saussuriana.

Nesse segundo momento de recepção, Turra (2020) destaca que o “verdadeiro” Saussure tão exaltado em um primeiro momento em detrimento do CLG, agora não se apresentava mais como uma oposição do Saussure que Bally e Sechehaye alavancavam para o mundo.

O terceiro momento de recepção do CLG acontece no pós-guerra, quando o que era uma posse exclusiva de linguistas, torna-se uma obra comum a outras áreas. Como explica Colombat, Fournier e Puech (2017), o CLG passa a ser referência também para sociólogos, antropólogos e filósofos. Publicações nos Estados Unidos e na França colocam o CLG no centro da discussão das ciências humanas, tendo, nesse momento, nomes importantes como Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Ernst Cassirer e Maurice Merleau-Ponty. As outras áreas das ciências humanas passam a orbitar no CLG, trazendo, provavelmente, tantas discordâncias e hesitações quanto os primeiros linguistas dos círculos, mas, assim como eles, enxergam nele uma metodologia, uma estrutura que necessitavam para dar também às suas pesquisas um *status* de científica.

Desse período decisivo para a história do CLG, temos também o testemunho de Jean-Claude Milner, que afirma que a obra póstuma, recebida sem grandes repercussões para a cultura clássica da época, torna-se um marco a partir do momento em que

[...] un conjunto de intelectuales franceses pensaron, sin ser ellos mismos lingüistas, que la lingüística en general y el Curso de Saussure en particular abrían las sendas de un método de conocimiento nuevo, cuando no de una visión nueva del mundo que

sustituiria a la versión sartreana del marxismo reinante hasta entonces¹³⁰. (Milner, 2003, 16)

Este conhecimento novo, retratado por Milner, advindo do CLG, foi reconhecido por intelectuais que não pertenciam à Linguística, num momento em que todas as ciências buscavam se alinhar com o pensamento positivista, abandonando uma visão, existencialista, como frisa o autor ao citar a visão sartreana.

É também nesse terceiro momento do CLG que ocorre um retorno aos pais fundadores e que a obra de 1916 é definitivamente vinculada ao nome de Saussure, que passa a ser considerado o pai da linguística moderna, título que será amplamente divulgado nos grupos estruturalistas (Turra, 2020). Ainda sobre este retorno aos pais fundadores, queremos trazer a observação de Colombat, Fournier e Puech (2017) de que o retorno a Saussure não é direto, se dá pela leitura, pela ótica de linguistas proeminentes como Jakobson e Hjelmslev.

O quarto momento de recepção do CLG está ligado às publicações de Robert Godel, Rudolf Engler e Tullio De Mauro. O primeiro publicou sob o título de *Fontes Manuscritas do Curso de Linguística Geral* uma obra que trazia as notas dos cadernos dos alunos e também notas do próprio Saussure. Engler publicou uma edição crítica do CLG comparando-a com as notas dos alunos. O último, Tulio De Mauro publicou também uma edição crítica do CLG, originalmente em italiano, a qual traz muitas notas que consideram as pesquisas e as descobertas manuscritas até o momento daquela publicação. Essas três obras geraram, segundo Colombat, Fournier e Puech (2017) um retorno ao Saussure que fora deixado de lado nos anos vinte.

Turra (2020) identifica mais um momento da recepção do CLG, que seria o momento atual, afetado pela descoberta de novos manuscritos saussurianos. Ele cita especificamente o manuscrito EDL, que discutimos extensamente na segunda seção desta tese. Essa descoberta do EDL suscitou em muitos linguistas o mesmo problema lançado por Meillet em 1916 sobre a verdadeira autoria do CLG. Turra (2020, p. 4) afirma que os manuscritos passaram “[...] a reclamar uma autoridade que até então era atribuída ao CLG: opõe-se então um verdadeiro Saussure, o dos manuscritos, a um falso Saussure, o do CLG.” O autor acrescenta ainda que “Por essa via, os editores são tomados como detratores da palavra de seu professor a ponto de se preterir a leitura do livro de 1916.” (Turra, 2020, p. 4). Um dos principais nomes dessa linha de pensamento que contesta a autoridade do CLG como obra legitimamente saussuriana é o linguista Simon Bouquet. Ele escreveu um artigo denominado *De um Pseudo-Saussure aos*

¹³⁰ “[...] um conjunto de intelectuais franceses pensaram, sem ser eles mesmos linguistas, que a linguística em geral e o Curso de Saussure em particular abriam as sendas de um método de conhecimento novo, quando não de uma visão nova do mundo, que substituiria a versão sartreana do marxismo reinante até então.” (Tradução nossa).

textos originais em que discute o porquê de considerar o CLG uma obra que desfigura o pensamento de Saussure em pontos essenciais.

Bouquet atribui a autoria do CLG a Bally e Sechehaye, afirmando que estes possuem uma dupla responsabilidade:

[...] **a de ter produzido a obra mais marcante da linguística no século XX** – o que a princípio não deveria ser objeto de crítica – mas também a de ter impedido por um longo tempo o acesso a um pensamento original, infinitamente mais sutil e mais forte, por vezes apresentando-se em contradição com a sua ‘vulgata’. (Bouquet, 2009, p. 162 – destaques do autor entre aspas e nossos em negrito)

Por diversas vezes, Bouquet afirmará que inúmeras conclusões do CLG são obra dos editores, marcante, indubitavelmente, reconhece, mas que não chega a ser o pensamento do mestre genebrino, o qual classifica como infinitamente mais sutil e forte. Até mesmo o epíteto de editores, com que se autodenominam Bally e Sechehaye é questionado por Bouquet que os vê muito mais como autores da obra do que como editores. Para embasar seus argumentos, o linguista toma testemunhos do período da primeira recepção do CLG, isto é, da época de sua publicação. Além de Meillet, que nós já vimos, ele apresenta também o testemunho de Paul Regard, que iria participar no projeto de Meillet de um livro integralmente formado das notas manuscritas; e também Albert Riedlinger, que foi creditado como colaborador no CLG.

O testemunho negativo de Riedlinger é muito interessante e até mesmo surpreendente, uma vez que ele foi o principal colaborador da obra, mas em uma carta endereçada a Léopold Gautier, sobre uma proposta que este havia feito a Riedlinger quanto a uma homenagem a Saussure, ele recusa e expõe suas críticas ao trabalho feito por Bally:

Mais grave ainda é a supressão completa da magnífica introdução de 100 páginas do segundo curso, que Godel, por carta, pediu-me a permissão de publicar in extenso depois de minhas notas. **O senhor se lembra, sem dúvida, que Bally tinha decidido que o capítulo sobre unidades e identidades não era claro, e o senhor tinha concordado com isso.** Godel vê nessa introdução a essência do pensamento saussuriano. Mas Bally, talentoso para a observação dos fatos linguísticos, não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre. (Riedlinger, 1957 *apud* Bouquet, 2009, p. 165 – destaques nossos)

Como Bally buscava entregar uma obra completa, acabada, um “todo orgânico”, teve que, algumas vezes eliminar o que não trazia, pelo menos para eles, uma clareza, como é o caso apresentado por Riedlinger, contudo, outro linguista, Robert Godel, enxergou no material descartado por Bally a essência do pensamento saussuriano. Testemunhos como esses, que estão na história editorial do CLG, favoreceram o pensamento de Bouquet de desautorizá-lo como parte da teorização saussuriana.

Apesar desse apelo às autoridades dos manuscritos sobre o CLG, Bouquet, pelo menos indiretamente, reconhece que esse caminho também traz suas complicações. Em primeiro lugar,

os manuscritos não possuem historicamente o mesmo peso do CLG, pois este tem um caráter fundador, de modo que Bouquet afirma não ter os manuscritos exercido “[...] qualquer influência determinante sobre o destino da linguística do século XX.” (Bouquet, 2009, p. 161). Esse “verdadeiro Saussure” não figurou nas discussões que impulsionaram a linguística do século passado, deste modo, tomar os manuscritos em detrimento do CLG é também ignorar toda a transformação da área ao redor desta obra; até mesmo além da linguística, pois, como afirma Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 31 – destaque dos autores), o CLG não é propriedade exclusiva dos linguistas, uma vez que tornou-se “um tipo de matriz em vista da ‘modernização’ do conjunto das ciências humanas em círculos cada vez mais largos”.

Outro ponto importante, o quarto momento da recepção do CLG, figurado pelas obras de Godel, Engler e De Mauro, que propõem um retorno a Saussure, não sugere o abandono do CLG, nem tampouco põem em xeque sua autoria embora contestem certos pontos importantes que podem ser tratados como problemas editoriais e não necessariamente problemas de autoria. O próprio Bouquet (2009, p. 166) ao comentar sobre testemunhos como o de Godel, reconhece que “Essas publicações e sua recepção resultaram, entretanto, na consequência paradoxal de reforçar o paradigma do Curso”.

Ainda refletindo sobre a questão da autoria do CLG, questionada tanto por Bouquet quanto por outros linguistas, podemos tomar um testemunho bastante positivo sobre a obra póstuma, vinda de um de seus biógrafos, John Joseph. Ele, muito acuradamente explica sua visão sobre a obra de 1916:

A maneira como o *Curso* progride do geral para o específico, e se desenvolve em direção à linguística diacrônica como seu aparente ponto-final, **é fiel à visão de Saussure. No entanto, nenhum livro tem o controle sobre como será lido, e o que é falso para Saussure é a forma como o Curso foi lido** de modo que a linguística sincrônica fosse seu clímax, deixando a diacrônica como uma mera coda. **Isso levou gerações posteriores a acreditar ou culpar Saussure por alterar o curso da linguística de sua investigação histórica para a investigação sincrônica.** Certamente ele considerava a linguística histórica necessitada de uma reforma fundamental, **e fez disso o trabalho de sua vida**, embora nunca com a intenção de ver a investigação diacrônica marginalizada. (Joseph, 2023, p. 836 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

Reproduzimos todo o parágrafo em que John Joseph demonstra entender que no CLG há sim uma autoria que pode ser atribuída a Saussure, apesar das intervenções dos editores, mas o que causa um estranhamento, o que promove esse questionamento da identidade da autoria, seria a forma como o CLG foi lido, e isso nós podemos observar nas diferentes fases de recepção da obra, sobretudo, no terceiro momento, em que o retorno a Saussure se dá, principalmente, pela leitura que os linguistas estruturalistas fazem da obra. Podemos, quiçá, pensar na própria

leitura que Bally e Sechehaye faziam dos manuscritos e, mesmo estando lá o que foi dito por Saussure, a leitura dos editores ecoava conjuntamente.

Diante dessa bifurcação entre ignorar o CLG como uma obra apócrifa em prol dos manuscritos ou integrá-los como parte do legado saussuriano; preferimos o segundo caminho. Concordamos com Turra (2020, p. 4 – destaques do autor entre aspas) quando afirma que:

A busca por um verdadeiro Saussure é infrutífera na medida em que se perde o lastro da história e se fecha a interpretação em um ‘Saussure disse que’. Minha pergunta é outra: o que podemos dizer hoje a partir da fortuna crítica construída em mais de um século sob o nome ‘Saussure’?

Não se trata, portanto, de um escrito que tenha autoridade sobre outro, mas de como podemos compreender essa “fortuna crítica”, mencionada pelo autor, ou de como a teorização saussuriana distribuída sobre essa fortuna crítica se estrutura, estabelece-se.

O autor destaca ainda que compreende a leitura de Saussure em dois tempos: “[...] um de formalização e outro de fundação, tempos que, no caso do genebrino, não coincidem, mas que se reúnem sob seu nome.” (Turra, 2020, p. 4). Desse modo, nosso gesto de leitura pretende se pautar nesse caminho de interpretação do arcabouço teórico saussuriano; não questionando a autoridade ou a autoria do CLG, mas confrontando-o com os outros escritos reunidos sob o nome de Saussure.

Para fechar essa discussão, queremos trazer a citação de Jürgen Trabant sobre a relação entre o Saussure dos manuscritos e o do CLG:

Ninguém encontrará, por uma única leitura dos *Écrits de linguistique Générale* [...] um autor compreensível e coerente, mas somente fragmentos muito difíceis de compreender, que ganham uma certa coerência e um certo sentido somente se os colocamos em relação com o *Cours* [...]. Como esses escritos funcionam somente em virtude do *Cours*, esse Saussure autêntico é necessariamente tributário do *Cours*. Ele é condenado a acompanhar o Grande Clássico. Ele é um pouco como o bobo da corte que diz a verdade, certamente, mas que, mesmo dizendo a verdade, não possui a força de agitar o Poder, mas, ao contrário, o confirma. Assim, a versão desconstrutiva de Saussure, o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá força para eliminar a potência do Grande Clássico, tão usurpada, falsa que seja. O Saussure ‘autêntico’ está tragicamente condenado a permanecer o bobo do Curso. (Trabant, 2005, *apud* Colombat, Fournier e Puech, 2017, p. 36 – destaques do autor)

A colocação de Trabant é muito acertada na questão da leitura dos manuscritos, eles se apresentam como parte de um todo, de modo que é pela leitura do CLG que chegamos a eles e é também pela leitura do CLG que podemos compreendê-los como parte desse todo que é o edifício teórico erigido pelo genebrino. Contudo, embora não tenham poder para “eliminar” o Saussure do CLG, os manuscritos podem causar sim uma certa agitação. Não o vemos como o bobo da corte, mas como parente da família real que, embora não tenha como subir ao trono, pode agitar politicamente o reino. Queremos dizer com isso que os manuscritos também podem

direcionar a leitura do CLG para que não incorramos no falso Saussure do qual falou John Joseph.

Concluída essa primeira parte das discussões quanto ao CLG, queremos apresentar como se dividirá essa seção. Nos três primeiros tópicos, trataremos de questões pertinentes à compreensão da organização do pensamento saussuriano, que nos propiciarão apreender melhor o papel da *Significação* na teorização do genebrino. Esses três tópicos são dedicados: i) À metodologia de Saussure para abordar as questões da língua; ii) À divisão língua e *Fala*; iii) Ao interno e externo da língua. Após essas discussões, faremos, como fizemos nas duas primeiras partes de nosso *corpus*, a análise do termo *Significação*, porém, agora não nos limitaremos a trazer apenas o que está no CLG, mas retomaremos partes de outros escritos saussurianos, já analisados, quando for necessário este enfrentamento.

Passemos então para o bom e velho Saussure, aquele que fez a história da linguística. Mas há um problema tão velho quanto ele, o da *Significação*, o qual queremos discutir com a ajuda daquele outro Saussure que não conhecemos e, sobretudo, com a do professor Saussure que tanto se preocupava com a transmissão da linguística para seus alunos.

4.1 O ponto de vista cria o objeto: uma questão metodológica

Entre as famosas dicotomias saussurianas, uma delas nos interessará particularmente para pensar a *Significação*, que é a *Sincronia/Diacronia*. Pelo que pudemos ver na análise dos cadernos dos alunos, sobretudo, no SCLG, essa distinção é essencial para se analisar a *Significação* em uma língua particular. Segundo Arrivé (2010), essa dicotomia foi a que teve a maior repercussão fora da linguística, pelas demais ciências sociais, na tentativa de também se firmarem como ciência no modelo positivista. Também Normand (2009, p. 83) testemunha sobre esse modelo de ciência social baseado na física e promulgado por Auguste Comte, afirmando que foi a partir de Saussure que, pela primeira vez, “[...] a pesquisa sobre a linguagem e as línguas tenta pensar rigorosamente as propriedades de seu objeto e os limites de seu campo”. Vemos, portanto, que a questão do método é imprescindível para que se tenha uma ciência no modelo positivista, além de um objeto analisável pelas condições empíricas e sensoriais fornecidas por esse método. Essa questão do método tomou muito tempo da reflexão saussuriana e pautou muitas de suas outras reflexões, podemos até dizer que as principais reflexões saussurianas são consequências da noção de método.

Percorramos, agora, o capítulo III da primeira parte do CLG no qual Saussure abordará as duas metodologias propostas para o estudo das línguas, a saber, a linguística estática e a

linguística evolutiva ou, como ficaram mais conhecidas, sincronia e diacronia. Conforme De Mauro (1967) esse capítulo foi composto a partir de algumas lições do final do TCLG, além de outras retiradas do SCLG e algumas notas do próprio Saussure.

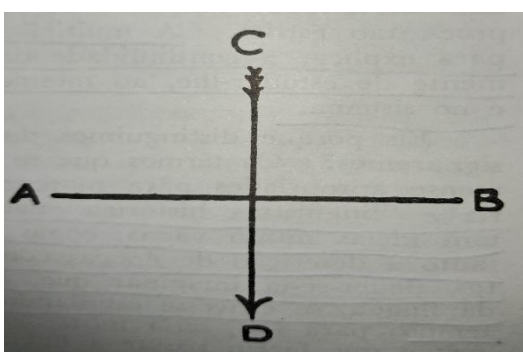
Saussure inicia o capítulo III afirmando que a intervenção do tempo nos estudos linguísticos coloca essa ciência em rotas “absolutamente divergentes”. De acordo com o mestre, na linguística, a diferenciação entre o estudo do objeto no tempo e em um estado de língua específico é essencial, o que não é o caso de outras como astronomia ou a geologia. Estas podem tomar o seu objeto no tempo e num estado específico de modo que a distinção rigorosa entre um e outro não acarreta os mesmos problemas que são alçados no caso da linguística.

Essa característica da linguística é compartilhada com a economia política, aliás é dela que Saussure tira a noção de *Valor*. O rigor com que precisa ser separado o objeto no tempo e num determinado estado vem da concepção de língua assumida por Saussure, ou seja, da língua como um sistema de valores puros. Assim, explica ele:

[...] como na Economia Política, estamos perante a noção de *valor*; nas duas ciências, trata-se de um *sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*: numa, um trabalho e um salário; noutra, um significado e um significante”. (Saussure, 2008, p. 94 – destaques do autor)

Sendo a língua um sistema de valores, a distinção entre os eixos é muito mais crucial do que em outras disciplinas. Desse modo, Saussure apresenta um esquema que representa os dois eixos pelo qual se pode estudar a língua:

Figura 10 – Eixos metodológicos



Fonte: Saussure, 2008, p. 95

Para o genebrino, o eixo AB é o eixo das simultaneidades, este se referiria a um estado de língua em que os termos são simultâneos, no qual o *Valor* é o principal fator, uma vez que o sistema se funda sobre diferenças e oposições, em que nenhum *termo* possui *Valor* em si mesmo, mas apenas no conjunto, na oposição do que lhe rodeia. O eixo CD é o eixo das

sucessões em que o tempo, e não o *Valor*, é o principal fator, de modo que o que está em jogo nele não é o sistema, mas elementos isolados.

De Mauro (1967) apresenta em seus comentários a crítica feita a esta proposição de Saussure de que o fator tempo não é um problema em ciências como astrologia e geologia, de modo a não ter uma necessidade de separar esses eixos tão rigorosamente. Na crítica, afirma-se que os objetos dessas ciências citadas pelo genebrino podem sim ser tomados separadamente, isto é, pela via sincrônica e diacrônica. À crítica, De Mauro responde que:

[...] il veut seulement établir une gradation: des sciences dans lesquelles le facteur temps est *de facto* ignoré ou secondaire [...], aux sciences de choses ayant une valeur, dans lesquelles la distinction se pose *de facto*, e aux sciences comme la linguistique dans lesquelles la distinction est indispensable, **dans la mesure où seules les différences entre substances ont une valeur, c'est-à-dire que les valeurs consistentes uniquement en un système de différences**¹³¹. (De Mauro, 1967, p. 450 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

A resposta de De Mauro reafirma o que já havíamos falado sobre a distinção entre os eixos estar ligada à concepção de língua para Saussure, isto é, um sistema de valores. Notem, contudo, a parte final da citação, destacada por nós, em que o linguista italiano apresenta esse sistema como “diferenças entre substâncias que tem um valor”. É interessante sua definição, pois, em vez de usar *termo*, usa *substância* invocando assim a materialidade de que a língua se apossa e, mais ainda, no contexto, seria difícil pensar que o autor estivesse se referindo apenas ao *Significante*, pois o próprio Saussure já invocara as contrapartes para falar do sistema. A colocação de De Mauro parece se acomodar com a de Hjelmslev quanto ao fato de que o *Significado* também possui uma *substância*.

Na seção anterior, já havíamos visto como Saussure vai deixando escapar os fatores que contribuem para estabelecer o sistema de diferenças que formam uma língua e que a materialidade trazida pelas formas *Significado/Significante* são também fonte de diferenciação. Examinemos por partes a colocação de De Mauro. Primeiramente, a resposta à crítica de que Saussure procurava fazer uma diferenciação básica é notória, aliás, explícita. O genebrino afirma que: “É certo que todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar mais escrupulosamente os eixos sobre os quais estão situadas as coisas de que se ocupam [...]” contudo “Para as ciências que trabalham com valores, tal distinção se torna uma necessidade prática e, em certos casos, uma necessidade absoluta” (Saussure, 2008, p. 95). O esquema apresentado por Saussure deveria, segundo ele, ser de interesse de toda ciência, porém para

¹³¹ “[...] ele quer somente estabelecer uma gradação: das ciências nas quais o fator tempo é de fato ignorado ou secundário [...], das ciências das coisas que possuem um valor, nas quais a distinção se instala de fato, e das ciências como a linguística nas quais a distinção é indispensável, na medida em que só as diferenças entre substâncias têm um valor, isto é, que os valores consistem unicamente em um sistema de diferenças”. (Tradução nossa)

algumas, como a economia política e a linguística, observar esse esquema não é uma opção, mas sim uma necessidade prática, no caso da linguística uma necessidade absoluta. Entende-se que essa necessidade está nas ciências que trabalham com valores. Assim, Saussure não afirma que outras ciências não devam observar o eixo sincrônico e diacrônico, mas que, nelas, essa observação que está ligada ao fator tempo não é mais que um fator secundário ou mesmo ignorado. Na linguística, assinala ele desde o começo, o fator tempo cria dificuldades particulares ao estudo da língua.

O segundo ponto a se destacar na colocação de De Mauro é a escolha da palavra *substâncias*, como já mencionamos anteriormente. Saussure toma em empréstimo, da Economia, a teoria do valor que é a base de sua teoria de língua, contudo ele não faz simplesmente uma transposição de uma disciplina a outra, pois a Linguística tem suas particularidades, de modo a que a distinção entre os eixos não é apenas uma necessidade prática, mas absoluta. Vejamos o exemplo que este oferece:

Enquanto, por um de seus lados, um valor tenha raiz nas coisas e em suas relações naturais (como é o caso na ciência econômica – por exemplo, **um campo vale na proporção do que produz**), pode-se, até certo ponto, seguir esse valor no tempo, lembrando sempre que, a cada momento, ele depende de um sistema de valores contemporâneos. Sua ligação com as coisas lhe dá, apesar de tudo, uma base natural e, por isso, as apreciações que se lhe apliquem **não são jamais completamente arbitrárias; sua variabilidade é limitada**. Mas já vimos que, **em Linguística, os dados naturais não têm nenhum lugar**. (Saussure, 2008, p. 96 – destaques nossos)

Pelo exemplo de Saussure, conseguimos perceber que, em Linguística, a teoria do *Valor* exige um rigor maior, pois as características do objeto em Economia Política e na disciplina voltada à língua possuem características singulares. Uma delas é o tipo de relação natural que há entre as coisas e os valores na economia, de modo que o genebrino explica que essas relações, embora possa haver uma arbitrariedade relativa, nunca é absoluta, ao contrário do que ocorre em linguística. Assim, declara que nesta última não há lugar para dados naturais.

Além da óbvia acomodação necessária da teoria do *Valor* em linguística, a argumentação de Saussure nos traz reflexões um pouco mais profundas. A relevância da matéria na teoria do *Valor* é inegável e é, justamente essa matéria que permite que haja um estudo no eixo diacrônico nas ciências que trabalham com valores. Note-se que se pode seguir o valor de um campo no tempo até certo ponto, isso pelo fato de que aquilo que é material deixa resquícios que podem ser rastreados no tempo. Joseph (2023, p. 779), ao comentar este exemplo, que aparece com algumas variações no SCLG, afirma que Saussure “[...] viu a falha na comparação: o preço pode ser algo semelhante a um significante, mas a própria terra, sendo material e em nenhum sentido arbitrária, não tem nada em comum com um significado”. O autor parece não compreender que haja uma materialidade, uma *substância* no *Significado* e, mais que isso, não

apreende nenhuma propriedade arbitrária nela. A falha da comparação, ou melhor a limitação da comparação aparece bem definida no CLG, mas não está ligada em si à questão da materialidade. Aqui discordamos de Joseph, pois acompanhamos Hjelmslev e De Mauro, ao compreendermos que o *Significado* está provido de uma materialidade, de uma *substância* chamada *Sentido*; também discordamos quanto ao fato de que, em relação ao campo, não haja nenhuma arbitrariedade, pois esta se dá entre o campo e preço, que, ainda que não se possa falar em arbitrariedade absoluta, temos uma arbitrariedade relativa, uma vez que essa relação só pode ser definida pelo conjunto, pelo sistema econômico, que é a base da arbitrariedade. Assim se dá com *Significado/Significante*; a relação arbitrária das contrapartes está no fato de que é no sistema, no conjunto, que possuem *Valor*, tornando-os passíveis de substituição. Voltando, portanto, a De Mauro, essas *substâncias*, isto é, do *Significado* e do *Significante* recebem um *Valor* no sistema; a língua seleciona e as contrapartes recebem *Valor* a partir das relações de oposição.

Compreendido que para a linguística é absolutamente necessária essa classificação da análise do objeto pelo eixo sincrônico e diacrônico, Saussure busca, então, situar o estado dos estudos linguísticos de sua época.

4.1.1 A necessidade de oposição entre os eixos

Uma ciência precisa ter seu objeto bem definido, pelo menos uma ciência baseada em conceitos positivistas. Essa preocupação com o objeto, como se obter esse objeto e como analisar esse objeto parecem ter inquietado e muito o genebrino. Em suas reflexões que se consubstanciam no CLG, buscou analisar os passos da Linguística em relação a essas metodologias que propunha, ou melhor que enxergava como únicos caminhos possíveis.

Quanto à Gramática Comparada, da qual Franz Bopp é o grande nome que se tem como inaugurador desta, Saussure, apesar de reconhecer suas contribuições, aponta para a falta de rigor metodológico que guiava uma boa parte dessas pesquisas. Para Saussure havia nas mãos dos comparatistas um tesouro, contudo, não sabiam exatamente o que fazer com ele, de modo que o genebrino chega a afirmar que esta ciência se colocou “[...] num terreno mal delimitado, não sabe exatamente para que alvo tende. Está a cavaleiro de dois domínios por não ter sabido distinguir claramente entre os estados e as sucessões” (Saussure, 2008, p. 98). Afirma ainda que a concepção de língua da Gramática Comparada é “híbrida e vacilante” (Saussure, 2008, p. 97). Nesse primeiro grande momento da linguística, há, para Saussure, o problema da falta de

definição do objeto que tomam para si e da metodologia que faz um amálgama entre diacronia e sincronia.

Jean-Louis Chiss em um artigo de 1978, que trata do par sincronia/diacronia, afirma que, de certo modo, havia na Gramática Comparada um desejo de cientificidade, mas que foi buscada no modelo das ciências biológicas, assim, explica ele:

On voit ici que cette volonté de scientificité emprunte son modèle à cette nouvelle modalité de l'histoire naturelle qu'est l'anatomie comparée, avec toute **la confusion entre le système et l'histoire impliquée par l'assimilation de la langue à un organisme**¹³². (Chiss, 1978, p. 94 – destaques nossos)

Conforme o testemunho acima, a busca pelo *status* de ciência para a linguística já existia, contudo os métodos para isso misturaram os eixos norteadores, fazendo com que houvesse uma confusão entre o sistema de um estado de língua e a história, isto é, a evolução desse sistema. Ainda mais grave era o fato de que a língua era tomada como um organismo, o que era incompatível com a definição de língua como fato social, presente em Saussure.

Saussure aborda também a gramática tradicional a partir do trabalho da *Gramática Geral e Racional de Port-Royal*, escrita por Antoine Arnold e Claude Lancelot no século XVII. Para Saussure, havia em trabalhos como o de Port-Royal mais cientificidade do que o da Gramática Comparada, isso porque seu objetivo estava melhor definido:

Seus trabalhos nos mostram claramente que querem descrever estados; **seu programa é estritamente sincrônico**. Assim, a gramática de Port-Royal tenta descrever o estado da língua francesa no tempo de Luís XIV **e determinar-lhe os valores. Não tem ela, por isso, necessidade da língua medieval.**” (Saussure, 2008, p. 97 – destaques nossos)

O mestre genebrino situa os estudos da gramática tradicional no eixo sincrônico. Sua cientificidade, que supera a da Gramática Comparada, situa-se no método. O trabalho de Arnold e Lancelot descrevia um estado de língua e se mantinha no eixo sincrônico, como aponta Saussure, deixando de lado o que era sucessivo. Destarte, o fato da gramática de Port-Royal não confundir os eixos já lhe trazia um rigor científico maior. Contudo, não possuía ainda, essa gramática, o método sincrônico. Ela buscava atuar no plano sincrônico, mas seu método não era compatível com ele. Saussure explica que “A gramática tradicional ignora partes inteiras da língua como, por exemplo, a formação das palavras; é normativa e crê dever promulgar regras em vez de comprovar os fatos; **falta-lhe visão de conjunto**; [...]” (Saussure, 2008, p. 98 – destaques nossos). Não é estar no plano sincrônico que dá cientificidade ao estudo, mas usar do

¹³² “Vemos que esse desejo de cientificidade tomava emprestado seu modelo dessa nova modalidade da história natural que é a anatomia comparada, com toda a confusão entre o sistema e a história implicada pela assimilação da língua como um organismo.” (Tradução nossa)

método sincrônico no plano sincrônico, assim como usar o método diacrônico no plano diacrônico.

No SCLG, Saussure dirá claramente que não há outro método possível para se abordar a língua sincronicamente a não ser a partir do sujeito falante, na sincronia ele é o padrão tomado por gramáticos e linguistas; e assevera:

[...] **il n'y a <pas d'autre méthode> que de se demander quelle est l'impression des sujets parlants.** Pour savoir dans quelle mesure une chose est, il faudra rechercher dans quelle mesure elle est dans la conscience des sujets parlants, [dans quelle mesure] elle signifie. **<Donc, une seule perspective, méthode: observer ce qui est ressenti par les sujets parlants.>**¹³³ (Saussure, 1997, p. 49 – destaques nossos em negrito).

O método sincrônico parte da perspectiva do sujeito falante, autoridade em um estado de língua. Só podemos dizer que algo existe em determinado estado se, e somente se, existir na consciência dos sujeitos falantes. É neste ponto que a gramática tradicional perde seu rigor científico. Ao tomar como objetivo o prescrever regras, baseando sua descrição, muitas vezes em variações clássicas de uma língua, muito ligadas à literatura, essas gramáticas chegam a “não distinguir a palavra escrita da palavra falada” (Saussure, 2008, p. 98).

Além dessas etapas dos estudos linguísticos, há também o movimento Neogramático, do qual Saussure é fruto. Segundo Chiss (1978), esse movimento foi uma importante ruptura nos estudos da língua; primeiro por não conceber mais a língua como um organismo; segundo por realocar o sujeito falante na discussão, sendo, portanto, um intermediário considerável para a teorização saussuriana. Os neogramáticos já não buscavam a reconstrução das línguas antigas, mas, sim, buscavam chegar às regras que regiam as mudanças nas línguas faladas. Ainda que a Neogramática tenha sido essa ponte importante, uma evolução em relação ao objeto, também não havia a clareza necessária entre os eixos; de fato, a falta de método e de clareza do objeto era, para Saussure, o calcanhar de Aquiles dos estudos linguísticos.

Diante das elocubrações de Saussure, fica uma pergunta importante: Há de fato uma dicotomia entre diacronia e sincronia? Colocando-se em um dos planos, nada se deve tomar do outro? A resposta parece ser negativa para as duas questões. Na continuação do capítulo, o genebrino afirma que o método histórico, ou seja, diacrônico, contribui para a melhor compreensão de um estado de língua. Houve, ainda segundo Saussure, uma hegemonia nos estudos linguísticos em relação a diacronia, mas não é isso que o genebrino propõe em relação à sincronia: “A gramática antiga via somente o fato sincrônico; a Linguística nos revelou uma

¹³³ “[...] não <há outro método> além de perguntar qual é a impressão dos sujeitos falantes. Para saber em qual medida uma coisa existe, é preciso pesquisar em que medida ela existe na consciência dos sujeitos falantes, [em qual medida] ela significa. <Portanto, uma só perspectiva, método: observar o que é sentido pelos sujeitos falantes.>”. (Tradução nossa)

nova ordem de fenômenos; isto, porém não basta: **é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta**". (Saussure, 2008, p. 98 – destaques nossos). Com os eixos, Saussure não está propondo o isolamento, seria até difícil pensar em isolamento quando falamos de língua na visão saussuriana, uma vez que se trata de um conjunto que clama uma percepção holística. A última parte da citação parece expressar a proposta concreta de Saussure: fazer oposição entre os eixos. Não é amalgamar os fatos sincrônicos e diacrônicos, mas opô-los para daí tirar conclusões. Ao falar de oposição, fica claro que se deve ter à frente os dois eixos. Não há oposição se não se considerar o eixo oposto. Comentando essa passagem do CLG, De Mauro (1967) corrobora com nossa visão. Explica ele que o desejo de Saussure para a linguística sincrônica era "[...] conserver la trace des études diachroniques: elle est en cela [...] le réel dépassement d'une antithèse entre études diachroniques et synchroniques¹³⁴". (De Mauro, 1967, p. 452). Portanto, para De Mauro, e nós também concordamos, não há uma dicotomia no sentido de exclusão, um ou outro, mas o estabelecimento rigoroso dos eixos metodológicos permite essa superação, fazendo com que os estudos linguísticos possam avançar considerando essa oposição, essa visão que contempla os dois eixos sem destituí-los de suas particularidades, de suas características primordiais.

4.1.2 O sujeito falante e a metodologia saussuriana

Como vimos afirmando ao longo desta tese, Saussure traz o sujeito falante para o centro de sua discussão, acompanhando um movimento teórico que já fora iniciado pela Neogramática, corrente com a qual se filiava. Esse movimento de trazer o sujeito falante para explicar os fenômenos linguísticos parece incompatível com a ideia assumida pelo corte epistemológico, que deixava de fora, entre outras coisas, esse sujeito. Portanto, cabe aqui algumas breves considerações sobre esse sujeito saussuriano em relação com os eixos, sobretudo, o eixo sincrônico.

Pétroff (2007, p. 237) faz uma crítica ao estruturalismo, no tocante ao sujeito, nos seguintes termos: "Le point de vue des sujets parlants est au centre de la théorie saussurienne, c'est que le structuralisme ne pouvait apercevoir¹³⁵." Segundo o autor, o movimento estruturalista forçou uma leitura de Saussure que desconsiderava o papel central do sujeito de

¹³⁴ "[...] conservar o traço dos estudos diacrônicos: ela é, neste sentido, [...] a real superação de uma antítese entre estudos diacrônicos e sincrônicos." (Tradução nossa)

¹³⁵ "O ponto de vista dos sujeitos falantes está no centro da teoria saussuriana, é o que o estruturalismo não pode perceber." (Tradução nossa)

modo a marginalizá-lo ou mesmo excluí-lo. Na realidade, Pétroff faz uma leitura, da obra de Saussure, em que a própria definição de sincrônico e diacrônico depende da ideia de sujeito falante: “En effet, qu’est-ce qu’un état de langue pour Saussure si ce n’est le point de vue des sujets parlants d’une époque? Qu’est-ce que l’évolution des langues dans le temps, si ce n’est le changement de point de vue des générations suivantes?”¹³⁶ (Pétroff, 2007, p. 237). Reforça, então, o autor que se colocar no eixo sincrônico, é assumir o ponto de vista do sujeito falante de um determinado estado de língua; já se colocar no eixo diacrônico é observar pontos de vistas que mudaram de uma geração a outra. Embora no eixo diacrônico não esteja o linguista sob o ponto de vista do sujeito falante, ainda é possível perceber os resquícios da centralidade desse sujeito, uma vez que se observa-se substituições feitas de uma geração de sujeitos falantes a outra geração de sujeitos falantes.

Recorrendo aos manuscritos saussurianos e aos cadernos dos alunos, autores como Pétroff (2007), Silva (2018) e Correia (2023) enfatizam que Saussure deixa claro o papel do sujeito falante, no terreno sincrônico, quando aborda o fenômeno da analogia. Usam esse exemplo para demonstrar que o sujeito falante fazia parte de uma legítima reflexão saussuriana. Essa inserção do sujeito falante, para nós, parece mais do que defensável pelo que podemos analisar no decorrer desta tese, pois o fenômeno que estudamos, a *Significação* está completamente ligada a ele. A questão que se coloca é a definição desse sujeito falante.

Este termo aparece tanto no CLG, quanto nos cadernos dos alunos e nos manuscritos autógrafos e está sempre ligado à ideia de massa falante o que se coaduna com os postulados que Saussure propõe quanto à mudança linguística e à vontade, por exemplo, em sua relação com a língua. Silva (2010) afirma que podemos caracterizar o sujeito falante como:

[...] aquele que usa a língua para as manifestações de sua vontade que, segundo o Curso, são expressas pela fala. Nesse contexto, esse sujeito configura-se como sujeito falante por residir somente no campo da fala. (Silva, 2010, p. 584)

O CLG apresenta esse sujeito falante como tendo seu território de domínio na *Fala*. Como pudemos ver nas seções anteriores, Saussure enfatiza a impossibilidade de a língua ser “tocada” diretamente por esse sujeito, mas, ao mesmo tempo, esse sujeito falante é a causa da perpetuidade de uma língua, juntamente com o tempo.

Não é o sujeito individual que é chamado ao centro da teoria saussuriana, mas um sujeito que faz parte de uma comunidade linguística, um sujeito que tem importância por compor a

¹³⁶ “Com efeito, o que é um estado de língua, para Saussure, se não o ponto de vista dos sujeitos falantes de uma época? O que é a evolução das línguas no tempo, se não a mudança do ponto de vista das gerações seguintes?” (Tradução nossa)

massa falante, necessária, sem dúvida, para a existência e permanência de qualquer língua. Saussure sempre frisa o caráter social da língua, pontua claramente que o social é uma característica essencial, desse modo, o sujeito falante torna-se importante por este social que é melhor expresso na massa falante. Contudo, Silva chama a atenção para o fato de que, o sujeito não é um mero objeto decorativo para representar a massa falante. Segundo ela:

[...] mesmo que a língua esteja alocada na massa social, ela demanda um corpo (de um sujeito) para que efetivamente exista e produza efeitos concretos. O sujeito falante, portanto, não poderia ser apenas uma figura da cadeia de comunicação, como se ele fosse um objeto decorativo envolto por sistemas abstratos (língua e fala), mas **esse sujeito seria responsável pela percepção daquilo que é da língua por meio da fala.** (Silva, 2010, p. 587 – destaques nossos)

A colocação da autora pode explicar um fato que salta aos olhos nos índices remissivos do CLG e dos ELG. No primeiro há apenas uma referência ao termo *massa falante* e no segundo duas. O termo *sujeito falante* ou *sujeito* não aparece no índice remissivo do CLG; já nos ELG há mais de vinte referências ao termo *sujeito*. Nos cadernos dos alunos, todos trazem em seu índice remisso os dois termos, com predominância do *sujeito falante*. Estas informações nos levam a concluir que a reflexão de Silva (2010) aparenta estar de acordo com o movimento reflexivo de Saussure que, apesar de enfatizar a massa falante e atrelar a continuidade da língua a ela, precisa recorrer ao sujeito falante. Tomando como exemplo a *Significação*, é possível perceber essa recorrência ao sujeito falante. Saussure atrela a *Significação* à percepção desse sujeito. A característica positiva está ligada também ao movimento do sujeito. A massa falante entra em jogo para esclarecer que esse sujeito falante da teorização saussuriana pertence a uma massa falante, que sua importância é enquanto pertencente a essa massa que estabelece a língua.

Silva (2010, p. 585) destaca ainda que Saussure compreende esse sujeito falante como aquele que “[...] comparece na singularidade de um ato de fala.” Voltamos então à questão da necessidade de se tomar o sujeito. Quando a autora afirma que é preciso que a massa falante tenha um corpo, podemos pensar nisso diante do rigor teórico e metodológico que Saussure estava buscando para a linguística. A delimitação do objeto língua poderia ficar por demais abstrata se associada apenas à massa falante. Quando Saussure retira de entre a massa falante o sujeito falante, passe-se então a ter um corpo definido o social pelo qual se estabelece a língua. Note-se que o genebrino afirma que se colocar no terreno sincrônico é, por conseguinte, se colocar no ponto de vista do sujeito falante, não da massa, mas do sujeito que se apresenta nos fenômenos linguísticos que se realizam na *Fala*.

Mônica Nóbrega escreveu um artigo em que articulava o sujeito falante de Saussure com o sujeito da psicanálise lacaniana. A autora inicia seu trabalho expressando que há uma

certa estupefação em constatar que “[...] uma teoria acusada, principalmente após a metade do século XX, de ter excluído o sujeito dos seus estudos, como a linguística saussuriana, pode ser tomada como base para construir exatamente uma teoria em torno do sujeito.” (Nóbrega, 2008, p. 1-2). Apesar do corte epistemológico tão promulgado, Lacan encontra na obra de Saussure, bases para a teorização do sujeito e do inconsciente, o que parece ir de encontro com a eliminação do sujeito. Nóbrega (2008) enfatiza que não percebe nos escritos de Saussure um desenvolvimento quanto ao sujeito, mas que sua visão de língua lança as bases para se pensar o sujeito lacaniano. A língua enquanto sistema de *Signos*, prossegue a autora, possibilita pensar “[...] o sujeito não mais como fonte, origem do seu dizer, mas na dialética de ser e não ser, de ser sujeito na e pela linguagem, de ser sujeito nos movimentos do significante. É a língua que, sendo anterior ao sujeito o precede e o constitui.” (Nóbrega, 2008, p. 6).

O trabalho de Nóbrega (2008) se faz interessante para percebermos que há um sujeito que pode ser deduzido da obra de Saussure, de modo a ser percebido por outras áreas, como, no caso, a psicanálise, mas é importante pontuar que a leitura que Lacan faz de Saussure se dá em uma época em que o movimento de ir à obra do genebrino se dava também por meio de outros autores já consagrados com Hjelmslev e Jakobson (Colombat, Fournier e Puech, 2017), o que pode ter possibilitado um olhar que rompesse a ideia de um corte radical.

Não sendo a proposta de nossa tese discutir a fundo as questões relativas à definição ou constituição de um sujeito falante, cabe apenas ratificar que o sujeito falante não é excluído da teoria saussuriana, faz-se presente dos ELG ao CLG e está intrinsecamente ligado à *Significação*, além de ser por ele que se marca o ponto de vista sincrônico. Pétróff (2007, p. 237 – destaques do autor) contesta a exclusão desse sujeito falante, alertando que “Tout comme le terme de dichotomie a évincé le concept saussurien de dualité, le <<locuteur>> s’est imposé dans l’idiolecte structuraliste, en lieu et place de <<sujet parlant>>¹³⁷.” Seguindo esse raciocínio que é plausível em relação à dualidade em lugar de dicotomia, pode a linguística ceder o lugar de direito ao sujeito falante e explorar mais a constituição deste na teorização saussuriana.

4.1.3 Mudanças no sistema e mudanças no elemento

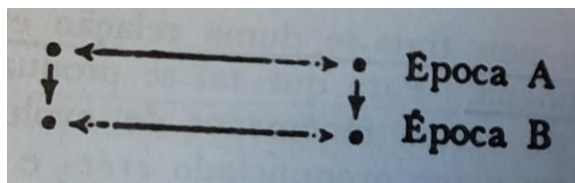
Saussure prossegue suas explicações na tentativa de demonstrar como a visão sincrônica e diacrônica capturam coisas diferentes – o que deve estar claro para o linguista – pois a

¹³⁷ “Tal qual o termo dicotomia substituiu o conceito saussuriano de dualidade, o <<locutor>> se impôs no dialeto estruturalista, em lugar de <<sujeito falante>>.” (Tradução nossa)

oposição entre os eixos só produzirá bons resultados à medida que se possa compreender a natureza heterogênea dos fenômenos captados em cada um dos eixos.

O genebrino apresenta outro esquema pelo qual se pode considerar o espaço dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos.

Figura 11 – Esquema os métodos no tempo e na simultaneidade



Fonte: Saussure, 2008, p. 100

Na figura, é possível identificar que temos estados de língua de diferentes épocas, marcados pelas flechas horizontais, bem como a passagem de um estado a outro, marcado pelas flechas verticais. Saussure argumenta, a partir desse exemplo, que é possível fazer reflexões importantes sobre a ordem dos fenômenos. A primeira delas é que na diacronia não se tem por objetivo chegar a um *Valor*, mas apenas assinalar uma mudança, em outras palavras, a diacronia não tem a ver com o sistema, mas com a *Palavra*, de modo que podemos voltar para o aspecto material, pois é disso que trata esse eixo. Saussure repete inúmeras vezes: fazer diacronia é fazer fonética, isto é, está ligado ao material. Assim, sobre o fato diacrônico, afirma que “[...] é **um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo**; as consequências sincrônicas particulares que dele podem derivar são-lhe estranhas.” (Saussure, 2008, p. 100 – destaques nossos). O fato diacrônico tem sua razão em si mesmo pelo motivo de que o linguista não busca esses fatos no sistema, mas no fenômeno em si; não se trata do conjunto, mas da *Palavra*, daquilo que é material, de um elemento do sistema.

Note-se que Saussure continua rejeitando uma simbiose entre os eixos e explica suas razões: as mudanças que acontecem no sistema são estranhas à diacronia, quer dizer, não temos uma mudança na *Palavra* com intuito de atingir o sistema, ou de moldar o sistema de algum modo. As consequências sincrônicas são imprevisíveis. Outro ponto destacado por Saussure é o de que as mudanças observadas na diacronia não afetam o sistema diretamente, mas tão somente o elemento que compõe esse sistema: “a modificação não recai sobre a ordenação, e sim sobre os elementos ordenados.” (Saussure, 2008, p. 100). Para Saussure, os fenômenos diacrônicos não alteram a ordem do sistema. Detenhamo-nos um pouco sobre esta questão: Se tomarmos como exemplo no português o caso dos verbos irregulares em que temos a quebra de um padrão, mais especificamente tomemos o verbo *saber*, em algum momento esse verbo

recebeu uma flexão diferente na primeira pessoa do singular (*eu sei*), porém essa mudança não atingiu as flexões de outros verbos de mesma conjugação (*bebo, como, vendo*), logo a mudança está no elemento. É claro que a mudança de um elemento vai acarretar mudança de valores, mas Saussure chama a atenção para o fato de que a mudança é no elemento, as mudanças no sistema se dão por uma acomodação às alterações do elemento e não possuem relação direta com as causas que levaram um elemento a mudar. Joseph (2023, p. 744 – destaque nosso) argumenta que o genebrino compreendia que “[...] as leis sonoras desfazem **cegamente** as relações pelas quais o valor é estabelecido.” Ao usar o advérbio *cegamente*, Joseph está dando ênfase à colocação de Saussure quanto aos efeitos imprevisíveis que se dão no sistema a partir da mudança de um elemento. Não se trata de um plano de mudança, mas de acomodações do sistema para comportar novos valores, dividi-los entre os elementos, ou mesmo despojar alguns elementos de valores que anteriormente lhes cabiam.

Há, ainda, outro fato interessante que Saussure apresenta como diferença atômica entre os eixos, que é a ordem, ou a natureza dos fenômenos. O genebrino afirma que, na diacronia,

[...] **as alterações se produzem fora de toda intenção**. Ao contrário, o fato de **sincronia é sempre significativo**; apela sempre para dois termos simultâneos; não é *Gäste* que exprime o plural e sim a oposição *Gast : Gäste*. No fato diacrônico, é justamente o contrário que ocorre: não interessa mais que um termo e para que uma forma nova (*Gäste*) apareça, é necessário que a antiga (*gasti*) lhe ceda o lugar. (Saussure, 2008, p. 101 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

Essa colocação de Saussure nos instiga a, mais uma vez, circundar o que seria o terreno da *Significação* e clarear um pouco mais sua conceituação. A diferenciação entre os eixos é tomada a partir do que o genebrino compreende como mudança linguística. Para Saussure, mudança é substituição no tempo, isto é, um termo sendo substituído por outro. Essa mudança, segundo ele, se dá fora de toda intenção. No PCLG, conforme Correia (2023), Saussure atribui a fatores fonéticos isso que ele considera mudança, apontando para questões muito mais fisiológicas do que subjetivas. É sem intenção pelo fato de não haver premeditação por parte do sujeito falante. Agora, é preciso notar como o eixo sincrônico se põe como o terreno de fenômenos de natureza diferente. O fato de sincronia é “sempre significativo”. Além de Saussure novamente situar a sincronia como lugar da *Significação*, ele parece também indicar que, ao contrário do fato diacrônico, aqui há ou pode haver a intenção do sujeito falante. Antes de trazermos um exemplo nosso, pensemos no oferecido por Saussure. Ele traz as palavras alemãs *Gast* e *Gäste*, respectivamente, *convidado* e *convidados*, segundo o linguista não há palavra no plural, em si, que contenha a ideia do plural, mas a oposição com a palavra no singular. O sistema só funciona por solidariedade, é a parte vista no todo. O elemento só tem valor pela oposição. Na diacronia, não é o sistema que está em análise, mas o elemento desse

sistema e sua substituição no tempo, nesse caso, Saussure dá como exemplo a palavra *Gasti* que cedeu seu lugar a *Gäste*.

Retomemos agora o exemplo que demos outrora, dos verbos irregulares no português brasileiro. Segundo a teoria saussuriana, o fato da forma verbal do verbo *saber* na primeira pessoa do singular (*sei*) fugir do padrão de sua conjugação, vem de um fenômeno que foge à intenção do sujeito falante, contudo há um fenômeno sincrônico que remete à intenção do sujeito falante chamado *Analogia* pela qual se busca uma regularização das formas, de modo que encontramos formas verbais como *seio* ou *sabo*. Saussure não considera a *Analogia* como mudança linguística, pois temos termos que coexistem (*sei*, *seio*, *sabo*) e implica uma intenção do sujeito falante, o que não condiz com o que ele compreende por mudança no tempo. Joseph (2023) aponta que os trabalhos de Saussure demonstram que os fenômenos desses dois eixos estão constantemente se chocando, pois as leis fonéticas estão sempre quebrando ou tentando quebrar os vínculos estabelecidos pelos valores do sistema à medida que “a força psicológica da analogia” vai restaurando a ordem sincrônica. Joseph traz ainda um trecho de um dos cadernos dos alunos presente ao curso de Gramática Comparada que diz o seguinte:

O vínculo que o gramático procura existe também na língua, através da consciência dos sujeitos falantes. [...] A analogia tenta restabelecer a unidade perdida, cria formas de todas as peças, mas segundo modelos. **Ela recria a unidade, muitas vezes no próprio lugar em que foi desfeita.** (Saussure, 1910 *apud* Joseph, 2023, p. 744 – destaques nossos)

Não podemos deixar escapar essa argumentação de Saussure quanto ao papel dos sujeitos falantes, da intenção e da *Significação*. Os falantes buscam uma regularidade, eles buscam vínculos, positividade e tudo isso desemboca na *Significação*. Outro ponto importante a se destacar, do que demonstra Joseph (2023), a respeito do pensamento saussuriano, é o jogo de poder que se dá entre as forças fonéticas, ou força histórica e a força psicológica representada por procedimentos como a *Analogia*. Somos conduzidos a intuir que o autor tocou no exato ponto em que se é preciso opor os eixos para tirar todas as conclusões a partir daí, como afirma Saussure; esta oposição dos eixos, ao que nos parece, é a própria oposição das forças que atuam sobre a língua, sobre o sistema, direta ou indiretamente.

4.1.4 O ponto de vista

A metodologia é essencial para que se tenha uma ciência, pelo menos se estiver considerando uma ciência nos moldes positivistas; metodologia está ligada ao próprio objeto da ciência. Quando nos colocamos no território da linguagem, o objeto não nos é dado de

antemão como em outras ciências, pois estamos lidando com uma ciência de valores e, neste caso, é indispensável pensar nos eixos propostos por Saussure, já que é pela metodologia que chegaremos ao objeto.

Tomemos um dos exemplos clássicos de Saussure, a palavra *nu*, ele explica que essa palavra não é um objeto concreto, ela, na realidade, só é definida pelo método. Segundo ele, essa palavra pode ser tomada como um som, como a expressão de uma ideia, como correspondente da palavra latina *nudum*. O objeto não é concreto, não é uma coisa nele mesmo, mas só será algo a partir do ponto de vista. O genebrino declara então que:

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, **diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto**; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão **seja anterior ou superior às outras**. (Saussure, 2008, p. 15 – destaques nossos em negrito)

Saussure destaca o fato de que o objeto não existe de antemão, mas que é a partir dos eixos que eles são criados, em outras palavras, só conseguimos enxergar o objeto a partir do momento que nos colocamos em um ponto de vista, no caso da linguística, quando abordamos a língua pela sincronia ou pela diacronia. É preciso se colocar em um ponto de vista, pois, não existindo o objeto de antemão, o objeto linguístico se cria através dos eixos. Outro fato importante para se destacar da colocação de Saussure é o de que nenhum ponto de vista pode ser considerado anterior ou superior ao outro; isso vai de encontro ao pensamento de que Saussure estava relegando o estudo diacrônico.

No capítulo que enunciaremos seguir para discutir os eixos, Saussure dá um exemplo para ilustrar sua ideia sobre o ponto de vista e o objeto; ele afirma que “Seria absurdo desenhar o panorama dos Alpes focalizando-o simultaneamente de vários picos do Jura; um panorama deve ser focalizado de um só ponto.” (Saussure, 2008, p. 97). O exemplo trazido da Geografia pretende oferecer ao linguista uma perspectiva semelhante para a língua. Saussure não está dizendo que não se possa descrever os Alpes por pontos diferentes do Jura, mas quando se pensa no panorama, num quadro geral, é preciso se colocar num ponto fixo. Da mesma forma, se daria com o estudo da linguagem para descrever um estado; é preciso se colocar nesse estado, essa é perspectiva sincrônica, embora se possa também acompanhar a evolução da língua no tempo através de seus elementos. O genebrino acrescenta ainda, quanto à língua, que:

[...] não podemos descrevê-la nem fixar normas para seu uso sem nos colocarmos num estado determinado. Quando o linguista segue a evolução da língua, semelha o observador em movimento, que vai de uma a outra extremidade do Jura **para anotar os deslocamentos de perspectiva**. (Saussure, 2008, p. 97 – destaque nosso)

Se colocar em um estado de língua, para Saussure, é se colocar no ponto de vista do sujeito falante. Quanto à evolução da língua, ele aponta para o deslocamento de perspectiva no

tempo, ou seja, se em um momento dado eu tenho determinado elemento, em um segundo esse mesmo elemento desaparece dando lugar a outro, provocando rearranjos no sistema.

4.1.5 Mais que sincronia: o ponto de vista

A exemplificação de Saussure e seu conceito de que o ponto de vista cria o objeto nos leva a outra reflexão: Como se colocar no ponto de vista adequado? A pergunta parece simples, mas lembremos de quando Saussure afirmou que a Gramática de Port-Royal possuía um programa sincrônico, contudo não se utilizava da metodologia adequada para o território. O esquema dos eixos diacrônico e sincrônico vão muito além do terreno linguístico, antes estão atrelados a uma questão de método. Como vimos, para o genebrino, era necessário se colocar no ponto de vista do sujeito falante, sendo este o mantra que acompanha a teorização saussuriana quanto à sincronia. Dessa ligação entre sincronia, sujeito falante e ponto de vista, Pétroff (2007) tira algumas conclusões particulares. Segundo ele, ao trazer o sujeito falante para o centro dos estudos linguísticos, Saussure está atando a linguística à subjetividade, o que seria incompatível com uma ciência positivista, mas argumenta que é justamente:

[...] parce qu'elle est subjective que **l'analyse saussurienne est parfaitement Scientifique puisqu'elle est cohérent avec son objet**. On se trouve en effet loin des interprétations positivistes induites par la méthode des Éditeurs qui nous présentent un objet tout constitué¹³⁸. (Pétroff, 2007, p. 219 – destaques nossos)

É inegável o fato de que o objeto em linguística não é concreto tal qual o modelo das ciências positivistas como a Física, ou a Geografia, o que parece acarretar um apelo à subjetividade. Para Pétroff não só o objeto em linguística é subjetivo, mas também a análise desse objeto, o método. Indo um pouco mais além, o autor afirma que os textos do próprio Saussure vão na direção contrária do CLG, uma vez que os editores induziram, através de seu método, a leitura positivista da obra saussuriana. Porém o autor não considera que uma análise subjetiva seja demérito para a teoria saussuriana, pelo contrário, afirma que:

Dans un monde où tout ce qui est Scientifique est nécessairement objectif et donc où tout ce qui est subjectif ne peut être véritablement Scientifique, cette approche saussurienne ne pouvait (ne peut?) que surprendre, et c'est peut-être là, l'origine de la réticence des Éditeurs¹³⁹. (Pétroff, 2007, p. 219).

¹³⁸ “[...] por ela ser subjetiva é que a análise saussuriana é perfeitamente científica, uma vez que é coerente com seu objeto. Com efeito, encontra-se longe das interpretações positivistas induzidas pelo método dos Editores, que nos apresentam um objeto todo constituído. (Tradução nossa)

¹³⁹ “Em um mundo onde tudo o que é científico é necessariamente objetivo e, portanto, onde tudo o que é subjetivo não pode ser verdadeiramente científico, esta aproximação saussuriana só poderia (pode?) surpreender; e está, talvez, aqui a origem das reticências dos Editores. (Tradução nossa)

Pétroff acredita que o brilhantismo de Saussure está em ter conseguido dar um *status* científico para os estudos linguísticos ao aproximar a subjetividade necessária à análise ao rigor teórico expresso paradoxalmente pelo método. O autor insiste que houve um obscurantismo por parte dos editores a esse aspecto da teorização saussuriana, impondo aos leitores um objeto acabado, uma vez que seria incompatível com os modelos científicos essa subjetividade de análise. De todo o modo, Pétroff (2007) não nega que o CLG tenha sido um escopo verdadeiramente saussuriano. Segundo ele, os editores deram preeminência ao TCLG, buscando apenas o produto final da teorização e descartando ou deixando em segundo plano as questões da subjetividade. Ainda assim, ele reconhece o papel de suma importância, para os estudos linguísticos, exercido pelos editores, uma vez que foi sua visão pedagógica que: “[...] a permis le développement de la linguistique. C’est grâce à elle que les concepts fondamentaux ont pu être compris¹⁴⁰.” (Pétroff, 2007, p. 221).

Essa visão de Pétroff, de todo o modo, vai de encontro com a leitura que se faz do CLG no segundo momento de recepção, como vimos no início desta seção. Foi justamente a leitura dos linguistas que viram um método positivista para o estudo da língua que impulsionou a obra como um marco da linguística, uma obra fundadora.

Em certo momento do TCLG, Saussure afirma, sobre as associações da língua, que possuem uma sede no cérebro humano, Joseph (2023, p. 761) explica que “Localizar algo no cérebro (em oposição à mente) é uma forma clássica de reivindicar uma realidade física”. Logo, a reflexão saussuriana não é desprovida de um racionalismo, comum às outras ciências, embora se possa dizer que a linguística seja uma ciência à parte. Quando Saussure toma emprestada a definição de Whitney de língua como uma instituição social, diferindo, portanto, da visão organicista da gramática comparada, ele não a toma fazendo uma simples transposição. Para Saussure, a língua é sim uma instituição social, mas não como as demais instituições sociais, conforme preconizava Whitney. Seria ela uma instituição social “sem análogos”. Tomando esse raciocínio de Saussure, podemos tirar algumas conclusões: Primeiro, a linguística está no campo das ciências humanas e não das naturais, conforme queriam os comparatistas. Segundo, ainda que esteja no campo das ciências humanas, do mesmo modo que é sem análogo quanto às outras instituições, por que não seria quanto às ciências? Essa característica de imparidade é sempre retomada por Saussure, sobretudo quando se trata da metodologia. Lembremo-nos de que para Saussure, embora outras ciências lidem com valores, no caso da linguística há uma necessidade absoluta na distinção dos eixos, diferente de outras para as quais isso é apenas uma

¹⁴⁰ “[...] permitiu o desenvolvimento da linguística. É graças a ela que os conceitos fundamentais puderam ser compreendidos.” (Tradução nossa)

necessidade prática. Por último, destacamos que localizar a linguística entre as ciências humanas está, irremediavelmente, atrelando-a ao social, consequentemente, ao sujeito falante, o que parece ser realmente o objetivo de Saussure.

Concordamos com Pétroff quanto ao fato de que a subjetividade faz parte da análise, mas compreendemos que está ligada à sincronia, território do sujeito falante e da *Significação*; também não compreendemos que esta análise seja inteiramente subjetiva, pois o método impõe limites, determina padrões. Ao trazer o sujeito falante, Saussure não está abandonando a linguística à subjetividade do falante, mas contrapondo sua visão subjetiva à objetividade do método, da análise. Chiss (1978, p. 105) afirma que “Saussure oppose l'« analyse subjective » des sujets parlants (présentée par ailleurs comme seule « réalité ») à « analyse objective » fondée sur l'histoire [...]”¹⁴¹. Vemos, pois, que o autor compreende na teorização saussuriana uma oposição fundamental para a análise¹⁴². O autor prossegue, afirmando que no CLG, na parte referente à linguística sincrônica, Saussure expõe as dificuldades dessa análise, pelo que chama de *relatividade temporal da delimitação*, isto é, uma língua está constantemente submetida ao tempo histórico e ao tempo subjetivo do sujeito falante, o que nos leva a mais essa oposição fundamental da teoria saussuriana.

Essa questão da análise subjetiva ou objetiva não parece ser uma questão fácil de se resolver, pela própria constituição única da língua, contudo podemos perceber que esse terreno exige cuidado; não se trata de isso ou aquilo, mas sim de uma visão que contemple todas essas oposições propostas pelo genebrino, aliás, a própria constituição da língua, repete ele, é de oposições, negatividade e diferenças.

Arrivé (2010), refletindo sobre o esquema dos eixos propostos por Saussure, demonstra que a partir dele não se tiram conclusões fechadas, mas possibilidades linguísticas de análise, isto é, os eixos ofertam muito mais reflexões para uma linguística cientificamente pensada, do que produtos acabados. A primeira reflexão é quanto a natureza da língua; segundo Arrivé, o esquema de Saussure é próprio de um conceito de língua como “um sistema de valores puros”, como define o genebrino no capítulo quarto da segunda parte do CLG; ou seja, o esquema é próprio de uma visão de língua que não é organicista, mas sim social. Uma segunda reflexão é

¹⁴¹ “Saussure opõe a <<análise subjetiva>> dos sujeitos falantes (apresentada alhures como única <<realidade>>) à <<análise objetiva>> fundada sobre a história”. (Tradução nossa)

¹⁴² Ainda que essa oposição possa ser entendida entre os eixos, não será tão simples, como veremos adiante, separar essas categorias de análise.

de que, inevitavelmente, o esquema nos faz perceber que Saussure considera a língua como submetida aos efeitos do tempo¹⁴³.

O fator tempo é um elemento muito importante na reflexão saussuriana. Teixeira (2021), em sua tese dedicada ao fator tempo em Saussure, fez o levantamento de importantes trabalhos que se dedicaram à questão e, entre suas reflexões, aponta que estes trabalhos fazem críticas ao estruturalismo por apagá-la em seus trabalhos, deixando de lado, segundo ela, a característica dinâmica da língua. Provavelmente esse abandono seja fruto da reflexão dicotômica *sincronia/diacronia* que liga o tempo apenas à segunda. Outro dado importante trazido pela autora é o de que os trabalhos que se dedicaram ao fator tempo apontaram que este era uma questão central na reflexão saussuriana, pensamento esse que é seguido por ela. Michel Arrivé foi um dos autores pesquisados na tese de Teixeira (2021) e que apontava o tempo como questão central.

Retornando, então, aos efeitos do tempo, conforme o esquema de Saussure, Arrivé (2010, p. 90) diz que estes “[...] estão submetidos a uma regulação que permite à língua sobreviver a todas as mutilações que ela padece e reutilizar as afrontas que lhe são infligidas para reconstituir incessantemente seu próprio sistema.” Note-se que o tempo é, a uma só vez, um fator de mudança e o que permite a permanência da língua. Não nos deteremos na questão do tempo em si, pois não é esse o nosso objetivo, mas apenas no que diz respeito a uma visão metodológica que nos leva a uma aproximação da conceituação de *Significação* em Saussure. Assim sendo, de que modo o tempo contribui para nossos objetivos relativos à *Significação*? Arrivé (2010) dando continuidade à sua argumentação, afirma que o tempo se apresenta na obra saussuriana de duas formas: na diacronia, como agente e na sincronia, como espaço do discurso. Apresenta então uma formulação de Godel:

Saussure utiliza a noção de *tempo* de duas maneiras muito diferentes, segundo ele esteja levando em consideração a perspectiva diacrônica ou a perspectiva sincrônica: no primeiro caso, o tempo é o agente, mais exatamente a condição necessária das mudanças; no segundo, é simplesmente o espaço do discurso. (Godel 1957-1969 *apud* Arrivé, 2010, p. 91 – destaque do autor)

Pela colocação de Godel, é possível ter esse panorama de uma linguística que considere que seu objeto, a língua, está sob os efeitos do tempo, seja na diacronia, seja na sincronia. Arrivé (2010) então aponta que, no escopo saussuriano, o tempo da diacronia estaria ligado à língua, enquanto o tempo sincrônico refere-se à linearidade do *Significante*, estando ligado à *Fala*. É este ponto das elocubrações de Arrivé, quanto ao tempo, que nos parece mais interessante para

¹⁴³ Embora Arrivé se limite a falar apenas da linguística diacrônica neste ponto, o desenrolar de sua argumentação demonstra que a língua, de modo geral está submetida aos efeitos do tempo, reflexão essa que concordamos.

pensar as relações dos eixos com a *Significação*. Já vimos que Saussure afirma que a história não intervém na *Significação*, contudo, como diz Joseph (2023) esse termo, *história*, é muito vago e, concomitantemente, muito amplo, tendo sido, por isso, abandonado pelo genebrino. A isso, ajuntamos que quando Saussure afirma que o passado não intervém na *Significação* e de que o sujeito falante faz tábula rasa do passado, ele está se referindo, no primeiro caso, a evolução dos elementos linguísticos no tempo e no segundo caso parece se referir a uma intenção deliberada do sujeito em fazer ligações de seu estado de língua com estados anteriores. Contudo, o tempo parece ser um fator central, ele age sobre a língua, não importa em que eixo se coloque o observador.

Nos detenhamos no eixo sincrônico. Arrivé (2010) insiste que é a linearidade do *Significante* a manifestação do fator tempo na sincronia e Godel simplifica dizendo que se trata apenas do espaço do discurso, em sentido de que o sujeito falante só pode enunciar uma coisa por vez; compreendemos, contudo, que o tempo na sincronia parece ser muito mais que apenas o espaço do discurso; o próprio Arrivé (2010, p. 91) afirma que “A linearidade é o modo de intervenção do tempo na fala [...]”, sendo, portanto, uma condição para a mudança linguística. Por ser colocado este fator no espaço da *Fala*, no qual outro fator se destaca, o do individual, podemos corroborar a hipótese de que seja este elemento, o tempo, ajuntado à *Fala* que traria a contribuição da história para a *Significação*, uma vez que a *Fala* pressupõe *intenção*.

No PCLG Saussure afirma que não há na língua nenhuma inovação que não tenha antes sido um fenômeno da *Fala*. É uma cadeia de acontecimentos, tudo está interligado, por isso a teoria saussuriana sempre nos convida a uma visão holística da língua. O esquema que representa as metodologias de abordagem da língua já nos mostra que a separação é difícil e que, em algum momento esses estudos se cruzam, haja vista que o esquema mostra um ponto de intersecção. Podemos então encerrar esta parte dedicada às metodologias saussurianas, trazendo dois pontos importantes colocados pelo próprio Saussure quanto aos eixos¹⁴⁴: Primeiro, Saussure assevera que a distinção entre os eixos não seria uma tarefa fácil, demonstrando que sua oposição é mais do que necessária à análise:

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; **na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las.** (Saussure, 2008, p. 16 – destaques nossos em negrito)

¹⁴⁴ Não colocamos na mesma ordem que aparece no CLG, mas na ordem que pareceu mais coerente com os pontos que queríamos focalizar.

Quando ele afirma que a língua é, ao mesmo tempo, uma instituição atual e um produto do passado, está também nos dizendo que é impossível não enxergar a ação da história sobre um estado de língua, de modo que esses processos históricos se fazem presentes também nos processos de *Significação*. Contudo, Saussure não está afirmando que os eixos são os mesmos, mas que cabe ao linguista se colocar em um deles, conhecendo também o outro, e entender – talvez seja essa a parte mais difícil que Saussure se esforça para tentar explicar – qual é o ponto de intersecção entre esses eixos, ou seja, em que momento conhecer a evolução me ajudará na análise sincrônica, ou como o passado contribui para determinado fenômeno da sincronia.

O segundo ponto tem a ver com o par língua e *Fala*: “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” (Saussure, 2008, p. 16). É impossível, diz o genebrino, conceber a língua sem a *Fala* e vice-versa. Quando Arrivé (2010) toma esse par conceitual para explicar as noções de tempo em Saussure, acaba nos esclarecendo quanto a outra questão importante. Se o tempo na sincronia é concebido a partir da linearidade do *Significante* e é, por isso, situado na *Fala*, de modo a se concluir que o tempo diacrônico afeta a língua, enquanto o tempo sincrônico afeta a *Fala*, podemos compreender que certos acontecimentos históricos ligados à política ou ao clima, ou outra coisa semelhante, embora não afeta a língua, que tem suas próprias causas de mudança, afeta os sujeitos falantes; assim, pela *Fala*, esses acontecimentos se manifestam na linguagem, embora não sejam necessariamente tomados na língua, que depende de muitos fatores, inclusive a massa falante.

Para melhor compreender esta proposição, tomemos como exemplo a palavra inglesa *woke*; Borges e Silva (2024) apresentaram em sua obra, que tratava do ativismo *Woke*, seu percurso histórico. Aparecendo já na década de sessenta, essa palavra estava ligada à luta do movimento negro contra o racismo no Estados Unidos, sendo uma metáfora para que se despertasse para a luta pelos direitos das pessoas negras. Nessa época, não se firmou como um acontecimento que, de fato, afetasse os sujeitos falantes¹⁴⁵. Continuando seu percurso, as autoras identificam no ano de 2014 um acontecimento que afetaria os sujeitos falantes, o assassinato de Michael Brown, de modo a se tornar uma frase de efeito do movimento negro “*stay woke*”. A partir daí, temos um fato histórico que irá afetar, de algum modo a *Fala* dos sujeitos falantes. Borges e Silva (2024, p. 15 – destaque das autoras) afirmam que “[...] o uso do termo *woke* se espalhou para além da comunidade negra e passou a ser empregado com sentido muito mais amplo”. Ao sair do círculo do movimento negro, a palavra, segundo as

¹⁴⁵ Frisamos que por sujeitos falantes não pensamos em um grupo específico, como o movimento negro, por exemplo, pois não é um grupo que constitui a massa falante, mas a comunidade linguística, que é composta por diversos grupos e subgrupos.

autoras, passou a significar “uma visão progressista sobre uma série de questões.” (Borges e Silva, 2024, p. 15). É possível observar que este termo, *woke*, que chegou ao Brasil sem tradução, circula bastante, sobretudo nas redes sociais. Esse termo se insere, sem dúvida, a partir de um fato histórico que afetou positiva ou negativamente as pessoas, porém, como esse termo é recebido pela massa falante é sempre imprevisível. Aquilo que continha a ideia de despertar para a luta pelos direitos das pessoas negras, ao sair desse nicho é que se encontra com a massa falante, porém a ideia inicial é perdida; sendo por muitos um termo pejorativo, como quando se fala da geração *woke*, como pessoas alienadas, totalmente contrário a desperto. Se essas questões históricas afetam a *Fala* é justamente pelo fato de que a língua não é tangenciável pelo individual e esse é o grande risco da análise linguista: amalgamar conceitos e, conseqüentemente, perder o objeto.

A *Fala* é o lugar da *Significação*, ainda que esta tenha sua base e uma relação de dependência na língua, aliás, seria, como nos diz Saussure, pensar separadamente conceitos tão intimamente unidos, língua e *Fala*. A melhor forma de lidar com essa questão é ter em vista o método e a ideia de língua como um sistema atual e ao mesmo tempo herança do passado.

4.2 Uma Linguística da língua e uma Linguística da fala

Abordaremos, nesta parte da seção, as distinções entre língua e fala seguindo o capítulo quarto da parte introdutória do CLG. Segundo De Mauro (1967), o capítulo referente à língua e à fala tem por fontes lições do SCLG e TCLG.

Antes de adentrarmos ao texto saussuriano, gostaríamos de apresentar a definição de língua e fala apresentada por Depecker (2012) a partir dos manuscritos. De algumas definições que dá de língua, as mais interessantes são: “Faculdade humana de utilizar a linguagem” e “Soma dos depósitos das formas, de suas significações e de suas combinações em cada indivíduo.” (Depecker, 2012, p. 191). Quanto à fala, entre as definições que apresenta estão: “Faculdade de um sujeito falante de utilizar uma língua e de realizá-la no discurso” e “soma do que os sujeitos falantes se dizem”. (Depecker, 2012, p. 190). Segundo o autor, essas concepções, desses conceitos tão caros à linguística saussuriana, podem ser depreendidas das notas manuscritas do próprio Saussure. Buscaremos, na leitura do CLG, encontrar esse caminho apontado por Depecker como a rota dos manuscritos, para compreender como esses conceitos apontam os rumos de estudo para a linguística.

4.2.1 Uma relação de subordinação?

A relação língua/*Fala*, na teoria saussuriana, parece não poder ser facilmente apreendida numa leitura superficial do CLG ou do conjunto dos escritos atribuídos a Saussure, haja vista ainda hoje se discutir a natureza dessa relação. Bouquet (2009, p. 175) postula que é inseparável a linguística da língua da linguística da fala, pois “[...] são os valores da língua que fazem aparecer os valores da fala e vice-versa.” Contudo, sua colocação – e ele faz questão de fazer esse apontamento – vem a partir da leitura dos manuscritos autógrafos. Quanto ao CLG, poderemos encontrar essa relação de interdependência?

Logo no primeiro parágrafo do capítulo IV, Saussure parece ir na direção contrária da apontada por Bouquet (2009), uma vez que afirma: “Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, **vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência** e é graças a tal subordinação que todas as partes da linguística encontram seu lugar natural.” (Saussure, 2008, p. 26 – grifos nossos). Saussure já havia separado a linguagem em duas partes, a língua que é a mais social e a fala que seria a mais individual. Agora parece estar designando ciências distintas, uma apenas para o objeto língua, que seria a ciência primordial, essencial; e uma para o objeto fala, que seria uma ciência secundária, meramente auxiliar. Contudo, é preciso reparar nos detalhes da citação. Saussure atribui à *Fala* um conjunto de elementos, não isolando-a na questão da fonética, do *Significante* ou de sua linearidade. Há elementos outros que atuam e que constituem a *Fala*: história, subconsciente, território, discurso, agrupamento social¹⁴⁶. A *Fala* comporta elementos heterogêneos que a constituem no sentido de a condicionarem de uma forma ou de outra.

Um segundo ponto que podemos destacar é o fato de Saussure assinalar a subordinação dos elementos da *Fala* à ciência da língua como a causa para a ordenação de todas as partes da linguística. Esse pequeno trecho final nos induz a compreender que as partes de que é composta a linguística, admitindo já ele que a linguística não é una, mas composta, só encontram sua linha de análise a partir da identificação do que é a língua. De fato, a concepção de língua é o que guia os estudos da linguagem, não sendo definida esta, o tratamento que se dá aos elementos da *Fala* pode ser comprometido.

Seguindo sua elucubração, Saussure afirma que o que acontece na *Fala* não afeta a língua, pelo menos não diretamente, podendo comparar a língua a uma sinfonia, sendo a *Fala*

¹⁴⁶ Esta é uma hipótese nossa que iremos averiguar no decorrer da seção.

sua execução. Segundo ele, a execução dos músicos não compromete a sinfonia em si. Essa comparação nos diz que a individualidade da *Fala* não pode afetar a língua. É claro que Saussure não está negando o que já disse alhures quanto à *Fala* ser instrumento de mudança, uma vez que toda inovação é, antes de tudo, testada na *Fala* dos sujeitos falantes de uma determinada língua. Para ele, essas inovações

[...] **não atingem mais que a substância material das palavras**. Se atacam a língua enquanto sistema de signos, fazem-no apenas indiretamente, **pela mudança de interpretação que daí resulta**. Ora, esse fenômeno nada tem de fonético [...]” (Saussure, 2008, p. 26 – destaques nossos em negrito).

A mudança linguística, que para Saussure resulta principalmente de fatores fonéticos, atingem a *substância* material das *Palavras*. O uso do termo *Palavra* neste trecho é interessante pelo fato de que, normalmente, este vai designar a entidade global, ou seja, a junção *Significado/Significante*, portanto, ao afirmar que as transformações atingem a parte material da *Palavra*, podemos pensar não só na alteração da *Figura Vocal*, designação da *substância* do *Significante*, mas também na alteração do *Sentido*, que propomos como *substância* do *Significado*. Essa colocação do genebrino é coerente com o que vimos, ainda nesta seção, de que as transformações temporais atingem os elementos do sistema e não o sistema. Basicamente, a mudança age sobre a matéria, seja ela de uma ou de outra contraparte. Embora essa mudança não se dê no sistema, esse sistema, alerta Saussure, sofrerá uma mudança pela acomodação dos elementos em conformidade com o novo elemento modificado. Este fenômeno, podemos interpretá-lo, pela ótica saussuriana, de dois modos: Ou não é uma mudança linguística, precisando se enquadrar em outra tipologia linguística, talvez pertencente não à diacronia, mas à sincronia; Ou, sendo também mudança linguística, é de outra ordem que não a da diacrônica, uma vez que não se trata de substituição no tempo, mas de rearranjo.

Outra conclusão que é possível depreender da primeira parte da citação é a de que *Fala* está ligada à materialidade; os fenômenos que lhe são próprios parecem afetar a *substância* da língua, ou seja, a *Figura Vocal* e o *Sentido*. A mudança na *substância* causa deslocamento na relação *Significado/Significante* e esse deslocamento é que vai exigir um rearranjo do sistema, o que nos leva a parte final da citação em que Saussure afirma que o sistema é atacado indiretamente pela mudança de interpretação que resulta desse processo. Nesse ponto enxergamos uma ligação importante com o termo *Significação*. É o sujeito falante que percebe uma relação entre as contrapartes, é para o sujeito falante que alguma coisa é ou existe na língua, portanto, como vimos postulando, por nossa leitura, que *Significação é Positividade* em relação ao sujeito, podemos, nessa passagem, fazer a relação *Interpretação/Significação*, tomando-as como termos de mesma acepção. A *Significação* é a interpretação positiva que o sujeito falante

faz da entidade global que é o *Signo*. Dessa forma, poderíamos ser levados a ver na citação de Saussure que o rearranjo do sistema, em última análise, vem a partir de uma nova *Significação*, isto é, de uma nova interpretação dos sujeitos falantes, pensados, aqui, não de modo isolado em sua individualidade, mas em relação com a massa falante. Esta realidade é própria da sincronia.

Saussure, no PCLG, insiste que enquanto temos termos coexistentes não há uma mudança linguística. A *Fala* proporciona o afrouxamento das relações *Significado/Significante*, esse afrouxamento ligado ao fato da arbitrariedade do *Signo* permite novas interpretações, ou melhor, novas *Significações*. Uma nova interpretação exige que o sistema faça uma redistribuição dos valores; é aí que está exatamente o fenômeno: não foi o sistema que mudou, mas esse mesmo sistema redistribuiu os valores. Esse fenômeno está diretamente ligado à *Significação*. Note-se que Saussure conclui a citação dizendo claramente que não se trata de um fenômeno fonético.

4.2.2 O estudo da *Fala*

A subordinação dos elementos da *Fala* à língua parece não ser condição apenas para o estudo da língua, mas também da própria *Fala*. Embora o fio condutor desta seja a parte material, substancial, deve seu estudo considerar que todos os seus elementos estão em consonância com a língua. Certas declarações do genebrino aparentam uma exclusão, ou um escanteio do que se refere à *Fala*, mas podemos ir além da superfície. Observemos o que ele declara sobre o estudo da *Fala*: “A atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística.” (Saussure, 2008, p. 27). Nessa citação, à primeira vista, podemos fazer a leitura de uma exclusão, mas numa visão de conjunto, destacam-se duas coisas importantes: A primeira delas é que Saussure admite que para analisar a *Fala* é preciso recorrer a outros campos de estudo para tomá-los como apoio, o que também indica que fatores como história, discurso, ideologia, política, grupos sociais podem constituir, cada um a sua maneira, o conjunto que se chama *Fala*. A segunda coisa é que ao invés de pensar que a colocação de Saussure indica importância secundária, podemos concluir que, na realidade, ele está estabelecendo um fio condutor para toda a linguística, para todas as partes da linguística, e esse fio condutor é a língua. Portanto, essas disciplinas sobre as quais se apoiam o estudo da *Fala* só podem realmente servir à linguística se houver no método (supomos nós) uma relação com a língua.

Saussure prossegue afirmando que a linguística comporta duas partes, uma voltada à língua, sendo esta um estudo psíquico e outra voltada à *Fala*, sendo esta um estudo psicofísico.

Voltamos então à dicotomia. Esse movimento de juntar e separar será comum no CLG. Embora seus editores se esforçassem para apresentar um pensamento acabado do genebrino, inevitavelmente seu pensamento em ebulição escapa pelas páginas e no confronto entre a obra póstuma e os manuscritos autógrafos, ou mesmo os cadernos dos alunos, podemos chegar não a um verdadeiro Saussure, mas a uma concepção mais profunda do todo que forma seu aparato teórico. Dada essa pequena explicação sobre uma oscilação¹⁴⁷ que se expressa nas páginas do CLG e que parece ser própria do mestre que procurava o estabelecimento de uma Epistemologia Programática, busquemos extrair informações importantes sobre a *Fala*.

Quando Saussure afirma que o estudo da língua é psíquico, está apontando para a natureza do objeto. Lier-De-Vitto (2018) afirma que há duas concepções de língua presentes no CLG, sendo elas: um sistema de *Signos* e um sistema de valores puros. A autora vai apontar as consequências de haver duas concepções na obra, mas o que nos interessa é que, tomando as duas concepções apresentadas, em ambas Saussure enfatiza o psíquico sobre o material. O objeto língua é psíquico e olhar para esse objeto é entender como ele funciona, como se organiza e como se constitui de possibilidades de realizações. A *Fala* poderia ser o contrário da língua, isto é, voltada unicamente para a matéria, para o físico, mas não é assim que o genebrino a apresenta; seu estudo é psicofísico. O que se pode entender a partir disso? Primeiro, que a *Fala* tem uma ligação óbvia com o material, pois sem a matéria fônica ou gesto-visual, não há *corpus* de análise. A expressão corporal, tonalidade, expressões faciais são parte do ato comunicativo que acompanham a *Fala*, contudo não é unicamente ou exclusivamente material, pois recobre a questão da intenção do sujeito falante, a interpretação (*Significação*), o comportamento social, sem mencionar o principal, o tesouro do qual emana a *Fala*, a língua. Isso caracteriza tal estudo como psicofísico, o que nos leva a questionar que o motivo maior seria sua ligação intrínseca com a língua, que é psíquica. Essa relação é afirmada por Saussure do seguinte modo:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. (Saussure, 2008, p. 27 – destaques nossos em negrito)

Nesta colocação, Saussure, além de reafirmar uma relação inquebrantável entre língua e *Fala*, parece apresentar um programa de estudo linguístico próximo do que Bouquet (2009) defende como uma realidade do arcabouço teórico saussuriano, a saber, de uma linguística em que os estudos da língua e da *Fala* se imbricam, se completam, são necessários um ao outro.

¹⁴⁷ Essa oscilação talvez tenha contribuído para uma ou outra leitura fechada de Saussure. Era preciso escolher um caminho, haja vista não haver, na época estruturalista, a gama de manuscritos autógrafos que temos disponíveis hoje.

São citações como essa que distanciam a visão da *Fala* como algo secundário, meramente auxiliar, uma vez que a *Fala* é condição para que um sistema de língua se estabeleça, permaneça. Pensemos em casos de línguas indígenas que estão desaparecendo. Há certas línguas que em determinado momento só possuíam um sujeito falante, de modo que a *Fala* já não cumpria mais sua função comunicativa. Embora a língua ainda existisse, uma vez que havia apenas um sujeito falante nativo, poderíamos dizer, tomando emprestado os velhos termos da biologia, que ela, ainda que estivesse viva, estava num estado vegetativo, pronta para desaparecer, pois a *Fala* é condição para sua permanência e para que esta aconteça é necessária a massa falante, não apenas o sujeito, mas a massa.

Saussure também atribui à *Fala* um papel crucial na aquisição da linguagem; é por meio dela que a língua é depositada nos cérebros dos falantes. Como afirma no começo da citação, uma implica a outra, não podem ser concebidas separadamente, pois uma é condição para que a outra exista. O genebrino ainda ratifica sua afirmação asseverando que existe “[...] **interdependência da língua e da fala**; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.” (Saussure, 2008, p. 27 – destaque nosso em negrito). Se realmente há essa interdependência, se não se pode tomar uma sem implicar a outra, por que não poderiam essas linguísticas terem igual relevância e se relacionaram no coração dos estudos da linguagem? Após fazer-nos ver essa relação tão íntima entre os dois termos, o mestre genebrino declara: “Tudo isso, porém, não impede de que sejam duas coisas absolutamente distintas”. (Saussure, 2008, p. 27). Note-se que Saussure afirmou que língua e *Fala* são absolutamente distintas. Guardemos esta colocação e sigamos o raciocínio do mestre, que passa agora a nos revelar em que se dá essa distinção. Língua é coletivo, segundo ele, é o que está depositado nos cérebros dos indivíduos, não pertencendo a ele, mas ao coletivo, é comum a todos e é independente da vontade dos indivíduos. Ele representa a língua com a seguinte fórmula: $1 + 1 + 1 + 1... = I$ (padrão coletivo).

A língua só está completa nessa coletividade, não está completa no indivíduo, mas na massa falante. Essa fórmula de Saussure estreita ainda mais a relação língua/*Fala*, pois esse padrão coletivo está ligado ao ato comunicativo, é aí que a língua está completa e não no indivíduo, por mais que a tenha em si, não a tem senão em parte. Quanto à *Fala*, Saussure a define como o ato individual, as combinações que dependem do sujeito falante, é aquilo sobre o que age a vontade humana, a intenção; contudo, ele classifica esses atos como momentâneos, ou seja, não é o que permanece, não é o que se perpetua. Assim, a *Fala* seria “[...] a soma de casos particulares” (Saussure, 2008, p. 28), sendo representada pela fórmula: $(1 + 1' + 1'' + 1'''...)$. Observa-se que, diferentemente da fórmula da língua, esta vem isolada entre parênteses

para indicar os atos individuais, casos que são particulares a um sujeito falante, que, embora possam ser numerosos, jamais são o coletivo.

Depois de apontar suas diferenças, o genebrino assevera que esses motivos são suficientes para compreender que “[...] seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala.” (Saussure, 2008, p. 28). A questão do ponto de vista, essencial para distinguir diacronia e sincronia, é retomado para alertar que a oposição língua e *Fala* deve também se fazer presente nos estudos linguísticos. A conclusão a que chegam os editores no CLG é de que Saussure, em última análise, propunha linguísticas distintas por caminhos distintos. O próprio explicitará que “Cumpre escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo [...]” (Saussure, 2008, p. 28). Assim aparece outra famosa dicotomia saussuriana língua/*Fala* e linguística da língua/linguística da fala. Contudo, o CLG deixa margem, a qual juntamos aos outros escritos que vimos até o momento, para compreender que todo esse alerta do genebrino, sua insistência de que língua e *Fala* são objetos absolutamente distintos está ligado muito mais ao rigor necessário ao método sincrônico do que a negação de que sejam matérias complementares inseparáveis.

Tomemos como exemplo a questão da mudança linguística: Saussure reitera que o que faz mudar uma *Palavra* não faz mudar o sistema, este toma outros rumos; a história afeta a *Fala* diretamente, mas não a língua, portanto, se tomarmos língua e *Fala* pelo mesmo ponto de vista, ou seja, considerando que seus fenômenos são de uma mesma ordem, seremos conduzidos a resultados que não condizem com um ou outro objeto. Nesse ponto, nossa visão está em concordância com a de Bouquet, que vê esses estudos como complementares um do outro e que se recorrerem mutuamente para compreender seus fenômenos. No fim do capítulo, os próprios editores não conseguiram escapar dessa dependência quando a voz do genebrino ressoa afirmando que, apesar de seus esforços, poderá recorrer ao estudo da *Fala*.

4.2.3 Língua e *Fala*: uma visão hjelmsleviana

Em um artigo de 1943, o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev discutiu sobre esse par conceitual a partir do CLG. A princípio, ele já afirma que Saussure tem o mérito de apontar ao linguista o seu verdadeiro objeto que é a língua, uma vez que a linguística de sua época, Gramática Comparada e Neogramática, estava considerando em seus trabalhos unicamente a *Fala*. Como eles estudavam as transformações, seus estudos voltavam-se para a parte mais material da linguagem, contemplando, conseqüentemente, a *Fala*. Para Hjelmslev, a distinção língua/*Fala* foi uma necessidade para se apurar os estudos da linguagem. Lembremos que

Saussure alertou que era essencial subordinar os elementos da *Fala* à língua para que se pudesse ordenar as diversas partes da linguística. Apesar desse apurado necessário à linguística da época, Hjelmslev não toma a *Fala* como elemento secundário, pelo contrário, foi pelo primado dado a ela nos estudos da Gramática Comparada que se possibilitou a Saussure estabelecer uma linguística estrutural, ao constatar a “[...] importância do ato individual e seu papel decisivo nas mudanças [...]” (Hjelmslev, 1991¹⁴⁸, p. 82).

O linguista dinamarquês apresenta então três concepções de língua a que podemos chegar pela leitura do CLG: a primeira delas é a da língua *esquema*, que seria a forma pura da língua, livre de toda materialidade, é esta concepção que tem a primazia na obra póstuma; a segunda seria da língua *norma*, não sendo mais uma forma pura, mas material da língua, entretanto ainda independente quanto à realização, isto é, a fonação; a última é a língua *uso* que se traduz por um conjunto de hábitos adotados por uma determinada sociedade. Para esclarecer sua proposição, ele analisa o *r* francês dentro dessas três concepções de língua.

Na primeira, o *r* pode ser definido a partir do conjunto como uma consoante que pode ocupar a posição inicial de *Palavras* em oposição ao *r* que pode ocupar a posição final, ou quando assume a segunda posição da sílaba inicial e assim por diante. Desse modo, ele conclui que, nessa concepção de língua o *r* pode ser definido “[...] como uma entidade opositiva, relativa e negativa; a definição dada não lhe atribui qualquer qualidade positiva, seja qual for.” (Hjelmslev, 1991, p. 85). É o sistema puro, o sistema de valores, o qual não depende da qualidade do material para se estabelecer. O linguista sustenta ainda que:

Mesmo se a pronúncia habitual do francês mudasse completamente, a língua, considerada como *esquema*, permaneceria a mesma, contanto que se resguardassem as distinções e as identidades por ela preconizadas.” (Hjelmslev, 1991, p. 86).

A língua é um estudo psíquico, pois o próprio *Signo* é psíquico, a pureza a qual o autor faz referência é a da matéria, é um nível de língua despojada das materialidades de que se revestirá. Não podemos deixar escapar também o fato de que a definição da língua *esquema* de Hjelmslev casa com a ideia de Saussure quanto à mudança linguística, quando este insiste no fato de que a mudança não atinge o sistema, mas o elemento, sendo este constituído também por uma parte material, ainda que o sistema em si não seja material, de modo que a mudança de pronúncia não afeta o sistema se as oposições, se as diferenças se sustentam nele.

Tomando a concepção de língua *norma* o *r* francês poderia ser definido como uma vibrante, admitindo-se outras variantes. Aqui já não temos a língua em sua forma pura, mas

¹⁴⁸ O artigo de Hjelmslev é de 1943, contudo a referência é de 1991 por ser a data do livro *Ensaio Linguísticos* que apresentava textos do linguista de diferentes épocas. Foi a esse material que tivemos acesso.

tomada de certa materialidade. A língua *norma* define o fonema, ainda que haja certa variação¹⁴⁹. Conclui Hjelmslev que nesse caso:

[...] o *r* francês define-se agora como uma entidade opositiva e relativa, é verdade, mas munida de uma qualidade positiva: é por suas vibrações que se opõe às não-vibrantes; é por sua articulação posterior que se opõe às outras constrictivas; é por sua pronúncia constrictiva que se opõe às oclusivas. (Hjelmslev, 1991, p. 86)

É interessante o desenvolvimento de Hjelmslev. Na língua como *norma*, apesar de ainda estarmos falando de relações opositivas e diferenciais, não se pode fugir da questão material, pois, diferentemente da língua *esquema*, não se trata apenas de valores puros do sistema, uma vez que o material é a base para essa diferenciação; o *r* definido como vibrante só se opõe a todos os outros pela sua característica material, sua vibração o diferencia dos outros. As relações são do sistema, mas há um elemento material tomado pelo sistema. A positividade presente nessa definição de língua vem pelo fato de que o *r* é alguma coisa, contudo, o linguista afirma que essa positividade é reduzida ao máximo, e dá como exemplo o fato de que não há uma definição específica do ponto de articulação para a realização do *r* vibrante.

Por último, na concepção de língua como *uso* o *r* francês pode ser definido como uma vibrante sonora alveolar ou como uma constrictiva sonora uvular. Essa definição está ligada aos hábitos, ao comportamento de uma comunidade linguística, aquilo que é comum no uso, no dia a dia de uma sociedade, condicionada pela língua. Hjelmslev afirma então que essa definição:

[...] não é nem positiva nem negativa; esgota as qualidades positivas características do uso, mas, por outra parte, detém-se aí: deixa por conta da improvisação ocasional a possibilidade de variar a pronúncia no interior dos limites prescritos pela definição. Mesmo que a pronúncia ocasional varie no interior desses limites, a língua, considerada como uso, permanece a mesma. (Hjelmslev, 1991, p. 86)

Nessa definição, língua *uso*, a ligação com a atividade comunicativa do sujeito falante se destaca, de modo que se pode compreender que a língua seria o conjunto de determinados comportamentos linguísticos que esses sujeitos adotam, como a preferência por certa pronúncia do *r*. Nota-se que, nessa concepção de língua, também se destaca a vida da comunidade, ou seja, quando pensamos a língua como *uso*, trazemos todas as questões históricas, políticas, ideológicas que atingem o sujeito falante diretamente, afetando seu comportamento. Essa questão é tão complicada que Hjelmslev assinala que, pensar a língua como *uso*, acarretaria o entendimento de que qualquer mudança no comportamento teria por consequência uma mudança de língua.

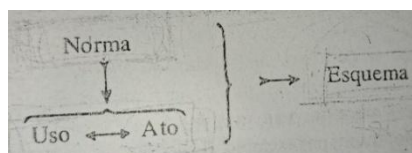
Das três definições, o linguista afirma que é a da língua como *esquema* que se sobressai no CLG, pois ela tem a característica do despojamento total da materialidade, seria a forma

¹⁴⁹ Em português podemos pensar nos exemplos de /d/ da palavra *dia* que possui como variante /dʒ/.

pura da língua, o que sustenta a famosa frase de Saussure de que a língua é *forma* e não *substância*. Contudo Hjelmslev demonstra que essas três concepções de língua isoladamente trazem problemas no plano da linguística geral, mais precisamente no projeto epistemológico saussuriano, de modo que essas três concepções ao invés de serem coisas isoladas que desabilitem a outra, se comportam melhor como níveis da língua em suas relações com a *Fala*. Então ele apresenta mais algumas elocubrações para entendermos esses níveis: i) a *norma*, diz ele, determina o *uso* e o *ato*, embora tenha nascido deles, ou seja, aquilo que é a regra tem a ver com o comportamento linguístico e com sua execução na *Fala*, é a partir daí que se tem a *norma* como abstração desses dois elementos; ii) a língua como *uso* tem uma relação de interdependência com o *ato*, ou seja, os hábitos linguísticos são fixados pelo *ato*. Quanto a isso Hjelmslev (1991, p. 89) assegura que “Na passagem do Cours em que o autor afirma a interdependência da língua e da fala, trata-se expressamente dos ‘hábitos linguísticos’.” iii) a língua como *esquema* depende da *norma* e do *ato*. Depende da *norma* por ser essa a parte psíquica não-pura, ou seja, podemos pensar no nível do *Signo* linguístico em si, que comporta a *substância* da qual a língua se apodera, transformando-a em matéria significativa, essa matéria, por sua vez está intimamente ligada à atividade da *Fala*, ao *ato* comunicativo executado pelo sujeito falante.

Hjelmslev (1991, p. 90) também afirma que, como em outras ciências, são as variáveis que determinam a constante, podendo, portanto, se reconhecer que, no sistema, “[...] o esquema constitui a constante, isto é, o pressuposto, ao passo que, em relação ao esquema, a norma, o uso e o ato são as variáveis, ou seja, aqueles que pressupõem.” Ele então nos apresenta a seguinte estrutura:

Figura 12 – Os níveis da língua



Fonte: Hjelmslev, 1991, p. 90

Explica-nos, então, que, na estrutura, *uso* e *ato* possuem uma relação de interdependência, sendo um, definidor do outro e, ao mesmo tempo são determinados pela *norma*, isto é, a *norma* pressupõe ambos. Por último, essas três variantes é que determinam o *esquema*. Hjelmslev explica ainda que *esquema*, *norma* e *uso* são níveis diferentes e que a descida entre um e outro deve observar as particularidades de cada um, compreendendo-se que

não são níveis similares, não estão “em pé de igualdade”, portanto, é preciso observar os limites das fronteiras entre um e outro.

Uma questão importante trazida por Hjelmslev, que parece ser norteadora para compreender sua estrutura, é a relação desses três níveis de língua com *Fala*, quer dizer, como esses níveis da língua se relacionam com os elementos que constituem a *Fala*. Conforme sua proposição, o CLG apresenta três características essenciais da *Fala* “[...] é uma execução, e não uma instituição; é individual, e não social; é livre, e não congelada.” (Hjelmslev, 1991, p. 91). Fazendo abstração das duas outras características, o linguista dinamarquês faz uma relação imediata entre a *Fala* como *execução* e a língua como *esquema*, afirmando que a esta pertence a forma pura da língua, pertencendo àquela o estudo da *substância*. Ao estudo da *Fala*, Hjelmslev relaciona uma teoria da *execução*, que teria por objeto a língua como *uso*.

Hjelmslev conclui então que o que há de novo e essencial no CLG é a noção de língua enquanto *esquema*, pois é aí que se foca o estudo da língua como forma pura, é aí que se encontram os valores, entretanto, diante dos outros dois níveis de língua, ele propõe uma nova oposição que é *esquema/uso*, devendo esta substituir a oposição língua/*Fala*, acrescentando que esta “[...] não constitui senão uma primeira aproximação, historicamente importante, mas teoricamente imperfeita.” (Hjelmslev, 1991, p. 93).

A leitura do CLG feita por Hjelmslev indica uma tentativa de conciliar o pensamento de Saussure que flui por aquelas páginas, amalgamada muitas vezes com a leitura que os editores fizeram da obra do genebrino, de modo que Linguística da língua e Linguística da fala se aproximam e se repelem por diversas vezes. O linguista dinamarquês não tem exatamente a mesma visão de Bouquet (2009), uma vez que aquele concebe um nível de língua livre de toda materialidade, sendo esta o objeto da Linguística da língua. Para nós, a proposta de Hjelmslev traz um olhar esclarecedor quanto às características da língua, compartimentando-a em níveis, de modo que o último nível, o *uso*, está entrelaçado com o *ato*, que por sua vez faz parte da *Fala*. Contudo, quando Saussure escolhe opor língua e *Fala*, está entrelaçando os diversos elementos e níveis que estas possam conter; desse modo, escolhemos manter em nossa argumentação esta relação como primordial, assinalando com Bouquet (2009) a necessidade de reciprocidade entre Linguística da língua e Linguística da fala.

4.3 Elementos internos e externos à língua (linguística)

Na sequência do capítulo quarto, referente à Linguística da língua e à Linguística da fala, sobre o qual já falamos, temos o capítulo quinto que se dedica a tratar dos elementos

internos e externos. O capítulo em questão já traz um problema em seu título que é *Elementos internos e elementos externos da língua*. Segundo De Mauro (1967), a principal fonte para sua elaboração é uma lição do SCLG, mas que traz um título diferente *Division interieur des choses de la linguistique*¹⁵⁰. Os editores optaram por trocar a palavra linguística por língua, o que para De Mauro (1967) fora uma escolha infeliz. De fato, o título original se coaduna com a ideia de uma linguística constituída por partes, estando assim mais propensa a uma leitura como a de Simon Bouquet. A escolha de trocar o termo linguística por língua indica que a leitura dos editores, conseqüentemente a leitura que se destacou no estruturalismo, é a da dicotomia língua/*Fala*, uma vez que temos elementos externos à língua, os quais não tem importância para a Linguística “verdadeira”. Parece-nos que Bally e Sechehaye não acreditavam que essa reciprocidade língua/*Fala* fosse um traço importante na teorização saussuriana, na linguística eminentemente sincrônica.

Assim, inicia Saussure, fazendo uma distinção entre partes da linguística. Segundo ele é preciso eliminar da língua “[...] tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’.” (Saussure, 2008, p. 29 – destaque do autor entre aspas). A posição dicotômica se fortalece nessa citação, mas, aqui, é preciso fazer um enfrentamento com o texto da aula que inspirou essa passagem. De fato, Saussure propõe uma separação, mas do seguinte modo: “Il faut préliminairement mettre de côté tout ce que nous appelons le côté externe de la linguistique, qui n'est pas directement relatif à l'organisme interieur de la langue¹⁵¹”. (Saussure, 1997, p. 25). Embora o genebrino proponha a separação, sua colocação parece ser mais modalizada, talvez até menos radical que a leitura final do CLG, pois quando ele propõe “pôr de lado” está organizando os elementos da linguística, o que está de lado, é o que não está no centro, mas ao mesmo tempo está dentro. São coisas bem diferentes pôr de lado e eliminar, pois colocar de lado pode deixar o elemento ainda no meu campo de visão, mas eliminá-lo retira-o completamente do meu campo de visão. Outra consideração importante a se fazer é que esta citação abre o capítulo que fala da divisão das coisas interiores da linguística, Saussure está fazendo uma divisão, colocando cada parte da linguística em seu lugar; ao trocar o termo linguística por língua, há uma alteração substancial, pois àquilo que estava se dirigindo à linguística, os editores propuseram à língua.

Nessa primeira citação, apesar das diferenças entre CLG e SCLG, nós temos uma primeira definição do que é interno e do que é externo. Saussure afirma que externo é tudo o

¹⁵⁰ “Divisão interior das coisas da linguística.” (Tradução nossa)

¹⁵¹ “Primeiramente, é preciso colocar de lado tudo o que nós chamamos de lado externo da linguística, que não é diretamente relativo ao organismo interior da língua.” (Tradução nossa)

que não é relativo ao organismo da língua. No SCLG, o genebrino toma o cuidado de fazer um alerta quanto ao uso do termo *organismo* para que não o tomassem com a mesma acepção que fora tão propagada pela Gramática Comparada, ou seja, de que a língua é um organismo vivo independente de seus falantes. Quando usa o termo *organismo*, Saussure se refere à estrutura, à organização do sistema, ou, nos termos de Hjelmslev, à língua enquanto *esquema*. Mais à frente refletiremos sobre essa organização, por ora sigamos a sequência do CLG.

4.3.1 Os elementos para uma linguística externa

Ainda no primeiro parágrafo do capítulo quinto, Saussure ressalta a importância do estudo dos elementos externos, declarando que este “[...] se ocupa [...] de coisas importantes, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem.” (Saussure, 2008, p. 29). Note-se que o genebrino reconhece que os elementos externos são o que mais ocupam aqueles que se debruçam sobre os estudos da língua. Aqui há uma ponderação importante a se fazer: fica um pouco obscuro de dizer ao certo se Saussure estava se referindo a uma conduta inapropriada da linguística de sua época, como a ideia de que a língua é um organismo vivo, a qual ele critica veementemente; ou podemos pensar que está se referindo a questões que nos fazem refletir sobre a linguagem, como por exemplo, as variações que ocorrem em uma mesma língua a depender da região que habita seus sujeitos falantes. Lembremo-nos de que Saussure já assinalou que considera externo o que não está associado diretamente à estrutura da língua. Nos parece que a segunda opção seria uma melhor interpretação, uma vez que muitas questões externas podem nos levar a uma reflexão sobre a linguagem.

Saussure passa então a apresentar os tais elementos externos que deveriam ser trabalhados por uma linguística externa. Um primeiro ponto seria o que liga a Linguística à Etnologia, isto é, a relação entre a língua e a cultura de um povo. Portanto, o externo incluiria a cultura de determinado povo e como ela se imbrica com a língua, reconhecendo que há certa correspondência entre fenômenos linguísticos e a cultura. Ele afirma ainda que “Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação.” (Saussure, 2008, p. 29). Essa relação exposta por Saussure nos remete ao entendimento que teve Hjelmslev quanto à língua *uso* que está ligada aos comportamentos e costumes adquiridos em uma comunidade, de modo que a mudança de comportamento implica uma mudança na língua nesse nível mais próximo da *Fala*.

O segundo ponto destacado por Saussure é a relação entre língua e política. Ele mesmo fornece exemplos históricos em que a ação política interfere na língua, os períodos de

colonização como os realizados por Roma, que levou sua língua para os povos colonizados. Essas relações de contato produziram consideráveis alterações linguísticas que podem ser constatadas pela extensa pesquisa que existe sobre as línguas românicas. Os contatos entre culturas, promovidos ou impostos pelos colonizadores, foram tão intensos que o latim desembocou em línguas com uma organização estrutural bem diferente de sua nascente. Ele cita também o caso da Noruega que no século XIV se uniu à Dinamarca, adotando sua língua. Essa decisão política afetou a língua daquele país de modo que ainda em 1910, quando Saussure ministrava suas aulas, ele dizia que ainda estavam tentando se libertar da influência do dinamarquês. Outras questões políticas são citadas, como o caso da Suíça que admite mais de um idioma ou, pelo lado contrário, a França, que busca unidade linguística, exercendo, portanto, maior influência sobre a língua. Essa postura sobre a língua, no caso da França, se mantém firme até nossos dias, pois há um ou dois anos, ela foi um dos primeiros países que, oficialmente, se manifestaram veementemente contrário ao dialeto não-binário. É interessante também observar, quanto à França, que suas reformas ortográficas foram ínfimas se comparadas às do Brasil, ou seja, ela manteve uma influência política sobre a língua muito forte e que se mantém até hoje. Não podemos perder de vista todas essas relações com a língua que Saussure vai estabelecendo, mas ele ainda não concluiu, pois apresenta outros pontos como externos a ela.

As instituições como igrejas, escolas, associações, partidos, também exercem influência sobre a língua. A própria literatura constituída de uma sociedade tem sua influência sobre a língua; é claro que estamos falando daquilo que se considera como leitura consagrada, pois tomando-se a linguagem dos autores clássicos, busca-se também uma divisão entre o que é culturalmente elegante, nobre e, conseqüentemente, mais aceito do que aquilo que é popular, inapropriado e, conseqüentemente, menos aceito socialmente. A literatura e as instituições poderiam se enquadrar no primeiro ponto que Saussure havia apresentado, da etnologia, entretanto, há certa diferença, pois, a literatura clássica pode ser desconhecida de grande parte da população, talvez até de sua maioria, mas todas possuem cultura, tradição história. Além disso, as instituições conseguem fazer uma maior pressão política, mesmo que pertençam a pequenos grupos. Quanto à língua literária, ele chega a explicar que mesmo sendo “[...] produto da cultura, acaba por separar sua esfera da existência da esfera natural, a da língua falada.” (Saussure, 2008, p. 30).

Por último, o genebrino ainda vincula às questões externas “[...] tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal [...]” (Saussure, 2008, p. 30). Nesse ponto entram questões de migrações, que resultam em contatos linguísticos, e o próprio

ambiente que influencia o léxico de uma língua. Saussure faz ainda mais uma colocação quanto a este último ponto: informa que o fenômeno geográfico está intimamente ligado com os fenômenos linguísticos, de modo que separá-lo como fator externo pode não ser uma tarefa fácil.

4.3.2 Por que externo?

Saussure destacou muito bem a importância desses elementos que chama de externo, demonstrando que tem relações íntimas com a língua; então em que sentido eles são externos? A resposta do genebrino é bem direta: eles não afetam “[...] o organismo interno do idioma.” (Saussure, 2008, p. 30). Voltaremos a essa ideia de *organismo interno*, mas primeiro destrinchemos a relação entre esses elementos tão importantes, tomados por externos, e a língua. Quando Saussure afirma que os elementos externos como história, política, cultura, instituições e extensão geográfica não afetam a língua, parece se contradizer ou ir na contramão de toda sua argumentação que relacionou esses elementos com a língua, contudo, ele está se mantendo fiel a ideia que vem apresentando e que vimos também acompanhando no conjunto de sua obra, a saber, de que esses elementos não atingem diretamente a língua tomada como um sistema de valores puros, ou a língua *esquema* de Hjelmslev. Embora traga exemplos concretos de que a política, por exemplo, tenha sim influência sobre a língua, ela é externa, não atinge ou afeta diretamente o seu sistema.

Louis-Jean Calvet escreveu um livro em 2007 que se debruçava sobre as políticas linguísticas; em suma, o livro tratava das decisões políticas planejadas para alterar a língua de alguma forma, seja para purificá-la da influência de uma língua estrangeira, seja para estabelecer uma língua majoritária sobre minoritárias, ou, mais dificilmente, estabelecer uma minoritária sobre a majoritária, ou ainda para estabelecer uma escrita. Calvet demonstra que ao longa da história da humanidade sempre houve tentativas de modificar a língua, ou seja, sempre houve intervenções políticas. Em nossos dias, essa prática está mais sistemática, sendo antecedida por um planejamento linguístico que oriente essas políticas para resolver questões que sejam consideradas problemáticas, como no caso dos países que rejeitam palavras em inglês não só para purificar seu idioma da influência estrangeira, como também, e provavelmente é o motivo mais forte, manifestar uma espécie de resistência a culturas dominantes, como é o caso dos Estados Unidos.

Entretanto Calvet (2007) chega a uma conclusão interessante que pode nos ajudar a entender a separação que Saussure faz entre elementos internos e externos. O autor apresenta

dois conceitos que relaciona às políticas linguísticas: *in vivo* e *in vitro*. O primeiro diz respeito a situação real dos falantes. Constatando que as línguas mudam naturalmente, Calvet (2007) afirma que as mudanças são frutos das práticas sociais, que por sua vez são sempre uma resposta às necessidades sociais. Como exemplo ele traz o avançar tecnológico da humanidade que tem por consequência a chegada de novas palavras para acessar novas realidades. A luz elétrica obrigou a língua a uma ampliação. Se compreendermos as práticas sociais de que trata Calvet como sendo pertencente ao plano da *Fala*, podemos fazer uma aproximação com Saussure: questões históricas atingem diretamente a *Fala*, que é a resposta do sujeito falante às situações reais a que está submetido. Essa prática social pode entrar no sistema através da massa falante, de sua aprovação, não por um decreto, mas de modo natural, pelo seu uso natural, no cotidiano, nas atividades mais banais, na fofoca que se conta a vizinha, na desculpa esfarrapada que se dá ao cobrador, na esmola que se pede no sinal. Esse seria o caminho comum para mudança¹⁵².

O segundo conceito, *in vitro*, diz respeito a mudanças linguísticas planejadas politicamente para serem implantadas nas práticas sociais dos sujeitos falantes. Contudo entre planejamento *in vitro* e *in vivo*, diz Calvet (2007) há um certo distanciamento, uma vez que o primeiro é algo artificial. O linguista traz um exemplo do caso da China, que está longe de uma unidade linguística, tendo em torno de cinquenta línguas minoritárias faladas por cerca de cinco por cento da população e mais oito línguas de maior extensão, mas que também se subdividem em dialetos. Após a revolução comunista, no final da década de quarenta, o país passou por tentativas de unificação linguísticas tomando-se por ponto de partida a língua adotada pelo governo para as correspondências oficiais. Segundo Calvet, Mao Tsé-Tung emitiu alguns decretos para estabelecer certa unidade pela escrita, estabelecendo certos caracteres que se aproximavam do alfabeto fonológico dos demais países, o que facilitaria a comunicação. Calvet (2007) afirma que a intervenção foi extensamente rejeitada, uma vez que o alfabeto fonético consideraria apenas uma língua e esta seria a língua do Estado. Assim, conclui Calvet que é “[...] difícil por *in vitro* o que é rejeitado *in vivo*.”

Esse exemplo da China, trazido por Calvet (2007), nos faz refletir sobre a afirmação de Saussure quanto à política, e podemos estender aos outros elementos que ele chama de externos, pois na realidade sua intervenção não é capaz de prever as mudanças que venham a ocasionar no sistema. Por exemplo, a expansão do Império Romano, que levou o latim a diversas partes da Europa e da Ásia, jamais previa que esse contato fosse causar “dano” em sua própria língua,

¹⁵² Precisamos lembrar que, para Saussure, só se caracteriza mudança linguística quando há substituição no tempo de um elemento por outro. Elementos passando a coexistir no sistema não pode ser considerado mudança linguística.

uma vez que eram os dominantes, mas foi exatamente isso que aconteceu. Ainda que possam ter apagado outras línguas, não foram imunes aos efeitos desses contatos. A política da França quanto à língua pode ser uma força propulsora no caminho contrário à mudança, contudo, jamais poderá de fato impedir que a língua mude, ou mesmo prever com exatidão em que ela mudará. Da mesma forma podemos pensar em relação aos outros elementos. Eles têm uma influência direta na *Fala*, mas como isso chegará ao sistema não é uma relação direta. Pode haver influências sobre a *Fala* que desapareçam sem nunca terem tocado verdadeiramente a língua.

4.3.3 A ordem própria da língua

Após apresentar sua proposição de que os elementos externos não atingem o organismo interior da língua, Saussure faz o seguinte questionamento: “Será possível distinguir o desenvolvimento natural, orgânico, dum idioma, de suas formas artificiais, como a língua literária, que são devidas a fatores externos, por conseguinte inorgânicos?” (Saussure, 2008, p. 30). Nesse questionamento de Saussure, vemos surgir outra distinção ligada ao par *interno/externo* que é *orgânico/inorgânico*. A língua literária, aquela que está ligada a autores clássicos e, como ele mesmo diz, já está separada da esfera da realidade dos sujeitos falantes, é um sistema inorgânico, ou seja, não é natural. Sobre esse sistema, assim como o da escrita, a influência dos fatores externos é maior e direta.

Essa questão de Saussure abre sua argumentação quanto ao estudo da língua compreendendo que esses fatores externos não tem relação direta com a língua não sendo, portanto, necessário chegar-se primeiro a eles, ainda que sejam os mais perceptíveis diretamente. Ele chega a afirmar que “[...] é falso dizer que, sem eles, não seria possível conhecer o organismo linguístico interno.” (Saussure, 2008, p. 31). Seguir a argumentação de Saussure de perto é essencial para que, ao fim, possamos compreender como ele encaixava as partes da Linguística de modo coerente. O genebrino alerta ao linguista para que não fique no nível superficial que pode enganar sua análise e ele exemplifica sua afirmação. O empréstimo linguístico, que se relaciona com fatores como Etnologia, Política e instituições, pode levar o linguista a deter-se nesses pontos sem jamais chegar ao sistema verdadeiramente.

Duas oposições são apresentadas por Saussure para não se fixar nos elementos externos: A primeira delas é que o empréstimo linguístico não é uma característica comum a todos os sistemas linguísticos, uma vez que, segundo ele, há línguas pertencente a comunidades em vales retirados que nunca admitiram termos que viessem de fora. Nessa mesma linha, podemos

pensar, no caso do Brasil, em línguas indígenas, sobretudo a de tribos que vivem mais isoladas das demais culturas. Esse isolamento é uma barreira para que esses empréstimos linguísticos aconteçam¹⁵³. O que Saussure quer destacar, nesse caso, é que há línguas em que este fenômeno não se dá, mas ainda assim são línguas naturais e que precisam ser estudadas. Fica a questão, a falta desse fator externo que é a aproximação cultural impedirá o linguista de fazer sua análise? A resposta é clara: não!

A segunda oposição tem relação direta com o próprio sistema. O empréstimo linguístico só funciona como elemento do sistema quando é assimilado por este e aí é que está a questão central: O empréstimo entra no sistema através da aceitação da massa falante, após muitas execuções, tantas que não se pode mensurar. O caso é que, uma vez dentro do sistema, esse elemento estrangeiro se comporta tal qual os outros *Signos* da língua de modo que “[...] ele existe somente por sua relação e oposição com as palavras que lhe estão associadas, da mesma forma que qualquer outro signo autóctone.” (Saussure, 2008, p. 31). Portanto, o elemento de “fora” torna-se parte do sistema, de modo a não ser mais visto como algo externo. Dentro do sistema, as relações de oposição que se constituem podem não coincidir com o significado primeiro com que veio à massa falante.

Tomemos como exemplo a palavra inglesa *mouse*, em seu sistema, essa palavra recobre *Significações* diferentes que repousam sobre um mesmo *Significado*, alimentando as relações diferenciais do sistema: poderíamos falar *My mouse is broken* como também *The mouse eats cheese*; nas duas sentenças temos *Significações* diferentes que repousam sobre um mesmo *Significado*, mas que se opõe e se relacionam com outras palavras do mesmo sistema. Dificilmente se diria *The mouse is broken* em referência ao animal, isto demonstra que a palavra *mouse* que se refere ao acessório do computador se relaciona com outras palavras, como o verbo *to break*, enquanto a outra se associará a verbos cuja ação necessite de seres com características mais animadas, como o verbo *to eat*. No português, essa palavra *mouse* não tem as mesmas relações opositivas que na língua inglesa, pois não há uma concorrência com o animal *rato* ou *camundongo*. Então, ao entrar no sistema, o elemento externo, isto é, a palavra estrangeira sofre uma realocação, às vezes uma redistribuição de valores e passa a constituir relações dentro desse sistema que são estranhas à sua língua de origem.

¹⁵³ Compreendemos, ao mesmo tempo, que o isolamento descarta este fator externo ligado à Política ou à Etnologia, contudo a questão geográfica se faz presente, sendo a causa do isolamento e provocando certos efeitos sobre a *Fala*, como a “proteção” contra o estrangeirismo. Saussure não descarta todos os elementos, quer apenas demonstrar que se pode chegar ao fenômeno linguístico *interno* sem necessidade de se analisar o *externo*.

As essas duas oposições, Saussure deixa transparecer também que do ponto de vista do sujeito falante, tal ou tal palavra de origem estrangeira não é mais concebida como tal, isto é, eles a percebem como pertencente a sua própria língua. Ainda tomando como exemplo a palavra *mouse*, quem nasceu nos últimos vinte ou dez anos, provavelmente já a percebem como natural de sua língua. Esse mesmo sentimento talvez não seja compartilhado com pessoas de mais idade, idosos, que, muitas das vezes não estão a par do uso de tecnologias.

Apesar de destacar a importância das condições externas que propiciam a preservação ou alteração de uma língua, Saussure não considera que estudá-las seja indispensável para conhecer o sistema linguístico. Poderíamos, por exemplo, entender o *valor* de *mouse* sem nunca recorrermos à questão do empréstimo linguístico, apenas olhando para o sistema. Segundo o genebrino, alguns idiomas como o Zenda e o Páleo-eslavo “[...] não se sabe sequer quais povos os falaram; tal ignorância, porém, de nenhum modo nos obsta a que os estudemos interiormente e a que nos demos conta das transformações que sofreram.” (Saussure, 2008, p. 31). Sua argumentação segue na linha de que o desconhecimento de fatores externos, como no caso dos idiomas citados, a Etnologia, a política ou a história, não impede que se possa olhar para o sistema e compreender seus valores e suas transformações. Tomando o famoso exemplo do jogo de xadrez, dado por Saussure, é possível compreender melhor a proposição: Chegando no meio da partida de um jogo de xadrez, para aqueles que entendem o jogo, é claro, seria perfeitamente possível compreender aquele momento do jogo, não necessitando ao observador saber as condições que o levaram até aquele momento.

Saussure então retorna à questão do método, do ponto de vista. Para o linguista, há focos diferentes quando se trata de *interno* e *externo*. Do segundo afirma que “[...] pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir apertada no torniquete dum sistema.” (Saussure, 2008, p. 31). Em outras palavras, o genebrino diz que o linguista que vai observar os fenômenos externos não estará limitado pelo método que direciona o olhar sobre o sistema; isto quer dizer que os fenômenos externos, exigem do linguista o olhar guiado pela história, pela política, pela cultura, sociologia e não está limitado pela visão do sujeito falante, que em seu espírito ignora os efeitos desses fenômenos sobre a língua; para ele, é um tesouro do qual ele é depositário e usuário. Quando se passa para os elementos interiores, para o sistema em si, a visão do sujeito falante é essencial e sua ignorância, no nível do sistema, de um passado de língua e de eventos que mudem sua língua, precisa ser observada.

Chega-se então a uma das afirmações categóricas do CLG: “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria.” (Saussure, 2008, p. 31). A ordem própria da língua, mencionada por Saussure, se mantém apesar dos fatores externos, estes influenciam a *Fala*,

mas esta é a porta de entrada para o sistema, contudo, atinge apenas elementos isolados, não o sistema em si. Volta-se a mesma afirmação: o sistema não muda por causa de um elemento, mas faz rearranjos, redistribui os valores para acomodar o novo elemento, caso este seja percebido pelos sujeitos falantes e seja interpretado ou reinterpretado, ou se crie uma interpretação totalmente nova.

4.3.4 E interno e externo são...

É preciso agora que entendamos como Saussure usa esses termos em sua teorização. Eles têm sempre a mesma acepção? Vejamos! Claudine Normand, em seu livro *Convite à Linguística*, dedicou um capítulo a esses termos. A princípio, parafraseando Derrida, ela afirma que *interior* e *exterior* foram tomados como uma metáfora em que “[...] o exterior é o visível, a manifestação de um interior escondido; aplicado à fala, o exterior é a expressão verbal de um pensamento, do que se passa no interior de um sujeito.” (Normand, 2009, p. 135). A autora prossegue afirmando que essa metáfora foi importante na passagem da Linguística das ciências naturais para as ciências sociais, definindo-se, portanto, a partir dali “[...] pela observação de um exterior separado das particularidades subjetivas da introspecção; assim se afirma a legitimidade de uma atitude empírica aplicada aos fenômenos humanos.” (Normand, 2009, p. 135).

Essa passagem a qual se refere a autora diz respeito ao nascimento do movimento conhecido como Neogramática, que surgiu como uma oposição ao modelo de ciência majoritário, a Gramática Comparada. Segundo Chiss (1978), já havia entre os neogramáticos uma busca por uma ciência no modelo positivista, sendo o deslocamento da Linguística para as ciências sociais uma das contribuições neogramáticas; Também Paveau e Sarfati (2006) atestam que o movimento Neogramático se estabeleceu nos contatos com o positivismo de Auguste Comte, que inspirou os jovens gramáticos a buscar modelos de análise que correspondessem ao modelo empírico do positivismo. Dessarte, os trabalhos neogramáticos se fixaram naquilo que era externo, que podia ser analisado dentro dos padrões positivistas. Os inúmeros trabalhos produzidos nessa época talvez sejam o que levou Saussure a observar que são os elementos externos que mais ocupam as análises linguísticas.

Saussure, que também situava a Linguística no campo das ciências sociais, firmou a metodologia de análise numa aproximação com a ciência positivista, contudo, ao contrário do movimento Neogramático, não pretendia direcionar toda a linguística para fatores externos, mas sim aos internos. Como observa Normand (2009) a subjetividade foi excluída para o

exterior da linguística. São pontos importantes a se refletir, pois se Saussure traz o sujeito falante para o centro da linguística, se ele pauta a visão sincrônica igualmente pelo sujeito falante, não estaria a subjetividade sendo considerada também? Normand (2009) afirma que Saussure compreende a língua como parte integrante do sujeito falante, mas não pertencendo a ele, este a recebe, mas ela está fora de sua vontade justamente pelo fato de ser social, o que excluiria a sua subjetividade da análise da língua enquanto sistema. A visão do sujeito falante não se refere ao sujeito empírico, do individual, mas do coletivo, do sujeito falante como componente de uma massa falante que acolhe ou não uma novidade, que percebe ou não uma *Significação*.

Que essa metáfora *interno/externo* é importante para a Linguística já se pode perceber pelos níveis de argumentação de Saussure quanto à questão, mas é mister saber como podemos definir o que para ele é *interno* e o que é *externo*. No final da seção terceira deste trabalho, vimos uma citação, que finaliza o TCLG, que traz estes dois termos, afirmando, basicamente, que aquele curso finalizara apenas a parte *externa* e que ainda viria a parte *interna* sendo esta eminentemente sincrônica. A *priori* foi possível pensar em um *externo* não à língua, mas ao *termo*; nesse caso, *interno* se referiria às relações que se passam no interior do *Signo*. O que nos remete a essa leitura? O fato de que o TCLG é o curso que mais fundamentou o CLG, o qual apresenta com mais força a teoria do *Valor*, que está ligado à sincronia. Dizer que Saussure não tratou a sincronia de modo substancial no TCLC não parece muito adequado. Diante disso pensamos na seguinte hipótese: Saussure tomou aquele par *interno/externo* para abordar uma relação totalmente pertencente ao sistema, no qual temos as oposições e relações fora do *Signo*. Nesse *externo* a Linguística Evolutiva pode ter uma participação, uma vez que ela contribui indiretamente para as oposições do sistema a partir dos *termos* que se modificam. Já o *interno*, as relações no interior do *Signo* e da *Palavra*, estaria relacionado com a percepção do sujeito falante, portanto, trata-se de relações sincrônicas, de um estado de língua, no qual o sujeito falante é a autoridade competente para julgar. Esta seria uma divisão que teria como objeto a língua *esquema*, ou seja, o sistema em si.

Porém, essa leitura que apresentamos é baseada em uma citação, é preciso se aprofundar. Nos *Escritos de Linguística Geral*, logo no início do manuscrito EDL, Saussure fala da distinção dos fenômenos da língua: “Cabe distinguir, na língua, os fenômenos *internos* ou de consciência e os fenômenos *externos*, diretamente detectáveis.” (Saussure, 2012, p. 21 – destaques do autor). Essa descrição se coaduna com o CLG, uma vez que os elementos externos e consequentemente os fenômenos externos são diretamente detectáveis, de modo a prender a atenção do linguista, muitas vezes impedindo-o de chegar ao *interno*. Os fenômenos internos,

que ele chama também de fenômenos de consciência, estariam ligados ao sistema; não se trata de uma consciência empírica, mas sim da consciência que a massa falante tem do sistema da qual é guardiã.

Em outra parte de seus escritos, mais especificamente nas *Notas Preparatórias para os Cursos de Linguística Geral*, Saussure também toca nesse ponto de *interno e externo*, fazendo uma associação do primeiro com a coletividade:

[...] em nenhum momento, contrariamente à aparência, o fenômeno semiológico, qualquer que ele seja, deixa fora de si mesmo o elemento da coletividade social: **a coletividade social, com suas leis, é um de seus elementos *internos* e não *externos*** esse é nosso ponto de vista. (Saussure, 2012, p. 249 – destaques do autor em itálico e nossos em negrito)

Além de podermos ratificar a ligação entre os fenômenos de consciência com à coletividade, com a massa falante, essa citação também parece trazer uma novidade. Pois Saussure, ao tocar na coletividade social, evoca certas leis, as quais ele não especifica, mas garante que são elementos internos da língua. Não podemos contornar, diante dessa colocação do genebrino, a ideia de Hjelmslev quanto aos níveis de língua que correspondem a diferentes concepções no CLG. Na referida citação, o conceito de língua parece escorregar de *esquema* para *norma* e *uso*. Pensar o par conceitual *interno/externo* talvez nos obrigue a pensar nesses diferentes níveis e suas relações com o *ato* e a *Fala*.

Passando dos escritos de próprio punho do genebrino para os cadernos de seus alunos, temos no SCLG algumas definições sobre o assunto em questão. Antes, contudo, é mister lembrar que Saussure não está falando de um *interno* e *externo* à língua, mas à Linguística, detalhe esse que foi modificado pelos editores no CLG. Feita essa ressalva necessária, vamos à definição de Saussure. Para ele, linguística externa é “[...] tout ce qui concerne la langue sans entrer dans son système¹⁵⁴”. (Saussure, 1997, p. 28). Aqui a relação entre a língua e os elementos externos é apresentada de modo mais aproximado, tanto que pertencem à Linguística. Entrariam, portanto, os elementos já mencionados: política, história, Etnologia, geografia, etc. Porém, estando esse estudo voltado para essas questões *externas*, não se amarraria ao sistema ou, como está no CLG, não estaria apertado por este torniquete. Perceba-se que, para Saussure, essa separação é importante, porque adentrar ao sistema exige outro ponto de vista.

Para explicar melhor sua argumentação, ele traz novamente a metáfora do jogo de xadrez; não é necessário, prossegue o linguista, que se saiba a história do jogo de xadrez ou como ele chegou no país para que se saiba jogá-lo; também o material de que são feitas as peças

¹⁵⁴ “[...] tudo o que concerne à língua sem entrar em seu sistema.” (Tradução nossa)

do jogo não são importantes para quem vai jogar, o que importa é a regra do jogo. Então o *externo* seria tudo o que se relaciona com o jogo, mas sem entrar diretamente na regra do jogo.

Em sequência, Saussure dá a definição do que é *interior*: “[...] ce qui est susceptible de changer les valeurs à un degré quelconque; ou chaque fait externe n'est à considérer pour la théorie que dans la mesure où il peut changer les valeurs¹⁵⁵”. (Saussure, 1997, p. 28). Elemento interno é o que pode fazer o sistema mudar, ou seja, tudo o que pode alterar em um grau qualquer, salienta o genebrino, é considerado elemento *interno*; contudo, ele afirma que os elementos *externos* podem ser considerados na medida em que “podem” fazer o sistema mudar. Voltamos então a elementos como a política ou a história, parece-nos que Saussure admite que tais elementos podem ser tomados como um elemento interno em algum caso ou algum grau quando faz mudar o sistema. Um evento histórico, uma ação política pode afetar diretamente a *Fala* sem jamais adentrar ao sistema, ou seja, ser rejeitado na peneira da massa falante.

Podemos pensar numa discussão muito atual que é o caso do dialeto não-binário. Se entendemos bem a proposição de Saussure, o dialeto não-binário pode ser estudado pela Linguística como elemento externo, pois está relacionado com a língua, sendo um fator ligado à política e à instituição, sobre as quais já falamos; contudo não pode ser considerado como elemento *interno*, pois não atingiu de fato o sistema, provocando-lhe mudanças em algum grau. O elemento externo que atinja alguma mudança, ou melhor, que está relacionado com alguma acomodação do sistema, pode ser estudado como um elemento interno, ainda que o rearranjo do sistema não seja um fruto direto dele.

Embora pareça que as definições do SCLG esclarecem mais a divisão *interior/exterior*, não é tão fácil, na prática, entender quais fenômenos podem realmente ser tomados como *internos*, de modo que o próprio Saussure confessa: “Il faudra dans certains cas discuter s'il s'agit d'intérieur ou d'extérieur¹⁵⁶.” (Saussure, 1997, p. 28). Isso só nos revela o quão tênue é a divisão entre *interno* e *externo*.

A definição do SCLG está, no fim das contas, alinhada ao CLG sobre o que se pode considerar como elemento interno: “é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau.” (Saussure, 2008, p. 32). Contudo, é necessário fazer uma distinção de plano entre os dois, enquanto o primeiro está falando da divisão da Linguística, o segundo parece tratar ainda do par língua/*Fala*, o que parece uma sequência lógica do capítulo que o antecedeu, a saber *Linguística da língua e Linguística da fala*. O SCLG, no início da lição que, segundo

¹⁵⁵ “[...] o que é suscetível de mudar os valores a um grau qualquer; ou cada fato externo não é considerado pela teoria senão na medida em que pode mudar os valores.” (Tradução nossa)

¹⁵⁶ “É preciso, em certos casos, discutir se se trata do interior ou do exterior.” (Tradução nossa)

De Mauro (1967), inspirou o capítulo quinto do CLG, traz uma exposição clara sobre o plano em que está colocando a discussão, e é o plano da linguística, não apelando para o par língua/*Fala*. Explica então:

Si l'on a quelque scrupule, on peut dire: étude interne et externe de la linguistique. Ce qui rentre dans le côté externe: histoire et description externe. Dans ce côté rentre[nt] des choses importantes. **Le mot de linguistique évoque surtout l'idée de cet ensemble.** C'est le côté par lequel la linguistique touche quantité de domaines qui ne sont pas le sien propre; c'est le côté qui n'est pas de la linguistique proprement dite ou pure¹⁵⁷. (Saussure, 1997, p. 25 – destaques nossos em negrito)

Vê-se claramente que Saussure está abordando as partes que compõem a linguística e não do par língua/*Fala*. Ele coloca a história e os demais elementos como relacionados à língua, mas que não tocam o sistema em si, embora sejam elementos importantes, o que é óbvio, pois o desenvolvimento da língua pressupõe história, cultura, política, poder, etc.; mas é surpreendente, até se compararmos ao CLG, o fato de que Saussure não toma esses elementos como coisas sem importância para a Linguística, pelo contrário, ele afirma que a própria palavra *linguística* evoca esse conjunto, no qual a história e os demais elementos externos estão contemplados. Além disso, demonstra que a Linguística externa é o ponto de interseção com outros domínios que auxiliam na compreensão dos fenômenos linguísticos.

De um modo geral, a citação acima apresenta uma Linguística que sabe utilizar suas partes, *interna* e *externa*, para estudar a língua. Essa parece ser uma posição próxima da proposta por Meillet, que, segundo Normand (2009) via entre *interno* e *externo* não uma oposição, mas sim uma correlação. A leitura de De Mauro (1967) dos cadernos dos alunos também vai na direção de uma Linguística de conjunto com os elementos externos. Ele afirma que “[...] l'étude externe de la langue est pour Saussure une partie importante de la linguistique car les facteurs externes prennent une part importante dans la constitution de la langue¹⁵⁸.” (De Mauro, 1967, p. 428). Essa colocação do comentarista saussuriano além de confirmar que o genebrino não estava tratando do que está dentro e fora da língua, mas da divisão do interior da Linguística, ou seja, de tudo o que está dentro, também indica que os elementos externos não podem ser dissociados da língua, quando se relacionam com ela e sua constituição. Observe-se que De Mauro (1967) reconhece um estudo externo “da língua” e não apenas dos elementos

¹⁵⁷ “Se temos algum escrúpulo, podemos dizer: estudo interno e externo da linguística. Este que fica no lado externo: história e descrição externa. Nesse lado entra[m] coisas importantes. A palavra linguística evoca, sobretudo, a ideia desse conjunto. É o lado pelo qual a linguística toca uma quantidade de domínios que não são o seu próprio; é o lado que não é da linguística propriamente dita ou pura.” (Tradução nossa)

¹⁵⁸ “[...] o estudo externo da língua é para Saussure uma parte importante da linguística, porque os fatores externos desempenham uma parte importante na constituição da língua.” (Tradução nossa)

externos, associando-o, portanto, diretamente, a uma atividade da Linguística em torno da língua.

A parte final da citação que trata de uma Linguística pura ou propriamente dita não é algo que rebaixe a Linguística externa, mas apenas um meio de diferenciação, uma vez que Linguística pura faz referência a forma pura, ou seja, ao sistema em si.

4.3.5 *Significação* e língua: entre o externo e o interno

Nós vimos que, ao fim, a relação *interno* e *externo* está ligada às divisões do interior da linguística, de modo que a interpretação que fizemos da passagem final do TCLG não encontra apoio nas demais citações que trouxemos, embora isso possa se justificar por ter sido a citação em questão o final da última aula que Saussure deu em Linguística Geral, vindo depois disso agravar seu estado de saúde. Considerando isso, podemos inferir que Saussure poderia querer aproveitar a metáfora *interno/externo* para explicar outras relações existentes no próprio sistema, ou seja, as relações que se dão no sistema e as relações que se dão no nível do *Signo*.

Quanto à *Significação* há uma conclusão importante para tirarmos a partir da discussão empreendida. Saussure declara que o *interno* seria o que pode ou causa mudança no sistema, ao mesmo tempo ele defende que as mudanças diacrônicas provocadas por questões fonéticas, bem como a influência de fatores como história, política, instituições, etc. não podem atingir diretamente a língua, o que causa uma mudança no sistema – que na realidade, para Saussure, não é uma mudança mais um rearranjo – é a mudança de interpretação ou a adição de uma nova interpretação do sujeito falante, considerando-se a massa falante. Ora, essa interpretação nada mais é do que a *Significação*, o fator positivo percebido pelo sujeito falante. Se realmente é essa mudança o que provoca alterações no sistema, podemos compreender que a *Significação* é um fator interno de rearranjo do sistema. Essa *Significação* é tanto um elemento interno pela potencialidade de provocar alterações no sistema, como também está intimamente ligado a fatores externos que são parte de si. Talvez seja ela um dos canais pelos quais a língua possa ser apreendida como um objeto que pode ser estudado em sua parte *interna* e *externa*, respeitando-se, é claro, os limites de cada parte.

4.4 A Significação no CLG

Nesta subseção, examinaremos um capítulo essencial do CLG, a saber, o capítulo quarto da segunda parte, que se baseia nas lições do TCLG. Contudo, antes de o analisarmos, é preciso fazer algumas considerações.

Em trabalhos anteriores, já havíamos assinalado que no arcabouço teórico saussuriano há uma órbita semântica, ou seja, por toda sua obra circulam termos que remetem a um estudo semântico, que fazem parte desse campo ou ainda que são objetos de estudo dessa área. A questão é se podemos deduzir, realmente, nos escritos atribuídos a Saussure uma estrutura que evoque uma semântica. Os editores são categóricos em afirmar que: “Deve-se cuidar de não confundir a *Semiologia* com a *Semântica*, que estuda as alterações de *significado* e da qual F. de S. não fez uma exposição metódica” (Bally e Sechehaye, 2008, p. 24 – destaques dos autores). Esse comentário dos editores encontra-se no capítulo terceiro da introdução, no qual Saussure já apresenta a língua como um sistema de *Signos*, assim como também apresenta a ciência que ficaria responsável por dar conta desses *Signos*, a *Semiologia*.

Nesse ponto, os editores acreditaram ser necessário alertar o leitor a não confundir o estudo dos *Signos*, que daria conta de todo o tipo de sistema de *Signos*, como os da escrita ou de ritos religiosos, com a *Semântica*, que eles definem como o estudo das alterações do *Significado*. É interessante notar como Bally e Sechehaye parecem não se importar com a questão semântica a ponto de tentar formular o que o genebrino legou sobre ela em suas aulas. A leitura dos editores não contemplou questões que pareciam incomodar o mestre. Podemos juntar a esse comentário o fato de que houve um apagamento total do nome de Michel Bréal do CLG. Bréal, que teve uma relação de proximidade com Saussure e que teria cotado o genebrino para ser seu substituto no *Collège de France*, é considerado o fundador da *Semântica* como disciplina, tendo inclusive cunhando esse termo. Segundo Joseph (2023) o livro de Bréal foi um verdadeiro sucesso, pois apresentava ideias inovadoras quanto ao estudo do sentido; apoiado na Gramática Comparada e, ao mesmo tempo se opondo a ela, Bréal propõe uma semântica histórica além de apontar como um problema semântico, e não fonético, a causa da mudança linguística. O professor Eduardo Guimarães, que traduziu e prefaciou o *Ensaio de Semântica*, apresenta a obra como um marco na constituição dos estudos semânticos.

Mesmo com as ligações entre Bréal e Saussure, seu nome não aparece em nenhum lugar do CLG, ainda que tenha uma breve menção no ELG. Sendo Bréal uma referência da *Semântica* e não tendo sido citado em nenhum momento, podemos compreender que não era intenção dos editores se deterem sobre esse assunto. Ainda há a hipótese de que, propondo Bréal uma

semântica histórica, não teriam suas ideias casado com o plano geral da teoria saussuriana, mas retornaremos a esse assunto mais à frente; por ora, o que é preciso enfatizar é que a leitura dos editores ignorava que Saussure tivesse a semântica como uma questão central.

Apesar disso, os próprios editores chamaram a atenção para o fato de que havia uma pedra fundamental lançada pelo genebrino, um princípio fundamental quando ele fala sobre a mutabilidade do *Signo*, porque os editores compreendiam a *Semântica* como alteração de *Significado* no tempo e é justamente nessa parte que Saussure tratará dessas questões. É a partir da ideia da mutabilidade do *Signo* que a Semântica saussuriana deve trabalhar segundo Bally e Sechehaye. A teoria do *Signo*, portanto, ainda que não seja uma teoria semântica, lança as bases para que uma teoria semântica se estabeleça.

No sentido contrário ao gesto de leitura dos editores, o linguista Simon Bouquet, de quem tomamos por empréstimo a expressão do título desta tese, afirma que a Semântica não é um assunto periférico nas reflexões do genebrino, muito pelo contrário, ela é o cerne de sua reflexão, bem como o que pauta seu programa de linguística sincrônica. Em seu famoso livro *Introdução à leitura de Saussure*, Bouquet se debruçará sobre os três braços em que desemboca o trabalho de Saussure: Epistemologia da Gramática Comparada, Filosofia da Linguagem, com sua metafísica e Epistemologia Programática da Linguística, que, em seu entendimento, estrutura-se em uma Gramática do Sentido.

O primeiro braço, relacionado à Gramática Comparada, demonstra que Saussure, como já vimos, não pretendia extinguir essa parte da Linguística, mas antes pretendia fixar-lhe seu verdadeiro objeto e lhe aprimorar o método, sendo esse aprimoramento essencial para o terceiro braço, a Epistemologia Programática da Linguística, ou mais especificamente, a Linguística Sincrônica, que contempla uma Gramática do Sentido. Bouquet (2004), inclusive, pretende refutar a fala dos editores que trouxemos ao início dizendo que ela foi adulterada por Bally e Sechehaye, uma vez que, no SCLG, Saussure indica outra coisa. A passagem em questão diz o seguinte: “Ce serait une sémiologie (aucun rapport avec la sémantique: science des sens <des mots> dans la langue par opposition à celles des formes!)¹⁵⁹” (Saussure, 1997, p. 7). O que aparece como uma nota de rodapé nascida da observação dos editores, foi tirado de uma colocação do próprio Saussure em uma das lições do SCLG. A argumentação de Bouquet contra o comentário de Bally e Sechehaye tem dois pontos principais: o primeiro deles é que eles apresentam o termo semântica na acepção comum da linguística da época que se situava sobre a mudança de sentido no tempo, apoiado em obras da Gramática Comparada e, sobretudo de

¹⁵⁹ “Esta será uma semiologia (sem nenhuma relação com a semântica: ciência do sentido <das palavras> na língua pela oposição a certas formas)”. (Tradução nossa)

Bréal, que, como já dissemos, exerceu grande influência com o seu *Ensaio de Semântica*. Nesse ponto, Bouquet afirma que os editores foram infiéis ao pensamento de Saussure, pois, de fato, ele alertou seus alunos a não confundirem a ciência dos *Signos* com a Semântica, contudo o professor não apresenta esse termo na acepção comum ou nos termos de Bréal, uma vez que tem sua própria definição de Semântica, uma ciência que estuda o sentido das palavras em oposição às formas. Para Bouquet, essa apresentação de Saussure não é ao acaso, mas faz parte de sua Epistemologia Programática.

O segundo ponto da crítica de Bouquet aos editores é o fato de, com essa definição comum da Semântica, terem desviado o CLG, ou para ser mais justo os leitores do CLG, do essencial do programa sincrônico de análise linguística do genebrino. Ainda critica o fato de os editores afirmarem que Saussure não faz nenhuma exposição metódica quanto à semântica, assegurando que esta é uma distorção “[...] ainda mais grave: toda a epistemologia linguística saussuriana pode ser considerada, ao contrário, como a exposição fundadora de uma ciência do sentido.” (Bouquet, 2004, p. 215).

Bouquet admite que Saussure pouco usa o termo semântica, isto levando em consideração os outros escritos saussurianos, mas assevera que sua argumentação não se dá pelo número de vezes que o termo aparece no conjunto dos escritos atribuídos a Saussure, mas sim no uso que este faz do termo nas vezes que o emprega em suas teorizações. Ratifica, pois, que todas as vezes que o genebrino o emprega, o faz em um sentido moderno, novo, que se coloca na perspectiva sincrônica. Torna-se importante ressaltar que Bouquet fez um apanhado histórico de grande relevância, entre os quais está o quadro da semântica à época da circulação do CLG. O linguista observou que havia uma instabilidade relacionada à palavra semântica e atribui isso à “[...] falta de uma teoria unificada do sentido.” (Bouquet, 2004, p. 213). Ele acredita que essa unificação da teoria do sentido se dá na Epistemologia Programática de Saussure.

Conquanto Simon Bouquet tenha galgado uma posição de prestígio na linguística e na filosofia, sendo uma voz de autoridade nos estudos saussurianos, suas teses estão longe de ser uma unanimidade quanto à figura do mestre genebrino. Gabriel Bergounioux, em um relatório publicado no número 52 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, uma das mais importantes revistas ligadas ao trabalho de Saussure, apesar de elogiar o trabalho de Bouquet, o que não poderia ser diferente, aponta duas questões que ele considera problemáticas em sua tese e que estão diretamente ligadas à semântica identificada por este. A primeira é a relação língua e *Fala* expressas no CLG pela Linguística da língua e a Linguística da fala, que segundo Bouquet são

correlatas e interdependentes. Bergounioux (1999¹⁶⁰) não percebe que haja linguísticas correlatas, mas sim distintas e independentes, e que os textos trazidos por Bouquet não conseguiram sustentar essa tese, uma vez que um deles, o texto elaborado por Saussure para defender a criação da cadeira de Estilística para Bally, era um texto de circunstância, que nem sequer alcançara seu objetivo. A parte final do texto trata da relação língua e *Fala*:

Sim, Senhores, simplesmente linguística. **Só que a linguística, arrisco dizer, é vasta. Notavelmente, envolve duas partes:** uma mais próxima da língua, o depósito passivo, a outra mais próxima da fala, a força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que são gradualmente percebidos na outra metade da linguagem. (Saussure, 1912, *apud* Joseph, 2023, p. 806 – destaques nossos em negrito)

Esse texto, que é citado por Bouquet, deixa transparecer a ideia de uma linguística que compreende a língua e a *Fala*. Bergounioux afirma que esse é um texto de circunstância, ou seja, que Saussure o escreveu pensando em favorecer um amigo querido, não se preocupando com a profundidade teórica ou seus efeitos; era apenas uma defesa de uma cadeira. Joseph (2023) corrobora com a ideia de Bergounioux, ao afirmar que se Saussure tivesse feito o discurso que escrevera “[...] o público teria ficado se perguntando até o fim se ele estava apoiando a nova cadeira ou se opondo a ela, e teria achado seu endosso final nada mais do que morno.” (Joseph, 2023, p. 805). Bouquet (2000) defende-se dizendo que, ainda que se possa considerar esse texto situacional, há inúmeros outros textos que apontam para essa relação língua/*Fala* que compreende uma linguística em duas partes uma dedicada à língua e outra à *Fala*, mas não de modo independente, antes formando um todo inseparável, pois uma pressupõe a outra. De fato, como vimos ao estudar os cadernos dos alunos, Saussure, volta e meia, recorre à linguística da fala para dar conta dos fenômenos da língua, sobretudo quanto à *Significação*.

A segunda questão problemática, apontada por Bergounioux, é quanto a base semântica sobre a qual Bouquet coloca toda a Epistemologia Programática de Saussure. Para o crítico “La conviction qu’une sémantique de Saussure existe, qu’elle est omniprésente dans les textes où elle n’aurait pas été décelée, oriente la démonstration de S. Bouquet¹⁶¹.” (Bergounioux, 1999, p. 313). Ele aponta o dedo para o que considera ser um calcanhar de Aquiles na teoria de Bouquet, que é o fato de ela se apoiar numa inferência do texto, de ser uma interpretação que, ao que dá a entender, é particular dele. Provavelmente, Bergounioux está considerando o primado do CLG, além de uma leitura consagrada que “ignorou” tal relação entre a teoria de Saussure e uma base semântica. Conclui então sua crítica afirmando que “Une sémantique

¹⁶⁰ O livro *Introdução à leitura de Saussure* foi publicado originalmente em 1997, tendo sido adaptado da tese de doutorado de Bouquet, sob a orientação de Jean-Claude Milner. A versão que temos do livro é de 2004, portanto, esclarecemos a questão da datação para que não se pense que a crítica de Bergounioux seja anterior à obra.

¹⁶¹ “A convicção de que uma semântica saussuriana existe, de que ela é onipresente nos textos em que não teria sido detectada, orienta a demonstração de S. Bouquet.” (Tradução nossa)

saussurienne ne me semble toujours pas transparaître sans sollicitation dans le corpus de l'oeuvre¹⁶².” (Bergounioux, 1999, p. 316). Seu arremate é então declarar que só se tem uma semântica saussuriana por uma “incitação” no *corpus* da obra, ou seja, trata-se muito mais de uma provocação de Bouquet em relação ao *corpus* do que realmente uma evidência que se possa extrair dos escritos, mais especificamente do CLG.

A resposta de Bouquet pode ser retirada tanto do artigo escrito no próprio *Cahiers Ferdinand de Saussure*, quanto da obra criticada. Bouquet (2000) afirma que já foi contestado por outros autores quanto à questão da “incitação” no *corpus* da obra e responde que não é possível compreender a obra de Saussure sem a sua unificação pelo plano semântico; a sincronia vai evocar o terreno semântico. Em *Introdução à leitura de Saussure*, Bouquet ainda afirma que é nesse ponto do *Sentido* linguístico que acontece a verdadeira ruptura de Saussure com os linguistas que lhe eram contemporâneos.

Exploraremos um pouco mais a fundo a argumentação de Bouquet na parte final, agora é mister explorar o que o CLG traz quanto à *Significação*. Basicamente seguiremos o capítulo quarto da segunda parte, deixando de lado exemplos e argumentações que já foram analisadas no TCLG.

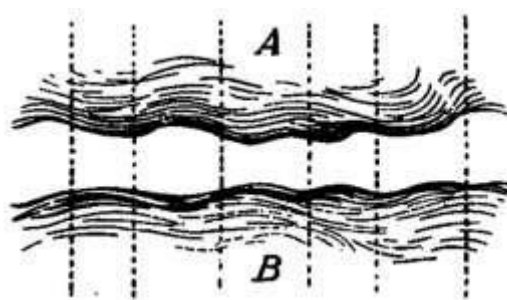
4.4.1 A língua é um sistema de valores

Saussure abre o capítulo quarto da segunda parte do CLG, trazendo uma concepção de língua um pouco diferente da inicial. Antes a apresentara como um sistema de *Signos*, mas agora fala em sistema de valores puros. É a partir dessa concepção que o genebrino fará suas mais inovadoras proposições quanto à Linguística Geral.

Antes de definir o que entende por *Valor*, o mestre faz outras distinções importantes, além de reafirmar o que já há muito dissera, que a língua é social. O primeiro ponto que tocamos, o das distinções, faz referência à materialidade. Para que se compreenda o *Valor*, torna-se necessário também compreender que ele não é matéria e qual o papel desta nos fatos da linguagem. Saussure coloca o sistema linguístico situado entre duas massas amorfas, o pensamento e o som. A língua não é nem uma nem outra, mas existe por essa combinação. Para que compreendamos melhor, toma como exemplo uma massa de ar que toca a água, afirmando que as vagas que se formam poderiam ser comparadas à língua.

¹⁶² “Uma semântica saussuriana não me parece nunca transparecer no *corpus* da obra sem ser incitada.” (Tradução nossa)

Figura 12 – A língua entre dois domínios



Fonte: Saussure, 2008, p. 131

Esclarece Saussure que se estabelecer em um terreno ou em outro é sair do terreno da Linguística fazendo Psicologia pura ou Fonética pura. Para ele, é preciso se colocar no terreno da língua, situada entre esses dois domínios.

Se retomarmos os conceitos de Hjelmslev – e pretendemos ainda retomá-los adiante – Saussure está falando da língua como *esquema*, em que só as oposições funcionam, em que os valores são estabelecidos por essas relações diferenciais. Eis o nível mais profundo da língua. O genebrino precisa fazer-se entender em um ponto importante: a língua não é *substância*, não é matéria; contudo é interessante notar como Saussure é sempre levado a tocar a matéria da língua e esse detalhe será importante para compreendermos os caminhos tomados por ele, como também a leitura que foi feita de Saussure a partir do que faz com a matéria na língua.

Após diferenciar a língua de sua matéria, Saussure reafirma que a língua é social, fato esse que não muda, mesmo mudando a definição de língua para sistema de valores puros. A ideia da língua como fato social é outro ponto que leva o genebrino a não considerar a matéria como parte da língua. Segundo ele, se o fato material fosse decisivo ao *Valor*, este “[...] perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora.” (Saussure, 2008, p. 132). Ou seja, o pensamento¹⁶³ e o som em si não fazem parte da língua, são matérias primas das quais a língua faz uso.

Recusando, portanto, que seja a matéria a definir os valores do sistema, Saussure afirma que, na realidade, é a massa falante que estabelecerá os valores: “A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.” (Saussure, 2008, p. 132). Percebam que, enquanto pretere a materialidade como de fora não só da língua, mas da própria Linguística, compreende a massa falante, a coletividade como um elemento de dentro, pois é ela quem define todos os

¹⁶³ Hjelmslev (2006) fará uma crítica neste ponto, sobretudo quanto à questão do pensamento ser uma massa amorfa antes da língua, uma vez que não se teria como comprovar tal afirmação. Ele fará uma proposição para expandir a teoria de Saussure, sobre a qual encontramos ecos nos ELG.

valores do sistema, de modo que, segundo ele, o fato social, por si só, pode ser suficiente para estabelecer um sistema de valores. É, logo, coerente sua ideia de língua como social, entretanto, esse social tem a ver com um coletivo e não com a soma de alguns indivíduos, não se trata de grupos, mas do que a massa falante acata ou barra, não através de contratos e discussões em plenários, mas em um contrato virtual não discutido; é de modo virtual que as inovações, por exemplo, esbarram num coletivo espesso, que, às vezes, toma aquela inovação, não visando destruir o contrato, mas tornando-o mais espesso, pois o que entra na língua, ao mesmo tempo que a renova, torna-se “prisioneiro” dela e de suas regras e relações de oposição. Nenhum indivíduo pode sozinho acrescentar o que quer que seja à língua, pois ela é social, isto é, não pertence a ninguém e, ao mesmo tempo, pertence a todos.

Esses dois pontos foram esclarecidos por Saussure para que se pudesse chegar ao *Valor*, que é o cerne do sistema, porém ainda havia um aviso importante a dar para os linguistas: qual seria a unidade de análise. Como vimos anteriormente, no TCLG, Saussure escolheu *termo* para se referir aos elementos dentro do sistema, mas quando não se tratava puramente das relações singulares deste, preferiu usar *Palavra*. No CLG, isso se repete com a seguinte explicação:

Não podendo captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua, trabalharemos sobre as palavras. Estas sem recobrir exatamente a definição da unidade linguística, dão dela uma ideia pelo menos aproximada, que tem a vantagem de ser concreta, **tomá-las-emos, pois como espécimes equivalentes aos termos reais de um sistema sincrônico**, e os princípios obtidos a propósito das palavras serão válidos para as entidades em geral. (Saussure, 2008, p. 132 – destaques nossos em negrito)

Saussure dedica um parágrafo para explicar o porquê de usar a *Palavra* como unidade de análise e não *termo*. Parece-nos que explicar o *Valor* requer sair do sistema, o que solicita imediatamente uma unidade compatível com o outro terreno, talvez o da língua *uso* de Hjelmslev. O importante, agora, é percebemos duas coisas: A *Palavra* pode ser equivalente ao *termo* no sistema linguístico. A segunda coisa é que o *Valor*, por sua relação com a massa falante que o estabelece, não pode ser tomado como isolado desta; é a partir desse pensamento que Saussure desenvolverá sua argumentação sobre o *valor* em suas relações com a massa falante, que se dão de três formas: no *Significado*, no *Significante* e no *Signo total*, ao qual acrescentamos: em relação com a *Significação*.

4.4.1.1 O *Valor* em seu aspecto conceitual

Saussure afirma que, tomando a *Palavra* como unidade de análise, o primeiro fato a se considerar é que o *Valor* pode ser visto como a representação de uma *ideia*, ou seja, o

Significado é um *Valor* que se alinha a um *Significante*, mas, nesse caso, já não se trata de um *Valor* puro; já tomou de uma matéria da qual a fez *substância*. Apesar de todos os esquemas que Saussure apresenta nessa parte trazerem o termo *Significado*, a única referência que faz a ele é indireta, tomando outro termo que seria um sinônimo *Ideia*; ainda assim, só o faz uma única vez, no início, depois começa a opor *Valor* e *Significação*. Para nós, este deixar de lado o *Significado* é sintomático de que não está mais falando da contraparte, mas da relação que se estabelece entre elas no limite da *Palavra*, ou seja, ele realmente quer falar da *Significação* e não do *Significado*.

Deixando pois o termo *Significado*, Saussure se esmera em distinguir entre *Valor* e *Significação*, o que para ele pode causar uma certa confusão na análise linguística. Torna-se para nós necessário refletir sobre essa preocupação do genebrino. Por que seria tão necessário distinguir *Valor* e *Significação*. Em trabalho anterior, já havíamos chamando a atenção para o fato de que *Significação* e *Valor* assumem papéis semelhantes em instâncias diferentes, podendo acrescentar agora as divisões de Hjelmslev quanto à língua, consideramos que essa hipótese se torna mais forte. Vejamos como Saussure define o *Valor*: “Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e **o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros [...]**” (Saussure, 2008, 133 – destaques nossos). O *Valor*, portanto, é relativo ao sistema e só a ele, é puro, como frisa Saussure, sendo o resultado da presença simultânea de *termos*, isso é tudo o que o define no sistema. Mas, se assim fosse, totalmente isolado, como poderia ser estabelecido pela massa falante? É então que entra em jogo a *Significação*, podemos dizer que ela estaria na língua *uso*, a qual Hjelmslev propõe opor à língua *esquema*. A *Significação* é o ponto de contato entre a massa falante e o sistema de valores puros. Notadamente, a *Significação* tem o *Valor* por elemento, mas, ao mesmo tempo, pode alterar esses *valores* por novas oposições que estabelece através da massa falante.

Quanto à *Significação*, ele vai defini-la utilizando-se do esquema seguinte:

Figura 13 – O esquema da *Significação* em *julgar*



Fonte: Saussure, 2008, p. 136

Explica então “[...] um conceito ‘julgar’ está unido à imagem acústica *julgar*; numa palavra, simboliza a significação [...]” (Saussure, 2008, p. 136 – destaques do autor). Observe-se que Saussure declara abertamente que a *Significação* se compreende pelo todo, não é uma contraparte, mas é estabelecida na união, ou melhor na interpretação que o sujeito falante faz daquela união. Desse modo, temos o *Significado* como um *Valor* base que não só é o ponto de partida para a interpretação do sujeito falante, como também é constantemente transpassado pelas *Significações* que sustenta. Inevitavelmente parece ser a *Significação* que fornece ao linguista sua unidade mais perceptível de análise, embora Saussure ressalte que a realidade do falante expressa na *Significação* não “[...] exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude.” (Saussure, 2008, p. 136). Está, nesse caso, fazendo referência à língua enquanto *esquema*, aquela que se constitui de valores puros, o que não é o caso da língua *uso*.

4.4.1.2 O *Valor* em seu aspecto material

Saussure já inicia a discussão afirmando que também em relação ao *Significante* há relações de oposição, se assim não fosse, não poderíamos falar de *Valor*. A relação entre o *Valor* e a massa falante torna-se mais transparente quando tomamos o *Significante*, uma vez que o aspecto material da atividade de *Fala* é muito mais evidente do que quando pensamos no *Significado*. Para evidenciar as relações diferenciais, ele explica que “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, **pois elas que levam a significação.**” (Saussure, 2008, p. 137 – destaques nossos). O material, o som, não é o mais importante para a língua, mas, sim, o *Valor* que determina a impressão psíquica tomada a partir de uma porção de massa sonora. Do mesmo modo que o *Significado* é um *Valor*, também o *Significante* o é, misturado a uma *substância* sonora. Quando visualizamos o *Valor* pelo *Significante*, conseguimos melhor apreender como ele, de um modo geral, é um elemento essencial para a constituição da *Significação*.

As diferenças que são estabelecidas pela relação dos *Significantes* permitem que as *Palavras* não se confundam; a isso Saussure acrescenta que são as *Palavras* que levam a *Significação*. Essa unidade, vem repetindo ele, é a *Significação*. Parece-nos que usar *Palavra* ao invés de *Signo* não seja por acaso, mas sim pelo fato de que a primeira tem a característica de transitar do nível menos material até o mais material chegando ao ato comunicativo em si. É a *Palavra* que o sujeito falante capta, essa é a realidade linguística que percebe, ainda que tenha acesso ilimitado ao sistema no conjunto, na coletividade.

Outra proposição importante para considerarmos quanto ao *Valor* em seu aspecto material é que, segundo Saussure, as matérias sonoras são “[...] radicalmente incapazes de chegar, como tais, até as regiões da consciência – a qual não percebe perpetuamente mais que a diferença [...]” (Saussure, 2008, 137). Esse nível de consciência não seria a língua *esquema*, completamente livre das formas materiais, mas sim a língua *uso*, na qual o sujeito falante *emprega* os *Signos* da língua, isto é, na qual as *Palavras* possuem *Significação*. Seria a consciência do sujeito falante que não percebe em primeira instância o som a não ser como mero suporte, o que se lhe apercebe é a diferença entre uma coisa e outra. Assim, Saussure afirma que as leis que alteram um termo no tempo são completamente estranhas às formas materiais; note-se que são estranhas às formas puramente materiais e não ao *Significante* que é, antes de tudo, psíquico. Aliás, há uma insistência de Saussure em afirmar que as contrapartes são psíquicas e não materiais, esta ênfase está ligada à própria teoria do *Valor*, pois se o *Significante* também representa um *Valor*, não pode ser material, embora seja constituído, no *Signo*, de uma *substância*. Desse modo, o *Significante* é o *Valor* amalgamado a uma *substância* fônica. Essa relação, contudo, não é endurecida, pelo contrário, é flexibilizada pela arbitrariedade, que, por sua vez, é fruto do fato social da língua.

O genebrino conclui então a argumentação afirmando que o elemento material não se confunde com o *Valor* que o usa de suporte, e essa é uma característica de um sistema de valores: “[...] não é o metal da moeda que lhe fixa o valor; um escudo, que vale nominalmente cinco francos, contém apenas a metade dessa importância em prata; valerá mais ou menos com esta ou aquela efígie, mais ou menos aquém ou além de uma fronteira política.” (Saussure, 2008, p. 137). O som não vale por si só, é capturado pela língua para sua *substância*, sendo, esta sim, de maior relevância para os estudos linguísticos. A matéria, assim como o metal da moeda que é cortado, trabalhado e modelado para receber uma efígie, o som é transformado pela língua em *substância* significativa para ser suporte de um *Significante*. O *Valor* não está no metal da moeda, pois ele em si, pode valer muito menos do que o valor que representa, do mesmo modo a *substância* tem seu *Valor* definido pelo *Significante* que suporta e pela diferença com os outros *Significantes* do sistema.

4.4.1.3 O *Valor* considerado na totalidade do *Signo*

Chegamos então à totalidade do *Signo*. No título dos editores, tem-se a impressão de que o assunto tenha mudado, passa-se de *Valor* para *Signo*, mas, em realidade, o genebrino

volta, agora, o olhar para o *Valor* considerando-o na entidade global, na junção entre *Significado* e *Significante*, e esse é um detalhe importante para a nossa reflexão.

Saussure faz um breve resumo do que vem argumentando e reafirma que a língua se constitui num sistema que só comporta diferenças, acrescentando que diferença supõe termos positivos aos quais possamos diferenciar, contudo, isso não é uma realidade na língua, pois esta, além de estabelecer relações diferenciais, também se constitui por relações negativas; equivale a dizer que na língua nada é alguma coisa, mas tudo pode vir a ser algo, isto é, tudo pode ter um *Valor*, sendo este o passo impreterível para se constituir a *Significação*. Mas essa negatividade só é total em relação à língua *esquema*, ao sistema de valores puros, por isso, faz questão de esclarecer que “[...] dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, **achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.**” (Saussure, 2008, p. 139 – destaques nossos).

Arrivé (2010), ao comentar o CLG, afirma que a comunicação seria impossível se a língua só comportasse termos positivos. No ELG, Saussure também assinala que o sujeito falante seria incapaz de dar conta da língua, isto é, de se comunicar se tudo o que percebesse fossem termos negativos. Portanto, essa afirmação do CLG, além de dar conta de críticas, com argumentação racional, também se mostra em consonância com escritos bem anteriores aos cursos de Genebra. A citação é bastante reveladora do mestre e nos impõe algumas reflexões. A negatividade, tão inerente ao *Valor*, que por sua vez é a essência da língua, só pode ser cooptado em relação ao *Significado* ou ao *Significante* separadamente; em outras palavras, a negatividade corresponde aos *termos* do sistema, quando os tomamos em conjunto, no *Signo*, temos algo positivo, não é mais uma relação negativa, mas ainda é uma relação diferencial. Como já vimos defendendo, nossa leitura é de que a *Significação* é a positividade da língua, entendendo positividade como a percepção, a interpretação do sujeito dos *Signos* de sua língua.

A parte final, a qual destacamos, também nos traz uma reflexão importante, uma vez que toca na questão da *ordem*. Já vimos que Saussure enfatiza que a língua tem sua ordem própria e isso é uma marca importante de sua teorização. Normand (2009) afirma que a teorização do genebrino vai além da definição dos termos que usa, ela tem por finalidade chegar a essa característica marcante da língua que é ter sua ordem própria. Considerando isso, como podemos compreender que o *Signo* ou a *Palavra* seja algo positivo em sua *ordem*? A leitura que fazemos é partindo de Hjelmslev. A língua como um sistema de valores puros é negativa e diferencial, não comportando fatos positivos, nela só podemos considerar o *Significante* ou o *Significado* separadamente, contudo, da língua *esquema* para a língua *uso* podemos nos

encontrar em uma ordem positiva, já que se entende que seja a língua o conjunto de hábitos e comportamentos linguísticos da massa falante. Ora, essa descrição também envolve a *Significação*, isto é, a interpretação ou interpretações do *Signo* pela massa falante. Podem várias *Significações* atravessar um *Significado*, mas nenhum deles faz isso sem a sanção da comunidade, é a interpretação positiva que faz do *Signo* que estabelece as *Significações*. Nesse sentido, a oposição de Hjelmslev entre *esquema* e *uso* parece ser mais evidente. Teríamos então uma ordem negativa, a da forma pura da língua e uma ordem positiva, estabelecida pelos hábitos da comunidade linguística.

Assim como Hjelmslev (1959) afirma que o *esquema* pressupõe a *norma* e o *uso*, podemos também entender que o sistema negativo e diferencial pressupõe o positivo e diferencial, não outro sistema, mas outra ordem. Saussure, quanto a estas ordens, assevera o seguinte:

Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, **pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças.** (Saussure, 2008, p. 140 – destaques nossos)

De Mauro (1967) destaca a grande relevância dessa passagem em que Saussure demonstra compreender ser o *Signo* a entidade concreta da língua, apesar de deixar claro que essa unidade concreta é fruto de relações negativas e diferenciais de *termos* abstratos. Nossa leitura diverge da de De Mauro no que Saussure considera a entidade concreta, real da língua. Não compreendemos que seja o *Signo*, a entidade global, mas a interpretação que o sujeito falante faz dele, ou seja, a *Significação*. De Mauro (1967) também destaca que a informação de que o fato negativo é “a única espécie de fatos” que a língua comporta é uma adição dos editores do CLG. Significaria isso que o genebrino considera também os fatos positivos como comportáveis à língua, pelo menos na língua enquanto *uso*? É uma possibilidade, mas é mister lembrar que no ELG, Saussure fala da positividade como uma ilusão do sujeito falante, não que ela seja uma realidade na língua, mas se torna necessário ao falante ter fatos positivos para o ato comunicativo. Então a própria negatividade do sistema de valores puros, essa característica de não ser nada, mas de, ao mesmo tempo, comportar o ser alguma coisa, permite ao sujeito a ilusão de algo que é, ilusão necessária para a língua *uso*, para que sejam firmados os hábitos linguísticos da comunidade.

A citação ainda traz outro detalhe importante na parte final, a qual destacamos, sobre o paralelismo entre duas ordens de diferenças. A princípio podemos compreender que ele está se referindo ao *Significado* e ao *Significante*, duas ordens de diferenças que a instituição linguística

coloca em paralelo, todavia a *Significação* também comporta diferenças, ou, usando o termo saussuriano, oposição; não só comporta como também contribui com as oposições do sistema. O que não lhe cabe é a negatividade, pertencente a outra ordem, mas a diferença é característica herdada de sua base que é o *Valor*, de modo que o paralelismo de que trata Saussure pode ser pensado também em relação a ordem da língua *esquema*, negativa e diferencial, e a ordem da língua *uso*, positiva e diferencial ou opositiva.

Quanto a afirmação que fizemos, cabe ainda uma explicação. Saussure afirma que, quando estamos diante de algo positivo, não é correto usar o termo *diferença*, pois este é melhor aplicado ao *Significado* ou ao *Significante*; quando nos colocamos no plano do *Signo*, na ordem das coisas positivas, Saussure opta por falar em oposição e não em diferenças. Segundo ele, a relação entre os *Signos* é de distinção e não de diferença. Embora, na prática, seja difícil compreender a dessemelhança entre *distinção* e *diferença*, De Mauro (1967) afirma que Saussure insiste que a distinção entre os *Signos* não é a mesma que a relação diferencial do sistema. Talvez o que o genebrino queira frisar não seja o fato de que uma ordem positiva não possa comportar diferenças, uma vez que ele mesmo havia dito que “[...] diferença supõe em geral termos positivos entre os quais se estabelece” (Saussure, 2008, p. 139); logo, compreendemos que a ênfase de Saussure é na diferença de ordem: a língua *esquema* que só comporta *termos* negativos e diferenciais, mas que pressupõe a positividade, a *Significação* na ordem da língua *uso*.

4.4.2 Uma gramática do sentido

A teoria do *Valor* tem fortes ligações com a questão semântica, mas para Simon Bouquet, é muito mais do que uma ligação, do que o que nos remete à questão semântica; para ele, a semântica é o cerne da discussão saussuriana, é o grande norte da bússola de sua Epistemologia Programática: “É inegavelmente nos quadrantes semânticos que habita o que está essencialmente em jogo no projeto epistemológico saussuriano, tanto no plano da linguística da língua quanto no plano da linguística da fala [...]” (Bouquet, 2004, p. 223). O autor ainda afirma que Saussure visualizava uma semântica sincrônica, senda esta a finalidade das teorizações de sua epistemologia.

A leitura que Bouquet faz da obra de Saussure parte da teoria do *Signo* é sobre ela que está todo o peso de sua argumentação; chega a dizer que “Il n’y a pas de définition saussurienne

du sens hors d'une théorie du signe¹⁶⁴.” (Bouquet, 2000, p. 137). Ele compreende que a teoria do *Signo* é o grande ponto de inserção da semântica como questão central da epistemologia de Saussure. Essa leitura de Bouquet não é isolada de outros teóricos; os próprios editores perceberam nessa teoria os alicerces de uma futura semântica. No livro *Fundamentos da linguística contemporânea*, Edward Lopes também apresenta uma visão semelhante quanto à teoria do *Signo*. Segundo ele “Ao conceber o signo linguístico como uma unidade de significante mais *significado*, Saussure *reintroduzia* a Semântica no corpo da Linguística e reativava o interesse, então adormecido, pelos estudos dessa área.” (Lopes, 2008, p. 234 – destaques do autor). O autor destaca ainda que Saussure foi o pioneiro de uma semântica estrutural. Portanto, parece haver um certo consenso de que a teoria do *Signo* engata uma semântica seja ela estrutural ou a programática de Bouquet. Contudo a grande questão é que outros tantos autores percebem que a teoria do signo é substituída, na obra do genebrino, pela teoria do *Valor*, entre os quais podemos citar Milner (2008), Normand (2009), Lier-DeVitto (2018), Faria (2020). Alguns acreditam que, mais do que substituída, a teoria do signo foi mesmo abandonada.

Faria (2020) dedicou um artigo a essa questão e constatou que Saussure recebe o *Signo* como uma herança do modelo comparatista, iniciando sua teorização a partir desse modelo de *Signo*, sobre o qual firma uma teoria da língua como sistema de *Signos*, todavia, a autora acompanha o seu rápido desaparecimento. Constata ela que o

[...] *signo* cede seu protagonismo a um novo conceito, desta feita, *valor*. O index presente na edição do terceiro curso com a qual estamos trabalhando nos faz constatar que, **a partir deste momento até o final das aulas, ocorre uma diminuição flagrante do uso de *signo*** e a recorrência mais consistente do termo *valor*. (Faria, 2020, p. 15 – destaques da autora em itálico e nossos em negrito)

Observe-se que a diminuição é “flagrante”, de modo que a ideia de *Valor* vai sobressaindo no TCLG, que é o modelo máximo para o CLG. De fato, há duas teorias de língua, ou três, segundo Hjelmslev (1959), mas das que mais se destacaram temos a língua enquanto sistema de *Signos* e da língua enquanto sistema de valores puros. Fica-nos uma questão importantíssima: A teoria do *Signo* foi rejeitada pelo genebrino? O *Signo* foi recusado como unidade de análise? A resposta a que chega Faria (2020), acompanhando Milner (2008) é de que houve uma tentativa de abandono do *Signo*, mas Saussure não conseguiu fazê-lo por ser este, justamente, o ponto de partida de sua análise.

Simon Bouquet não compreende que sejam teorias opositivas, isto é, que uma possa vir a anular a outra, mas sim, que se complementam. Como já vimos, Hjelmslev também não

¹⁶⁴ “Não há definição saussuriana do sentido fora de uma teoria do signo.” (Tradução nossa)

encontrou contradição ou exclusão nessas concepções de língua, mas níveis diferentes de um mesmo sistema em relação com a *Fala*. Desse modo, Bouquet apresenta sua leitura de Saussure harmonizando, de certa forma, essas concepções de língua, assim como o linguista dinamarquês.

Bouquet busca não só harmonizar as duas teorias saussurianas como também quer demonstrar o entrelaçamento entre a Linguística da língua e a Linguística da fala através da explanação de uma gramática do sentido em Saussure. Assim, ele apresenta o objeto semântico de acordo com o mestre:

Com efeito, se à primeira vista a unidade semântica não parece apreensível, a caracterização do signo linguístico implica, desde que seja considerada a associação entre um significante e um significado, o fato de o objeto estar inteiramente presente, tão concreto no plano semântico quanto no plano fonológico. (Bouquet, 2004, p. 242)

Para Bouquet, a unidade semântica parece inapreensível à primeira vista pelo fato de que o *Valor* é deveras abstrato. Essa qualidade de negatividade e diferença indica também uma determinada barreira no plano semântico, que remete ao *Sentido* e, mais especificamente à *Significação*. O sujeito falante não dá conta de um sistema totalmente negativo e diferencial; é nesse ponto que a teoria do *Signo* se imbrica com a teoria do *Valor*, pois é por meio do *Signo* que se explica o *Valor*. A colocação de Bouquet também demonstra que a unidade semântica chama a *Fala*, uma vez que está presente nos dois planos, semântico e fonológico.

Continuando a defesa de sua tese, Bouquet também sustenta que a unidade semântica é uma unidade concreta da língua. Tomando algumas citações do SCLG, que nós analisamos na seção anterior, ele afirma que, para Saussure, o concreto está associado ao sentimento do sujeito falante, ou seja, aquilo que ele percebe como unidade da língua é uma unidade da língua; o sujeito falante é autoridade no plano sincrônico. Essa defesa de Bouquet tem por finalidade ressaltar a gramática do sentido, pois se a unidade concreta da língua é a *Significação*, o *Emprego*, a *Interpretação*, como poder-se-ia negar a base semântica da teoria saussuriana?

Bouquet recorre também a algumas passagens-chaves dos ELG para discutir como a teoria do signo sustenta toda uma base semântica juntamente ou conjuntamente com a teoria do valor. Em determinado momento, ele retoma a ciência dos signos, isto é, a Semiologia, na definição que o genebrino lhe outorga: “Sémiologie = morphologie, grammaire, syntaxe, synonymie, rhétorique, stylistique, lexicologie, etc. – le tout étant inseparable.” (Saussure, ELG, *apud* Bouquet, 2000, p. 138). Bouquet compreende que esta definição de Semiologia compromete a Semântica saussuriana tanto com a Linguística da língua quanto com a Linguística da fala, de modo que não se pode encontrá-la encerrada apenas na cadeia da língua. A semântica saussuriana, embasada na teoria do signo, comporta, inclusive, o discurso,

entendido não apenas como sinônimo de *Fala*, ou como um texto preparado e lido para uma assembleia, mas como “énoncé linguistique en acte¹⁶⁵” (Bouquet, 1999, p. 23). Assim, Bouquet (1999), no âmago de seus escritos, defende que o discurso é também considerado na semântica sincrônica de Saussure, apontando para o fato de que a grande característica da teoria do *Valor*, a grande inovação saussuriana, é “[...] être conçue comme indissolublement **située entre langue et discours**, elle délimite deux ordres¹⁶⁶.” (Bouquet, 1999, p. 34 – destaques nossos). Então, explica que a primeira ordem seria a mental, sinônimo de sincrônico, pois é referente ao sujeito falante e as combinações das relações associativas; ressalta ainda que esse “mental” deve ser entendido como “gramatical”, ou seja, é gramatical o que tem sentido e ter sentido está ligado ao reconhecimento do sujeito falante. Já a ordem discursiva, inevitavelmente ligada às relações sintagmáticas que se materializam na *Fala*, Bouquet (1999) afirma estar no plano da diacronia, mas não no sentido das substituições no tempo, mas entendida como um outro efeito diacrônico, tal qual foi falado também por Arrivé (2010) em que o tempo relacionado à atividade da *Fala* também é diacrônico. Dessa forma, ele afirma que só é possível interpretar os seguimentos semânticos na ordem discursiva, pois não há sentido fora do

[...] « **moment de l’interprétation** » d’un texte situé dans un contexte et dans un intertexte —, ces segments de langage prennent sens au **point de rencontre de la synchronie de la langue et de la diachronie** (contextuelle, intertextuelle) du discours¹⁶⁷. (Bouquet, 1999, p. 35 – destaques nossos em negrito)

A leitura de Bouquet está enquadrada no que vimos discutindo desde os cadernos dos alunos, da *Significação* como *interpretação* do sujeito falante, corroborando com o papel central que Saussure concede a este em sua teorização. Outro ponto de encontro entre nossa leitura e a de Bouquet é o ponto de interseção entre a sincronia e a diacronia, a nosso ver bem destacado pelo genebrino em seu esquema metodológico. A visão de Bouquet é de que esse ponto de intersecção é também o ponto em que se dá o fenômeno essencial da semântica sincrônica; dizemos essencial pelo fato de Bouquet situar a teoria do *Valor* entre os eixos (associativo/sintagmático, sincronia/diacronia e, por fim, língua/*Fala*).

Bouquet (1999) ainda aponta mais dois detalhes da obra de Saussure para sustentar que a ordem discursiva se fazia presente em sua teorização. O primeiro é de que essa ordem se apresentava com outros termos como “atos de linguagem”, “jogo da linguagem” e “vontade”. Interessante, sobretudo, o último elemento pelo qual Bouquet reconhece a ordem discursiva,

¹⁶⁵ “enunciado linguístico em ato”. (Tradução nossa)

¹⁶⁶ “[...] ser concebida como indissolivelmente situada entre língua e discurso, ela delimita duas ordens.” (Tradução nossa)

¹⁶⁷ “[...] <<momento da interpretação>> de um texto situado em um contexto e em um intertexto – estes seguimentos da linguagem tomam sentido no ponto de encontro da sincronia da língua e da diacronia (contextual, intertextual) do discurso.” (Tradução nossa)

pois, de fato, o discurso implica uma vontade ou intenção que é perfeitamente cabível à *Fala* na teorização de Saussure. O segundo detalhe é o uso do termo “signo da fala”, que aparece no manuscrito *Novos Item*, neste manuscrito, Saussure também dirá que as inovações são produtos da linguagem discursiva. À afirmação de Bouquet, podemos ajuntar a expressão *Signo Vocal* que aparece no manuscrito EDL para definir o domínio linguístico e que, conseqüentemente, remonta a um domínio que não é apenas da língua, mas sim do binômio língua/*Fala*.

Toda a argumentação de Bouquet quer demonstrar como a Linguística saussuriana é um todo, um conjunto e não um esfacelamento desta, de modo a deixar Saussure muito mais conhecido por suas dicotomias, do que pelo conjunto que previra em sua Epistemologia Programática.

A ideia de que o discurso seja comportado na Epistemologia Programática de Saussure não é uma exclusividade de Bouquet. Testenoire (2016) elabora um texto abordando o que as teorias do discurso devem a Saussure e chega a conclusão que é, sobretudo, pelos manuscritos que está se repensando as teorias do discurso a partir de Saussure. A esta mesma conclusão chega Ablali (2016) que demonstra como o surgimento de novos manuscritos agitou as discussões sobre o discurso no escopo saussuriano.

Assumimos com Simon Bouquet uma Epistemologia Programática que tem como cerne uma questão semântica, da qual o *Valor* é uma das expressões, mas não a única, uma vez que temos a *Significação* também como um elemento dessa semântica saussuriana. Apesar dessas concordâncias, nos afastamos de Bouquet em dois pontos essenciais. O primeiro deles é em sua visão quanto ao CLG, o qual não considera como parte da genuína reflexão saussuriana, o que vai de encontro a outros autores consagrados como Godel, De Mauro, Normand, Arrivé, etc. Embora tenha uma leitura brilhante, deixa de lado a obra que tem um caráter fundador da linguística e que, como vimos no início desta seção, não pode ser desvinculada do nome de Saussure. A reflexão da teoria saussuriana se completa partindo do CLG, atravessando-o ou chegando a ele, como buscamos fazer nesta tese.

O segundo ponto de afastamento vem do fato de que a leitura de Bouquet não prevê que haja uma tentativa de separação dos termos da órbita semântica saussuriana. Segundo Bouquet (2000), os manuscritos saussurianos estabelecem que o genebrino “[...] n'a jamais, contrairement à ce qui a été parfois hâtivement dit sur la foi de citations décontextualisées, voulu différencier les acceptions de *sens*, *signification*, *valeur* ou *signifié*”¹⁶⁸. (Bouquet, 2000, p. 137). Nossa leitura e análise do *corpus* trabalhado nos leva a uma direção diferente. As

¹⁶⁸ “[...] nunca, ao contrário do que se tem dito apressadamente a partir de citações descontextualizadas, quis diferenciar as acepções de *sentido*, *significação*, *valor* e *significado*. (Tradução nossa)

oscilações, inovações ou reinterpretações de termos parecem indicar uma precisão a que deseja chegar o genebrino, ainda que não tenha, de fato, chegado a um resultado canônico de seus termos semânticos.

4.4.3 A *Significação* em André Burger

Nas consagradas notas da edição crítica do CLG de Tullio de Mauro, somos apresentados a um autor, André Burger, que elaborou um artigo sobre *Valor e Significação*, publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* em 1961. Este autor tem o êxito de fazer com que Robert Godel mudasse sua visão em relação aos termos *Significação* e *Sentido*, os quais considerava como sinônimos de *Significado*, de modo a considerar os dois primeiros termos como inúteis (De Mauro, 1967). Godel faz uma retificação de sua leitura após a publicação do artigo de Burger (De Mauro, 1967). Esse artigo de Burger traz importantes reflexões também para nossa tese.

Burger (1961) já inicia afirmando que Saussure faz uma distinção explícita entre *Valor* e *Significação*, a qual já discutimos, apontando para o fato de que, encontra paralelos nos textos dos cadernos dos cursos de Linguística Geral. Essa distinção, para Burger, remonta ao genuíno pensamento saussuriano. Ao contrário de Bouquet (2000), Burger compreende uma distinção essencial na teorização saussuriana, pois não se pode, na argumentação de Saussure, trocar *Valor* por *Significação* ou *Significado*, pois são elementos de ordens distintas.

A distinção de termos que Burger identifica não se limita apenas em relação ao *Valor* e a *Significação*, mas também em relação a *Significação* e ao *Significado*. Embora o autor encontre algumas passagens em que o primeiro é tomado como sinônimo do segundo, ele declara que se trata de um esboço inicial, que foi aperfeiçoado pelo genebrino, haja vista que ele chega, em meados do TCLG, a sua terminologia mais conhecida *Significado*, de modo que podemos compreender um movimento de busca por parte do genebrino, um aperfeiçoamento da terminologia. Burger chega então a uma caracterização que ele acredita estar em consonância com os escritos de Saussure: “La signification serait donc un élément du signifié¹⁶⁹.” (Burger, 1961, p. 7). Para endossar sua tese, ele retoma os comentários de Saussure quanto à polissemia; explicando que conceber *Significação* e *Significado* como um mesmo elemento seria ir de encontro a um preceito fundamental de Saussure, o de que a língua não é uma nomenclatura. Constantemente Saussure retoma a expressão “conjunto de significações”, que não quer dizer

¹⁶⁹ “A significação será, portanto, um elemento do significado.” (Tradução nossa)

um monte de *Significados*, isso nos permite compreender que o *Significado* é perpassado por mais de uma *Significação*, que formam um conjunto. Se tomarmos estes dois termos por sinônimos, segundo Burger, “[...] on ne pourrait parler que d'un système de classement, non d'un système de valeurs se déterminant réciproquement¹⁷⁰.” (Burger, 1961, p. 7). O autor coloca sua argumentação da distinção dos termos no centro da questão, ou seja, ele percebe que essa distinção é importante até mesmo para se chegar à definição correta de língua proposta por Saussure. Após acentuar a importância da não sinonímia entre *Significação* e *Significado*, Burger demonstra ter uma visão além do estruturalismo que sustentou as famosas exclusões da Linguística; ele situa a *Significação* no discurso:

[...] si la langue est un système de valeurs, si c'est de la valeur que dépend le sens, **cela signifie que c'est la valeur, entité purement virtuelle, qui permet la manifestation, dans le discours**, de significations diverses mais qui toutes dépendent des rapports qu'elle entretient avec les autres valeurs du système¹⁷¹. (Burger, 1961, p. 7 – destaques nossos).

O pensamento de Burger é mais próximo da leitura que nós mesmo fazemos da *Significação*. Observemos como ele entrelaça a *Significação* e o *Valor*, ressaltando que este é a base para as manifestações daquela. Destacamos também o fato de Burger usar a expressão “entidade virtual” para se referir ao *Valor*. Vimos defendendo que a *Significação* se apresenta como o real, como uma unidade concreta, e essa citação de Burger nos permite pensar nesse paralelo entre uma unidade virtual e uma unidade concreta, fortalecendo nossa ideia de que *Significação* e *Valor* possuem funções semelhantes em ordens distintas o que causa uma grande confusão pela semelhança, mas que, ao mesmo tempo, exige essa distinção para a compreensão do funcionamento da língua na perspectiva saussuriana.

Burger insiste em que a *Significação* é um elemento do *Significado* e para ratificar sua alegação, retoma a ideia de polissemia, afirmando que esta não é um fenômeno excepcional ou esporádico, mas que é inerente à natureza da língua; assim pôde definir *Significado* como “[...] l'ensemble des significations qui se manifestent dans le discours [...]” (Burger, 1961, p. 7). A partir dessa definição, Burger afirma que encontrar o *Valor* não é só fazer um inventário da língua, como no caso de dicionários ou gramáticas, mas passar das *Significações* aos valores, uma vez que “Ce n'est pas la valeur qui se réalise dans la parole, mais les significations¹⁷².” (Burger, 1961, p. 8).

¹⁷⁰ “[...] não poderíamos falar a não ser de um sistema de classificação, não de um sistema de valores se determinando reciprocamente.” (Tradução nossa)

¹⁷¹ “[...] se a língua é um sistema de valores, se é do valor que depende o sentido, isso significa que é o valor, entidade puramente virtual, que permite a manifestação, no discurso, de significações diversas, mas que todas dependem das relações que ele mantém com os outros valores do sistema.” (Tradução nossa)

¹⁷² “Não é o valor que se realiza na fala, mas as significações.” (Tradução nossa)

De Mauro (1961) afirma que as ideias de Burger sobre a *Significação* aproximam-se do que Bally, posteriormente, formulou quanto a este termo, situando-o no discurso. Contudo, Bally não procura sustentar suas afirmações no CLG, estas partem de suas pesquisas no campo da Estilística, pois, para ele, Saussure nunca definiu a *Significação*. Já Sechehaye, assim como Burger encontra no discurso o lugar da *Significação*: “Je crois avoir bien interprété cette énigme: signification et sens sont synonymes et ce qui entoure doit vouloir dire l’occasion, le contexte, et non les rapports qui établissent la valeur comme on pourrait le croire¹⁷³.” (Sechehaye, 1916 apud Pétroff, 2007, p. 214). Assim como Sechehaye, Burger compreende que *Sentido* e *Significação* são sinônimos, sendo esse um ponto de cisão entre nossas interpretações da teorização saussuriana. Postulamos, como Burger, que as distinções de alguns termos são essenciais para entender o conjunto das ideias de Saussure, sobretudo no plano semântico e discursivo, e, para isso, em nossa análise, a diferenciação entre *Significação* e *Sentido* é tão importante quanto a que ele faz entre *Significado* e *Significação*, uma vez que apreendemos *Sentido* como a *substância* tomada e transformada na e pela língua para seu suporte material, sendo também esta o vestígio material do *Significado* que é levado no tempo. Para todos os efeitos, nossa análise partiu da ideia de que *Significação* e *Sentido* não são um mesmo elemento, nem sequer possuem a mesma função, embora estejam tão interligadas quanto os outros termos da órbita semântica saussuriana.

4.4.4 A *Significação* em André-Jean Pétroff

André-Jean Pétroff, dedicou-se à pesquisa dos manuscritos que compuseram o CLG, isto é, dos cadernos dos alunos, além de manuscritos autógrafos. Seu livro *Saussure: la langue, l’ordre e le désordre*, publicado pela primeira vez em 2004, recebeu o prefácio de um dos grandes nomes na pesquisa saussuriana, Rudolf Engler, um dos editores do ELG. Pétroff também discutiu, nesse livro, sobre a *Significação*.

Ele reconhece, assim como Burger, que há uma distinção entre os termos *Valor*, *Significação* e *Significado* e postula que essa distinção é fundamental no escopo da obra saussuriana. Também se aproxima da visão de Burger quanto a visão de sinonímia entre *Significação* e *Sentido*. Um último ponto de concordância entre eles é o discurso como o lugar da *Significação*.

¹⁷³ “Eu creio ter interpretado bem este enigma: significação e sentido são sinônimos e o que os rodeia deve ser a ocasião, o contexto, e não as relações que estabelecem o valor como poderíamos crer.” (Tradução nossa)

O que se destaca no trabalho de Pétroff é que sua argumentação segue a lógica um tanto matemática da qual está impregnada a obra de Saussure com suas fórmulas e esquemas, que muito a remetem a fixação positivista para a ciência da língua. É por meio de uma fórmula que Pétroff define a *Significação*, mas antes de chegar a ela, acompanhemos sua argumentação.

Principia sua linha de raciocínio com a fala de Saussure que complementa o exemplo da folha de papel. O genebrino diz que os valores se constituem por coisas dessemelhantes, que se podem trocar, e por coisas semelhantes que se podem comparar. Pétroff, inspirado no esquema saussuriano apresenta o seguinte: $\frac{\text{dessemelhante}}{\text{semelhante}}$. No esquema de Saussure, as flechas, como sempre, apontam para as relações horizontais, isto é, entre coisas semelhantes, e as verticais, entre coisas dessemelhantes. Segundo Pétroff, são estes dois eixos, em conjunto, que constituem o *Valor* linguístico. Além disso, explica, em relação às coisas dessemelhantes que “La <<chose échangeable>>, c’est donc la signification d’un terme dans le discours, et en même temps c’est la comparaison à l’intérieurs d’un système de valeurs¹⁷⁴.” (Pétroff, 2007, p. 216). Com isso, Pétroff estabelece uma relação de interdependência entre *Valor* e *Significação*. Essa relação, segundo ele, na realidade, é a expressão de outra ainda maior que é a de língua e *Fala*.

Pétroff situa a *Significação* no discurso, porém vai diferir tanto de Burger (1961) quanto do próprio editor do CLG Albert Sechehaye. Retomando o exemplo de Saussure quanto à palavra *mouton*, ele explica que entre a palavra francesa e a inglesa *mutton* poderia haver uma mesma *Significação* se não fosse o sistema de valores diferentes entre as línguas que coloca a palavra *sheep* em relação com *mutton*, limitando a *Significação* desta, o que não acontece na palavra francesa¹⁷⁵. Dito de outro modo, Pétroff está enfatizando o papel do *Valor* na constituição da *Significação*. Faz, então, uma correção na visão de Sechehaye, demarcando seu afastamento teórico: “Ce qui entoure ne veut pas dire l’occasion, le contexte, comme le pensait Sechehaye, mais les autres termes d’un système de valeurs donné¹⁷⁶.” (Pétroff, 2007, p. 216). É preciso observar o cuidado que o autor tem no uso das palavras, pois toma, exatamente, a palavra *termo* para se referir aos elementos do sistema, esta palavra que Saussure elege para designar os elementos quando referentes a essa mais profunda camada da língua. Além disso,

¹⁷⁴ “A <<coisa cambéavel>> é, portanto, a significação de um termo no discurso e, ao mesmo tempo, é a comparação ao interior de um sistema de valores.” (Tradução nossa)

¹⁷⁵ É claro que Pétroff compreende que a palavra francesa pode sofrer outras limitações quanto à *Significação*, mas ele está se referindo ao ponto específico abordado por Saussure, ou seja, o animal no campo e a carne do animal servido à mesa.

¹⁷⁶ “Isso que está ao redor não quer dizer a ocasião, o contexto, como o pensava Sechehaye, mas os outros termos de um sistema de valores dados.” (Tradução nossa)

Pétróff não compreende que, na teorização do genebrino, a *Significação* estivesse ligada ao contexto, mas sim ao sistema que sustenta sua realização no discurso.

Prosseguindo com sua linha de raciocínio, Pétróff relembra que Saussure se refere ao *Significado* como um resumo do *Valor* no *Signo*, então afirma que, em sua leitura da obra do mestre, compreende que a *Significação* é um elemento do *Significado*, desse modo, o *Significado* provém da dualidade $\frac{\text{Valor}}{\text{Significação}}$. Essa seria, em sua visão a constituição do *Significado*, de sorte que a fórmula final do *Signo* linguístico deveria ser transcrita do seguinte modo: $\frac{\text{Significado} \left(\frac{\text{Valor}}{\text{Significação}} \right)}{\text{Significante}}$. Essa formulação, elaborada por Pétróff, é apresentada pelo autor como essencial para que não se compreenda a língua como nomenclatura, pois a fórmula $\frac{\text{Significado}}{\text{Significante}}$ não representaria nada além dessa língua como nomenclatura.

Todas essas fórmulas que Pétróff tem o cuidado de apresentar, ajuntando às de Saussure suas próprias, pretende dar conta dessa carga semântica do genebrino que nos parece, realmente, incontornável. O autor chega a uma leitura bem particular e que difere de outras leituras famosas que pensaram sobre a questão; seu foco parece não ter sido nem a *Significação*, nem o *Valor*, mas sim, o *Significado* e o próprio *Signo*; isso se pode justificar pela colocação com que encerra a parte dedicada a à *Significação*:

On constate la différence radicale entre la démarche du C.L.G. et celle de Saussure. Saussure n'impose pas une définition du signe comme un concept primitif [...], mais comme le point d'arrivée de toute une démarche de reconnaissance, de toute une analyse scientifique¹⁷⁷. (Pétróff, 2007, p. 217)

Pétróff, assim como Simon Bouquet, percebe na teoria do signo o cerne semântico da obra de Saussure, de modo que se esmera em compreender a estrutura do *Signo* e apresentá-la de um modo mais adequado, de um modo que mais próximo estivesse desse ponto de chegada que almejou Saussure, não abandonando o *Signo* ou mesmo o tomando como o conceito primitivo herdado da Gramática Comparada, mas como um conceito novo que servisse de modelo de análise para uma Gramática do Sentido – tomando os termos de Bouquet (2004).

O esquema apresentado por Pétróff pode ser esclarecedor para compreender alguns aspectos da *Significação*, embora não partilhemos das mesmas conclusões que esse autor. Uma das características que Pétróff consegue expor é a relação – nos parece intrínseca – entre *Valor* e *Significação*. Esse fato fica bem claro quando Pétróff relembra que o *Significado* é um resumo do *Valor* e atrela a isso o papel da *Significação* na constituição desse resumo. O autor nos

¹⁷⁷ “Constatamos a diferença radical entre a abordagem do CLG e a de Saussure. Saussure não impõe uma definição do signo como um conceito primitivo [...], mas como o ponto de chegada de toda uma metodologia de reconhecimento, de toda uma análise científica.” (Tradução nossa)

chamou a atenção para essa relação que pode endossar o que já havíamos postulado e que parece ser ignorado por ele, que é o fato de que *Valor* e *Significação* assumem funções idênticas em ordens diferentes: o primeiro na ordem negativa e diferencial do sistema; a segunda positiva, opositiva e distintiva (ou diferencial) na ordem discursiva, compreendendo que essa ordem está atrelada à língua *uso* de Hjelmslev, que se constitui nos hábitos linguísticos e, acrescentamos, discursivos de uma comunidade.

O papel da *Significação* no *Significado* nos parece claro na obra de Saussure, este é atravessado não por uma, mas por várias *Significações*, como bem enfatizou Burger (1961), por um conjunto de *Significações*. O que tanto Burger quanto Pétroff destacam é a qualidade captável do *Significado*, ou seja, aquilo que pode ser apreendido, descrito, dicionarizado por lexicógrafos e gramáticos. Para nós, isso se constitui uma reflexão importante, uma vez que a maior parte dos trabalhos que se debruçam sobre o escopo saussuriano apontam apenas para a característica perdurável do *Significante* no tempo, isto é, diacronicamente só é analisável os resquícios de uma matéria do *Significante*, quando na realidade, o *Significado* também traz em si uma matéria, a que chamamos de *Sentido* e que, tanto quanto a matéria do *Significante* pode resistir ao tempo, sendo passível a algum tipo de análise; afinal há disciplinas como a Etimologia que analisam esses *Significados* no tempo e isso se dá por meio de sua matéria significativa, ou seja, o *Sentido*. Na realidade, considerando que o *Valor* também se faz presente no plano do *Significante* as duas contrapartes são resumos *lato sensu* do *Valor* e *stricto sensu* do *Valor* e da *Significação*.

Nos afastamos do pensamento de Pétroff na ideia geral que faz da *Significação*, pois se atendo muito mais em compreender a constituição do *Significado* deixou seu entendimento de *Significação* oblíquo. Ele afirma que, tomando o *Signo* na estrutura apresentada no CLG, isto é, de *Significado/Significante*, não podemos ver mais do que a *Significação*. Até essa parte é o que o próprio Saussure diz, que tomadas em conjunto as contrapartes, temos a *Significação*, contudo para Pétroff esta visão transforma a língua em uma nomenclatura, pois apresenta a língua como um sistema de *Signos*. Sua conclusão parece ir de encontro com sua colocação de que *Significação* está no plano discursivo. Além disso, Pétroff situa a *Significação* no plano discursivo, *a priori*, apenas para dar-lhe um lugar, mas quando desconsidera o contexto e a situação apontados por Sechehaye está desconstruindo o que se entende por plano discursivo, a menos que tenha, como outros autores, o entendimento de discurso unicamente como sinônimo de *Fala*. Pétroff não erra em apontar o *Valor* como a base de sustentação de qualquer *Significação*, há sim uma relação, mas, a nosso ver, não de dependência, mas de interdependência em que a *Significação* depende dos valores estabelecidos entre os *termos* do

sistema, entretanto, ao mesmo tempo, ela também estabelece oposições e distinções na estrutura do *Signo* que alimentam as relações diferenciais entre os *termos* do sistema.

A *Significação* em Pétroff não está bem definida a não ser enquanto elemento do *Significado* e, apesar de defender a teoria do *Signo* como o ponto de chegada da reflexão saussuriana, não compreende a língua como sistema de signos; a grande virada de Saussure, pare ele, é o entendimento da língua como um sistema de valores puros, que, fechados em sua ordem própria, abstraídos de toda matéria por ser uma forma pura, precisa dos *Signos* como método de análise, é por meio do *Signo* que se chega aos valores. Assim, as fórmulas de Pétroff, que fazem jus aos esquemas saussurianos, se comprometem a explicar como o estudo dos *Signos* conduz aos valores.

Ainda é preciso enfatizar que a colocação da *Significação* como elemento do *Significado* nos traz também considerações importantes. Burger (1961) também fará a mesma colocação. Compreendemos que a *Significação* se constitui sim como elemento do *Significado*, pois o atravessa, ampliando ou limitando o seu campo semântico, mas a *Significação* por ser dependente do *Valor* é também constituída pelo *Significado*. Em realidade, o *Significado* é o ponto de ligação entre *Valor* e *Significação*. Há aí uma relação tripla, e podemos visualizar nesses três elementos os três níveis de língua propostas por Hjelmslev. O *Valor* corresponde à língua *esquema*, a forma pura da língua, seu nível mais profundo, em que tudo se dá pela negatividade e pela diferença, mas que prevê a *norma* e o *uso*; o *Significado* corresponde à língua *norma*, seria o nível dos *Signos* em que a língua já não é mais totalmente pura, apesar de serem os *Signos* entidades psíquicas, não é desprovido de *substância*, uma vez que *Significado* e *Significante* possuem uma *substância* que a língua transforma da matéria de que tem necessidade; *Significação* corresponde à língua *uso*, pois estabelece relações que não são negativas, mas positivas. Esse nível corresponde a atividade direta da comunidade linguística, seus hábitos, e está em constante relação com o *ato*, isto é, com a *Fala* em discurso, que se compreende no contexto, na ocasião, nos interlocutores e, por que não, nos referentes. A *Significação* é assim partícipe, a uma só vez, da língua e da *Fala*, entendendo-se que se situa em um nível de língua em que o sujeito falante atua muito mais diretamente e não por modelos negativos, do qual não daria conta.

Portanto, contrariando as conclusões de Pétroff, entendemos que a *Significação* depende sim do *Valor*, mas não apenas dele; como enfatiza Saussure no CLG, o *Valor* é um elemento da *Significação*, ou seja, não é o único. Estudar a *Significação* é recorrer também ao contexto, à situação, pois ela está ligada ao *ato discursivo*, a atividade real da *Fala* e envolve elementos

que escapam à negatividade do sistema, embora não escapem à língua, que é, em essência, negativa e diferencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de condensarmos as descobertas desta jornada pelo conjunto de escritos que se reúnem sob o nome de Ferdinand de Saussure, não só quanto à *Significação*, mas em relação à própria semântica saussuriana.

Um primeiro ponto a se retomar de nossa jornada é o do próprio núcleo semântico que foi apontado, com mais veemência, por Bouquet (2004). Há de fato no conjunto da reflexão saussuriana uma preocupação com a semântica? Mais ainda, é essa questão que move seu pensamento? Nossa tese nos indica que Saussure tinha, de fato, uma preocupação com as questões semânticas, e, se pudermos considerar o *Valor* linguístico como o centro da teoria saussuriana, podemos também dizer que a questão semântica está no cerne da Epistemologia Programática de Saussure, uma vez que o *Valor* está relacionado com a *Significação* e os demais termos da órbita semântica saussuriana. O *Valor* é a base tanto para os fenômenos semânticos quanto para os demais fenômenos comuns à língua (sintáticos, morfológicos, fonológicos). Apesar das críticas de autores como Gabriel Bergounioux (1999), que afirma que a semântica saussuriana não se apresenta diretamente no *corpus* saussuriano, a não ser por uma incitação de fora, podemos perceber que a leitura do conjunto, isto é, dos manuscritos, dos cadernos e do CLG, nos permitem apreender mais claramente uma discussão semântica que movia o genebrino, que o fazia hesitar, buscar novos termos, alterar antigos e, às vezes silenciar e deixar problemas irresolvidos em sua Epistemologia Programática. Não podemos dizer que o *corpus* saussuriano não nos ofereça uma discussão eminentemente semântica; só no TCLG, o índice remissivo traz vinte e oito citações com o termo *Sentido*, dez, com o termo *Significação* e doze com o termo *Significado*, sem mencionar outros termos que englobam as discussões semânticas em Saussure. Outro fato importante que corrobora a proposta de Bouquet é a de que o genebrino toma esses termos não para descartá-los, mas para discuti-los dentro de sua teoria de língua como sistema de valores. Saussure, não os descarta, mas procura situá-los adequadamente de acordo com o que postula como essencial da língua, o negativo e o diferencial.

A partir disso, surge outra reflexão. O corte epistemológico saussuriano é uma realidade? A exclusão que Saussure faz do sujeito, da *Significação*, pode ser sustentada na leitura conjunta de sua obra? Essa é uma pergunta complexa e, como afirma Normand (2009), o contexto histórico da linguística em que Saussure estava inserido precisa sempre ser considerado. Normand (2009) ainda questiona se esse corte epistemológico pode ser entendido num sentido galileano, que constitui uma nova ciência ou se se deve pensá-lo como uma ruptura interna com correções, aperfeiçoamentos, refutações, negações, etc. O que evidencia nossa

tese? Não podemos conceber realmente um corte epistemológico nos padrões que foram transmitidos por uma leitura pertencente a um tipo de estruturalismo que se firmou sobre uma interpretação que se tornaria canônica do CLG. Um exemplo disso é a exclusão do sujeito. A Epistemologia Programática, dedicada à sincronia, precisa do sujeito falante, ele está no centro da discussão, sobretudo, constatamos, no que se refere à *Significação*. É claro que se poderá discutir qual é o sujeito saussuriano, como o tentamos fazer, mas essa é outra questão. O sujeito falante é parte integrante da teoria de Saussure e as dicotomias que expressam essas famosas exclusões são, ao que percebemos em nossa leitura, pontos a se considerar para uma análise da língua, seja de questões internas ou externas, mas todas girando ao redor do objeto língua. Acrescentamos a isso a colocação de Claudine Normand:

Se há corte epistemológico, ele se situaria, então na elaboração do conceito de valor, na medida em que esse conceito se relaciona a todo um conjunto de postulados: distinções, diacronia-sincronia e língua-fala, definição de língua como sistema. (Normand, 2009, p. 34)

A autora questiona-se sobre a possibilidade de nem ao menos haver realmente um corte epistemológico, mas, se o reconhecemos, está no conceito de *Valor* e nos postulados que se assume nele, ou seja, na língua como sistema, num sistema que só reconhece a própria ordem, etc. O *Valor* está sempre reaparecendo como o núcleo da teorização saussuriana: apontado por Bouquet, como a grande marca semântica junto à teoria do *Signo*; e por Normand, como o ponto em que se pode reconhecer esse corte epistemológico.

A ideia do corte epistemológico é tão forte que fez promover o pensamento, por exemplo, de que Saussure rechaçava a Linguística diacrônica, quando na realidade eram trabalhos voltados à diacronia que Saussure realizava. Conforme Bouquet (2004), Saussure deu muitas contribuições a essa linguística, sendo a maior delas uma epistemologia da Gramática Comparada, que pode ser acompanhada em suas reflexões nos três cursos e nos escritos de próprio punho. O corte epistemológico, portanto, precisa ser compreendido pela própria recepção do CLG, que vimos na quarta seção deste trabalho, pela ascensão de uma leitura estruturalista dicotômica que considerava apenas a obra póstuma na reflexão do pensamento saussuriano.

Assumindo, então, que há um núcleo semântico que move a epistemologia programática de Ferdinand de Saussure e reconhecendo também que o corte epistemológico é uma leitura e não a leitura correta, passaremos agora aos achados quanto à *Significação* e seus correlatos.

Para iniciarmos, gostaríamos de abordar a relação *Sentido* e *Significação*. Dos autores estudados, que trabalharam mais profundamente os termos, nenhum fez uma distinção entre os dois, todos reconheceram-nos como sinônimos (Burger, Pétroff, Normand, Sechehaye). É

possível observar que Saussure, de fato, muitas e muitas vezes toma um pelo outro. As oscilações não são pequenas, entretanto, também é possível perceber que o termo *Significação* se sobressairá, notadamente no capítulo do CLG que trata do *Valor* e nas lições do TCLG. Mantemo-nos, portanto, na perspectiva de que Saussure preparava um termo para designar a parte mais material do *Significado*, a matéria que foi captada e transformada pela língua em *substância*.

No ELG encontramos o paralelo de *Sentido* na *Figura Vocal* que designa a matéria tocada pela língua, não é um som, mas uma *substância* do *Significante*. Saussure toma esse termo, nos parece, na tentativa de evitar confusões relativas ao uso da palavra som. O som é uma matéria, mas não é a matéria em si que tem participação no *Significante*, mas uma *substância*, ou seja, uma matéria transformada. Se aceitarmos que há uma *substância* no *Significado* (Hjelmslev, Bouquet, Lier-DeVitto), podemos deduzir que também não é o pensamento a *substância*, mas sim a matéria; transformando-se em *substância* seria reconhecida pelo genebrino como *Sentido*. Essa ideia de *Sentido* como a parte mais material do *Significado* é desenvolvida por Hjelmslev, mas sem ligações diretas com Saussure; era um passo além do linguista dinamarquês. Contudo, nossa leitura do *Sentido* em Saussure, iniciada em trabalho anterior e confirmada por este, pôde ver surgir nos escritos do próprio Saussure uma tentativa de marcar com esse termo a *substancia* material do *Significado*, ficando algumas reminiscências nos cursos de Genebra e também na obra póstuma. O que pudemos notar com mais clareza nesta tese é que Saussure parece ter abandonado a ideia de nomear a *substância* psicológica do *Significado*, sobretudo usando o termo *Sentido*, uma vez que ele já estava estabelecido fortemente em outra acepção. Esse abandono não parece ter sido total, uma vez que é a partir da leitura do CLG que pudemos chegar a essa acepção.

Ainda que esse termo *Sentido*, na acepção que defendemos, possa não ter vingado ou não tenha o genebrino prosseguido com um desenvolvimento mais sólido para seus alunos quanto a esse uso, compreendemos que essa leitura nos permite conhecer melhor o lugar da *Significação* em Saussure, uma vez que, tendo o *Sentido* outras funções, podemos melhor delimitar a *Significação* no conjunto teórico. Ainda que esses termos sejam usados como sinônimos, a distinção pode ser benéfica para a compreensão do plano geral. De outro modo, é possível dizer que, numa visão macro, esses termos aparecem como sinônimos e numa visão micro, isto é, olhando para o sistema em si, poderemos enxergar uma distinção importante que coloca *Sentido* e *Significação* em terrenos bem diferentes, o primeiro é captado na massa informe do pensamento, tornando-se uma *substância*, não sendo específico do terreno sincrônico, já o segundo é produto eminentemente sincrônico situado entre a língua e a *Fala*.

Em relação ao *Valor* e a *Significação*, o que constatamos é que há uma relação de interdependência. Ao mesmo tempo em que o *Valor* é a base para qualquer *Significação*, uma vez que as relações de oposição do sistema são a essência de todo fenômeno linguístico, a *Significação* alimenta as oposições do sistema e, ao que pudemos averiguar, essa é o grande fator de alterações do sistema. É a *Significação* que obriga o sistema a rearranjos e acomodações, podendo, por isso, ser considerada um elemento interno, pois é passível de causar alterações no sistema. A ligação *Valor* e *Significação* pode ser ainda mais estreitada. Quando Saussure aborda a dificuldade de distinguir esses termos e, concomitantemente, se questiona como seria possível confundi-los, pudemos observar que estes se confundem pela similaridade de função e se distinguem pelo lugar de atuação. O *Valor* é relativo ao sistema, a língua *esquema*, a forma pura da língua em que tudo se passa pelas relações negativas e diferenciais e onde nada é, mas pode vir a ser, no sistema só é possível uma visão de conjunto. A *Significação* pertence a língua *uso*, está atrelada ao *ato* comunicativo, à *Fala*; também há relações de oposições advindas da carga de relações negativas do *Valor* que é sua base, contudo, a *Significação* não é negativa, ela é a interpretação do sujeito falante dos *Signos* linguísticos, ela é um fato positivo da língua. Várias *Significações* podem atravessar um mesmo *Significado*, como também uma mesma *Significação* pode atravessar *Significados* diferentes. Saussure chega dizer que ela está no limite da *Palavra*, muito mais para indicar o centro do fenômeno e sua relação com o *Valor* do que realmente para delimitá-la em uma *Palavra*.

Também a relação *Significado* e *Significação* é de interdependência. O *Significado* é a ligação entre o *Valor* e a *Significação*, esta é um de seus elementos, sendo esse o meio pelo qual o *Valor* também depende dela, mas, de igual modo, a *Significação* é composta pelo *Significado*, este é a base da qual saem os raios de *Significação*, ou mesmo a base sobre a qual ela repousa. Para cada um desses termos, temos um dos níveis de língua promulgados por Hjelmslev: o *Valor* para a língua *esquema*; o *Significado* para a língua *norma*; e a *Significação* para a língua *uso*.

Outra questão importante para o nosso trabalho foi o ponto de encontro entre a Linguística sincrônica e a diacrônica e como isso refletia no conceito de *Significação* do genebrino. A princípio, Saussure afirma veementemente que o passado não tem qualquer efeito sobre a *Significação*, atendo-se ao fato de que o sujeito falante faz tábula rasa dele. Ao decorrer da pesquisa foi se clarificando que o que Saussure estava chamando de passado eram as *formas* de um estado de língua anterior. Joseph (2023) afirma que Saussure chega mesmo a abandonar o termo *história* em suas colocações pela amplitude que carrega. Esse abandono pode se dar justamente por Saussure não querer passar a falsa impressão de que a história não tenha

influência na *Significação*. No esquema apresentado por Saussure, quanto à metodologia de análise referentes à sincronia e à diacronia, há um ponto de intersecção que demonstra que esses estudos se imbricam em algum momento. Como demonstra Arrivé (2010), o plano diacrônico não está apenas nas substituições no tempo, ele também está presente na linearidade do *Significante*, indicando que a *Fala*, que se situa no tempo, está sob esse mesmo plano. A *Significação* está em relação direta com a *Fala* e é nesse ponto que a *Sincronia* e a *Diacronia* se encontram, é nesse ponto que a história se torna um elemento da *Significação*. Aliás, é nesse ponto, na *Fala*, ou mais especificamente no *ato* comunicativo, que entram em jogo os outros elementos da *Significação*, o contexto, a situação, os interlocutores, a política, etc. É no *ato* que se instauram esses elementos e todos estão sob a égide do tempo que pertence ao plano diacrônico. Portanto, podemos dizer que a *Significação* é também constituída pela história e para sua análise pode ser necessário recorrer ao plano diacrônico.

Esses imbricamentos são outro fator que desconstrói a Linguística dicotômica que é sustentada no nome de Saussure. Todas essas dicotomias – língua/*Fala*, sincronia/diacronia, interno/externo – são convocadas por Saussure para sua visão holística da língua e da Linguística. Seria mais correto usar o termo de Pétroff (2007), dualidade. Nossa análise da *Significação* em Saussure mostra que o mestre passa do plano da língua para a *Fala* sem avisos, pois não é possível dar conta da língua fechando-se nela, apenas nos valores, como afirma Normand (2009, p. 166) “O linguista, ao descrever o funcionamento dos valores, não esgota tudo o que a língua porta em matéria de sentido para os locutores”. A mesma autora também compreende que há elementos da *Significação* que escapam aos valores, mas que não são estrangeiros à língua.

É mister ainda destacar outro ponto de grande importância na compreensão da *Significação* na visão saussuriana, que é a divisão que o genebrino faz do interior da linguística. Saussure separa aquilo que é interno à língua como o que pode causar mudanças no sistema, entendidas como acomodações e rearranjos para adaptar um novo elemento. Tudo que é passível de mudar o sistema é considerado interno à língua; o que não é passível de mudá-lo é considerado externo à língua, mas ainda sim pertencente à Linguística. Saussure não despreza o que está ao redor da língua e chega a nomear a Etnologia, a História, a Política, a Geografia, como questões pertinentes à língua por estarem diretamente relacionadas à *Fala* e ao *ato* comunicativo. Nessa perspectiva, percebe-se que a *Significação* é o ponto de intersecção entre língua e *Fala*, entre *interno* e *externo*, entre *diacrônico* e *sincrônico*. Ela possui elementos que são matéria da parte da Linguística dedicada às questões externas, mas se tomada apenas por

esse lado será esquecido um elemento importantíssimo de sua constituição, o *Valor* que é *interno* à língua.

Esses pontos que reafirmamos como achados de nosso trabalho exigem mais algumas reflexões em nossas considerações finais. A primeira delas é que pensar a *Significação* em Saussure não é uma tarefa tão fácil, pois ainda que a base de sua teoria seja semântica, o cerne desta semântica é a noção de *Valor*, ficando os demais termos componentes dessa semântica, se constituindo a partir desse termo chave. Pensar a *Significação* é, portanto, pensar também e conjuntamente no *Valor* linguístico. Normand afirma que os termos usados por Saussure para falar de *Significação* causam dificuldade, pois exigem um ponto de partida diferente do lugar comum: “sistema de *valores*, jogo de *diferenças*, fora de qualquer relação de designação com os objetos.” (Normand, 2009, p. 152 – destaques da autora). Assim, eu não posso pensar a *Significação* no contexto e ignorar o sistema. Essa dupla essência de que se nutre a *Significação* exige que se observe, em seu estudo, o que vem do sistema e o que vem da *Fala*. O próprio conceito de *Fala* na linguística saussuriana não pode ser isolado do fato de que a língua é um sistema de valores. Hjelmslev (1959) propôs que do próprio CLG se pode depreender acepções de *Fala* diferentes que poderiam corresponder a acepções diferentes de língua. Também Bouquet (2004) afirma que a definição de língua de Saussure exige um conceito de *Fala* que seja correlato ao de língua. Desse modo, pode-se entender que o imbricamento de língua e *Fala* se dá por meio dessa nova conceituação trazida por Saussure e que as diferentes acepções de *Fala* englobam pontos importantes para a *Significação* como o discurso ou o *ato* comunicativo de Hjelmslev.

Essa ligação, esse imbricamento não é característico apenas desses termos que são considerados dicotômicos, como língua e *Fala*, mas sim de todos os termos, novos e antigos, presentes na Epistemologia Programática de Saussure. Quanto a isso, Claudine Normand faz uma colocação deveras pertinente:

Saussure encontra, de fato, para a definição dos menores termos, dificuldades que dizem respeito ao conjunto da teoria. Se essa teoria, como ele afirma, precisa ser um ‘sistema tão cerrado quanto o da língua’, **compreende-se que os termos não possam ser definidos isoladamente como etiquetas separadas para as diferentes rubricas:** língua remete a sistema sincrônico que supõe uma concepção do tempo inseparável do princípio de arbitrariedade do signo; **tudo se interliga.** (Normand, 2009, p. 122 – destaques nossos)

Normand, despretensiosamente, fornece ao pesquisador da obra de Saussure um paradigma para chegar aos termos chave da teoria; é preciso olhar o todo, pois tudo está interligado, acrescentamos, sob a ideia de sistema de valores. Essa lição descobrimos na prática ao buscar a *Significação* em Saussure. Um termo chama ao outro. O *Valor* chama a todos. Tomar

a *Significação* isoladamente faria com que se chegasse a falsas conclusões, pois, como vimos, ela se define, sobretudo, por sua relação com o *Valor* e com o *Significado*. Em uma das passagens que analisamos na segunda seção desta tese, Saussure ajunta todos esses termos que circundam sua semântica e demonstra que tudo se reúne em torno do *Valor*, que este é o que realmente expressa a essência da língua. Poderíamos pensar que todo o resto não importava para a teorização de Saussure, todavia, um pouco mais adiante afirma que “[...] **não há o menor limite definível** entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, **e aquilo que elas valem em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças.**” (Saussure, 2012, p. 30 – destaque do autor em itálico e nossos em negrito). Nesse caso, vê-se como o *Valor* chamou a outro elemento, a *Significação*, que é o *Valor* que se atribui pela interpretação que o sujeito falante faz do produto das diferenças do sistema. Tal qual os outros termos, o *Valor* isoladamente não se constitui na teoria e também não é possível dar conta das questões semânticas apenas pelo sistema em si.

Essas observações não querem dizer que a teoria saussuriana seja o extremo contrário do que se promulgou, isto é, que em vez de ser uma teoria dicotômica, fundamentada em cortes epistemológicos, ela seja na realidade um amálgama indeterminado e ilimitável de tudo o que se refere à língua. Em verdade, o que é incontornável na teorização de Saussure são as distinções, e a ideia do *ponto de vista* que cria o objeto do linguista. Em outras palavras, é necessário saber que, ainda que haja um ponto de intersecção, o eixo sincrônico e o eixo diacrônico são distintos e possuem objetos distintos, é, portanto, essencial que o linguista se coloque em um desses eixos para ter um ponto de vista. O ponto de intersecção não quer dizer que possa o linguista se colocar, ao mesmo tempo, nesses dois eixos, mas sim que, colocando-se em um deles, pode, em algum momento, recorrer ao outro para ter uma compreensão melhor de seu objeto, mas, para isso, é preciso se manter em um único eixo e encontrar o ponto em que eles se cruzam. O mesmo se pode dizer da língua e da *Fala* ou do *interno* e *externo*.

Na discussão de *interno* e *externo* pudemos apreender a gama de elementos que estariam no corte epistemológicos e que são abarcados por Saussure como parte da Linguística. Na mesma medida que as abarca, o genebrino também estabelece as distinções. É preciso saber, o linguista, sobre o que se debruçará suas pesquisas, em que terreno se colocará. Saussure, por exemplo, abordando os elementos externos à língua, afirma que o linguista pode sim se dedicar a seu estudo, projetando-se na parte externa, sem se preocupar com o interno do sistema. O evento político ou histórico que se inscreva no *ato* comunicativo, é de grande importância para a Linguística, mas não para o sistema, para a parte dessa mesma Linguística que se preocupa com o interno. Normand observa que Saussure

[...] retirava da linguística interna qualquer consideração sobre relações de causalidade entre a língua e seu exterior social. Isso não visava negar o papel da sociedade na mudança linguística; ao contrário, tratava-se de situá-la em um nível mais fundamental: **sociedade é condição de existência da língua e o movimento constitui o princípio de uma e de outra**, tendo os signos uma existência apenas na e pela ‘massa social’ que os coloca em circulação na troca entre falas; através disso se dá a transmissão da língua, que nunca é recebida senão como ‘herança’. (Normand, 2009, p. 138 – destaques da autora entre aspas e nossos em negrito)

A observação de Normand consegue captar bem a proposta de Saussure quando toca na questão da divisão das coisas do interior da Linguística. Os elementos externos à língua têm um papel muito importante e por isso mereceram estar entre as coisas do interior da Linguística, isto é, não são elementos estranhos, que pertençam a outra campo, mas integram a Linguística em seu todo. O que Saussure exclui da teorização é a ideia de que esses fatos externos reflitam diretamente nos arranjos, nas alterações do sistema. Eles atingem diretamente a *Fala* em suas diferentes modalidades e podem, a partir desse exercício comunicativo, se inscreverem na língua, mas nunca diretamente, possuem um elemento intermediário, a *Significação*. Para o genebrino, o sistema muda, pelas novas interpretações que podem advir dos efeitos sociais sobre a *Fala*, que atingem vez ou outra o *Signo*, que pela lei da arbitrariedade se permite afrouxamentos na relação *Significado* e *Significante*, a mudança nesse elemento pode fazer com que surjam novas interpretações e daí há rearranjos no sistema. O sistema dirige o ato comunicativo, mas este é o que estabelece o sistema, sendo assim há uma relação inquebrantável, de modo que os fatores sociais que estão relacionados à língua são também parte da Linguística.

Essa busca pelos elementos externos e seu reencaixe na totalidade da Linguística não é bem uma novidade. Segundo Arrivé (2010), Greimas compreendia que o plano do *Significante* deveria recobrir uma série de elementos ligados à atividade da *Fala*, contudo, o CLG não possibilitava essa extensão. Arrivé (2010, p. 212) afirma que o CLG não satisfaz empreitadas como essa, de modo que Greimas substitui “[...] o autêntico Saussure [...] por um Saussure reinterpretado por Hjelmslev.” Essa retomada de Saussure via Hjelmslev, isto é, pela leitura que o dinamarquês faz do genebrino, habilita Greimas a pensar em questões que são, à primeira vista, desabilitadas pelo CLG. Contudo, a visão holística do arcabouço teórico saussuriano nos mostra que o Saussure de Hjelmslev, não é um pseudo-Saussure, pois ainda que Hjelmslev não tenha tido acesso a manuscritos como o EDL, ele possuía uma intuição científica que permitiu, por meio do CLG ir além, naquilo que Saussure pensara em sua Epistemologia Programática. O CLG isoladamente parece, em alguns momentos, desautorizar uma Linguística que se preocupe com coisas externas, ou, quando as concebe, pensa-as como algo de importância bem

secundária, mas a leitura do CLG, clareada pelas fontes manuscritas, nos permitem ver um pouco mais longe, longe quanto pode ver Hjelmslev em sua elocubrações.

Diante de tudo o que foi dito ao longo desta tese e nestas considerações finais, resta-nos a pergunta que motivou tudo isso: Qual o lugar da *Significação* na Epistemologia Programática de Ferdinand de Saussure? Não podemos dizer que a *Significação* seja o centro da semântica saussuriana, pois este lugar é, de longe, pertencente ao *Valor*, contudo podemos afirmar com rigor científico que ela ocupa um lugar de destaque em seu projeto epistemológico. Sendo este uma semântica sincrônica, a *Significação* aparece como um conceito que é quase sempre chamado pelo *Valor*, não à toa que no capítulo mais importante do CLG, em que o *Valor* é explanado, Saussure inevitavelmente toca na *Significação*. Portanto, a Epistemologia Programática do genebrino prevê não só a *Significação*, mas também os elementos de que se constitui e que não são componentes do sistema linguístico.

Para encerrarmos nossa tese, faz-se importante ainda ressaltar que ela não é um esgotamento do tema ou mesmo se pretende uma verdade insofismável sobre *Significação*, pois isso foge ao espírito científico, mas o entendemos como uma leitura da obra de Saussure quanto à *Significação* que contribui com o vasto campo de pesquisa relacionado a Saussure, mas também apartado dele a fim de repensar afirmações continuamente transmitidas e pouco refletidas sobre o CLG e Saussure. O professor Eduardo Guimarães nos oferece, em duas ocasiões diferentes, colocações que podem bem qualificar nossa tese. A primeira é no prefácio à edição brasileira do *Ensaio de Semântica*, de Bréal, em que apresenta a obra como um dos modos possíveis de “desautomatizar” a leitura do CLG; a segunda é em seu próprio livro, *Os limites do Sentido*, em que, ao falar sobre o corte epistemológico saussuriano, diz que a maneira de incluir aquilo que havia sido excluído era através do próprio corte saussuriano. Em relação à primeira colocação, nosso trabalho, de modo muito mais humilde que o do grande linguista Michel Bréal, pode ser tomado como uma forma de desautomatizar não só a leitura do CLG como também o próprio estigma das exclusões que ressoa por vozes que, muitas vezes, nem sequer foram leitores de Saussure. Já a segunda colocação nos remete ao percurso desta tese, ela parte do corte (*Significação*, *Sentido*, Sujeito falante, etc.) para tentar compreender como isso está incluído no projeto saussuriano, ou se realmente está incluído.

Por fim, esperamos que nossa tese possa despertar outros tantos trabalhos que se debrucem sobre a profundidade da semântica sincrônica de Saussure e da rede de relações que se estabelece entre cada menor termo dessa teoria, de modo a se compreender que tocar em um de seus fios é desencadear uma sinfonia semântica. Desejamos que a melodia já esteja ecoando por esta obra.

REFERÊNCIAS

- ABLALI, D. Os manuscritos saussurianos nas teorias contemporâneas do texto e do discurso. In.: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P. Y. *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição e notas. In.: SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- BEHE, M. J. *A caixa preta de Darwin: o desafio da bioquímica à teoria da evolução*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.
- BERGOUNIOUX, G. S. Bouquet, Introduction à la lecture de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.52, p. 311-316, 1999.
- BORGES, N.; SILVA, P. *Corrupção da linguagem, corrupção do caráter: como o ativismo woke está destruindo o ocidente*. São Paulo: Faro Editorial, 2024.
- BOUISSAC, P. *Saussure: um guia para os perplexos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOUQUET, S. Y a-t-il une théorie saussurienne de l'interprétation? *Cahiers de praxématique*, n. 33, p. 17-40, 1999.
- BOUQUET, S. Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extralinguistique. *Linx*, n. 9, p. 107-122, 1997.
- BOUQUET, S. Sur la sémantique saussurienne (Réponse à Gabriel Bergounioux). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 53, p. 135-139, 2000.
- BOUQUET, S. De um Pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. *Letras & Letras*, n. 25, p. 161-165, 2009.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOUQUET, S. ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix 2012.

CALVET, L. J. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CHISS, J. L. Synchronie/diachronie: méthodologie et théorie en linguistique. *Langages*, n. 49, p. 91-111, 1978.

COELHO, M. P. Significação em Saussure: os três cursos de Linguística Geral. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL), 2013, Uberlândia. *Anais de SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3. p. 1-13.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

CORREIA, T. T. S. *O lugar do sentido em Saussure*. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras. Maceió, 2020.

CORREIA, T. T. S. A vontade humana na mudança linguística: os limites do sujeito quanto à língua explorados por Saussure. In.: PEREIRA DE CASTRO, M. F.; SILVEIRA, E. FARIA, N. *Etudes saussuriennes aujourd'hui*. Roma: Aracne, 2023.

DE MAURO, T. (1967). Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1982.

DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FARIA, N. O signo linguístico: “uma importante questão de terminologia”. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02013434pe

FIORIN, J. L. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, São Paulo, n. 5, 2003, p.19-52.

FIORIN, J. L. FLORES, V. N. BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In.: FIORIN, J. L. FLORES, V. N. BARBISAN, L. B. *Saussure: A invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-20.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2008.

GODEL, R. Homonymie et identité. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 7, Genève: Librairie Droz, p. 5-15.

GUIMARÃES, E. A linguística é uma ciência histórica. In.: BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ, 1992.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Editora RG, 2010.

HENRIQUES, S. M. A transmissão da história nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas. In.: PEREIRA DE CASTRO, M. F.; SILVEIRA, E. FARIA, N. *Etudes saussuriennes aujourd'hui*. Roma: Aracne, 2023.

HJELMSLEV, L. *Ensaaios linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

JOSEPH, J. E. *Saussure*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023.

LAHUD, M. “Alguns mistérios da linguística”. In: CALVÃO, W. N. & JR., B. P. (Org.). *Almanaque 5: Cadernos de Literatura e Ensaio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de *la langue* no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *Delta*, p. 799-814, 2018.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2008.

MILNER, J. C. *El periplo estructural: figuras y paradigma*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

NÓBREGA, M. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível? *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

PAVEAU, M.A.; SARFATI, G. E. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. Em que consiste a identidade linguística? Uma questão saussuriana. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-12, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD0 2013432

PETERSON, J. B. *Além da ordem: mais 12 regras para a vida*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

PÉTROFF, A. J. *Saussure: La Langue, L'Ordre et Le Désordre*. Paris: L'Harmattan, 2007.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROHDEN, H. *Porque Sofremos*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2009.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2008.

SAUSSURE, F. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet, publiée par Émile Benveniste. *CFS*, n. 21, 1964.

SAUSSURE, F. *Troisième cours de linguistique Générale (1910-1911), d'après les Cahiers d'Emile Constantin*. Ed. e tr. E. Komatsu e R. Harris. Oxford: Pergamo, 1993.

SAUSSURE, F. *Premier cours de linguistique Général (1907), d'après les Cahiers d'Albert Riedlinger*. Ed. e tr. E. Komatsu e G. Wolf. Oxford: Pergamo, 1996.

SAUSSURE, F. *Deuxième cours de linguistique Général (1908-1909), d'après les Cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Ed. e tr. E. Komatsu e G. Wolf. Oxford: Pergamo, 1997.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix 2012.

SILVA, K. A. Saussure e a questão do sujeito falante. In.: Seminário de teses em andamento (SETA), 2010, Campinas. *Anais do SETA*. Uberlândia: Unicamp, 2010. v. 4, p. 580-589.

SILVA, K. A. A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure. *Delta*, v. 34, n. 3, p. 919-940, 2018.

SILVEIRA, E. A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 415-427, abr. 2022.

TESTENOIRE, P.Y. O que as teorias do discurso devem a Saussure. In.: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P. Y. *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

TURRA, B. Edição e transmissão do/no Curso de Linguística Geral. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2013433